

Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso

A Enciclopédia das Provas e dos Milagres

As provas da profecia de Muhammad ﷺ e da veracidade do Alcorão

Milagres científicos · Testemunhos históricos e arqueológicos · Profecias cumpridas

Os anúncios da Torá e do Evangelho · O mundo dos gênios, da feitiçaria e do oculto

Explicado para que uma criança acompanhe · 157 ilustrações coloridas

157 provas, ordenadas pela sua força

Antes de começar, leia isto



Este não é um livro de discussão. É um livro de apresentação: pomos a evidência diante de você, explicamos com a maior simplicidade que conseguimos, e depois deixamos que a sua razão julgue.

Como ler cada página

- **O texto dentro da moldura dourada** — um versículo do Alcorão, uma palavra do Profeta ﷺ ou uma passagem de uma escritura antiga.
- **A ilustração colorida** — uma imagem que explica a ideia sem palavras.
- **Em palavras simples** — a ideia inteira em duas linhas, como se a explicássemos a uma criança de dez anos.
- **No que se acreditava então?** — como estava o mundo inteiro no dia em que o texto chegou.
- **O que diz a ciência hoje?** — o que se descobriu séculos depois.
- **Por que este é um milagre decisivo?** — a conclusão que não tem volta.

Você vai notar que não dizemos «o comentarista fulano disse» para depois nos estendermos. A razão é simples: os primeiros comentaristas, que Deus tenha misericórdia deles, explicaram o texto com as ferramentas de sua época, e não tinham telescópios nem microscópios. É inteiramente natural que não chegassem a um sentido preciso que só seria descoberto mil anos mais tarde. Isso não lhes tira nada — é **a própria prova**: se o texto viesse de um ser humano, não teria carregado dentro de si um sentido fora do alcance dos mais inteligentes de seu próprio tempo.

“Mostrar-lhes-emos os Nossos sinais nos horizontes e neles mesmos, até que lhes fique claro que é a verdade.”

O que significa realmente «milagre»?

Um milagre não é apenas algo estranho. Um milagre é algo de que os seres humanos são incapazes de produzir algo semelhante, trazido por um profeta como sinal de que Quem o enviou é o Autor do universo.

Explique assim a uma criança

Imagine uma criança do primeiro ano escrevendo no quadro uma equação que só os catedráticos entendem — e que mil anos depois se revela exatamente correta. Você não diria “que criança inteligente!”. Diria: “**Quem ditou isso a ela?**” Essa é exatamente a situação do Alcorão.

Três condições que respeitamos em cada página

- **O texto está fixado antes da descoberta.** O Alcorão está escrito há catorze séculos, conservado e transmitido por narração massiva, e temos manuscritos datados por carbono que o comprovam. Ninguém pode sustentar que foi escrito depois dos fatos.
- **O sentido é claro no enunciado.** Não torcemos nenhuma palavra: tomamos o sentido árabe recolhido nos dicionários.
- **As pessoas daquele tempo acreditavam no contrário.** Esta é a parte mais forte: o texto não coincidia com a cultura de sua época — ele a **contradizia**, e depois se mostrou certo.

“Não meditam, então, no Alcorão? Se viesse de outro que não Deus, nele encontrariam muitas contradições.”

Sumário

1

As Grandes Provas

80 provas

p. 5

2

Profecias de Muhammad ﷺ que se cumpriram

19 provas

p. 86

3

Os anúncios da Torá e do Evangelho

12 provas

p. 106

4

Os milagres físicos do Profeta ﷺ

16 provas

p. 119

5

O mundo dos gênios, da feitiçaria e do oculto

18 provas

p. 136

6

O milagre da língua e o desafio

12 provas

p. 155

Total: 157 provas em 6 partes



Primeira Parte

As Grandes Provas



O coração do livro: os sinais nos céus, na terra, no corpo humano e no registro da história, reunidos numa só parte e **ordenados da prova mais forte à mais leve**. O primeiro que você ler é aquilo de que não há escapatória; à medida que avançar pela parte, o peso da evidência vai cedendo um pouco.

80 provas



Sete etapas — na ordem certa

Depois fizemos da gota algo que se agarra, e do que se agarra fizemos um pedaço mastigado, e do pedaço mastigado fizemos ossos, e revestimos os ossos de carne.

Sura al-Mu'minun — versículo 14



Desenhado segundo os estágios de Carnegie e fotografias reais de embriões — mesmas proporções, mesma escala. As etapas pelo nome e em ordem, exatamente como os manuais de medicina as dão hoje

Em palavras simples

Cinco etapas, nomeadas uma a uma no Alcorão há catorze séculos: uma gota de líquido, depois uma **alaqah** — algo que se prende à parede do útero e depois fica ali suspenso como um fruto num galho — depois uma **mudghah**, um pequeno pedaço sulcado **como se dentes o tivessem mastigado**, depois ossos que se assentam, depois carne que reveste os ossos. O desenho acima é **decalcado das fotografias dos próprios embriões** — veja com seus olhos e depois volte a ler o versículo.

No que se acreditava então?

Nada se sabia do que acontece dentro do útero. A visão dominante — a de Aristóteles e a de todos depois dele — era que o embrião se formava de **sangue menstrual coagulado**. Outra visão, a de Galeno, sustentava que osso e carne se formavam **juntos, ao mesmo tempo**.

O que diz a ciência hoje?

A alaqaq — aproximadamente as duas primeiras semanas: três fatos documentados que ocorrem juntos: a vesícula embrionária **prende-se à parede do útero e escava nela** até ficar embutida no tecido; em seguida **fica pendurada dentro de seu saco, suspensa por um pedículo** — que é o que se vê no desenho acima; e **abrem-se ao redor dela espaços que se enchem do sangue da mãe**, de modo que ela passa a estar cercada por ele.

A mudghah — aproximadamente a quarta semana: aparecem ao longo do dorso do embrião blocos chamados **somitos**, acrescentados um após outro até se aproximarem de quarenta pares, com sulcos profundos entre eles, de modo que sua superfície fica entalhada — e ele tem três milímetros de comprimento, invisível sem ampliação.

Depois ossos, depois carne: o esqueleto é assentado primeiro como modelos de cartilagem, e os músculos então se enrolam em torno deles e deles tomam sua forma — uma veste posta sobre algo que já está ali para ser vestido, exatamente como Ele disse.

Por que este é um milagre decisivo?

Detenha-se nestas duas palavras. Não passe por elas de leve. **Doas palavras** — «alaqah» e «mudghah» — descreveram o que nenhum olho humano viu por mais catorze séculos, e só então através de um microscópio e de uma câmera.

A primeira: «alaqah». Não a tome de mim — tome-a dos dicionários. Al-Jawhari, morto **há mil anos**, escreve em *as-Sihah*: «**e a alaqaq é um verme da água que suga sangue**». As mesmas palavras estão no *Lisan al-Arab*. E a própria raiz gira em torno de **prender-se e agarrar-se**, e de **pende e ficar suspenso**.

Agora levante os olhos ao desenho no alto desta página. O que vê? Vê uma criatura que se **prende** à parede do útero e escavou até ficar enterrada em sua carne; que depois **pende** suspensa por um pedículo dentro de seu saco, como um fruto pende do galho; e **o sangue de sua mãe a cerca** por todos os lados. Um só nome que acertou as três coisas. **Quem lhe contou?**

A segunda: «mudghah». Vem de **mastigar**. Khalid ibn Janbah, citado no *Lisan al-Arab*: «**uma mudghah de carne é a quantidade que a pessoa põe na boca**» — um bocado a ser mastigado. Então o microscópio chega catorze séculos depois e fotografa o embrião em sua quarta semana, e o manual universitário de referência *The Developing Human* diz que esses blocos **aparecem externamente como elevações semelhantes a contas** ao longo de seu dorso, com sulcos profundos entre elas. Olhe o desenho: como se tivesse sido prensado entre duas mandíbulas! E lembre-se de que ele tem **três milímetros** — nenhum olho o vê, e sua forma não pode ser conhecida sem uma ampliação que não existia.

E a terceira: ossos, depois carne. Que ser humano olha para uma massa mole e diz: o osso vem primeiro?! A razão diz o contrário. Mas a ciência diz: o esqueleto é assentado primeiro, e os músculos então o envolvem e dele tomam sua forma. Que é exatamente a Sua palavra: «**e revestimos os ossos de carne**» — e uma veste só se põe sobre algo que já está de pé!

Quatro palavras sucessivas num único versículo. **Quatro golpes, um após o outro.** Qualquer um deles teria bastado sozinho para derrubar o texto, se estivesse errado — e nenhum estava. Um homem iletrado num deserto, que não sabia ler nem escrever, nomeando etapas que olho nenhum vê... e acertando cada uma pelo nome. **Então quem lhe ensinou?**

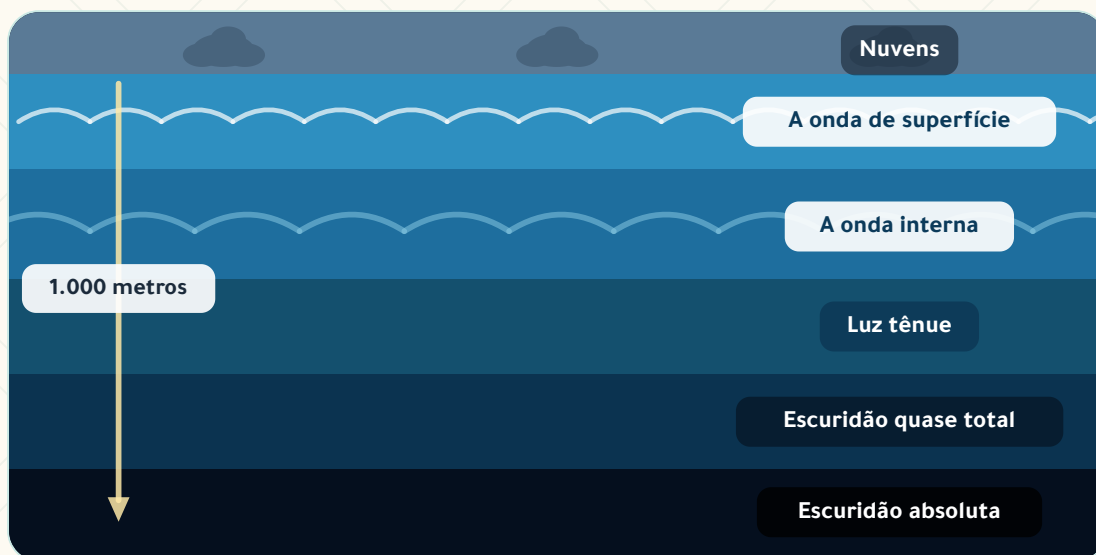


O oceano profundo

Trevas, umas sobre as outras

❖ *Ou como trevas num mar profundo, coberto por uma onda, sobre a qual há outra onda, sobre a qual há uma nuvem — trevas, umas sobre as outras.* ❖

Sura an-Nur — versículo 40



A luz é engolida camada após camada até desaparecer por completo abaixo de mil metros

🔍 Em palavras simples

Nas profundezas do mar há treva sobre treva: a nuvem bloqueia, depois a onda bloqueia, depois a água engole as cores uma a uma, até que não reste luz alguma.

🕒 No que se acreditava então?

Nenhum ser humano descia além de alguns metros prendendo a respiração. As profundezas do mar eram um desconhecido absoluto. Ninguém sabia que a escuridão lá embaixo vinha em **camadas graduadas**, nem que abaixo da onda visível havia outra onda que não se vê.

🔬 O que diz a ciência hoje?

A luz é absorvida na água por etapas: o vermelho desaparece por volta dos quinze metros, depois o laranja, depois o amarelo, depois o verde, e só o azul tênue permanece até se apagar também por volta dos duzentos metros. Abaixo de mil metros há **escuridão absoluta, nem um só fóton**. A ciência descobriu também as **ondas internas**, que viajam ao longo das fronteiras entre camadas de água de densidades diferentes — ondas abaixo das ondas.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

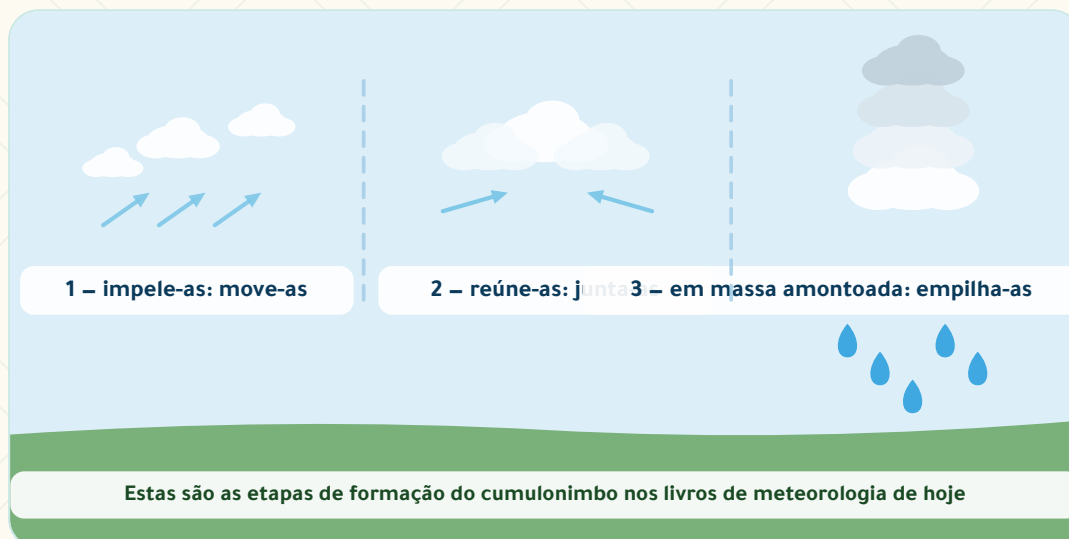
O versículo dispõe três véus na ordem correta, de cima para baixo: uma nuvem, depois uma onda, depois **outra onda abaixo dela**. A existência de uma segunda onda sob a superfície do mar é um fato que só se conheceu no século XX. Ele então encerra com a descrição abrangente: «trevas, umas sobre as outras» — isto é, **escuridão em camadas empilhadas**, não uma única escuridão. É a descrição física exata de como a luz é absorvida na água.



Três etapas na fabricação da chuva

Não viste que Deus impele as nuvens, depois as reúne, depois as torna um amontoado, e vês a chuva sair de dentro dele?

Sura an-Nur — versículo 43



Impelir, depois reunir, depois empilhar verticalmente — e só então cai a chuva



Em palavras simples

A chuva não cai simplesmente. Ela tem três passos, em ordem: o vento **impele** os pequenos pedaços de nuvem, depois os **reúne** uns aos outros, depois os **amontoa** uns sobre os outros como uma montanha — e só então chove.



No que se acreditava então?

A chuva era um único evento: nuvem, depois água. Ninguém sabia que as nuvens tinham **etapas ordenadas de construção**, nem que uma nuvem que chove difere em estrutura de uma que não chove.



O que diz a ciência hoje?

É exatamente isto que a meteorologia ensina sobre a formação do **cumulonimbo**: correntes de ar impelem pequenas células de nuvem umas contra as outras, as células então se fundem, e a massa então cresce verticalmente em camadas empilhadas que podem alcançar quinze quilômetros. **Só nesta etapa** as gotículas crescem o bastante para cair.



Por que este é um milagre decisivo?

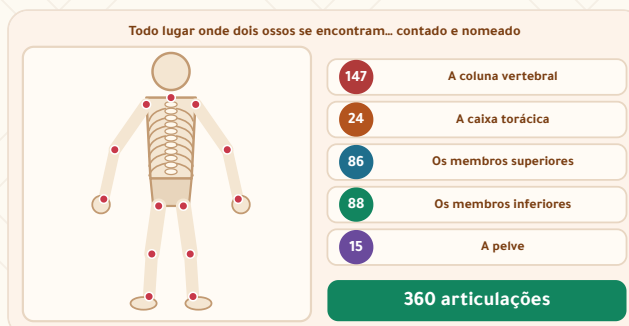
Três verbos sucessivos ligados por uma partícula que indica ordem com intervalo: «impele» (move-as suavemente) → «reúne-as» (funde os pedaços) → «torna-as um amontoado» (empilha-as verticalmente). É uma ordem que **não se pode inverter nem abreviar**, e é exatamente a ordem científica. Depois vem a precisão final: a chuva sai «**de dentro dele**» — de aberturas e dobras no interior da massa, não por baixo dela. É o que as imagens de radar mostram.



Trezentas e sessenta articulações — contadas antes da dissecação

Todo ser humano dentre os filhos de Adão foi criado sobre trezentas e sessenta articulações.

Narrado por Muslim, de Aisha — autêntico · com um relato corroborante sólido de Buraydah



Um número simples que não admite interpretação — dito nove séculos antes da primeira dissecação sistemática

Em palavras simples

Seu corpo tem **trezentas e sessenta articulações** — essa é a cifra básica, e sobe ou desce um pouco de uma pessoa para outra. O Profeta ﷺ o disse há catorze séculos, e ligou a cada uma delas **uma caridade a ser dada todos os dias**.

No que se acreditava então?

Não havia dissecação na Arábia nem escolas de medicina, e dissecar um ser humano era proibido na maioria das civilizações antigas — a ponto de **Galeno** ter construído sua anatomia sobre macacos e porcos.

O que diz a ciência hoje?

As articulações do corpo foram contadas uma a uma — todo lugar onde dois ossos se encontram, mova-se ele ou não — segundo o detalhamento publicado pelo Dr. **Hamid Ahmad Hamid**: **a coluna, 147; a caixa torácica, 24; os membros superiores, 86; os membros inferiores, 88; e a pelve, 15**. Total: **trezentas e sessenta**.

A contagem depende de duas coisas: da definição e do corpo. Quem conta apenas o que se move fica aquém. E os próprios corpos diferem um pouco: os **ossículos acessórios** estão presentes em cerca de 26% das pessoas, uma **vértebra de transição** em cerca de 15%, e os **ossos sesamoides** em cerca de 8%. Assim, **trezentas e sessenta é a cifra básica** de um corpo são, e não um número fixo idêntico em cada pessoa. O primeiro atlas anatômico exato só apareceu em 1543, pela mão de **Vesálio**.

Por que este é um milagre decisivo?

Note que tipo de afirmação é esta: não é uma descrição aberta à interpretação, nem uma imagem — é um **número**; ou acerta, ou cai. Se quisesse jogar seguro, teria dito «muitas articulações». Mas disse: **trezentas e sessenta**, sobre um corpo que jamais fora aberto, numa época sem bisturi e sem microscópio.

E o mais estranho é que o número não foi dado por si mesmo, mas no curso de um mandamento: sobre cada uma dessas articulações há **uma caridade, todos os dias**. A cifra sustenta a norma, não enfeita a frase; se estivesse errada, a norma teria caído com ela.

Dir-se-á primeiro: talvez o que se queira dizer sejam os ossos dos dedos, pois esse é o sentido original de *sulama* na língua. O próprio hadith resolve isso: disse ﷺ «sobre trezentas e sessenta **mafsil**» — uma **articulação** — e depois, na mesma frase, chamou esse mesmo número «**as sulama**». Duas palavras num só texto para uma só coisa contada: **foi o hadith que glosou *sulama* como as articulações**. E **mafsil** é o lugar onde dois ossos se encontram, sem discussão alguma; é por isso que as traduções inglesas do Sahih de Muslim o vertem *joints* — articulações do corpo, não ossos dos dedos.

Dir-se-á depois: talvez lhe tenha chegado da medicina chinesa. Digamo-lo tal como é: sim, o número está nos livros antigos da China — o *Lingshu* diz: «O ano tem trezentos e sessenta e cinco dias; o corpo tem trezentas e sessenta articulações.» E o próprio livro diz de onde veio a cifra: do **calendário**, e não de um corpo. Resta então a pergunta: como chegaria nada disso a um **homem iletrado nos desertos da Arábia**? Não havia caminho algum — e entre eles erguem-se três barreiras:

1 — Nenhuma rota. A primeira embaixada muçulmana a alcançar a China foi no ano 651 — dezenove anos depois da morte do Profeta ﷺ.

2 — Nem tradução. O primeiro livro de medicina chinesa a sair da China para qualquer língua é o *Tansuqnama* de 1313 — sete séculos depois do hadith.

3 — E o próprio livro estava perdido. O *Lingshu* desapareceu da própria China, até que a corte Song pediu um exemplar à Coreia em 1091 e o recebeu em 1093 — ou seja, **quatro séculos e meio depois do hadith**.

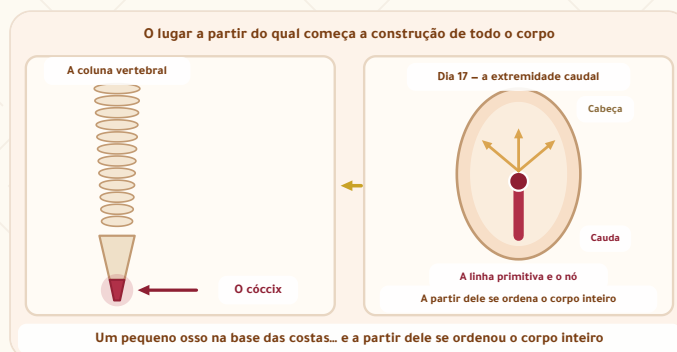
Um homem iletrado que jamais abriu um corpo entrega à sua comunidade uma cifra anatômica e edifica sobre ela uma adoração diária... e nove séculos depois o bisturi a conta e a encontra. **Quem as contou para ele?**

Fontes: [د. حامد أحمد حامد - «حالة الإنسان في...»](#), [Cleveland Clinic - Joints](#), [Stanford Encyclopedia of Philosophy - Chinese Philosophy and Chinese Medicine](#), [جميع الإنسيان](#), [تشيونغ الدين - «تشيسوق نام»](#).

O cóccix — dele foi feito o ser humano

Toda parte do filho de Adão é devorada pela terra, exceto o cóccix; dele foi criado e dele será recomposto.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



A linha primitiva aparece na extremidade caudal do embrião, e a partir dela se constroem os eixos e todos os folhetos germinativos

Em palavras simples

O cóccix é **o pequeno osso na base da coluna vertebral**. O Profeta ﷺ disse que o ser humano foi **criado dele**. E a embriologia hoje diz: a construção de todo o corpo começa a partir de **uma linha que aparece na extremidade caudal do embrião**, com um nó em sua cabeça chamado **o organizador** — a partir do qual se dispõem os três folhetos germinativos e todos os eixos do corpo.

No que se acreditava então?

Nada se sabia do embrião em sua fase mais inicial; tem menos de dois milímetros e olho algum o capta. Quanto ao cóccix, era tido como **um resto sem função** — uma cauda atrofiada; a tal ponto que os cientistas do século XIX o listaram entre os «órgãos vestigiais» sem utilidade. Fazer desse lugar em particular **a origem da formação** contraria a própria intuição: a razão começa pela cabeça ou pelo coração, não pela base das costas.

O que diz a ciência hoje?

No **décimo sétimo dia** aparece no disco embrionário uma linha chamada **linha primitiva**, e sua posição é **a extremidade caudal** do embrião. Em sua cabeça está o **nó primitivo**, que a embriologia chama de **organizador**: estabelece a simetria entre os dois lados, determina onde ocorre a gastrulação, inicia os três folhetos germinativos e assenta os eixos do corpo — cabeça e cauda, direita e esquerda. **Spemann e Mangold** provaram em 1924 que transplantar esse nó sozinho para outro embrião produz nele **um segundo embrião completo** — e Spemann recebeu por isso o Prêmio Nobel em 1935.

A linha então regride e o que dela resta se torna **o broto caudal** no vigésimo dia. E permanece um vínculo clínico conhecido: o **teratoma sacrococcígeo** é atribuído a remanescentes da linha primitiva, e sua cirurgia não se contenta em remover o tumor — **o cóccix é removido junto**, porque deixá-lo é o que faz o tumor voltar.

Por que este é um milagre decisivo?

Repare apenas na preposição. Não disse «nele foi criado», nem «foi criado antes do resto», mas **«dele foi criado»** — fazendo do lugar uma **fonte** de onde sai a construção. E essa é exatamente a descrição do organizador: não o primeiro órgão a formar-se, mas o lugar **a partir do qual os demais são organizados**.

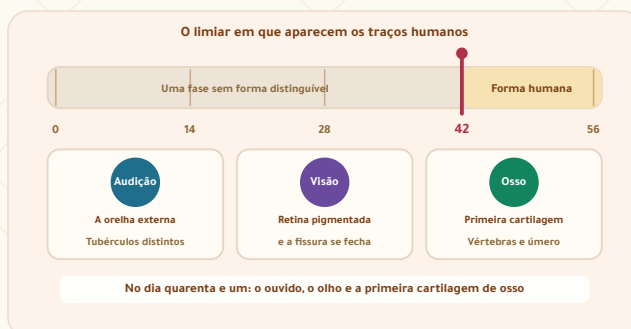
Depois repare no lugar escolhido: a base das costas. Nada na observação do século VII empurra alguém a nomeá-la como a origem da criação; tudo desvia dela a mente. E ninguém poderia tê-la visto: o embrião no décimo sétimo dia é pequeno demais para o olho nu. **E aqui paramos num limite que deve ser declarado**. A segunda metade do hadith — **«e dele será recomposto»** — é um anúncio sobre a Ressurreição, matéria do invisível que experimento algum alcança, e nada construímos sobre ela aqui. Quanto à alegação comum de que a ciência «provou que o cóccix não pode ser destruído», não conhecemos estudo algum revisado por pares que a sustente — e **deixar de fora o que não tem prova serve ao argumento melhor do que enchê-lo**. Todo o peso está na primeira metade: uma frase curta sobre um lugar do corpo, aberta a verificação, dita mil anos antes do microscópio... e ela se sustentou. **Então quem lhe apontou isso?**

Fontes [Spemann & Mangold \(1924\) – the organizer](#) · [Nobel Prize in Physiology or Medicine 1935](#) · [Moore & Persaud – The Developing Human](#)

Quarenta e duas noites — e então a forma aparece

Quando quarenta e duas noites tiverem passado sobre a gota, Deus lhe envia um anjo que a modela, e cria sua audição e sua visão, sua pele, sua carne e seus ossos.

Narrado por Muslim — autêntico



Um número ímpar, do tipo que só se diz porque é o que se quer dizer — não quarenta, mas quarenta e dois

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que, passadas **quarenta e duas noites** sobre a gota, ela é modelada, e nela são criadas a audição, a visão, a pele, a carne e o osso. A embriologia hoje situa um **limiar** precisamente neste dia: antes dele, nada na forma distingue um embrião humano de qualquer outro; nele, os traços humanos começam a aparecer.

No que se acreditava então?

Ninguém tinha meio algum de ver um embrião em seu quadragésimo segundo dia: tem cerca de **doze milímetros** de comprimento, e está dentro do útero. Os gregos tinham uma data célebre para a formação: **Aristóteles**, na *História dos Animais*, estabeleceu que o embrião macho se distingue no **quadragésimo dia** e a fêmea no **nonagésimo**, e que antes disso é uma matéria carnosa sem distinção de partes. Essa data é falsa nas duas metades: não há diferença entre macho e fêmea no momento da formação, e os órgãos genitais não se distinguem antes da décima segunda semana. Ainda assim, Aristóteles regeu a medicina e o direito por mil anos. E nenhuma cronologia correta do desenvolvimento embrionário existiu até o século XX, quando os **estágios de Carnegie** foram dispostos por idade em dias.

O que diz a ciência hoje?

O estágio 17 de Carnegie tem a idade de **quarenta e um dias** a partir da fecundação, e o embrião mede 11–14 mm. Nesse mesmo estágio:

- **O ouvido**: os seis tubérculos auriculares se tornam distintos e assumem a forma da orelha externa.
- **O olho**: o pigmento da retina se torna claramente visível, a fissura retiniana se fecha, e as fibras do cristalino se formam.
- **O osso**: inicia-se a condificação nos corpos vertebrais e no úmero e no rádio. E a clavícula — o primeiro osso de todo o corpo a ossificar-se — tem seu centro de ossificação aparecendo nessa mesma **sexta semana**.

A **Britannica**, descrevendo esse intervalo, diz que na quarta semana o embrião se torna reconhecível como um mamífero, e então: «**Nas últimas semanas do segundo mês, as mudanças do desenvolvimento avançam das que distinguem os primatas para um estado reconhecidamente humano.**» As últimas semanas do segundo mês começam no dia quarenta e dois.

Por que este é um milagre decisivo?

A precisão aqui está no **número ímpar**. Se quem o disse quisesse uma cifra cômoda, teria dito quarenta — o número que corre nas línguas árabes para tudo, e o **próprio número que estava pronto na medicina daquela época**: quarenta dias, desde Aristóteles, na medicina e no direito por mil anos. Se fosse empréstimo, ou um seguir o que se dizia, teria saído quarenta. Mas disse **quarenta e dois**; uma cifra que só se diz porque é o que se quer dizer, e não escolhida ao acaso numa fala que é memorizada e transmitida. E Aristóteles distinguiu macho de fêmea e errou; o hadith não distinguiu, e acertou.

Depois repare no que está ligado a esse dia: a **modelagem**. Não a vida, não o movimento, não o batimento do coração — a forma. E é exatamente isso o que a embriologia situa neste limiar: antes dele, a forma do embrião humano não se distingue da de outros vertebrados, e depois dele os traços aparecem.

Depois repare na ordem: **sua audição e sua visão** — a audição primeiro. A mesma ordem que o Alcorão mantém em todos os lugares em que menciona as duas.

E nessa mesma semana se encontram as três coisas que o hadith nomeou: o ouvido toma forma, a retina toma seu pigmento, e o primeiro osso fixa seu centro. **Três sistemas diferentes cruzando seu limiar ao mesmo tempo.**

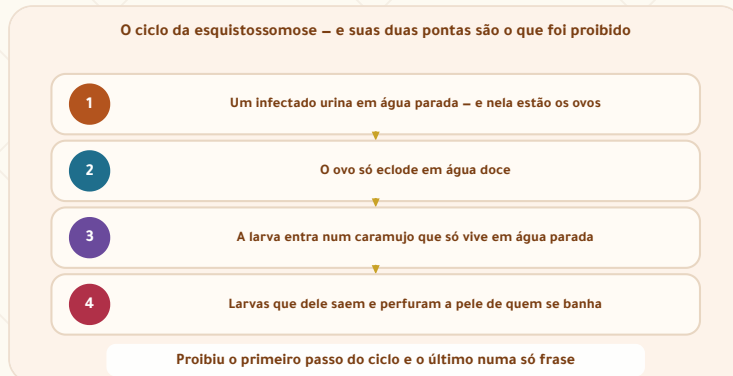
E **paremos num limite**: o que o anjo faz pertence ao invisível, não se mede ao microscópio, e nada construímos sobre isso aqui. O que se mede é o **prazo**: uma noite contada, num corpo que ninguém podia ver, nomeada mil anos antes de o microscópio ser feito... e coincidiu. **Então quem lhe contou isso?**



Que nenhum de vós urine na água parada

Que nenhum de vós urine na água parada que não corre, e depois se banhe nela.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Uma qualificação sem sentido algum se a proibição fosse apenas por sujeira: «água parada que não corre»

Em palavras simples
O Profeta ﷺ proibiu **duas coisas juntas**: que alguém urine em água parada que não corre, e que depois se banhe nela. E essas são precisamente as duas pontas do ciclo da **esquistossomose** — o verme parasita mais difundido do Egito e da Arábia: seus ovos saem do corpo **com a urina**, eclodem somente em **água doce parada**, e voltam a um ser humano **através da pele** quando ele entra na água.

No que se acreditava então?
Ninguém sabia que a urina pudesse carregar uma doença, nem que algo na água pudesse entrar pela pele. A poça parada era fonte tanto para beber quanto para banhar-se. O primeiro homem a ver o verme com os próprios olhos foi o médico alemão **Theodor Bilharz**, no hospital Kasr el-Aini, no Cairo, em **1851**. Como era transmitido permaneceu desconhecido por **mais sessenta e quatro anos**.

O que diz a ciência hoje?
O ciclo, como o descreve a Organização Mundial da Saúde:
1 — Uma pessoa infectada contamina a água doce com urina que carrega os ovos do parasita.
2 — O ovo eclode somente ao encontrar **água doce**, liberando uma larva nadadora.
3 — A larva entra num **caramujo de água doce** — e esses caramujos vivem apenas em água parada ou de curso lento — e nele se multiplica aos milhares.
4 — Outras larvas deixam o caramujo e nadam na água, e se uma pessoa nela entra, elas **lhe perfuram a pele em minutos**.
 E **Leiper** estabeleceu em **1915** a metade que ninguém esperava: que a infecção **não ocorre pela boca de modo algum**, mas pela penetração da pele.

Por que este é um milagre decisivo?
 Repare que a proibição veio **composta, e não simples**. Ele não disse: não urineis na água. Não disse: não vos banheis em água parada. Uniu os dois atos numa só frase com «e depois»: **urinar nela, e então banhar-se nela**. Esses dois são — ao pé da letra — a entrada e a saída do ciclo.
 Depois repare na qualificação: «**água parada que não corre**». Uma qualificação sem sentido algum se a proibição fosse mera repulsa, pois a sujeira em água corrente também é sujeira. Mas é exatamente certa se o que se quer dizer é o que sabemos hoje: **o caramujo transmissor não vive em água corrente**.
 E se a questão fosse de gosto e de nojo, o que se deveria proibir seria **beber** dela — o que está mais perto da mente e é a primeira coisa em que qualquer um pensaria. No entanto, a proibição recaiu sobre **banhar-se**, que ninguém suporia mais perigoso do que beber... até que Leiper provou em 1915 que a infecção se dá **pela pele, e não pela boca**.
 Três qualificações numa só frase — **a imobilidade, a urina e o banho** — cada uma delas atingindo uma articulação real no ciclo de uma doença cujo primeiro verme só foi visto doze séculos depois, e cuja via de transmissão só foi conhecida treze séculos depois. **Então quem lhe apontou as três?**



Não é um remédio — é uma doença

Não é um remédio; é uma doença.

Narrado por Muslim — autêntico



Ele não disse que seu dano supera seu benefício — negou que fosse remédio e afirmou que era doença

Em palavras simples

Um homem veio perguntar ao Profeta ﷺ sobre o vinho, e ele o proibiu. O homem disse: «**Eu só o faço como remédio.**» Ele ﷺ disse: «Não é um remédio; é uma doença.» Naquela época o vinho era o **remédio do mundo inteiro**, sem rival. Hoje a Organização Mundial da Saúde o classifica como **cancerígeno do Grupo 1**, e diz que **não há quantidade segura alguma** dele.

No que se acreditava então?

O vinho na medicina antiga não era uma bebida tratada de leve — era um **pilar do tratamento**. A mais antiga farmacopeia da história, da Suméria por volta de **2100 a.C.**, prescreve o vinho como remédio. O papiro egípcio de **Ebers**, por volta de 1550 a.C., mistura-o com ervas como antisséptico e como veículo de drogas. **Hipócrates** o introduziu no regime de quase toda doença e fez dele um purificador de feridas. **Galeno** sustentava que ele purificava o corpo e equilibrava seus humores. E isso continuou nos livros de medicina por cerca de **vinte e cinco séculos**, até o século XIX.

O que diz a ciência hoje?

A reversão começou depois de 1850, com a medicina experimental. Em **1916** o uísque e o conhaque foram retirados da **Farmacopeia dos Estados Unidos**. Em **1917** a Associação Médica Americana declarou que o álcool não tinha «**valor científico**» como tônico ou estimulante. Depois veio o veredito final: a Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer classifica o álcool no **Grupo 1** — a mais alta classe de cancerígenos, ao lado do amianto, da radiação e do tabaco. E em **janeiro de 2023** a Organização Mundial da Saúde publicou que **nenhum nível de consumo de álcool é seguro para a saúde**. Pelo menos **sete tipos de câncer** lhe são atribuídos, e cerca de **740 mil novos casos** por ano.

Por que este é um milagre decisivo?

Repare em onde a palavra caiu. O homem não perguntava sobre beber por prazer, nem se desculpava pelo desejo — ele disse: «**Eu só o faço como remédio.**» Isto é, veio com o argumento mais forte disponível em qualquer lugar da terra naquele tempo. Se a proibição fosse apenas de piedade, a resposta teria sido: «não o bebas nem como remédio.» Mas a resposta veio como uma **afirmação sobre o que ele é**: não é remédio algum — é a doença. E esta é uma frase que contradiz o consenso de todas as escolas de medicina então existentes na terra: grega, romana, persa, indiana e egípcia. **Nenhuma escola concordava com ela** — logo, não havia de quem tomá-la, porque era uma afirmação que ninguém fazia. Depois o tempo passou. O vinho deixou as farmacopeias em 1916, e em 2023 era um cancerígeno do Grupo 1 sem quantidade segura. A medicina precisou de **treze séculos** para chegar ao que uma frase de cinco palavras havia dito. E repare na precisão da formulação: ele não disse «seu dano supera seu benefício» — que é o que diz o homem cauteloso e em que está seguro ao dizê-lo — mas **negou-lhe a condição de remédio por completo e afirmou-lhe a de doença por completo**. Que é exatamente aonde a Organização chegou treze séculos depois: **nenhuma quantidade segura**. Então quem lhe contou?

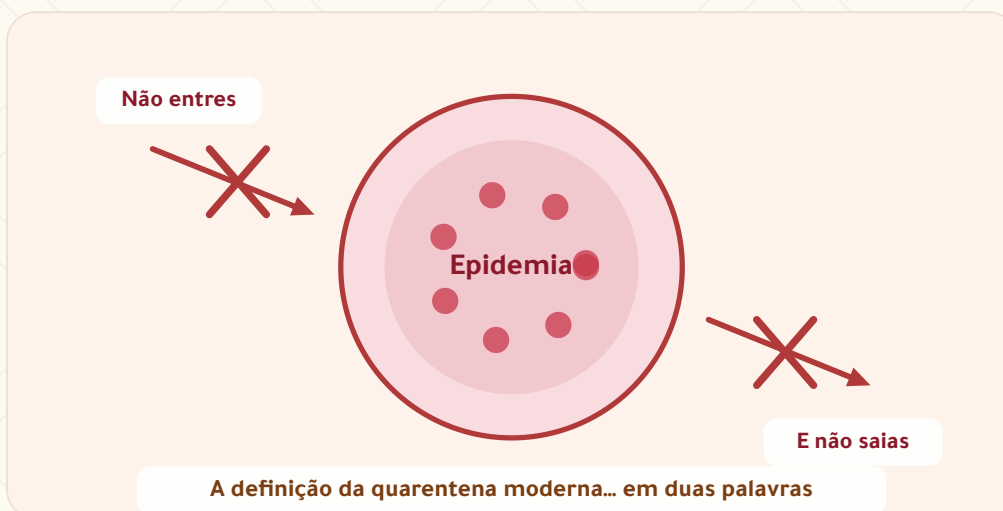
Fontes IARC Monographs 100E — alcohol, Group 1 · WHO, 4 Jan 2023 — No level of alcohol consumption is safe · U.S. Pharmacopeia — alcohol removed, 1916



Quarentena — mil anos antes da medicina

Se ouvirdes falar de uma peste numa terra, não entreis nela; e se irromper numa terra onde estiverdes, não saiais dela fugindo.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Um princípio mundial de saúde pública formulado no século VII

🔍 Em palavras simples

Se uma epidemia aparecer num país: **não entre nele** se estiver fora, e **não saia dele** se estiver dentro. Esta é exatamente a definição de **quarentena** que o mundo inteiro aplicou durante a pandemia do coronavírus.

🕒 No que se acreditava então?

As epidemias eram entendidas como ira, ou espíritos malignos, ou ar corrompido. A resposta natural quando uma irrompia era a **fuga em massa** — que é a pior coisa possível, porque leva a infecção para toda parte. Os germes eram desconhecidos, e não se sabia que a doença se espalha por contato.

🔬 O que diz a ciência hoje?

A teoria dos germes só se estabeleceu no século XIX, com Pasteur e Koch. A primeira quarentena organizada na Europa foi em Veneza, em 1377 — sete séculos depois deste dito. E o princípio aqui enunciado é uma **quarentena de duas vias**: nem entrada nem saída — exatamente o que especificam os Regulamentos Sanitários Internacionais da Organização Mundial da Saúde, e o que o mundo inteiro aplicou em 2020.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A segunda metade do dito é a mais difícil e a mais engenhosa. Proibir a entrada numa terra atingida pela peste é algo que a mera cautela poderia sugerir. Mas **proibir a saída dela** vai contra o próprio instinto de sobrevivência, e só faz sentido se se sabe que quem sai pode levar a doença **sem senti-la** — isto é, a ideia do **portador silencioso da infecção**. Essa ideia só foi compreendida no século XX. Umar ibn al-Khattab aplicou-a na prática durante a peste de Amwas, fazendo o exército voltar da Síria; e quando foi contestado disse: «Fugimos do decreto de Deus para o decreto de Deus.»

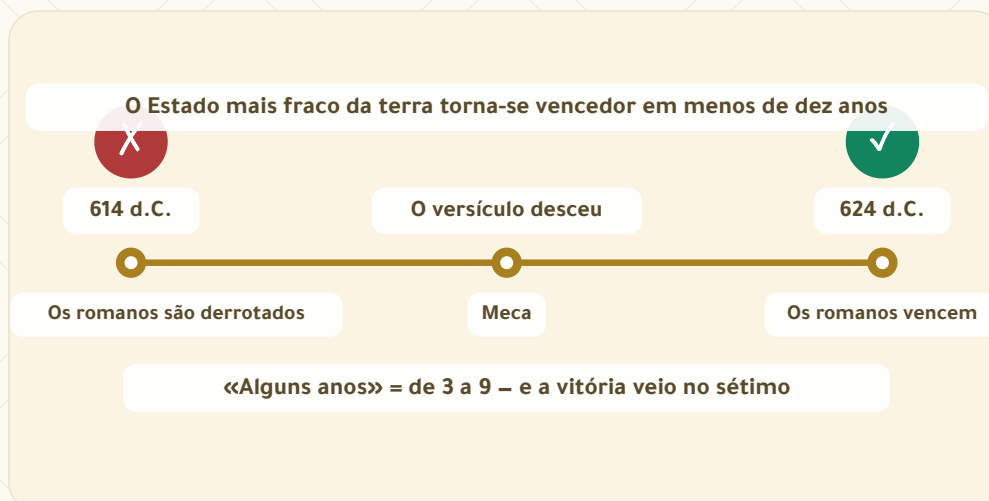


Uma profecia política

Os romanos foram vencidos — e vencerão

Alif Lam Mim. Os romanos foram vencidos na terra mais baixa, e eles, depois de sua derrota, vencerão dentro de poucos anos.

Sura ar-Rum — versículos 1-4



Um relato revelado em Meca sobre uma guerra travada a milhares de quilômetros

Em palavras simples

Os romanos perderam uma guerra de forma tão esmagadora que as pessoas os deram por acabados. Então desceu um versículo dizendo: **os romanos vencerão dentro de poucos anos**. Aconteceu sete anos depois.

No que se acreditava então?

Em 614 d.C. os persas esmagaram os romanos: tomaram a Síria, o Egito e Jerusalém, e levaram a Santa Cruz. O Estado romano estava à beira do colapso total — tesouro vazio, exército destroçado, revolta interna. Ninguém na terra apostava em seu retorno. Os pagãos de Meca apostaram com Abu Bakr que o versículo era falso — e apostar ainda era permitido na época.

O que diz a ciência hoje?

Em 622 Heráclio lançou uma contracampanha, e em **dezembro de 627** esmagou o exército persa na batalha de Nínive, perto de Mossul, depois derrubou Cosroes e restituiu a Cruz. Isto está documentado em fontes bizantinas, persas e siríacas, independentemente de qualquer fonte islâmica. Coincidiu com a vitória muçulmana em Badr, como disse o versículo seguinte: «E nesse dia os crentes se alegrarão.»

Por que este é um milagre decisivo?

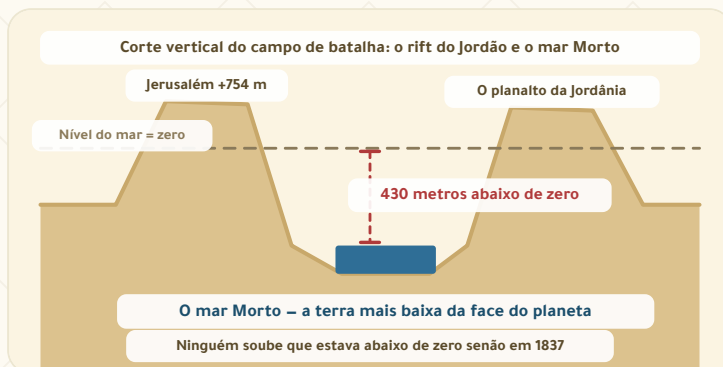
Isto não é sabedoria nem descrição — é uma **profecia com assunto definido e prazo definido**, emitida no pior momento possível para a parte que favorecia. A palavra árabe usada para o período está limitada entre três e nove anos — uma janela fechada que podia ser falsificada. Se dez anos tivessem passado sem vitória, toda a mensagem teria ruído diante de seus adversários. E com mais precisão ainda: **«na terra mais baixa»** — a batalha ocorreu na região do mar Morto, que é **o ponto de terra firme mais baixo do planeta**, a 430 metros abaixo do nível do mar — um fato geográfico que só foi medido no século XIX.



«Na terra mais baixa» — o solo mais baixo do planeta

Alif Lam Mim. Os romanos foram derrotados na terra mais baixa, mas depois de sua derrota eles vencerão.

Sura ar-Rum — versículos 1-3



O único lugar do planeta a que a palavra se aplica nos seus dois sentidos

Em palavras simples

O versículo não disse apenas «os romanos foram derrotados» — nomeou o lugar: **«na terra mais baixa»**. A palavra árabe *adna* carrega dois sentidos: **a mais próxima** e **a mais baixa**. E o combate se deu numa região que realmente é **o solo emerso mais baixo de toda a face da terra** — o vale do rift do Jordão, em torno do mar Morto.

No que se acreditava então?

Ninguém no século VII tinha meio algum de saber a que altura um lugar se encontrava acima do nível do mar. O olho não o mostra, e um viajante que desce ao rift vê um vale baixo como os vales baixos que já conhecia no lêmén, em Omã e na Pérsia.

Medir a altitude acima do nível do mar era uma ciência ainda não nascida: exige um barômetro (só inventado em 1643) ou um levantamento trigonométrico feito desde a costa. E a ninguém havia ocorrido que terra firme pudesse estar **abaixo** do nível do mar sem ser por ele inundada.

O que diz a ciência hoje?

Em **março de 1837**, os viajantes **Moore e Beke** tentaram medir a região usando o ponto de ebulição da água, e chegaram a um resultado que assombrou os geógrafos: o lugar está **abaixo** do nível do mar. O tenente **Symonds** em seguida o mediu trigonometricamente em 1841, e a expedição americana de **Lynch** em 1848.

A cifra hoje: a superfície do mar Morto está cerca de **430 metros abaixo do nível do mar**, e é **o ponto emerso mais baixo de toda a superfície da terra** — nada o rivaliza. Faz parte do rift do mar Morto, um braço setentrional do sistema do Grande Vale do Rift.

Por que este é um milagre decisivo?

Repare que o versículo não tinha obrigação alguma de nomear o lugar. A profecia da vitória vindoura está completa sem isso. Assim, acrescentar uma determinação geográfica é **aumentar as chances de ser refutado**, e não as de ser acreditado — e um homem que inventa um texto faz o contrário.

Depois note que o primeiro sentido da palavra — «a terra mais próxima da Arábia» — é correto e suficiente por si só; nada no texto depende do segundo. Mas o segundo **também é verdadeiro, e de um modo que nenhum outro lugar do planeta compartilha**. Que os dois sentidos se encontrem num só ponto não é coisa com que alguém estivesse contando.

E aqui um limite deve ser declarado: os primeiros exegetas o leram como proximidade, e não como baixeza, porque a baixeza não lhes era conhecida — e é exatamente esse o ponto: **o sentido estava no texto antes que as pessoas tivessem qualquer instrumento para medi-lo**. A profecia em si — a vitória dentro de alguns anos — sustenta-se de pé por si mesma, e tem sua própria página neste livro.

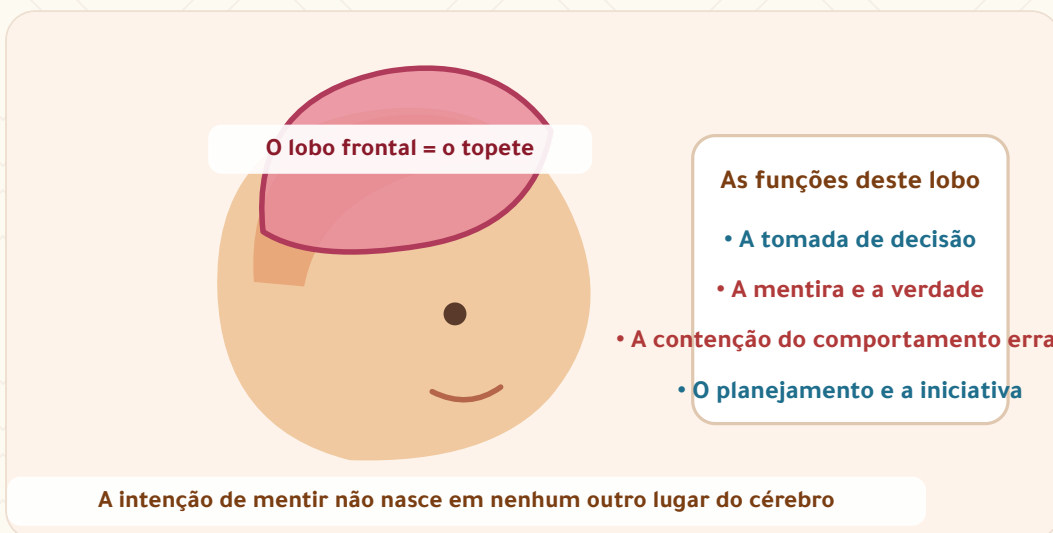
Fontes [The Dead Sea – the lowest land on earth](#) · [Moore & Beke \(1837\) – the first measurement of the depression](#) · [Lt. John Symonds – the 1841 trigonometric survey](#) · [NASA Earth Observatory – the Dead Sea](#)



Um topete mentiroso e pecador

De modo algum! Se ele não desistir, certamente o arrastaremos pelo topete — um topete mentiroso e pecador.

Sura al-Alaq — versículos 15-16



A imagem funcional mostra o córtex pré-frontal ativando-se no momento da mentira



Em palavras simples

O «topete» é a frente da cabeça. O Alcorão o descreve como «mentiroso e pecador» — isto é, **a mentira e a transgressão saem deste exato lugar**. É o que a neurociência estabeleceu.



No que se acreditava então?

Não existia nenhuma ligação entre uma parte específica da cabeça e uma função moral como a mentira. Os filósofos discordavam até no básico: Aristóteles punha o centro do pensamento no **coração**, não no cérebro. O mapeamento das regiões cerebrais por função só começou no século XIX.



O que diz a ciência hoje?

O **córtex pré-frontal** — que fica diretamente atrás da testa — é o centro da tomada de decisão, do planejamento e da inibição do comportamento. Estudos de ressonância funcional mostram que **a mentira deliberada ativa especificamente esta região**, porque exige suprimir a verdade e construir uma alternativa a ela. A lesão desta região destrói a capacidade da pessoa de governar a própria conduta — como no célebre caso de Phineas Gage, em 1848.



Por que este é um milagre decisivo?

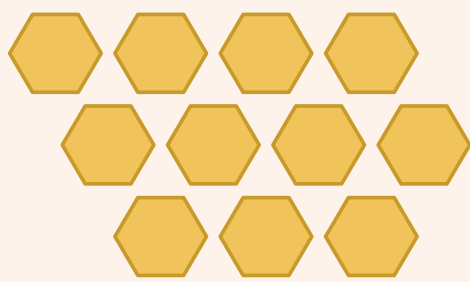
Note a precisão da atribuição. O versículo não diz «o topete de um mentiroso e pecador» — isto é, de seu dono. Ele descreve **o próprio topete** como mentiroso e pecador, fazendo o ato sair do órgão e não da pessoa. Isso é uma localização anatômica de função. E mais impressionante ainda: o homem aqui interpelado estava sendo ameaçado naquilo que tinha por mais nobre — e não foi seu coração nem sua língua que se destacou, mas a frente de sua cabeça: a sede da decisão e da mentira no cérebro.



As abelhas operárias são todas fêmeas

E o teu Senhor inspirou a abelha: toma para ti moradas nas montanhas... depois come de todos os frutos e segue os caminhos do teu Senhor, aplanados.

Sura an-Nahl — versículos 68-69



Toma · come · segue
Todas na forma feminina

As abelhas operárias são fêmeas sem exceção

Toda abelha que você vê colhendo néctar e construindo cera é fêmea

♀ Em palavras simples

Toda ordem que Deus dá à abelha nestes versículos está na **forma feminina**: «toma», «come», «segue». E a ciência diz: as abelhas que constroem, colhem e fazem mel são **inteiramente fêmeas**, sem um único macho entre elas.

⌘ No que se acreditava então?

Era crença comum em todo o mundo antigo que a cabeça da colmeia era um **rei macho**. Aristóteles afirmou isso explicitamente e chamou-o de Rei, e os europeus o seguiram por séculos, chamando-o de King Bee. Só em 1668 se provou que a cabeça da colmeia é fêmea, pelo cientista holandês Jan Swammerdam.

🔬 O que diz a ciência hoje?

Uma colônia de abelhas tem três castas: uma **rainha fêmea**, milhares de **operárias fêmeas** — e são elas que constroem a cera, colhem o néctar, fazem o mel, guardam e limpam — e algumas centenas de **machos**, cuja única função é acasalar com a rainha, após o que morrem ou são expulsos. O macho nunca sai para colher, nunca constrói, e não toma parte alguma na fabricação do mel.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A adesão completa à forma feminina em três verbos consecutivos, numa língua que recorre ao masculino quando ambos os sexos estão presentes, não é um acaso gramatical. E a especificação fica ainda mais precisa: os três verbos são exatamente as funções da **operária fêmea** — construir moradas, colher nos frutos e percorrer os caminhos de ida e volta. Se se quisesse falar da espécie inteira, usar-se-ia o plural masculino. E isto contradiz o que as pessoas mais instruídas da terra acreditavam naquele tempo.



Os sentidos

A audição antes da visão — todas as vezes

E deu-vos o ouvido, a vista e os corações, para que fôsseis agradecidos.

Sura an-Nahl — versículo 78

O ouvido funciona



Semana 24

O olho funciona



Semana 28

A audição se completa quatro semanas antes da visão

Em todo o Alcorão, a visão nunca precede a audição no contexto da criação humana

🔊 Em palavras simples

O Alcorão menciona a audição **sempre** antes da visão, em cada lugar sem exceção. E a ciência diz: o ouvido do feto funciona e ouve meses antes de seus olhos funcionarem.

🕒 No que se acreditava então?

O olho é o sentido que todo ser humano põe em primeiro lugar por instinto: «vi com meus próprios olhos» vale mais que «ouvi dizer», e o testemunho ocular está acima do relato. A ordem natural em toda língua começa pela visão. E não se sabia que o feto ouvisse coisa alguma.

🔬 O que diz a ciência hoje?

A cóclea completa sua estrutura por volta da vigésima semana, e o feto mostra resposta confirmada ao som a partir da **semana vinte e quatro**. A retina e a via visual, em contrapartida, não se tornam funcionais antes da **semana vinte e oito**. Um recém-nascido reconhece a voz da mãe desde o momento do nascimento, enquanto não enxerga com nitidez durante meses.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

O milagre não está num lugar, mas na **consistência perfeita**. Se a ordem fosse coincidência, teria variado ao menos uma vez ao longo de treze passagens distintas. No entanto ela se mantém sem exceção, ainda que contrarie o instinto geral da língua. E a precisão vai mais longe: «audição» aparece **sempre no singular** e «vista» **sempre no plural** — porque a audição é uma faculdade que recebe um único tipo de entrada de todas as direções, ao passo que os dois olhos produzem duas imagens diferentes que são fundidas no cérebro.

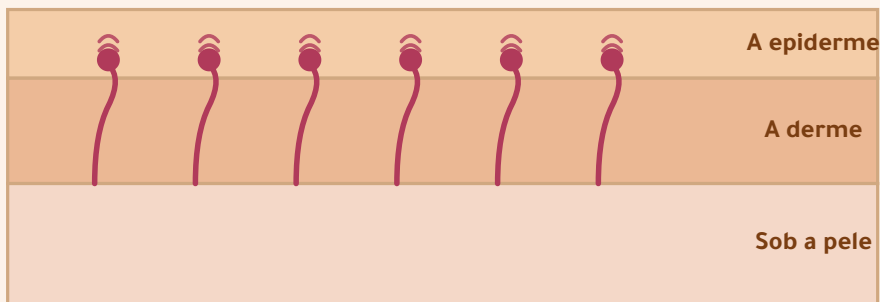
Fontes [Moore & Persaud – The Developing Human](#) · [Britannica](#) – “Prenatal development”

A dor mora na pele

Cada vez que suas peles se queimarem por completo, trocá-las-emos por outras peles, para que provem o castigo.

Sura an-Nisa — versículo 56

Terminações nervosas livres e densas perto da superfície



Os receptores da dor estão todos na pele — se ela se queima, a sensação cessa

Uma queimadura profunda de terceiro grau não dói — porque os receptores da dor se queimaram

♀ Em palavras simples

A sensação de dor não está espalhada pelo corpo inteiro — está na **pele** especificamente. Por isso, quando a pele queima em profundidade, a sensação cessa naquele lugar. O versículo troca a pele para que a sensação continue.

⌘ No que se acreditava então?

A dor era imaginada como um sentimento geral do corpo inteiro, ou do coração, ou da alma. Não se sabia que ela tem **receptores nervosos especializados**, nem que esses receptores têm uma localização determinada. Os receptores da dor só foram descritos cientificamente em 1906, por Charles Sherrington.

⚙ O que diz a ciência hoje?

Os receptores da dor (nociceptores) são terminações nervosas livres concentradas nas **camadas da pele**. Nas queimaduras de terceiro grau, em que a pele é destruída em toda a sua espessura, **o paciente perde por completo a sensação de dor na área queimada** — é um sinal diagnóstico reconhecido que os médicos usam para distinguir a profundidade da queimadura. O tratamento exige enxerto de pele para que a sensação volte.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

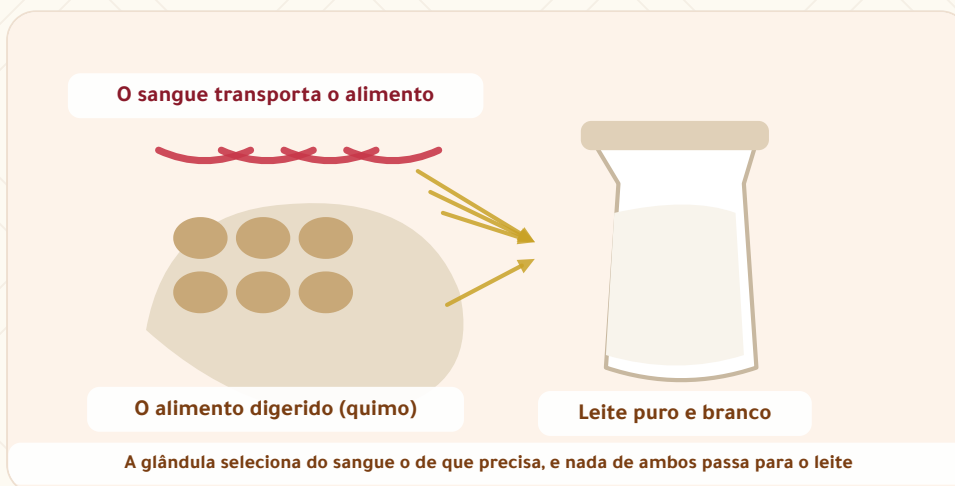
A razão é dada no próprio versículo: «**para que provem o castigo**». A troca da pele não é um acréscimo à pena — é **a condição para que a sensação dela continue**. Isso exige saber duas coisas ao mesmo tempo: que a sensação de dor está na pele, e que, quando a pele se queima por inteiro, **a sensação cessa**. O versículo não descreve apenas a dor; ele constrói sobre ela uma consequência lógica que só se sustenta se este fato médico for verdadeiro.



Leite puro de entre o quimo e o sangue

E, em verdade, tendes nos rebanhos uma lição. Damos-vos de beber do que há em seus ventres — de entre o alimento digerido e o sangue — leite puro, agradável aos que bebem.

Sura an-Nahl — versículo 66



O leite é fabricado no úbere a partir de materiais que o sangue traz do intestino

🔍 Em palavras simples

O leite branco e puro que você bebe é feito dentro da vaca num ponto **entre** o alimento digerido no intestino e o sangue que corre nas veias. E ainda assim sai **puro**, sem levar cor de nenhum dos dois.

⌘ No que se acreditava então?

O mecanismo pelo qual o leite se forma era completamente desconhecido. Supunha-se que o leite se juntava no úbere como a água se junta num odre. Quanto a ligá-lo ao alimento digerido e ao sangue ao mesmo tempo, e situá-lo **entre os dois**, ninguém tinha conhecimento algum disso.

🔬 O que diz a ciência hoje?

O alimento é digerido no intestino, e seus componentes são então absorvidos pelo sangue. O sangue os leva à glândula mamária no úbere, onde as células epiteliais tomam do sangue os açúcares, aminoácidos, gorduras e sais de que precisam, e então **sintetizam o leite de novo** e o secretam. O leite, portanto, não é sangue filtrado nem alimento dissolvido, mas uma substância fabricada cujo lugar de origem fica entre o tubo digestivo e a circulação.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A expressão «**de entre**» é onde está o milagre. O versículo não diz «do alimento digerido e do sangue», o que faria do leite algo extraído deles e misturado a eles; nem «depois do alimento digerido e do sangue». Diz «de entre os dois» — isto é, o local de produção **fica entre eles na sequência**: depois da digestão e depois de o sangue os ter levado, e antes de o leite sair. Depois descreve o produto como «**puro**» — inteiramente livre de qualquer traço daquilo de que veio. Isto descreve uma via fisiológica que só foi compreendida depois da descoberta da circulação do sangue, em 1628.



Lave as mãos antes de saber por quê

Quando um de vós acordar do sono, não mergulhe a mão no recipiente antes de lavá-la três vezes, pois não sabe onde a sua mão passou a noite.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido

«Pois ele não sabe onde sua mão passou a noite» — uma razão fundada no invisível

1

A ablução cinco vezes

Por dia

2

Lavar a mão

Ao despertar

3

O palito de dentes

Depois de cada oração

4

Enxaguar a boca

e do nariz e do rosto

Lavar as mãos é a medida preventiva isolada mais importante da medicina

Organização Mundial da Saúde

Um regime diário de pureza imposto a todo muçulmano cinco vezes por dia

Em palavras simples

O Profeta ﷺ ordenou lavar as mãos ao acordar, antes de tocar a comida, e deu uma razão notável: **«não sabe onde a sua mão passou a noite»** — isto é, há um dano possível que **o olho não vê**.

No que se acreditava então?

Os germes eram desconhecidos sob qualquer forma. A limpeza era uma questão de **aparência e cheiro**: se a mão parecia limpa, estava limpa. Não havia conceito de uma contaminação oculta transmitida pelo toque. De fato, os médicos na Europa passavam de dissecar mortos a fazer partos sem lavar as mãos até o século XIX.

O que diz a ciência hoje?

A lavagem das mãos é hoje **a medida preventiva isolada mais importante de toda a medicina**, por reconhecimento da Organização Mundial da Saúde, e por si só evita milhões de infecções por ano. Foi descoberta em 1847 pelo médico húngaro **Semmelweis**, que observou que lavar as mãos dos médicos reduzia as mortes de mães recentes de cerca de 18% para cerca de 2% — **e seus colegas zombaram dele, ele foi expulso do cargo e morreu num manicômio**. O muçulmano, entretanto, lava mãos, rosto, boca, nariz, antebraços e pés cinco vezes por dia.

Por que este é um milagre decisivo?

O significado está na **razão dada**, não na ordem. Uma ordem de limpeza poderia ser atribuída a gosto ou costume. Mas as palavras **«não sabe onde a sua mão passou a noite»** justificam-na por algo **desconhecido e invisível** — isto é, o perigo permanece mesmo quando a mão parece limpa. Esse é o próprio núcleo do conceito de contaminação oculta sobre o qual se ergue toda a medicina preventiva. Acrescente-se o resto do sistema: o siwak a cada oração, o enxágue da boca e do nariz na ablução, a ordem de cobrir os recipientes, a proibição de soprar na bebida, a proibição de urinar em água parada e a obrigação do banho completo. Um sistema sanitário integrado, formulado doze séculos antes da teoria dos germes.

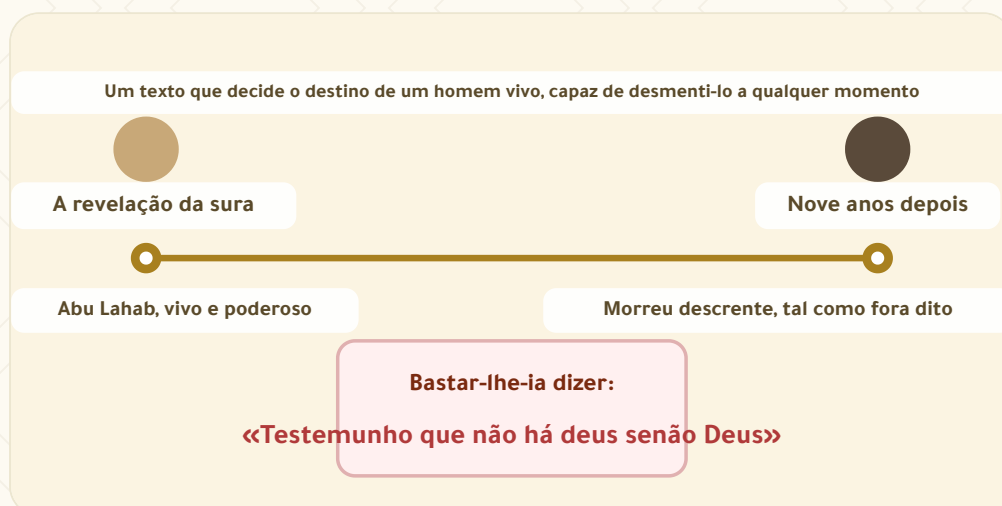


Um desafio aberto

Pereçam as mãos de Abu Lahab — nove anos de desafio

Pereçam as mãos de Abu Lahab, e pereça ele. De nada lhe valerão seus bens nem o que ganhou. Arderá num fogo de chamas ardentes.

Sura al-Masad — versículos 1-3



O texto mais perigoso que se poderia escrever: uma sentença final sobre um homem que ainda não morreu



Em palavras simples

Desceu uma sura dizendo que o próprio tio do Profeta — Abu Lahab — **entraria no Fogo**. Isto é, jamais se tornaria muçulmano. Ele viveu nove anos depois disso, e teria bastado pronunciar o testemunho de fé, ainda que falsamente, para derrubar o Alcorão inteiro — e nunca o fez.



No que se acreditava então?

Abu Lahab estava entre os inimigos mais ferozes da mensagem e os mais capazes de prejudicá-la, e era tio do próprio Profeta e chefe entre os coraixitas. Ninguém podia saber o que um homem viria a ser nos dias seguintes — quantos inimigos amargos se tornaram muçulmanos depois de longa hostilidade, como Umar ibn al-Khattab, Khalid ibn al-Walid e Ikrima ibn Abi Jahl.



O que diz a ciência hoje?

Abu Lahab morreu poucos dias depois da batalha de Badr — cerca de nove anos após a revelação da sura — **ainda descrente**, de uma doença de que a própria família se afastou. Isto é consenso em todos os livros de biografia e história, e nem os adversários do Islã o contestaram.



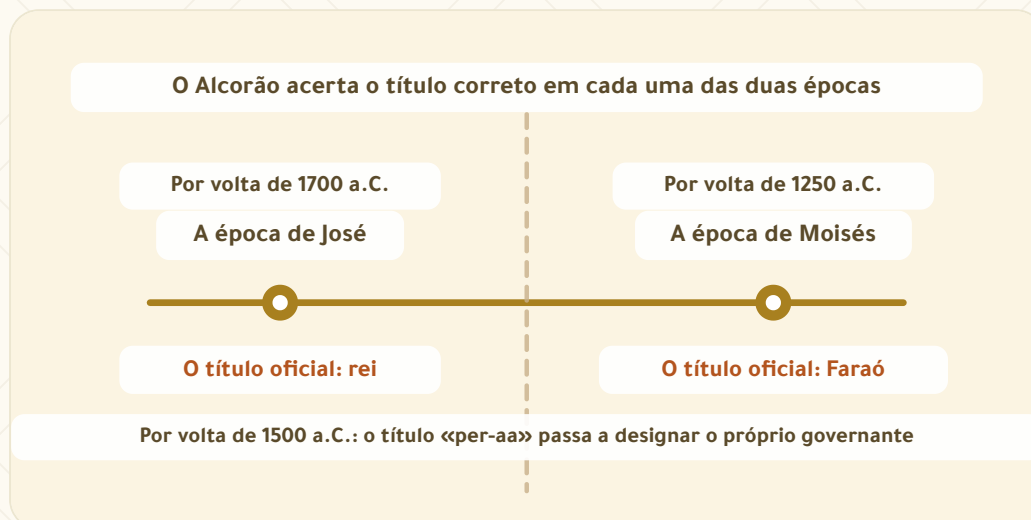
Por que este é um milagre decisivo?

Isto não é uma profecia sobre alguma questão distante fora do alcance de qualquer um — é sobre a **escolha de um homem vivo que a ouviu com os próprios ouvidos**, e que era o mais empenhado de todos em destruir esta mensagem. Ele teve nove anos para dizer uma única frase — mesmo por fingimento — e o texto teria ruído e a mensagem terminado no mesmo dia. **Deixar esse desafio aberto por nove anos, e vê-lo fechar-se exatamente como fora dito, é um risco que nenhum ser humano corre.** Acrescente-se que a sura proferiu a mesma sentença sobre a esposa dele, e ela também morreu descrente. Dois em dois, atingidos juntos, depois de nove anos de oportunidades para desmenti-la.

«Rei» no tempo de José, «Faraó» no de Moisés

E o rei disse: trouxei-mo, tomá-lo-ei para mim... E Faraó disse: deixai-me matar Moisés.

Sura Yusuf 54 — e Sura Ghafir 26



A mudança do título real é um fato desconhecido até se decifrarem os hieróglifos

Em palavras simples

O Alcorão chama o governante do Egito no tempo de José de «**o rei**», e o governante no tempo de Moisés de «**Faraó**» — e nunca confunde os dois. A egiptologia diz que isto está exatamente certo.

No que se acreditava então?

Na Arábia não havia conhecimento algum dos títulos dos governantes do Egito nem de quando mudaram. Em toda a região o costume era chamar todo governante egípcio de «Faraó», sem distinção. Aliás, **a própria Torá chama o governante de José de «Faraó»** repetidamente no livro do Gênesis.

O que diz a ciência hoje?

A palavra «Faraó» vem do egípcio **per-aa**, que significa «a Grande Casa» — isto é, o próprio palácio, não a pessoa do governante. Assim permaneceu durante todo o Império Antigo e o Médio. Só passou a ser usada como título **do próprio governante** no Império Novo, aproximadamente a partir do reinado de Tutmés III, no século XV a.C., tornando-se comum depois disso. A época de José é anterior a isso, e a de Moisés posterior. Isto está assentado nas obras modernas de egiptologia.

Por que este é um milagre decisivo?

A consistência é a prova. Se fosse coincidência, os dois títulos teriam se misturado ao menos uma vez em cerca de trinta passagens. No entanto o Alcorão mantém a distinção perfeitamente. Mais forte ainda: ele **contradiz o texto bíblico que circulava entre o Povo do Livro na época** — a única fonte de que é acusado de copiar. Se o transmissor fosse humano, teria carregado o erro consigo. E não se soube que a correção era correta senão mais de mil anos depois, quando os hieróglifos foram decifrados.

A alaqah: algo suspenso que suga sangue

Criou o homem de algo que se agarra.

Sura al-Alaq — versículo 2



O embrião em sua terceira semana: sua forma e sua função são a forma e a função de uma sanguessuga

Em palavras simples

A palavra árabe aqui carrega três sentidos ao mesmo tempo: algo **suspenso**, uma **sanguessuga** que suga sangue, e **sangue coagulado**. O embrião nesta fase é as três coisas juntas.

No que se acreditava então?

Ninguém tinha visto um embrião em sua terceira semana. Ele tem menos de dois milímetros e é invisível sem microscópio. Não se sabia que o embrião **se fixa à parede do útero e dela se alimenta**; a suposição dominante era que ele flutuava num líquido e desse líquido se nutria.

O que diz a ciência hoje?

No sexto dia o blastocisto implanta-se no revestimento do útero, ficando **suspenso dele**. Suas células então erodem os vasos sanguíneos da mãe, de modo que o sangue inunda os espaços ao redor — isto é, ele **suga sangue, literalmente**. E as imagens de microscópio do embrião na terceira semana mostram uma forma que corresponde de perto à de uma sanguessuga, até na curvatura e na segmentação lateral.

Por que este é um milagre decisivo?

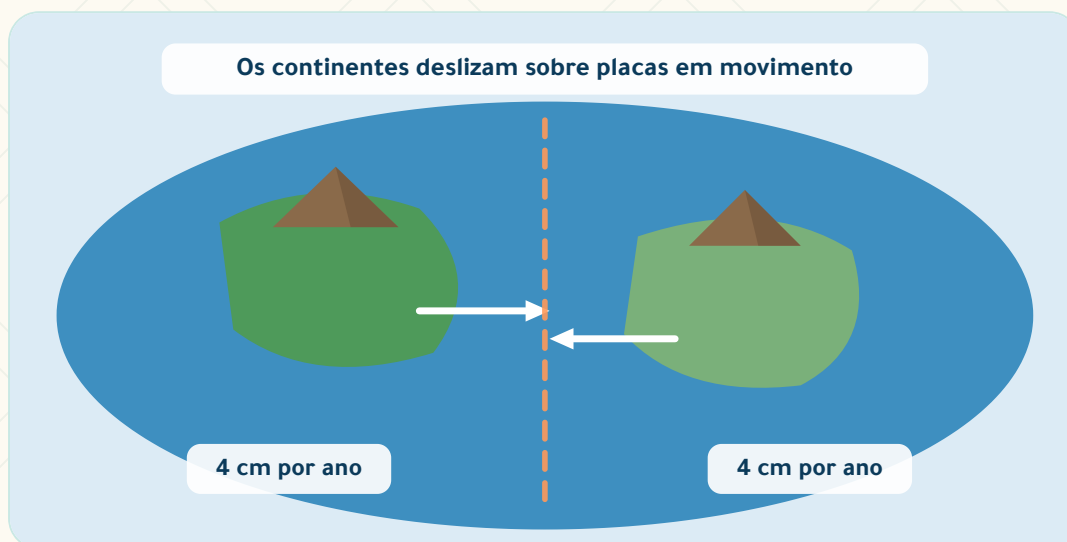
A convergência de três sentidos numa só palavra é o milagre. Se se quisesse dizer apenas «suspensão», outra palavra serviria; se apenas «sangue», a palavra para sangue bastaria. Mas esta única palavra descreve de uma só vez: **o lugar** (suspenso da parede), **a alimentação** (sugar sangue), **a forma** (como uma sanguessuga) e **o que o envolve** (envolto em sangue coagulado). Quatro fatos microscópicos numa palavra, revelados a um homem iletrado mil anos antes do microscópio.



As montanhas caminham enquanto você as julga paradas

E vês as montanhas, julgando-as firmes, enquanto passam como passam as nuvens.

Sura an-Naml — versículo 88



Continentes inteiros estão se movendo, muito lentamente, e tudo sobre eles se move junto

Em palavras simples

As montanhas lhe parecem estar paradas. Na verdade elas estão **caminhando** — tão devagar que seu olho não capta, exatamente como você não vê uma nuvem se mover se olhar para ela por um instante.

No que se acreditava então?

Para todo ser humano na terra, as montanhas eram o próprio símbolo da estabilidade absoluta. «Firme como uma montanha» é provérbio em toda língua. Ninguém afirmava que o próprio chão deslizava sob elas.

O que diz a ciência hoje?

A **tectônica de placas**, assentada desde os anos 1960: a crosta terrestre está dividida em placas gigantes que flutuam e deslizam, levando consigo continentes e montanhas a alguns centímetros por ano. Esse movimento é hoje medido por satélite.

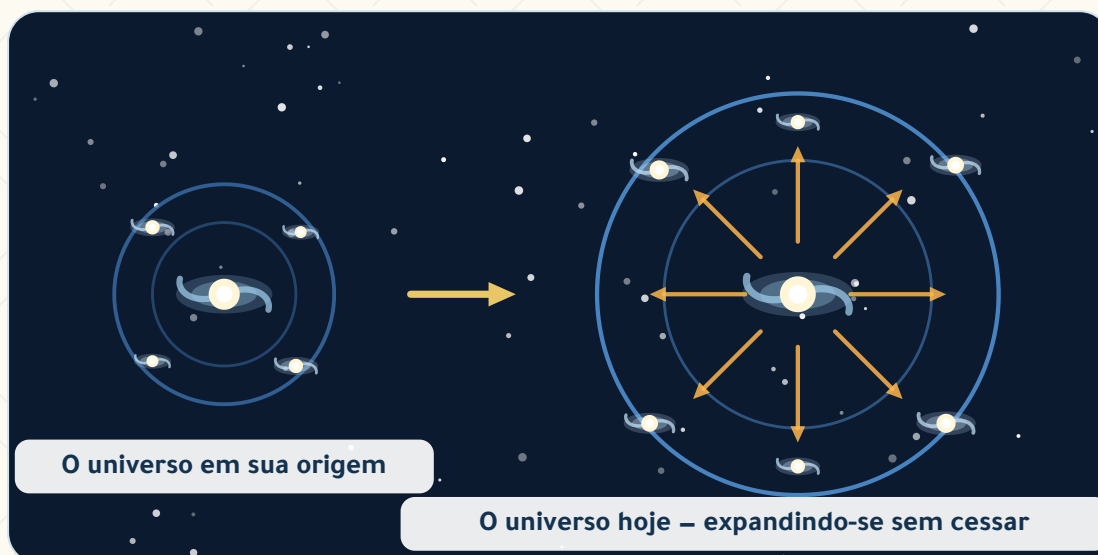
Por que este é um milagre decisivo?

A própria comparação é a prova. «Julgando-as firmes» afirma claramente que a imobilidade delas é **uma ilusão de óptica**. Depois, «passam como passam as nuvens» — e as nuvens movem-se **horizontalmente, devagar e em bloco**; não caem nem saltam. Assim o versículo descreve um movimento real e explica por que ele não pode ser visto. Com mais precisão ainda: as montanhas não passam sozinhas, passam **junto com tudo o que está em volta delas** — exatamente como as nuvens.

O universo cresce a cada instante

E o céu, Nós o construimos com força, e é certo que o estamos expandindo.

Sura adh-Dhariyat — versículo 47



Galáxias que se afastam como pontos num balão que se enche

Em palavras simples

Imagine um balão com pontos desenhados nele, e então você o enche. Cada ponto se afasta do vizinho. O universo faz exatamente isso: o céu **crece e se alarga a cada segundo** de sua vida.

No que se acreditava então?

As pessoas — e também os grandes filósofos e cientistas — acreditavam que o universo era **estático e fixo**, de um só tamanho, que nem crescia nem encolhia. Essa crença durou até o século XX; o próprio Einstein acrescentou uma constante artificial às suas equações para obrigar o universo a ficar parado.

O que diz a ciência hoje?

Em 1929 Edwin Hubble observou que a luz das galáxias distantes está **desviada para o vermelho**, o que significa que elas fogem de nós — e quanto mais distantes, mais rápido fogem. O universo está em expansão. Em 1998 descobriu-se que a expansão está **acelerando**, e seus descobridores receberam o Prêmio Nobel em 2011.

Por que este é um milagre decisivo?

A palavra usada é um particípio ativo que indica uma ação **contínua e ininterrupta**, não um tempo passado. Isto é: a expansão está acontecendo agora. Um homem iletrado no deserto da Arábia, sem telescópio e sem espectrômetro, diz uma frase que contradiz o consenso de toda a humanidade — e então a maior descoberta astronômica da história chega para confirmá-la, letra por letra. Isso não se explica pelo acaso nem pela esperteza.

O sol, uma lâmpada — e a lua, uma luz

Bendito seja Aquele que pôs no céu grandes constelações, e nele pôs uma lâmpada e uma lua que ilumina.

Sura al-Furqan — versículo 61



Uma distinção fina nas palavras que corresponde a uma distinção física desconhecida por séculos

Em palavras simples

O sol brilha por si mesmo porque queima. A lua não tem luz alguma — é rocha escura que reflete sobre nós a luz do sol. E o Alcorão sempre chama o sol de **lâmpada**, **lâmpada ardente**, **resplendor**, e sempre chama a lua de **luz** ou **iluminadora** — e nem uma única vez troca as duas descrições em todo o livro.

No que se acreditava então?

A diferença entre uma fonte de luz e um refletor dela não era conhecida. As nações adoravam o sol e a lua juntos como duas divindades luminosas, e os mitos os chamavam «os dois luzeiros» e «os olhos do céu» em pé de igualdade. O olho nu não os separa: ambos são discos brilhantes no céu, e a lua é a mais suave de olhar, de modo que parece a mais pura luz das duas. Que uma delas queime enquanto a outra é uma rocha morta só se estabeleceu depois do telescópio.

O que diz a ciência hoje?

O sol é um reator termonuclear: converte hidrogênio em hélio a **quinze milhões de graus** em seu núcleo, e isso gera sua luz e seu calor. A lua é um corpo rochoso frio que não emite luz visível própria alguma; tudo o que dela vemos é luz solar devolvida. Seu **albedo é de cerca de 0,12** — reflete aproximadamente 12% do que sobre ela cai e engole o resto; sua superfície é, de fato, tão escura quanto o asfalto. É por isso que tem fases: vemos apenas a parte dela que está iluminada.

Por que este é um milagre decisivo?

O árabe separa as duas palavras: um **siraj** (lâmpada) carrega seu próprio fogo, enquanto **nur** (luz) ilumina sem queimar. Os exegetas enunciaram essa distinção séculos antes do telescópio.

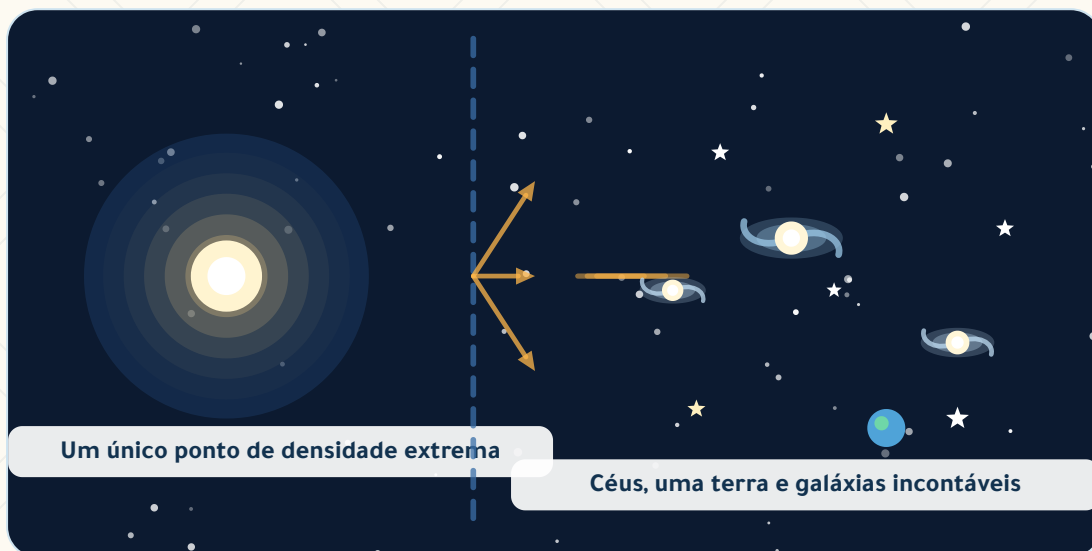
E a prova não é um versículo, o que poderia ser coincidência, mas a **coerência ao longo de todo o livro**: «uma lâmpada ardente» para o sol em an-Naba, «Ele fez nele a lua uma luz e fez o sol uma lâmpada» em Nuh, «o sol um resplendor e a lua uma luz» em Yunus, «uma lâmpada e uma lua que ilumina» em al-Furqan. Quatro lugares, e a atribuição nunca escorrega.

Se fosse acaso, as duas descrições teriam trocado de lugar pelo menos uma vez ao longo de vinte e três anos de revelação entregue aos pedaços, conforme os acontecimentos surgiam. **O acaso não é tão disciplinado** — e quem falava não tinha meio algum de saber qual das duas queima e qual reflete.

Eram uma só coisa — depois foram separados

Não consideraram os que descreveram que os céus e a terra eram uma massa unida, e Nós os separamos?

Sura al-Anbiya — versículo 30



De uma massa fundida a um universo em expansão cheio de galáxias

Em palavras simples

O Alcorão diz: o céu e a terra estavam a princípio **colados** como uma só coisa, e Deus os separou. Exatamente como uma pequena semente que se abre e dela sai uma árvore inteira.

No que se acreditava então?

Não havia ideia alguma de um «começo do universo». Acreditava-se que o universo era **eterno, sem começo**. Os que imaginavam uma origem imaginavam mitos de deuses em guerra, não a separação física de um único corpo.

O que diz a ciência hoje?

A teoria do Big Bang, hoje o modelo padrão em todo o mundo: o universo inteiro começou como **um único ponto de densidade e calor extremos**, depois se separou e se expandiu. Ela se apoia em três linhas de evidência: o afastamento das galáxias; a **radiação cósmica de fundo**, descoberta em 1965, que é o calor remanescente daquele começo; e as proporções de hidrogênio e hélio no universo.

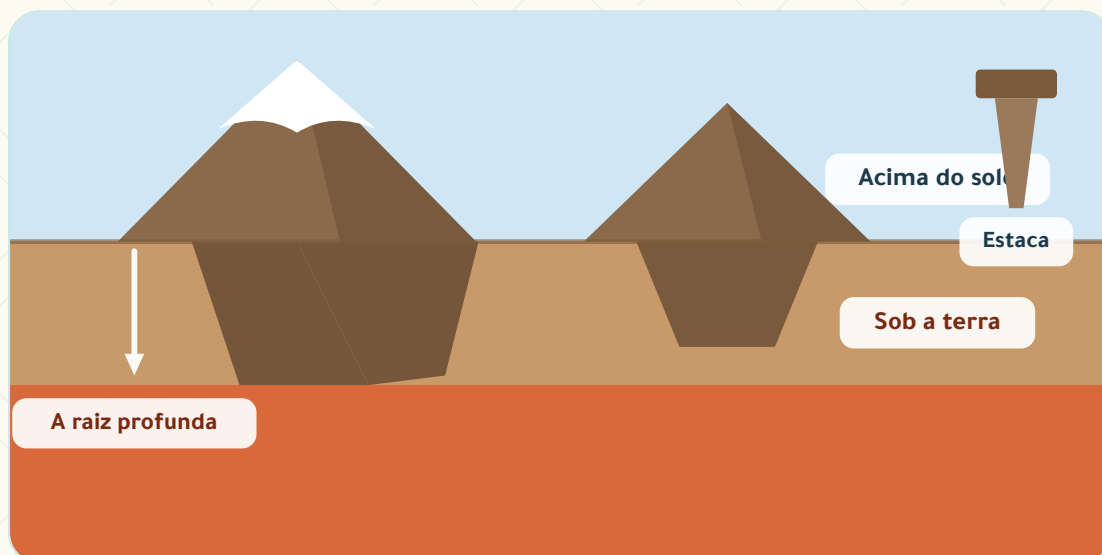
Por que este é um milagre decisivo?

A palavra árabe para o primeiro estado significa uma coisa fundida e fechada, e a palavra para o ato significa rasgá-la e abri-la. É uma descrição precisa que não admite reinterpretção. E, mais importante, o versículo a oferece **como um desafio** aos descrentes — «não consideraram?» — o que é uma aposta em que um dia se verá. E se viu, treze séculos depois; seus dois descobridores receberam por isso o Prêmio Nobel em 1978.

As montanhas são estacas fincadas na terra

Não fizemos da terra um leito, e das montanhas estacas?

Sura an-Naba — versículos 6-7



Uma montanha é como a estaca de uma tenda: pouco aparece, e o enterrado é muitas vezes mais

Em palavras simples

A estaca com que se fixa uma tenda tem uma parte pequena à mostra e uma parte grande enterrada. As montanhas são exatamente assim: têm **raízes profundas sob o solo**, muitas vezes maiores do que o que você vê acima.

No que se acreditava então?

Uma montanha era, na cabeça das pessoas, um bloco de rocha posto **sobre** a superfície da terra, como uma pedra sobre uma mesa. Ninguém tinha meio de saber que havia uma extensão por baixo, já que as escavações nunca passavam de poços rasos.

O que diz a ciência hoje?

A geologia chama-as de **raízes das montanhas**: toda montanha afunda na crosta a uma profundidade tipicamente cerca de cinco vezes sua altura visível. Essas raízes são o que estabiliza a crosta e limita seu tremor — o princípio conhecido como isostasia.

Por que este é um milagre decisivo?

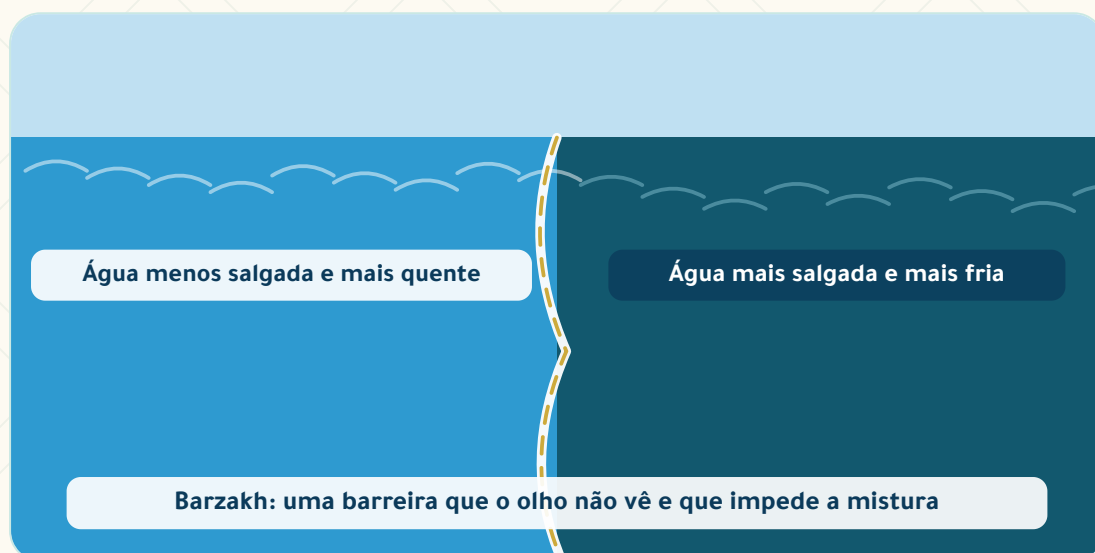
A palavra «estaca» não é uma comparação de tamanho nem de forma pontiaguda. Em árabe, uma estaca é um objeto definido por sua função: **um corpo em sua maior parte enterrado para firmar o que está acima**. Assim o versículo atribui às montanhas duas propriedades que não se conheciam: a extensão sob a superfície e a estabilização. E note o que vem antes — a terra como «leito», algo que poderia mover-se — de modo que as estacas vêm para firmá-la.



Dois mares que se encontram e não se misturam

Ele soltou os dois mares, que se encontram; entre ambos há uma barreira que não transgridem.

Sura ar-Rahman — versículos 19-20



A linha divisória entre dois mares é visível a olho nu em muitos lugares da terra

Em palavras simples

Quando dois mares diferentes se encontram, eles não se misturam de imediato como se esperaria. Fica entre eles uma **barreira** que mantém a água de um separada da água do outro, de modo que cada mar conserva sua cor, sua salinidade e sua temperatura.

No que se acreditava então?

Era evidente para todo ser humano que água que encontra água se mistura imediatamente — como se misturam duas xícaras de água. Ninguém concebia um «muro» entre água e água.

O que diz a ciência hoje?

A ciência do mar estabelece a existência de **barreiras reais de água** chamadas frentes e haloclinas: diferenças de salinidade, densidade e temperatura criam uma zona estreita de transição, com tensão superficial própria, que impede a mistura rápida. Pode ser vista a olho nu no estreito de Gibraltar e no cabo da Boa Esperança.

Por que este é um milagre decisivo?

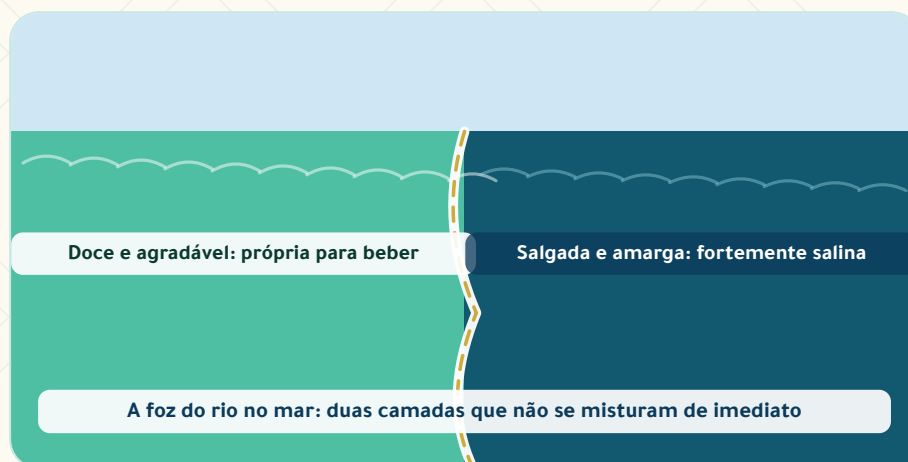
O versículo não para na ausência de mistura; ele nomeia a causa: uma **barreira** — em árabe, uma divisória que se ergue entre duas coisas. Depois descreve o efeito: nenhuma das duas transgredir sobre a outra. É a descrição de um fenômeno que só foi descoberto quando salinidade e densidade passaram a ser medidas com instrumentos, no século XX. E em outro versículo a descrição é ainda mais aguda: uma barreira e uma **divisória proibidora**.



Doce e fresca — e salgada e amarga

E é Ele quem soltou os dois mares, este doce e fresco e aquele salgado e amargo, e pôs entre ambos uma barreira e uma divisória proibidora.

Sura al-Furqan — versículo 53



A água doce flutua sobre a salgada nas fozes dos rios, com um limite nítido

🔍 Em palavras simples

Quando um rio de água doce se derrama num mar salgado, os dois não se misturam de imediato. Fica entre eles uma **barreira** que os satélites veem com nitidez, e que se estende por dezenas de quilômetros.

⌚ No que se acreditava então?

Água é água para todo mundo, e se mistura com água por simples intuição. Não se sabia que águas diferentes têm **densidades e tensões superficiais diferentes** que as fazem estratificar-se em vez de fundir-se. Quanto a descrever o que há entre elas como uma barreira «proibidora», isso não tem paralelo na observação comum.

🔧 O que diz a ciência hoje?

Nas fozes dos grandes rios — o Amazonas, o Mississippi, o Nilo — a água doce se estende por dezenas de quilômetros mar adentro **mantendo sua cor e sua densidade**, e a linha divisória é visível do espaço. A causa é a diferença de densidade, salinidade e temperatura, que cria uma estreita camada de transição chamada **haloclina**, a qual retarda fortemente a mistura. Astronautas fotografaram o fenômeno repetidas vezes.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

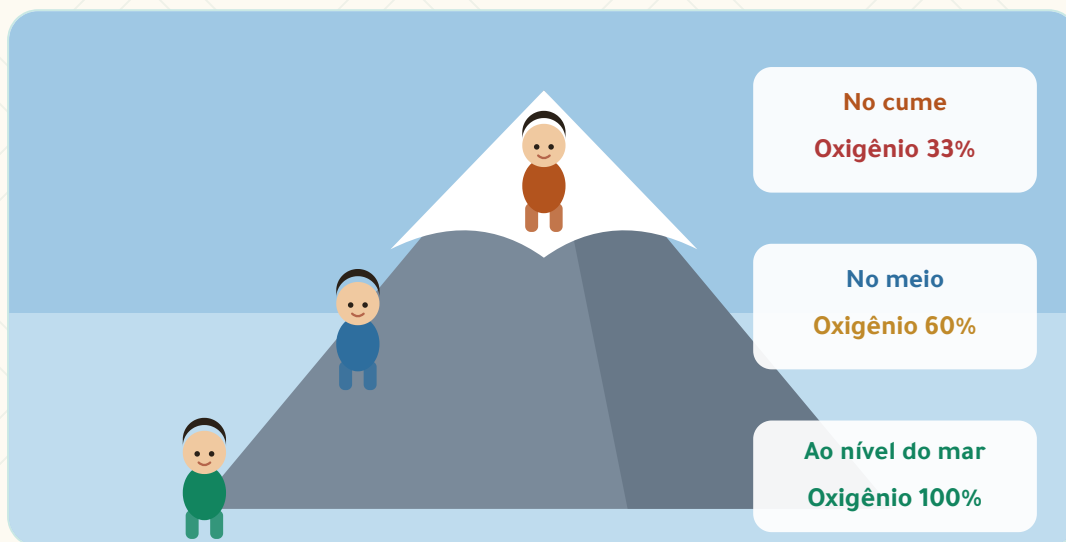
A diferença entre este versículo e o da Sura ar-Rahman é sutil e só quem sabe a percebe. Lá os dois mares são ambos salgados, com propriedades distintas, e o que os divide é nomeado com uma só palavra: uma barreira. Aqui — onde o encontro é entre **doce e salgado** — acrescenta-se uma segunda descrição: **uma divisória proibidora**, um impedimento enfático e reforçado. A razão física é evidente: a diferença de densidade entre água doce e salgada é **muito maior** do que entre duas águas salgadas, de modo que a separação é mais nítida e mais forte. O reforço da expressão acompanha exatamente o reforço do fenômeno.



Quanto mais alto você sobe, mais aperta o peito

E a quem Ele quer deixar extraviado, torna-lhe o peito estreito e apertado, como se estivesse subindo ao céu.

Sura al-An'am — versículo 125



Quanto mais alto, menos oxigênio há, de modo que a respiração se estreita e a aflição cresce

Em palavras simples

Se você subisse uma montanha muito alta, sentiria o peito apertar e a respiração ficar trabalhosa. Quanto mais alto, mais apertado o peito. O Alcorão usa isso como **comparação** para o aperto no peito de quem se afasta.

No que se acreditava então?

O mais alto que qualquer ser humano naquele ambiente havia alcançado era um cume modesto, e ninguém ligava a altitude à falta de ar de modo **gradual**. Aliás, nem se sabia que o ar tinha peso ou pressão; Torricelli só mediu a pressão atmosférica em 1643.

O que diz a ciência hoje?

Quanto mais alto se sobe, menor a pressão do ar e menos oxigênio chega ao sangue. A 3.500 metros é cerca de 60% do valor ao nível do mar, e no cume do Everest cerca de 33%. O resultado é falta de ar, aperto no peito e dor de cabeça — o que se chama **mal das alturas**. É por isso que os aviões têm pressurização de cabine.

Por que este é um milagre decisivo?

Três pontos precisos numa só expressão. Primeiro: ligar a subida ao aperto no peito, e já isso. Segundo: a palavra para «apertado» transmite estreiteza sobre estreiteza — isto é, uma gradação na severidade. Terceiro, e o mais preciso: a forma verbal árabe usada para «subindo» é intensiva e transmite **esforço e luta, pouco a pouco**, e não mera elevação. A própria forma gramatical carrega a gradação que a fisiologia descreve hoje.



Ventos fecundantes — casam as plantas e as nuvens

E enviamos os ventos fecundantes, e fizemos descer do céu água e demo-la a vós para beber.

Sura al-Hijr — versículo 22



O vento fecunda as plantas com pólen, e fecunda as nuvens com carga e poeira

Em palavras simples

O vento não apenas move as coisas — ele **casa**. Leva o pólen de flor em flor para que deem fruto, e leva poeira e carga elétrica às nuvens para que chovam.

No que se acreditava então?

O vento era uma força de empurrar e carregar, nada mais: impelia navios e levantava poeira. Que tivesse papel na **fecundação** era desconhecido; nem sequer se havia estabelecido que as plantas tinham macho e fêmea até 1694, pelo cientista alemão Camerarius.

O que diz a ciência hoje?

A polinização pelo vento é o meio de reprodução de milhares de espécies vegetais — trigo, arroz, milho, tamareiras e pinheiros. E nas nuvens: o vento carrega os **núcleos de condensação** de poeira e sal em torno dos quais o vapor de água se junta e vira gotícula, e separa as cargas elétricas entre o topo e a base da nuvem, produzindo o raio e fazendo cair a chuva. Sem esses núcleos, a nuvem não chove de modo algum.

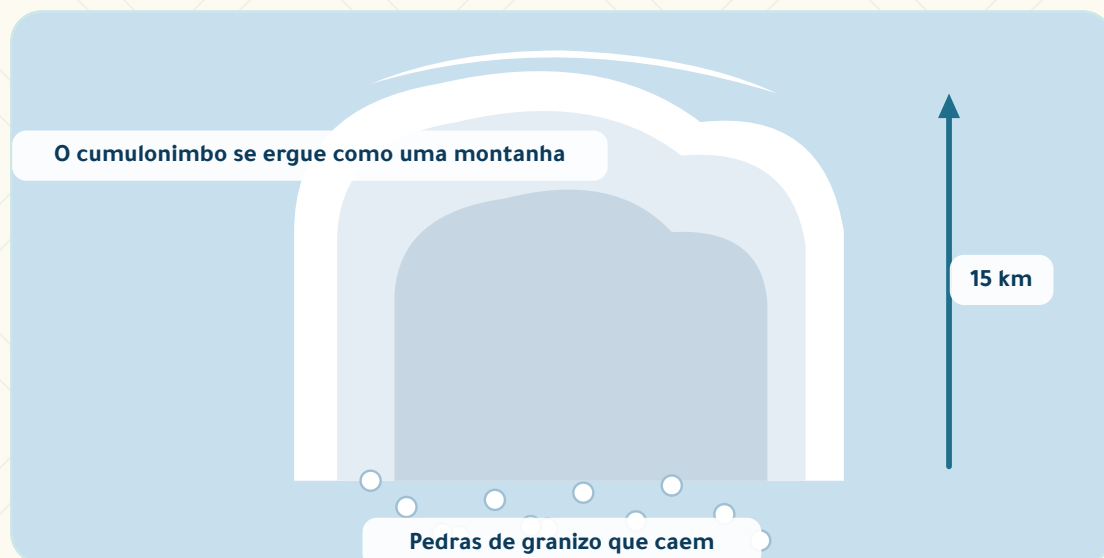
Por que este é um milagre decisivo?

A palavra árabe é um particípio ativo de um verbo reservado na língua à **fecundação e ao acasalamento** — a mesma palavra usada para polinizar tamareiras à mão, coisa que os árabes conheciam apenas quanto às palmeiras. Atribuir esse ato **ao próprio vento** é estabelecer um papel que não se conhecia. Com mais precisão ainda: o versículo põe a fecundação e depois a descida da chuva em sequência imediata — isto é, o vento também fecunda a nuvem para que ela produza chuva. Isso é meteorologia moderna, palavra por palavra.

Montanhas no céu, e nelas granizo

E faz descer do céu, de montanhas que nele há, granizo, e com ele atinge a quem quer.

Sura an-Nur — versículo 43



Um cumulonimbo: uma massa imensa que sobe verticalmente como se fosse uma montanha no céu

Em palavras simples

O granizo não cai de qualquer nuvem. Cai apenas de nuvens enormes que **se erguem no céu como montanhas**, alcançando muitas vezes a altura da mais alta montanha da terra.

No que se acreditava então?

Do solo, a nuvem é vista como uma superfície estendida horizontalmente, não como montanhas. Não havia meio de saber a altura de uma nuvem, nem de perceber que as nuvens têm formas e altitudes diferentes.

O que diz a ciência hoje?

O granizo se forma exclusivamente em **cumulonimbos**: uma massa vertical de oito a quinze quilômetros de altura — mais alta que o Everest. As correntes ascendentes em seu interior erguem repetidamente uma gotícula até o topo, onde ela congela camada sobre camada, até ficar pesada o bastante para cair. É por isso que, se você parte uma pedra de granizo, encontra dentro dela anéis como os anéis de um tronco de árvore.

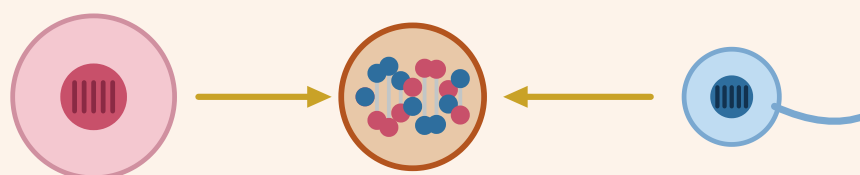
Por que este é um milagre decisivo?

A expressão dá três informações em punhado de palavras: que as nuvens têm uma **forma montanhosa e vertical**; que o granizo está **dentro** delas, e não acima delas; e que ele cai **apenas destas**, e não de outras nuvens. Essa exclusividade é a parte mais precisa de tudo, e ninguém de pé no chão pode sabê-la.

Uma gota mesclada

Em verdade, criamos o homem de uma gota mesclada, para pô-lo à prova, e fizemo-lo ouvinte e vidente.

Sura al-Insan — versículo 2



Da mãe: 23 46 cromossomos = um novo ser humano Do pai: 23

Amshaj = misturas entremeadas

A primeira célula não é uma coisa só, mas a mescla de duas metades de dois pais

Em palavras simples

Um ser humano não começa de um só líquido — mas de uma **mistura** de duas substâncias: metade do pai e metade da mãe, mesclando-se numa coisa nova.

No que se acreditava então?

A crença comum era que a criança se formava apenas do líquido do homem, e que a mãe era somente **um recipiente e um solo em que a semente cresce**. É o texto de Aristóteles, explicitamente, e dominou a medicina por séculos. O óvulo da mulher só foi descoberto em 1827, por Karl Ernst von Baer.

O que diz a ciência hoje?

Fecundação: um espermatozoide que carrega 23 cromossomos funde-se com um óvulo que carrega 23 cromossomos, produzindo uma única célula de 46 cromossomos que é a origem de todo o ser humano. A primeira gota é, portanto, uma **mistura genuína** de dois componentes iguais, e não uma substância única.

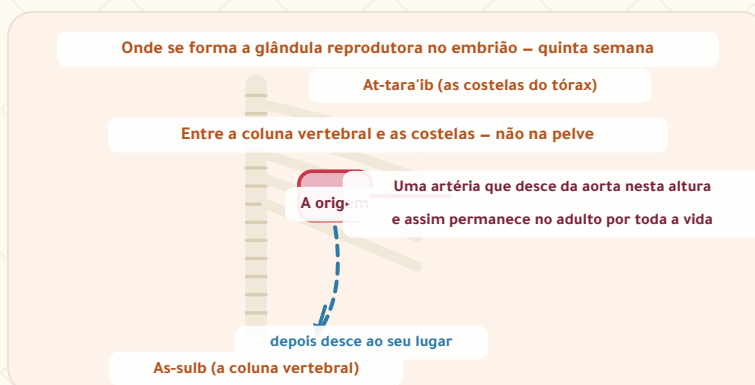
Por que este é um milagre decisivo?

A palavra árabe significa misturas mescladas até não se poder distinguir uma da outra. E é adjetivo de um substantivo **singular** — isto é, a única gota é ela mesma misturas. Isso corrige a doutrina de Aristóteles que governou o mundo por dois mil anos. Em outro lugar o detalhe aumenta: o homem é criado «de um líquido que jorra», e o Alcorão atribui a diferença entre macho e fêmea à gota, e não ao útero.

De entre a espinha e as costelas

Que o homem observe, então, de que foi criado. Foi criado de um fluido, ejetado, que sai de entre a espinha e as costelas.

Sura at-Tariq — versículos 5-7



A glândula começa aqui e depois desce... e sua artéria nunca se move com ela

Em palavras simples

O versículo diz que o fluido da criação sai **de entre a espinha e as costelas** — isto é, entre a **coluna vertebral** e os **ossos do tórax**. E a embriologia diz que a **glândula reprodutora se forma exatamente nesse lugar**, e só depois desce até a posição que conhecemos.

No que se acreditava então?

A anatomia antiga procurava um órgão onde o encontrava. Hipócrates, Galeno e os que vieram depois deles buscavam a fonte do fluido da criação ora no cérebro, ora em todos os órgãos do corpo. Dizer, em vez disso, que sua fonte está **ancorada num ponto alto do abdome, entre as costas e o tórax** — um ponto sem ligação visível com coisa alguma — não é algo que a observação possa render, porque a formação do órgão só é visível num embrião de poucos milímetros.

O que diz a ciência hoje?

Na **quinta semana** a glândula reprodutora aparece sobre o que se chama **crista urogenital**, uma faixa presa à parede posterior do abdome à altura das vértebras torácicas inferiores e lombares superiores — **precisamente entre a coluna vertebral e a caixa torácica**. Em seguida desce numa longa jornada até seu lugar final.

E **o rastro que deixa prova a origem de uma vez por todas**: a artéria que a alimenta não vem dos vasos pélvicos vizinhos, como sua posição atual exigiria, mas desce da **aorta abdominal, na altura da segunda vértebra lombar** — onde ela costumava estar. O mesmo vale para seus linfáticos e seus nervos. É por isso que um tumor dela se espalha para linfonodos altos do abdome e não para os linfonodos pélvicos — uma regra prática que todo oncologista conhece.

Por que este é um milagre decisivo?

O que merece uma pausa é que **a descrição não corresponde ao que o olho vê**. Quem descreve por observação nomeia o lugar onde encontra o órgão, e não um lugar que o órgão deixou meses antes do nascimento. O texto aponta para uma **origem**, e não para uma **residência** — e é aí que está o estranho.

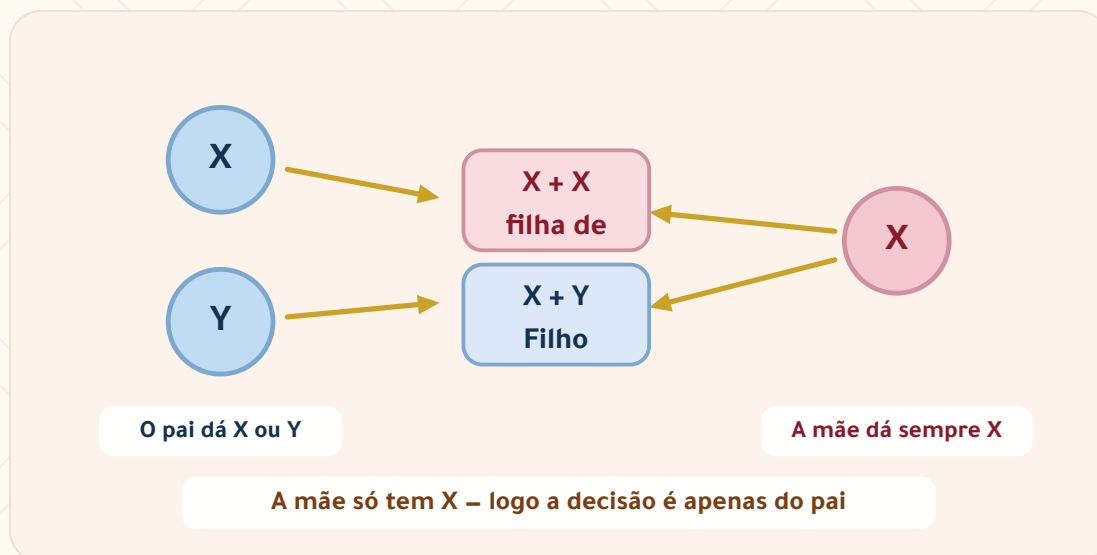
E aqui um limite deve ser dito com clareza: os primeiros exegetas entenderam o versículo como «a espinha do homem e o tórax da mulher», uma leitura linguística sólida que não deve ser descartada. Não afirmamos que a leitura anatômica seja a definitiva, nem construímos apenas sobre ela. O que dizemos se limita a isto: **que as duas palavras descrevem, ao pé da letra, o lugar que a embriologia estabeleceu treze séculos depois como a origem daquele fluido** — e que esse mesmo lugar ainda se anuncia na anatomia de toda pessoa viva hoje, no trajeto de uma artéria que não faz sentido algum a menos que o órgão tenha começado ali.

Fontes Moore & Persaud — *The Developing Human (the genital ridge)* · *The genital ridge — where the gonad first forms* · *The gonadal artery — still arising from the aorta at L2*

Macho e fêmea — quem decide é o pai

E que Ele criou os dois pares, o macho e a fêmea, de uma gota de líquido quando é ejetada.

Sura an-Najm — versículos 45-46



O sexo da criança é fixado no instante da fecundação, pelo que o espermatozoide carrega



Em palavras simples

O bebê é menino ou menina? A decisão nunca vem da mãe — vem **do pai**. A mãe carrega apenas um tipo; o pai carrega os dois.



No que se acreditava então?

As mulheres eram culpadas — e em algumas sociedades ainda são — por darem à luz filhas, e uma esposa podia ser repudiada porque «não produz filhos homens». Aristóteles construiu toda uma teoria sobre a ideia de que o calor do útero e a maturação do sangue decidiam o sexo.



O que diz a ciência hoje?

Os cromossomos sexuais: a mulher é XX, o homem é XY. O óvulo carrega sempre X, sem exceção; o espermatozoide pode carregar X ou Y. Se um óvulo encontra um espermatozoide que carrega X, a criança é fêmea; se carrega Y, macho. **O sexo é determinado inteiramente pelo lado do pai.** Isto foi descoberto em 1905 por Nettie Stevens.



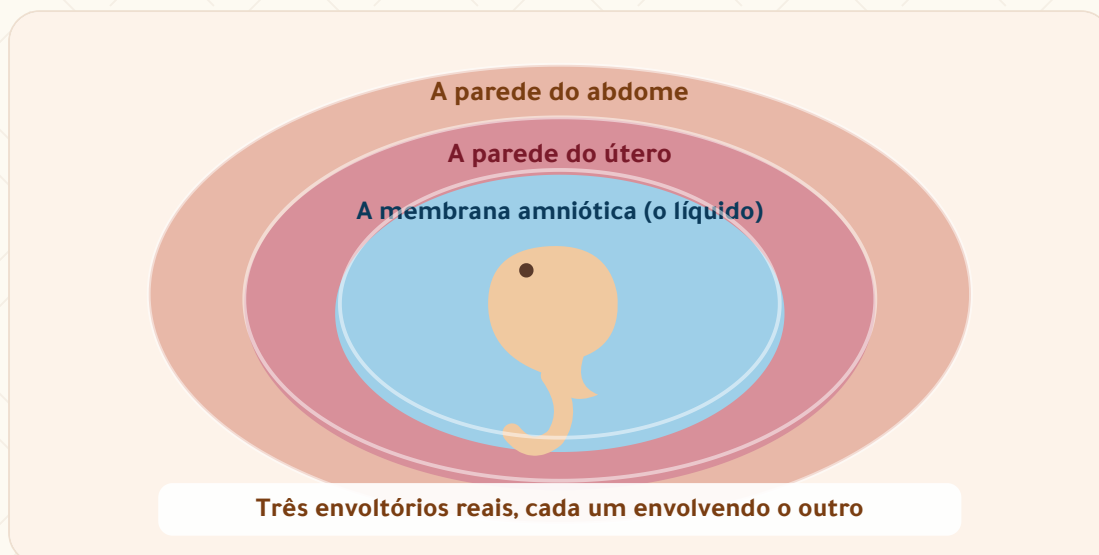
Por que este é um milagre decisivo?

O versículo atribui a criação dos dois pares — macho e fêmea — à **gota de líquido quando é ejetada**, e o verbo empregado pertence especificamente ao líquido do homem. A fonte é nomeada sem ambiguidade. Se este texto fosse humano, escrito numa cultura que culpava a mulher pelo sexo do filho, o caminho seguro teria sido o silêncio ou a concordância. Em vez disso, ele **contradiisse frontalmente a crença dominante e atribuiu a questão ao pai** — e a ciência veio treze séculos depois confirmá-lo.

Em três trevas

Ele vos cria nos ventres de vossas mães, criação após criação, em três trevas.

Sura az-Zumar — versículo 6



Três véus em camadas: a parede do abdome, depois a parede do útero, depois as membranas fetais

Em palavras simples

A criança por nascer não está num único quarto escuro — está em **três quartos**, cada um dentro do outro: a parede do abdome da mãe, depois a parede do útero, depois o saco de líquido que a envolve.

No que se acreditava então?

Não havia dissecação de grávidas nem conhecimento da estrutura do útero. A suposição óbvia era que a criança estava numa **única treva**: dentro de sua mãe. Contar três trevas determinadas é uma afirmação precisa que exige conhecer as camadas uma a uma.

O que diz a ciência hoje?

O feto é envolvido por três véus sucessivos: **a parede abdominal anterior**, depois **a parede do útero** com suas três camadas musculares, depois **as membranas fetais** (âmnio e cório) com o líquido entre elas. Cada uma bloqueia a luz por si só, e estão ordenadas de fora para dentro exatamente como se afirma.

Por que este é um milagre decisivo?

O número é o que decide a questão. O Alcorão não disse «em treva», nem «em trevas» de modo vago, mas especificou: **três**. Uma afirmação numérica pode ser desmentida no ato, se estiver errada. E veio unida a outra expressão de extrema precisão: «criação após criação» — etapas sucessivas, cada uma produzida depois da anterior. Assim, um único versículo descreve tanto **o lugar com suas camadas** quanto **o tempo com suas etapas**.

O pedaço mastigado — marcado por dentes

Depois de um pedaço de carne, formado e não formado, para que vos tornemos claro.

Sura al-Hajj — versículo 5



O embrião na quarta semana: somitos salientes como marcas de dentes em algo mastigado

Em palavras simples

A palavra árabe *mudghah* significa **um bocado que você mastigou com os dentes**. Nesta fase o embrião é uma pequena massa coberta de saliências e sulcos, como as marcas que os dentes deixam num pedaço de goma.

No que se acreditava então?

Nada se sabia desta fase. Qualquer tentativa de imaginá-la teria descrito o embrião ou como sangue, ou como uma figura humana minúscula. Descrivê-lo como **algo mastigado que traz marcas de dentes** é uma descrição estranha que não ocorreria a ninguém que não o tivesse visto.

O que diz a ciência hoje?

Na quarta semana aparece ao longo do dorso do embrião uma série de blocos chamados **somitos**, separados por sulcos profundos, de modo que o embrião parece um pedaço mastigado. O embriologista Keith Moore fotografou um pedaço de goma mastigado ao lado de um embrião nesta fase, e a semelhança era impressionante. Alguns desses blocos se diferenciam em órgãos; outros desaparecem.

Por que este é um milagre decisivo?

O decisivo está na **escolha da palavra**. Naquela época quem descrevia tinha dois caminhos e não um terceiro: dizer que é **sangue**, ou dizer que é **um ser humano pequeno e completo** — e essas são as duas posições que dominaram o mundo. E veio com uma terceira que não ocorre a ninguém: **um bocado mastigado com a marca dos dentes**. Não é uma descrição dita por floreio, porque não se parece com nada do que imaginavam — e ninguém acerta com ela senão quem a viu.

Nem é uma palavra solta que se sustente sozinha: é **um elo numa ordem** — *nutfah*, depois *alaqah*, depois *mudghah*. Três palavras árabes comuns, cada uma descrevendo o que o microscópio vê em sua própria fase, e na ordem em que isso de fato acontece.

E pare num limite: costuma-se dizer que «formada e não formada» significa a diferenciação das células e a morte programada de algumas. **Nada construímos sobre isso aqui:** o que se transmite de Ibn Abbas, Mujahid, ash-Sha'bi e Ibn Mas'ud é que a *formada* é a **completa em sua criação** e a *não formada* é o **aborto espontâneo**; e o contexto do versículo o apoia, pois o que segue é: **«e depositamos nos ventres o que queremos»**. A prova sustenta-se sobre *mudghah* sozinha — e nada lhe custa pôr de lado o que não se sustenta. É isso mesmo que a faz uma prova.

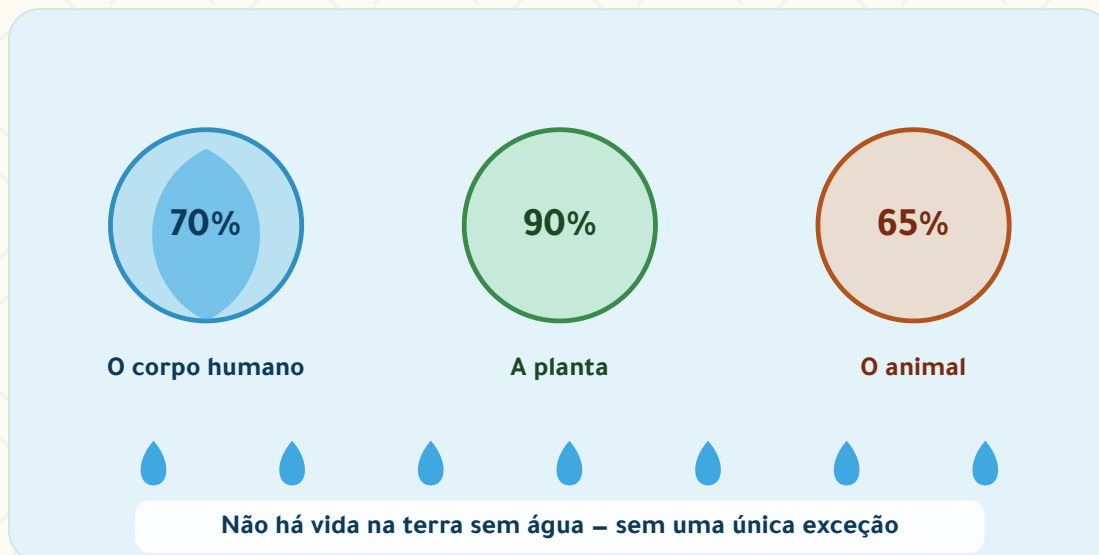


A origem da vida

Toda coisa viva — feita de água

E fizemos da água toda coisa viva. Não crerão, então?

Sura al-Anbiya — versículo 30



Toda criatura viva conhecida até hoje precisa de água e não existe sem ela

🔍 Em palavras simples

Toda coisa viva — um ser humano, um animal, uma planta, até o menor micróbio — é **feita de água**, e não pode viver sem ela. Seu próprio corpo é cerca de setenta por cento água.

⌚ No que se acreditava então?

Num deserto estéril, onde a água era escassa e a maior parte do chão era areia e pedra, a última coisa que alguém suporia é que a água é a origem de **toda** coisa viva. Os filósofos discutiam sobre a origem das coisas — fogo, ar, terra, água — e nenhum tinha prova que resolvesse a questão.

🔬 O que diz a ciência hoje?

A célula viva — a unidade de toda vida — é cerca de 70% água em massa, e toda reação bioquímica acontece dentro dela. Não se conhece até hoje um único organismo vivo que dispense a água. É por isso que a primeira coisa que as agências espaciais procuram ao buscar vida em outro mundo é **água** — seu lema declarado: «Siga a água.»

✨ Por que este é um milagre decisivo?

O milagre está na palavra «**toda**». O versículo não disse que a água é uma causa da vida, nem que a maioria dos seres vivos vem da água — fez da água a origem de toda coisa viva, sem exceção. Isso é **uma regra universal e, portanto, falsificável**: uma única criatura viva que não precisasse de água a derrubaria. A ciência procurou por catorze séculos em todos os ambientes da terra — no gelo, nas fontes vulcânicas, no oceano profundo, dentro de reatores nucleares — e não achou uma exceção.

O fogo guardado dentro da árvore verde

Ele, que fez para vós fogo da árvore verde, e eis que dela acendeis.

Sura Ya-Sin — versículo 80



A árvore guarda dentro de si a luz do sol, e o fogo a liberta de novo

🔍 Em palavras simples

O fogo que arde na lenha não é novo — é **a própria luz do sol**, guardada pela árvore enquanto ela estava verde e viva. Quando você acende a madeira, está libertando um sol antigo e aprisionado.

⌘ No que se acreditava então?

Verde e úmido é o oposto de fogo em qualquer cabeça: um galho verde não queima, um seco sim. Atribuir o fogo «à **árvore verde**» em particular parecia contradizer a observação diária.

🔬 O que diz a ciência hoje?

Fotossíntese: a folha verde captura fótons da luz solar e os converte em energia química guardada nas ligações das moléculas de açúcar e celulose. A combustão é exatamente o processo inverso: rompe essas ligações e libera a energia como luz e calor. Todo combustível que usamos — madeira, carvão, petróleo, gás — é energia solar guardada por uma planta verde.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

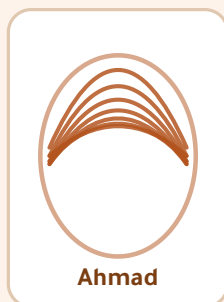
A especificação é o que faz disso um milagre. O versículo não disse «fogo da árvore», mas «da árvore **verde**» — e o verdor é precisamente o estado de fotossíntese e de armazenamento. O fogo é atribuído à etapa em que a energia é **guardada**, não à etapa em que é queimada. A madeira seca só queima pelo que juntou enquanto estava verde. É uma ligação causal inteiramente correta entre um estado e um resultado, e só se compreendeu depois da descoberta da clorofila, em 1817.



As impressões digitais — sua única identidade

Pensa o homem que não reuniremos seus ossos? Sim, por certo — somos capazes de recompor suas pontas dos dedos.

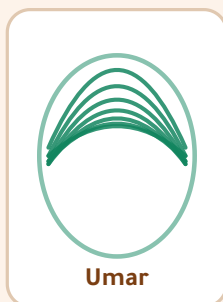
Sura al-Qiyamah — versículos 3-4



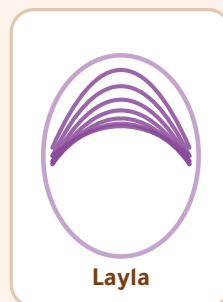
Ahmad



Sara



Umar



Layla

Duas impressões digitais nunca coincidem — nem mesmo as de um gêmeo idêntico

Oito bilhões de pessoas... oito bilhões de impressões digitais diferentes



Em palavras simples

As pontas dos seus dedos trazem linhas finas. Essas linhas **nunca se repetem em outro ser humano** — nem mesmo num gêmeo idêntico que se pareça com você em tudo o mais.



No que se acreditava então?

As pontas dos dedos eram um pedaço comum de pele; ninguém olhava para elas nem as julgava distintivas. A ninguém ocorreu que guardassem aquilo que distingue uma pessoa de outra. As impressões digitais só foram usadas oficialmente para identificação em 1892, na Argentina.



O que diz a ciência hoje?

As cristas das pontas dos dedos se formam na décima semana de gravidez, moldadas por uma interação complexa entre os genes e as pressões do líquido amniótico dentro do útero, e emergem **absolutamente únicas**. São fixas por toda a vida — não mudam e não podem ser apagadas, e voltam como eram mesmo se a pele superficial for queimada. Os sistemas de identidade do mundo inteiro se apoiam nelas.



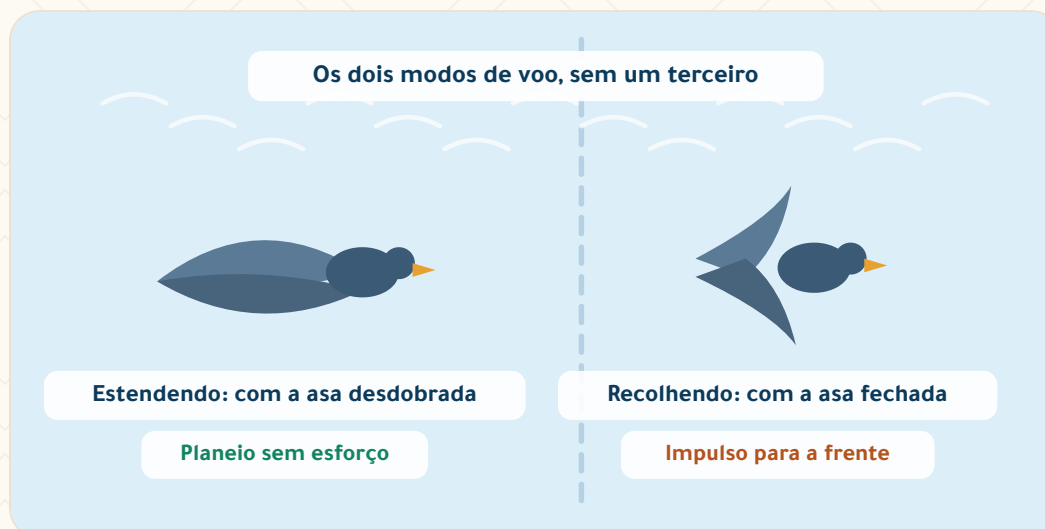
Por que este é um milagre decisivo?

O contexto é a chave. O versículo fala da ressurreição dos mortos e da reunião dos ossos. Quando vem a resposta a quem julga isso impossível, esperar-se-ia: sim, somos capazes de reunir seus ossos. Mas a resposta veio com algo muito mais preciso: «Sim, por certo — somos capazes de recompor suas **pontas dos dedos**.» Destacar **as pontas dos dedos** dentre todas as partes do corpo, justamente onde a questão é o poder de restaurar uma coisa **exatamente como era**, é apontar para a sede da unicidade e da identidade. E isso ficou desconhecido por mais doze séculos.

Estendendo as asas, e recolhendo-as

Não veem as aves acima deles, estendendo as asas e recolhendo-as? Ninguém as sustenta senão o Misericordiosíssimo.

Sura al-Mulk — versículo 19



Planar com a asa estendida e bater com a asa recolhida: todo voo na terra é um dos dois

♀ Em palavras simples

As aves voam de apenas dois modos: ou **estendem as asas** e planam pelo ar sem movê-las, ou as **recolhem** e batem para se impulsionar adiante. O Alcorão nomeou os dois e não acrescentou nada.

⌘ No que se acreditava então?

O voo era um espetáculo para se olhar, não para se analisar. Ninguém distinguia os dois modos de voo, nem sabia qual produzia sustentação e qual produzia impulso. Por séculos os humanos tentaram voar imitando o bater das asas, e fracassaram.

⚙ O que diz a ciência hoje?

A aerodinâmica divide o voo das aves em dois modos, e não há um terceiro: **planar e elevar-se** com a asa fixa e estendida, aproveitando as correntes ascendentes, e **o voo batido**, recolhendo e estendendo a asa para gerar impulso. Todo avião já construído se apoia no primeiro princípio — a asa fixa e estendida. O homem só conseguiu voar quando abandonou a imitação do bater e adotou a extensão.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

Restringir o voo a dois modos é a primeira precisão. A segunda está na **gramática**: «estendendo» vem como particípio ativo, indicando um estado firme e contínuo, ao passo que «recolhem-nas» vem como verbo no presente, indicando repetição e interrupção. É exatamente a diferença física: estender é uma condição sustentada, recolher é um movimento repetido. E a terceira precisão: «estendendo» vem antes de «recolhem-nas» — porque a asa estendida é a base que gera sustentação, e o bater é um acréscimo a ela.

Virar os adormecidos — e prevenir as escaras

E os julgarias acordados, enquanto dormiam. E os virávamos para a direita e para a esquerda.

Sura al-Kahf — versículo 18



O protocolo de cuidado à beira do leito de todo hospital do mundo hoje

Em palavras simples

Os companheiros da caverna dormiram por muitíssimo tempo, e Deus **continuava a virá-los à direita e à esquerda**. A medicina de hoje diz: um paciente que fica imóvel **desenvolve úlceras e a carne apodrece** — e o único remédio é virá-lo.

No que se acreditava então?

O sono era puro descanso aos olhos das pessoas, inofensivo por mais que durasse. Não se sabia que **manter o corpo numa só posição** destrói o tecido. Assim, mencionar o virar numa história de sono longo parecia um detalhe sem finalidade.

O que diz a ciência hoje?

Escaras (úlceras de pressão): surgem quando o peso do corpo comprime um único ponto, cortando-lhe o suprimento de sangue, de modo que as células morrem e a pele ulcera, depois o músculo, depois o osso. O dano começa em **duas horas** de imobilidade completa. É uma das complicações mais perigosas do repouso prolongado no leito e pode matar. A prevenção aceita em todo protocolo de enfermagem do mundo: **virar o paciente a cada duas horas, à direita e à esquerda**.

Por que este é um milagre decisivo?

Note que o versículo não menciona o virar à toa, nem como ornamento numa história. Ele vem no curso de explicar **como os corpos deles foram preservados** ao longo daquele período — o que exige saber que um corpo imóvel se deteriora, e que **virá-lo é o remédio**. A formulação é ainda mais precisa: «para a direita e para a esquerda» — que é exatamente a posição de decúbito lateral que a medicina recomenda (a inclinação de 30 graus), porque tira a pressão do sacro e dos calcanhares, os pontos mais perigosos de todos. E ainda um detalhe no mesmo versículo: «**e o cão deles com as patas dianteiras estendidas à entrada**» — estender as patas dianteiras é postura de descanso, não de guarda, e é o que um cão faz quando o tempo deitado se prolonga.



O ferro

O ferro — foi feito descer, não foi feito aqui

E fizemos descer o ferro, no qual há grande força e benefícios para as pessoas.

Sura al-Hadid — versículo 25



Cada átomo de ferro na terra — e no seu sangue — nasceu dentro de uma estrela

🔍 Em palavras simples

Todo o ferro da terra, até o ferro do seu sangue, não foi feito aqui. Veio da **explosão de estrelas gigantes no espaço**, e depois caiu sobre a terra. E o Alcorão não disse «criamos o ferro»; disse: «**fizemos descer**».

🕒 No que se acreditava então?

Os metais, como as pessoas viam, eram cavados do chão: pertenciam à terra e eram de sua espécie. Não havia concepção alguma de um metal específico **chegando de fora do planeta**.

🔬 O que diz a ciência hoje?

A fusão nuclear dentro das estrelas produz os elementos até o ferro — e então para, porque formar ferro **consome energia em vez de liberá-la**. Assim, nenhuma estrela comum pode fabricar algo mais pesado. Só as explosões de supernova lançam ferro ao espaço. Nosso planeta e todo o seu ferro se juntaram a partir desse pó estelar.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

O Alcorão usou o verbo «fazer descer» especificamente com o ferro, numa passagem que fala do envio de mensageiros e da revelação de livros — isto é, no contexto do que vem **de cima**. E essa é a realidade física, literalmente. Acrescente-se que o número atômico do ferro é 26 e seu número de massa 56, que a Sura al-Hadid é o capítulo 57 do Alcorão, e que este é o versículo 25 na contagem padrão. Mas a prova mais forte continua sendo uma única palavra: «fizemos descer».



Dois anos completos de amamentação

As mães amamentarão seus filhos por dois anos completos, para quem quiser completar a amamentação.

Sura al-Baqarah — versículo 233

O Alcorão — há 1.400 anos

24 meses

«dois anos completos»

para quem quiser completá-la

Organização Mundial da Saúde

24 meses

«dois anos ou mais»

Uma recomendação adotada mundialmente

O mesmo número... com catorze séculos de diferença

A recomendação da Organização Mundial da Saúde coincide com o versículo na duração e no princípio

🔍 Em palavras simples

O Alcorão fixou o período completo de amamentação em **dois anos completos**. A Organização Mundial da Saúde recomenda hoje exatamente o mesmo prazo.

🕒 No que se acreditava então?

A duração da amamentação variava enormemente entre os povos, conforme o costume e as circunstâncias — de alguns meses a muitos anos, sem base científica alguma. Não havia meio algum de conhecer a duração ideal para o crescimento e a imunidade da criança.

🔬 O que diz a ciência hoje?

A OMS e o UNICEF recomendam **amamentação exclusiva por seis meses**, e depois continuar junto com alimentos complementares **até os dois anos ou além**. Demonstrou-se que o leite materno carrega anticorpos que constroem a imunidade da criança, reduz a mortalidade infantil, as infecções e o diabetes, e se associa a melhor desenvolvimento cognitivo.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

A precisão não está apenas no número, mas na **qualificação a ele ligada**: «para quem quiser completar a amamentação». O versículo não impôs dois anos como obrigação rígida; fez deles o **teto recomendado da conclusão** — que é a formulação exata da recomendação médica moderna («dois anos ou mais», e não «dois anos obrigatórios»). Depois acrescentou mais flexibilidade: o desmame antecipado é permitido pelo consentimento e pela consulta mútua dos pais, e é permitida a amamentação por outra mulher. Concorde com a medicina no número e no espírito da recomendação ao mesmo tempo.

Sacode para ti o tronco da tamareira

E sacode para ti o tronco da tamareira; ela deixará cair sobre ti tâmaras maduras e frescas. Come, bebe e consola-te.

Sura Maryam — versículos 25-26



As tâmaras são hoje recomendadas às grávidas nas últimas semanas e após o parto

Em palavras simples

Uma mulher dá à luz sozinha sob uma tamareira, e lhe é dito: **coma as tâmaras frescas**. A medicina de hoje diz que as tâmaras estão entre as melhores coisas que uma mulher pode comer no parto e depois dele.

No que se acreditava então?

As tâmaras frescas eram um alimento familiar e muito querido, mas não se lhes conhecia nenhum efeito médico específico no parto. O conselho usual para uma mulher depois do parto era repouso, calor e caldo. Destacar um fruto em particular naquele momento exato é uma especificação notável.

O que diz a ciência hoje?

Estudos clínicos publicados em revistas avaliadas por pares mostraram que comer tâmaras nas últimas semanas da gravidez **encurta o trabalho de parto e reduz a necessidade de indução**. As tâmaras são ricas em frutose e glicose de rápida absorção — exatamente o que uma mãe precisa depois de gastar suas forças — e em potássio, ferro e magnésio, e contêm compostos que agem como a **ocitocina**, ajudando o útero a contrair-se e reduzindo o sangramento.

Por que este é um milagre decisivo?

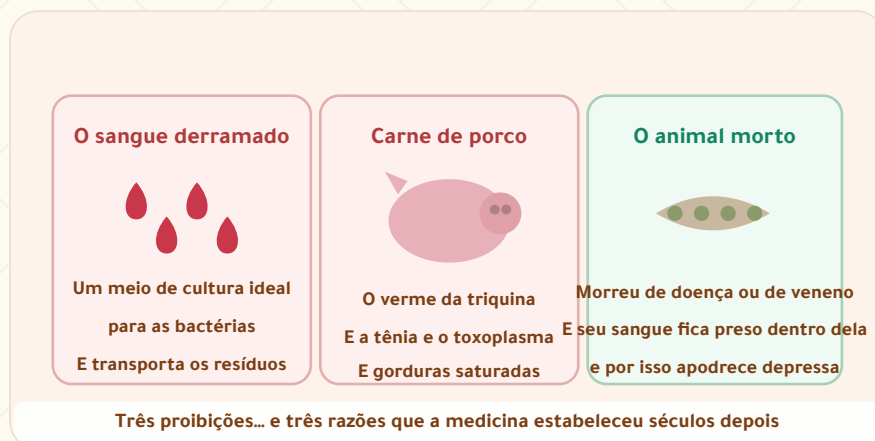
Note três coisas aqui. Primeiro, o fruto é especificado — tâmaras em particular e nada mais, o alimento mais adequado possível para essa condição. Segundo, o estado é especificado — «**tâmaras maduras e frescas**», macias e frescas em vez de secas, que se absorvem mais rápido e são mais fáceis de digerir. Terceiro, e o mais notável: a ordem de **sacudir o tronco** — a uma mulher em seu momento de maior fraqueza ordena-se mover-se e esforçar-se. A medicina moderna recomenda o movimento durante o trabalho de parto precisamente porque acelera o parto. Alimento, movimento e coração apaziguado («consola-te») — um protocolo completo.



Por que se proibiram o sangue derramado e a carne de porco

Dize: não encontro no que me foi revelado nada proibido a quem queira comer, a menos que seja animal morto, ou sangue derramado, ou carne de porco — pois é impura.

Sura al-An'am — versículo 145



A proibição precedeu em catorze séculos o conhecimento de sua razão

Em palavras simples

O Alcorão proibiu três alimentos: o sangue que escorre, a carne de porco e o animal que morreu por si. A ciência mostra hoje que cada um deles é **um portador conhecido de doenças**.

No que se acreditava então?

A comida era escolhida por costume, gosto e disponibilidade. Não havia conhecimento de parasitas, de bactérias, nem de doenças que passam de animais a humanos. A carne de porco era comida na maioria das civilizações da terra sem reservas.

O que diz a ciência hoje?

O sangue é o meio ideal para o crescimento bacteriano, e carrega resíduos do metabolismo, hormônios e toxinas a caminho dos rins. **A carne de porco** é portadora principal do verme triquina, que se encista no músculo e sobrevive a um cozimento leve; da tênia suína, cujas larvas podem alcançar o cérebro; e do toxoplasma — além de sua alta gordura saturada. **O animal morto** pode ter morrido de doença ou veneno, e seu sangue fica preso nos tecidos, de modo que se decompõe depressa.

Por que este é um milagre decisivo?

A qualificação precisa é «**derramado**». A proibição não recaiu sobre todo o sangue, mas sobre o sangue que escorre no abate. O que permanece entremeado no tecido — a mioglobina — está isento, e de todo modo não há como removê-lo. A proibição é **calibrada com uma precisão científica que nem fica aquém nem vai longe demais**. O mesmo vale para o método de abate: exige cortar os vasos do pescoço para que todo o sangue escorra — que é exatamente o que as normas de segurança da carne recomendam hoje para reduzir a carga bacteriana. Um corpo completo de preceitos coerente com uma ciência ainda não nascida.

A formiga que falou e avisou

*Até que, ao chegarem ao vale das formigas, uma formiga disse: ó formigas,
❖ entrai em vossas moradas, para que Salomão e seus soldados não vos esmaguem. ❖*

Sura an-Naml — versículo 18



Uma formiga avisa sua colônia, e a colônia inteira se recolhe às galerias

🔍 Em palavras simples

Uma pequena formiga viu um exército chegando e avisou as outras formigas para entrarem em suas casas. E a ciência diz: as formigas de fato **emitem sinais de alarme**, e a colônia inteira responde de imediato.

⌘ No que se acreditava então?

Na concepção antiga, o animal era uma criatura muda, sem língua e sem organização. Que uma única formiga produzisse uma frase contendo **um chamado, uma ordem, um aviso, uma razão e uma desculpa para o agressor** («enquanto não percebem») parecia, a quem ouvia, um conto simbólico e não um relato factual.

🔬 O que diz a ciência hoje?

As formigas estão entre as criaturas sociais mais organizadas da terra, e se comunicam de três modos comprovados: **feromônios químicos** — cada mensagem tem sua substância própria, inclusive o feromônio de alarme, que se espalha de modo que a colônia responde em segundos; **batidas e vibração**; e **som** — descobriu-se que as formigas possuem um órgão estridulatório que produz sons de significado determinado, já gravados e analisados em laboratório.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

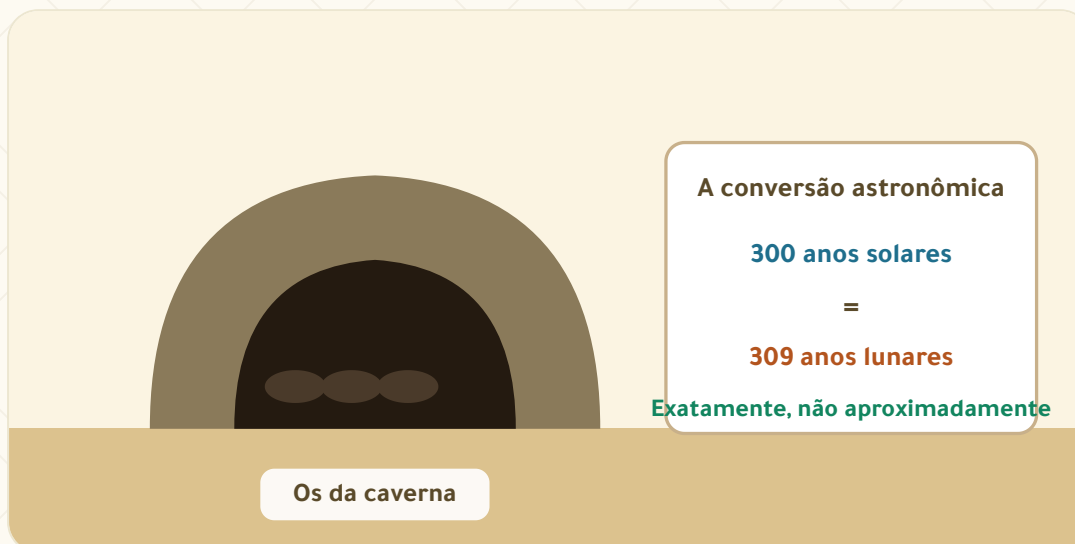
Os pequenos detalhes são a prova. Primeiro: o verbo **«disse»** vem no feminino — e as formigas operárias que saem, guardam e avisam são **todas fêmeas**, ao passo que os machos não têm função além do acasalamento e depois morrem. Segundo: a ordem de entrar em **«vossas moradas»** — e um formigueiro é uma morada de verdade, dividida em câmaras, túneis e depósitos. Terceiro: «para que não vos esmaguem» — o verbo árabe significa quebrar, e o corpo de uma formiga é um exoesqueleto duro que **se quebra em vez de esmagar-se**. Três precisões num único versículo.



Trezentos anos, e mais nove

E permaneceram em sua caverna trezentos anos, e excederam em nove.

Sura al-Kahf — versículo 25



A diferença entre os dois calendários é exatamente nove anos ao longo de três séculos

Em palavras simples

O Alcorão disse que permaneceram **trezentos anos**, e depois acrescentou: «**e excederam em nove**». A razão é bela: trezentos anos solares equivalem exatamente a trezentos e nove anos lunares.

No que se acreditava então?

As pessoas usavam um único calendário em cada região e não convertiam entre calendários. Acrescentar «nove» depois de um número redondo parecia um acréscimo estranho e sem sentido — alguns leitores chegaram a tomá-lo por hesitação quanto à cifra.

O que diz a ciência hoje?

O ano solar tem 365,2422 dias e o ano lunar 354,367 dias. Assim, trezentos anos solares = 109.572,6 dias. Dividido pela duração de um ano lunar, isso dá **309,2** anos lunares. A diferença é precisamente nove anos. Os companheiros da caverna viviam num ambiente romano que usava o calendário solar, enquanto o Alcorão se dirige a um povo que usava o lunar — de modo que deu a cifra nos dois calendários de uma vez.

Por que este é um milagre decisivo?

Se o número fosse arbitrário, teria dito «trezentos anos» e parado, ou «trezentos e tantos». Mas o acréscimo veio **especificado como exatamente nove** — que é precisamente o resultado da conversão astronômica. E note a formulação: «trezentos anos **e excederam em nove**» — o verbo indica que os nove não são um período a mais que passaram ali, mas **um acréscimo na contagem, não no tempo**: o intervalo é um só e o número muda com o calendário. Esta é a única leitura que se sustenta aritmética e linguisticamente ao mesmo tempo.



Thamud, que esculpiram casas nas montanhas

E esculpis nas montanhas casas, com perícia. ... E esculpiam nas montanhas casas, sentindo-se seguros.

Sura ash-Shu'ara 149 — e Sura al-Hijr 82



Fachadas imensas talhadas do alto da rocha para baixo — sem permitir um único erro

Em palavras simples

O Alcorão disse que o povo de Thamud **esculpiu suas casas dentro das montanhas** — não construídas de pedra, mas escavadas na própria montanha até virarem moradia. Essas casas continuam de pé hoje e os visitantes as veem.

No que se acreditava então?

A construção conhecida na Arábia era de barro, pedra e folhas de palmeira. A ideia de uma civilização inteira esculpindo suas moradas no corpo das montanhas era estranha a quem ouvia. E o Alcorão nomeou um povo específico, não mencionado nem na Torá nem nos livros gregos, e lhe atribuiu uma técnica construtiva específica.

O que diz a ciência hoje?

Mada'in Salih (al-Hijr), em al-Ula, no norte da Arábia Saudita: mais de 130 fachadas talhadas em arenito, algumas com mais de vinte metros de altura, com colunas, capitéis, cornijas e inscrições tamúdicas e nabateias. Em 2008 tornou-se o primeiro sítio saudita inscrito na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. O lugar é nomeado no Alcorão: «E, certamente, **os companheiros de al-Hijr** desmentiram os mensageiros.»

Por que este é um milagre decisivo?

O verbo usado é o que decide: **«esculpem»**, não «constroem». Esculpir, em árabe, é retirar material de uma massa sólida — o exato oposto de construir. Depois a especificação: **«nas montanhas»** — a própria montanha é o material da casa. Esta é a descrição precisa de uma técnica que não se parecia com nada ao redor dos ouvintes. E acrescentou um detalhe psicológico cheio de sentido: **«sentindo-se seguros»** — essas casas não desabam, não queimam e não podem ser demolidas por um inimigo, pois são a própria rocha. O que aguça o ponto do versículo: a maior segurança de engenharia de nada lhes valeu.

Os companheiros da vala, que cavaram um fogo

Malditos foram os companheiros da vala — o fogo cheio de combustível — quando estavam sentados ao lado dele, e eram testemunhas do que faziam contra os crentes.

Sura al-Buruj — versículos 4-7



Um massacre histórico documentado em inscrições iemenitas e em cartas siríacas contemporâneas

Em palavras simples

O Alcorão mencionou um povo que cavou **uma vala comprida**, acendeu nela um fogo, lançou ali os crentes e sentou-se a assistir. Este é um acontecimento histórico real registrado em inscrições de pedra.

No que se acreditava então?

Este acontecimento não estava registrado nos livros dos árabes em nenhum detalhe confiável, e não havia em Meca fonte escrita alguma sobre ele. É uma história de outra nação, de um tempo anterior e de uma terra distante.

O que diz a ciência hoje?

A história confirma o massacre de **Najran**, por volta de 523 d.C., quando o rei himiarita **Dhu Nuwas** perseguiu os cristãos de Najran e queimou os que se recusaram a renunciar à sua fé. O acontecimento está documentado na **inscrição de Husn Ghurab** e nas inscrições himiaritas de Bi'r Hima, na **carta siríaca de Simeão de Beth-Arsham**, contemporânea do fato, e em fontes bizantinas e etíopes. Inscrições achadas em al-Ula e Bi'r Hima registram a campanha e os números dos mortos.

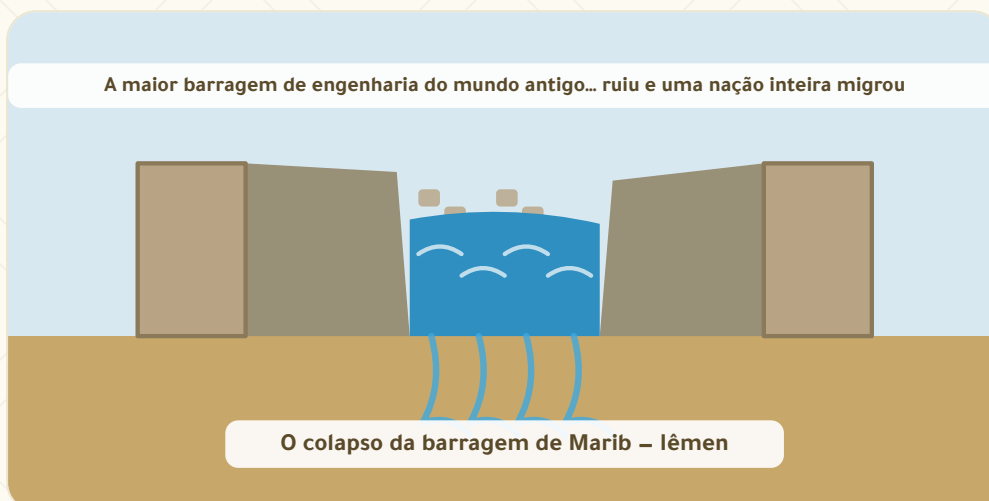
Por que este é um milagre decisivo?

É a precisão nos pequenos detalhes que decide. A palavra árabe «**ukhdud**» significa uma fenda longa e reta no chão — não um poço redondo. Isso corresponde à descrição de valas cavadas. «**Cheio de combustível**» indica que o fogo era abastecido com combustível renovado, e não um incêndio casual. «**Sentados ao lado dele**» e «**testemunhas**»: os perpetradores sentavam-se e assistiam — detalhe que coincide com a carta de Simeão, a qual registra que o rei assistia pessoalmente às execuções. E note que o Alcorão não nomeou nem o rei nem o povo — porque o propósito é a lição, não a crônica.

Sabá e o rompimento da represa

Mas se afastaram, e então enviamos sobre eles a inundação da represa, e trocamos seus dois jardins por dois jardins de frutos amargos e tamargueiras. ❖

Sura Saba — versículo 16



Os restos da colossal represa ainda estão de pé em Ma'rib até hoje

🔍 Em palavras simples

No Iêmen houve um reino rico chamado **Sabá**, que vivia de uma grande represa a regar seus jardins. A represa se rompeu, a enxurrada levou tudo, e os jardins viraram árvores amargas que não se podem comer.

🕒 No que se acreditava então?

Sabá vivia na memória árabe como um nome de poesia e provérbio — «dispersos como o povo de Sabá». Mas não havia restos escavados nem inscrições legíveis. Historiadores ocidentais duvidavam de que o reino tivesse existido e o tinham por meia lenda.

🔧 O que diz a ciência hoje?

A represa de Ma'rib é hoje um monumento de pé: construída por volta do século VIII a.C., com quase 600 metros de extensão, regava cerca de dez mil hectares. Seus rompimentos estão documentados em **inscrições sabeias musnad** achadas no local — entre elas a célebre inscrição de Abraha, que descreve o reparo da represa em 548 d.C. O rompimento final, por volta de 570-580 d.C., levou **à migração de tribos iemenitas inteiras** rumo ao norte — uma migração bem conhecida na genealogia e na história árabes.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

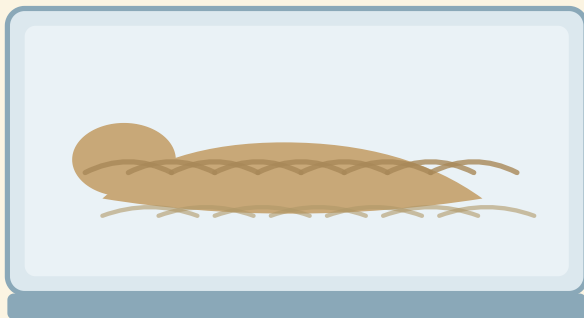
O versículo não parou no rompimento; descreveu o que a terra se tornou depois, com precisão botânica: «dois jardins de **frutos amargos, tamargueiras e umas poucas cidreiras**». O primeiro é o arbusto espinhoso e amargo, o segundo uma espécie de tamargueira, o terceiro a jujuba — e estas são exatamente **as plantas de um ambiente seco e salino** que tomam conta das terras de cultivo quando a irrigação cessa e o solo se saliniza. Depois disse «e **umas poucas cidreiras**» — uma diminuição no lugar exatamente certo, já que a cidreira é a mais útil das três e a mais escassa.

O corpo do Faraó — preservado como sinal

Hoje, pois, salvaremos o teu corpo, para que sejas um sinal para os que vierem depois de ti.

Sura Yunus — versículo 92

Um corpo com mais de três mil anos... ainda existente



O Museu do Cairo — a sala das múmias reais

O corpo do Faraó está hoje exposto atrás de um vidro, onde as pessoas o veem com os próprios olhos

Em palavras simples

Quando o Faraó se afogou no mar, Deus disse que preservaria **o seu corpo** para que os que viessem depois o vissem e se advertissem. Esse corpo existe hoje num museu visitado por gente do mundo inteiro.

No que se acreditava então?

Um homem que se afoga no mar perde o corpo: os peixes o comem, ou ele se decompõe, ou se perde na areia. Quando o versículo foi revelado, nenhum árabe sabia coisa alguma sobre mumificação real ou sobre os túmulos dos faraós. Aliás, a própria língua hieroglífica estava inteiramente esquecida, e só foi decifrada em 1822.

O que diz a ciência hoje?

O esconderijo das múmias reais foi descoberto em Deir el-Bahari em 1881, e depois o túmulo de Amenhotep II em 1898, trazendo à luz os corpos dos faraós do Império Novo. O corpo de **Merneptah** — o candidato mais conhecido a Faraó do Êxodo — está preservado no museu do Cairo. O exame por raios X revelou achados compatíveis com morte violenta e lesões no crânio e no pescoço, e os examinadores notaram depósitos de sal sobre a pele.

Por que este é um milagre decisivo?

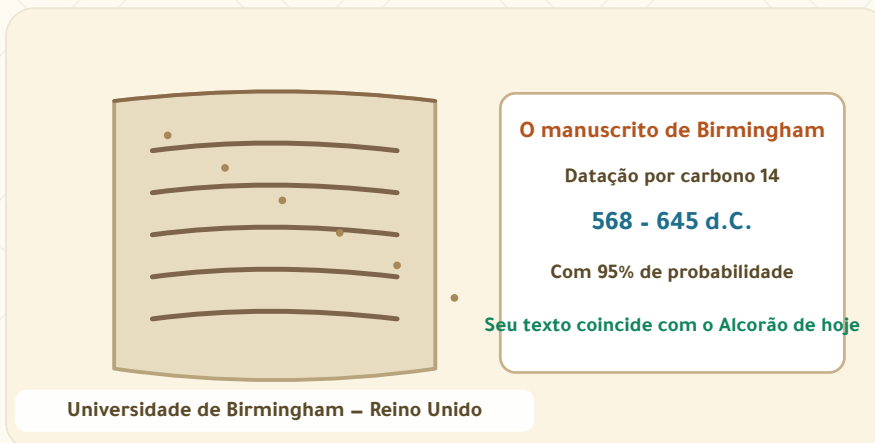
O versículo não disse apenas «salvaremos a ti»; especificou: «**o teu corpo**» — só o corpo, sem a alma. É uma distinção precisa entre salvar uma pessoa e conservar seu cadáver. Depois deu a razão: «**para que sejas um sinal para os que vierem depois de ti**» — a própria conservação do corpo é o propósito; ele é preparado para ser visto. E isto foi revelado num deserto cujo povo nada sabia de múmias nem de túmulos, mil e duzentos anos antes de esses túmulos serem abertos e seus ocupantes expostos em salas de vidro.



Manuscritos confirmados pela datação por carbono

Em verdade, fomos Nós que fizemos descer a Lembrança, e em verdade seremos o seu guardião.

Sura al-Hijr — versículo 9



Pergaminho do tempo do Profeta ou logo depois — e seu texto é o texto de hoje

Em palavras simples

O Alcorão prometeu que permaneceria preservado e inalterado. Hoje temos **manuscritos datados por radiocarbono** que remontam aproximadamente ao tempo do Profeta ﷺ — e seu texto é o texto do exemplar em suas mãos, letra por letra.

No que se acreditava então?

Todos os livros antigos estão sujeitos a acréscimo, perda e alteração pela cópia e pela tradução. Esse é o destino natural de qualquer texto transmitido à mão ao longo de séculos. Assim, uma alegação de preservação perfeita era **uma alegação falsificável por qualquer manuscrito divergente**.

O que diz a ciência hoje?

O manuscrito de Birmingham: pergaminho testado por carbono-14 na Universidade de Oxford em 2015 e datado entre **568 e 645 d.C.**, com 95% de probabilidade. Depois o texto inferior de Saná, o manuscrito de Tübingen, o códice de Samarcanda e os grandes códices de Istambul e do Cairo. Pesquisadores — muçulmanos e não muçulmanos — compararam esses manuscritos com o Alcorão em circulação hoje, e a coincidência do texto foi quase total, afora diferenças ortográficas na forma das letras que não mudam nem a pronúncia nem o sentido.

Por que este é um milagre decisivo?

A preservação não se apoiou apenas nos manuscritos, mas num **sistema duplo, único na história humana**: escrita meticulosa e **memorização no peito, transmitida por narração massiva**. Em cada geração, centenas de milhares de pessoas em terras distantes, sem autoridade única, guardam o texto inteiro de cor — de modo que é praticamente impossível que se ponham de acordo para alterar uma letra. E o próprio texto **declarou essa garantia em seu momento mais fraco** — uma comunidade perseguida em Meca. Que um texto se mantenha catorze séculos sem dois exemplares divergentes não tem paralelo em nenhum outro livro da terra.



Uma profecia cumprida

Certamente entrareis na Mesquita Sagrada em segurança

Certamente Deus mostrou a Seu Mensageiro a visão com verdade: entrareis na Mesquita Sagrada, se Deus quiser, em segurança, com as cabeças raspadas e os cabelos aparados, sem temor.

Sura al-Fath — versículo 27

Revelado enquanto os muçulmanos eram impedidos de entrar na Casa



A conquista de Meca — ano oitavo da Hégira

Uma promessa de entrada segura... feita no momento mais agudo da exclusão

Em palavras simples

Os muçulmanos foram impedidos de entrar em Meca e voltaram pelo caminho de ânimo abatido. Então desceu um versículo prometendo-lhes que **entrariam na Casa em segurança**. Dois anos depois entraram em Meca como vitoriosos, sem medo e sem combate.

No que se acreditava então?

No ano 6 da hégira, em Hudybiyyah, os muçulmanos foram impedidos de chegar à Casa e fizeram as pazes com os coraixitas em termos que muitos deles viram como injustos — a tal ponto que Umar disse: «Por que haveríamos de aceitar esta humilhação em nossa religião?» Meca estava no auge de seu poder, e os muçulmanos eram menos em número e em equipamento. Nada no horizonte sugeria que uma conquista estivesse próxima.

O que diz a ciência hoje?

No ano 8 da hégira (630 d.C.) o Profeta ﷺ entrou em Meca à frente de dez mil homens, **sem batalha digna desse nome**, e declarou anistia geral: «Ide, pois estais livres.» Os muçulmanos circundaram a Casa em segurança, e rasparam e apararam os cabelos. Este é um dos acontecimentos mais bem documentados da história islâmica, e todas as fontes concordam sobre ele.

Por que este é um milagre decisivo?

Os pequenos detalhes do versículo é que o elevam de esperança a profecia. Ele não disse apenas «conquistareis Meca», mas especificou **o modo da entrada**: «**em segurança**» — não como conquistadores depois de uma guerra selvagem; «**sem temor**» — ênfase na segurança completa; «**com as cabeças raspadas e os cabelos aparados**» — isto é, completariam os ritos inteiros em tranquilidade, o que só é possível com domínio total da cidade. Quatro detalhes numa única frase, e todos eles se cumpriram.



Um vale sem cultivo — hoje o lugar mais concorrido da terra

Senhor nosso, estabeleci parte de minha descendência num vale sem cultivo, junto à Tua Casa

❖ *sagrada... faze, pois, que corações entre as pessoas se inclinem para eles, e provê-lhes dos frutos.* ❖

Sura Ibrahim — versículo 37



Uma terra que nada produz... onde se encontram os frutos do mundo inteiro

🔍 Em palavras simples

Abraão, sobre ele a paz, suplicou ao deixar sua esposa e seu filho num vale **sem água e sem cultivo**, que Deus fizesse os corações das pessoas ansiarem por eles e lhes proveesse frutos. Esse vale é hoje **o lugar mais visitado da face da terra**.

🕒 No que se acreditava então?

O vale era deserto nu entre montanhas estéreis — sem rio, sem nascente, e naquele tempo sem rota comercial. Não havia nele nada que atraísse alguém. E a própria súplica é de redação estranha: ele não pediu cultivos nem água para a terra, mas duas coisas distintas: **corações que se inclinem** e **frutos que sejam providos**.

🌐 O que diz a ciência hoje?

Meca hoje: só na estação da peregrinação vêm mais de dois milhões de pessoas em poucos dias, e outros milhões fazem a peregrinação menor ao longo do ano. Para ela se voltam os rostos de mais de um bilhão e oitocentos milhões de pessoas **cinco vezes por dia**. Seu chão não mudou: continua sendo um vale sem cultivo. E, no entanto, em seus mercados se encontram os frutos de toda a terra, chegando de todos os continentes o ano inteiro. E o poço de Zamzam jorra há quatro mil anos no coração de um deserto.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

O milagre está **na própria estrutura da súplica**. O natural, para um homem que deixa a família num deserto, é suplicar que a terra se torne fértil ou que caia chuva. Mas ele suplicou que **os corações das pessoas se inclinassem para eles** — que o sustento viesse pelas pessoas, não pelo solo. E foi preciso: «**corações entre as pessoas**», não todas as pessoas — pois, se tivesse pedido por todas, o lugar jamais as comportaria. Depois disse «**se inclinem**» em vez de «venham» — e o verbo árabe significa cair na direção de algo por saudade e atração, não a chegada de quem é obrigado. É a descrição exata de uma pessoa vendo a Caaba pela primeira vez. Uma súplica formulada com tal precisão, cumprida ao pé da letra ao longo de quatro mil anos.

Os braceletes de Cosroes nos braços de Suraqah

Disse a Suraqah ibn Malik: Como será contigo quando vestires os dois braceletes de Cosroes?

Narrado por al-Bayhaqi, Ibn Abd al-Barr e outros



Um homem que saiu para matá-lo por cem camelos... recebeu a promessa do tesouro da Pérsia

🔍 Em palavras simples

Suraqah saiu perseguindo o Profeta ﷺ no dia da migração, na esperança da recompensa. O Profeta ﷺ lhe disse: **Como será contigo quando vestires os dois braceletes do rei da Pérsia?** Anos depois ele os vestiu de fato, no califado de Umar ibn al-Khattab.

⌚ No que se acreditava então?

O momento em que estas palavras foram ditas é **o momento mais desesperado de toda a biografia**: o Profeta ﷺ fugindo de sua própria cidade, perseguido, sem possuir nada além de sua montaria e seu companheiro, com cem camelos oferecidos por sua captura. A Pérsia era então um dos dois maiores impérios da terra, e seu rei rasgou a carta do Profeta com desprezo.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

No califado de Umar ibn al-Khattab o império sassânida caiu e Ctesifonte foi tomada, e os tesouros de Cosroes foram levados a Medina. Umar mandou chamar Suraqah ibn Malik e vestiu-o com **os braceletes de Cosroes, sua coroa e seu cinto**, e lhe disse: «Dize: louvado seja Deus, que os despojou de Cosroes filho de Hormuz e com eles vestiu Suraqah ibn Malik, um beduíno dos Banu Mudlij.» O relato é transmitido nos livros de hadith e de história por várias cadeias.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

Esta profecia reúne três coisas que não se juntam por adivinhação: **um indivíduo nomeado** (Suraqah), **um objeto específico** (os braceletes de Cosroes, não um despojo qualquer) e **um acontecimento político enorme** (a queda da Pérsia e a chegada de seu tesouro entre os árabes). E foi dito a um homem que naquele momento era **um inimigo em perseguição**, não um companheiro a quem se dá boa notícia. Se o objetivo fosse conquistá-lo, uma promessa bem menor teria servido melhor. Que um homem perseguido, que naquele dia nada possuía, promettesse a seu perseguidor os tesouros do maior império da terra — isto é a fala de quem tem certeza de uma fonte que não é humana.

Ele enrola a noite sobre o dia

Criou os céus e a terra com verdade. Enrola a noite sobre o dia e enrola o dia sobre a noite.

Sura az-Zumar — versículo 5



Noite e dia enrolam-se em torno do globo numa rotação que nunca cessa

Em palavras simples

O verbo árabe aqui vem da palavra para bola, e do enrolar de um turbante — isto é, **enrolar uma coisa em torno de algo redondo**. A noite se enrola em torno da terra como um turbante se enrola em torno de uma cabeça. E enrolar só acontece num corpo esférico.

No que se acreditava então?

A crença comum em toda parte era que a terra era uma superfície plana, e que a noite **substituí**a o dia e o fazia desaparecer. Mesmo os filósofos gregos que a tinham por redonda não ligavam isso a um movimento contínuo de enrolamento da linha entre noite e dia.

O que diz a ciência hoje?

A terra é uma esfera (levemente achatada nos polos), e o sol ilumina sempre metade dela. A rotação da terra faz **a linha divisória entre noite e dia** deslizar por sua superfície sem parar — isto é, a noite se enrola em torno do globo literalmente, e não desaparece, mas se desloca. Você pode vê-lo com seus próprios olhos em qualquer imagem de satélite ao vivo da terra.

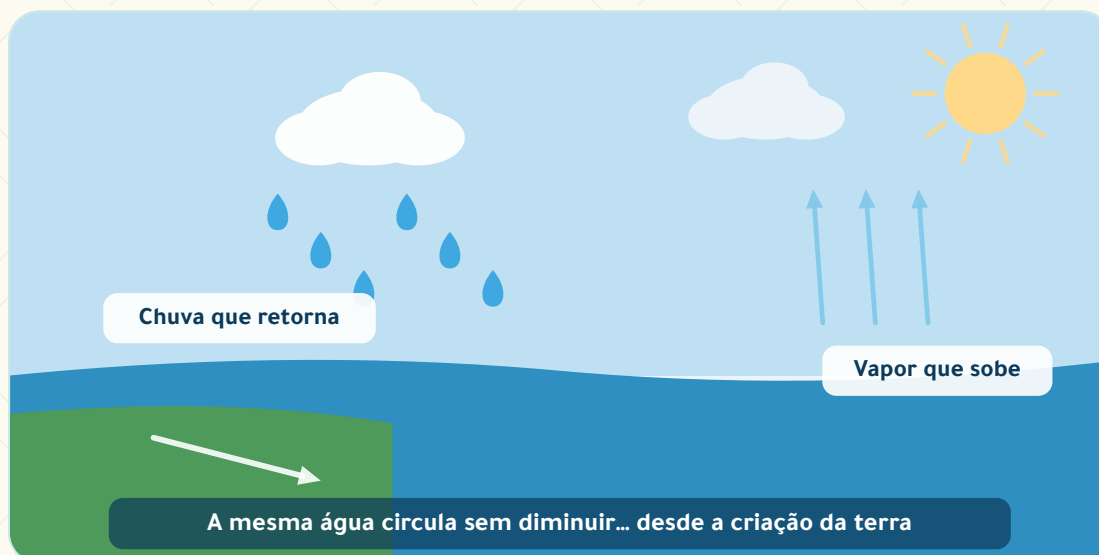
Por que este é um milagre decisivo?

Escolher um verbo da raiz de «bola» para descrever a sucessão de noite e dia não faz sentido numa superfície plana. Mais preciso ainda: o versículo torna o enrolamento **recíproco, nas duas direções** — «enrola a noite sobre o dia e enrola o dia sobre a noite» — e só quem visse uma rotação contínua num corpo esférico o descreveria assim. E em outro lugar: «e depois disso **estendeu a terra**» — o verbo árabe significa estender com arredondamento, e da mesma raiz vem a palavra para o ovo de avestruz.

O céu que devolve

Pelo céu que devolve.

Sura at-Tariq — versículo 11



A água sobe como vapor e volta como chuva — um ciclo fechado em que nada se perde

Em palavras simples

O céu toma a água do mar como vapor e depois a **devolve** a nós como chuva. Cada gota que você bebe hoje foi bebida por alguém antes de você, e será bebida por alguém depois. A água não acaba; ela volta.

No que se acreditava então?

A chuva era entendida como água **nova**, enviada por Deus de depósitos no céu, e não como água que retorna da própria terra. A ligação entre o vapor do mar e a chuva que cai não era conhecida; o ciclo da água só foi descrito por inteiro na Europa no século XVII.

O que diz a ciência hoje?

O ciclo da água: evaporação dos corpos d'água → condensação em nuvem → precipitação → escoamento → evaporação. A quantidade de água na terra é **constante há bilhões de anos**, circulando sem aumento nem diminuição. E a atmosfera devolve não só água, mas também calor e ondas de rádio.

Por que este é um milagre decisivo?

Uma única palavra — **«a devolução»** — carrega todo o sentido. Em árabe ela significa **uma coisa que volta para onde estava**, e não meramente que cai. Descrever o céu com esse atributo é afirmar que o que dele desce havia antes subido até ele. É um resumo completo do ciclo da água em duas palavras. E isso se confirma em outro lugar: «E fizemos descer do céu água **em medida certa**» — uma quantidade fixa e medida, que não muda.

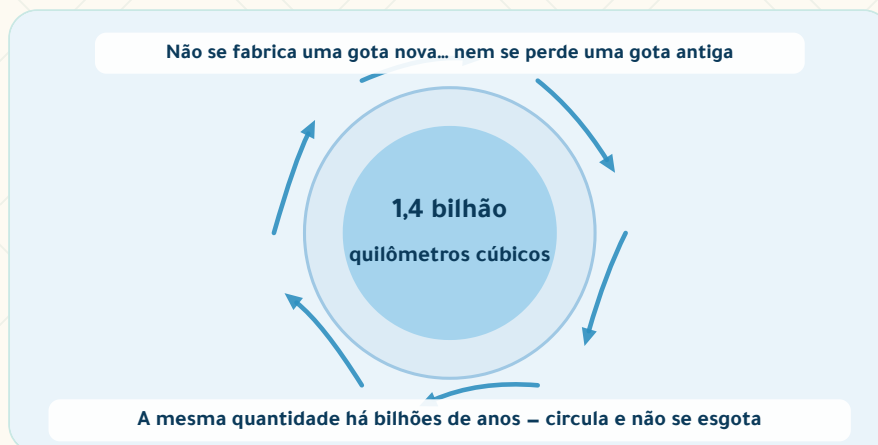


O ciclo da água

Água em medida certa — nunca mais, nunca menos

E fizemos descer do céu água em medida certa, e a assentamos na terra. E, em verdade, somos capazes de levá-la embora.

Sura al-Mu'minun — versículo 18



Um balanço hídrico fixo em todo o planeta

🔍 Em palavras simples

A quantidade de água na terra é **fixa: não aumenta nem diminui**. A água que um dinossauro bebeu é a mesma água que você bebe hoje. E a expressão «**em medida certa**» no versículo significa: numa quantidade calculada e exata.

⌘ No que se acreditava então?

A chuva era entendida como água nova, mandada descer de depósitos no céu sempre que as pessoas precisavam. A ideia de **uma quantidade fechada e constante em circulação** não existia em cultura alguma. A suposição óbvia é que a água do mar se perde pela evaporação e que a chuva é um acréscimo novo.

🔧 O que diz a ciência hoje?

O volume de água na terra é estimado em cerca de **1,4 bilhão de quilômetros cúbicos**, e tem sido aproximadamente constante por bilhões de anos. Ela evapora, condensa, cai, escoar e volta — num ciclo fechado que nada acrescenta nem retira. A atmosfera e o campo magnético juntos impedem que o vapor de água escape para o espaço — que é exatamente o que não aconteceu em Marte, cuja água evaporou e se perdeu, deixando um deserto morto.

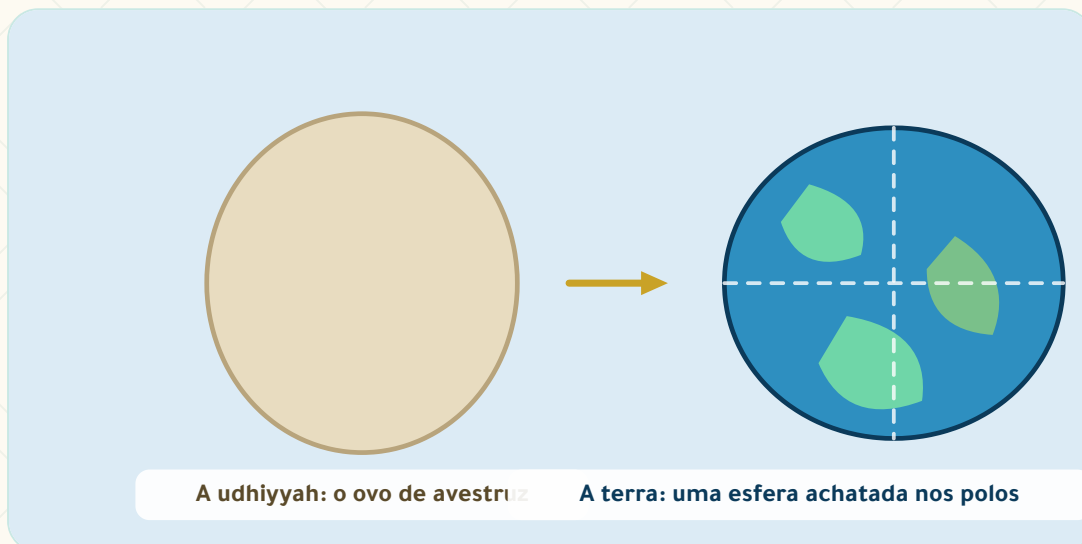
✦ Por que este é um milagre decisivo?

A qualificação «**em medida certa**» é o milagre, e ela não tem sentido a menos que a quantidade seja constante. Se a água fosse criada de novo a cada vez que cai, medi-la não significaria nada. Mais preciso ainda é o que vem a seguir: «**e a assentamos na terra**» — assentar implica permanecer e ser armazenada, não ser consumida; a água é retida pela terra, não gasta por ela. Depois o aviso final: «**e, em verdade, somos capazes de levá-la embora**» — este equilíbrio é uma bênção que pode ser retirada. Que é exatamente o que os cientistas veem hoje em Marte, um mundo que perdeu toda a sua água.

E a terra — Ele a estendeu arredondada

E depois disso estendeu a terra. Dela fez sair sua água e seu pasto.

Sura an-Nazi'at — versículos 30-31



A terra não é uma esfera perfeita, mas levemente achatada — como um ovo de avestruz

Em palavras simples

O verbo árabe *daha* significa estender uma coisa **com arredondamento**. Da mesma raiz vem a palavra para a cova onde a avestruz põe seus ovos, e para o próprio ovo de avestruz. Assim a terra é estendida para você caminhar sobre ela, e redonda e achatada em sua forma verdadeira.

No que se acreditava então?

Para a gente comum, a terra era uma superfície plana e nada mais. Os filósofos que a tinham por redonda tinham-na por **uma esfera perfeita**. Ninguém, absolutamente, propôs um achatamento nos polos.

O que diz a ciência hoje?

A terra é um **esferoide oblato**: seu diâmetro no equador excede o diâmetro de polo a polo em cerca de 43 quilômetros, por causa de sua rotação. Newton provou isso teoricamente em 1687, e as expedições francesas o mediram em campo em 1736. A forma precisa, chamada geoide, é a que mais se aproxima da forma de um ovo.

Por que este é um milagre decisivo?

A língua decide a questão. Nos dicionários árabes *daha* significa estender e alargar, e da mesma raiz vêm as palavras para o ninho da avestruz e para seu ovo. A própria raiz une **estender e forma de ovo**. E a escolha deste verbo em particular — em vez dos dois verbos comuns para «estender» e «prolongar», ambos usados pelo Alcorão em outros lugares para outros sentidos — carrega os dois sentidos numa só palavra. O ponto-chave é que o versículo seguinte explica para que serviu o estender: «Dela fez sair sua água e seu pasto» — isto é, preparação para ser habitada, não achatamento.

No mel há cura para as pessoas

De seus ventres sai uma bebida de cores variadas, na qual há cura para as pessoas.

Sura an-Nahl — versículo 69



Mel cru

O curativo médico de mel é oficialmente aprovado na Europa e na América

O que a medicina estabeleceu

- Mata as bactérias
- Trata feridas e queimaduras
- Acalma a tosse nas crianças
- Antioxidante e anti-inflamatório
- Usado nos hospitais de hoje

Curativos de mel medicinal são vendidos hoje em farmácias sob licença oficial

Em palavras simples

Há mil e quatrocentos anos o Alcorão disse que no mel há **cura**. Hoje o mel é usado em hospitais para tratar feridas e queimaduras que os antibióticos não conseguiram curar.

No que se acreditava então?

O mel era um alimento doce e precioso, e a experiência popular lhe atribuía benefícios. Mas afirmar como declaração divina que ele contém **cura** é outra coisa — sobretudo porque sai do ventre de um inseto, de onde não se esperaria racionalmente benefício algum.

O que diz a ciência hoje?

O mel é um antibiótico natural por três mecanismos: sua densidade de açúcar retira a água das bactérias e as mata; sua acidez impede que cresçam; e a enzima glicose-oxidase nele presente produz **peróxido de hidrogênio** de modo lento e contínuo. Agências oficiais de medicamentos aprovaram curativos de mel de manuka para feridas crônicas, e a Organização Mundial da Saúde recomenda o mel para acalmar a tosse em crianças. O mel encontrado em túmulos faraônicos ainda era comestível depois de três mil anos.

Por que este é um milagre decisivo?

Dois pontos de precisão não se explicam pela experiência popular. Primeiro: «de **cores** variadas» — é fato conhecido hoje que a cor do mel e suas propriedades medicinais diferem conforme a planta de origem, e é por isso que seu efeito terapêutico varia. Segundo: «sai de seus **ventres**» — o mel é de fato feito no **estômago do mel**, uma bolsa interna separada do estômago digestivo, onde as enzimas são acrescentadas antes de ele ser regurgitado. O texto identificou com precisão a fonte anatômica correta.



O movimento do sol

O sol corre — ele não está parado

E o sol corre para o seu lugar de repouso. Essa é a determinação do Poderoso, o Sabedor.

Sura Ya-Sin — versículo 38



O sol nada em torno do centro da galáxia, arrastando consigo todos os seus planetas

🔍 Em palavras simples

O sol não está parado. Ele **corre** a uma velocidade enorme, arrastando consigo a terra e todos os planetas, numa viagem em torno do centro de nossa galáxia.

🕒 No que se acreditava então?

As pessoas viam o sol nascer e se pôr, e supunham que seu movimento era simplesmente uma volta em torno da terra. Depois veio a era moderna e disse: não, é a terra que gira, e **o sol está fixo no centro do sistema**. Essa foi a ciência assentada ao longo dos séculos XVII e XVIII.

🔬 O que diz a ciência hoje?

O sol de fato se move, em três movimentos estabelecidos: gira em torno de seu eixo a cada 25 dias, aproximadamente; corre em torno do centro da Via Láctea a cerca de **220 quilômetros por segundo**, completando uma volta a cada 225 milhões de anos; e também viaja rumo a um ponto do céu chamado ápice solar.

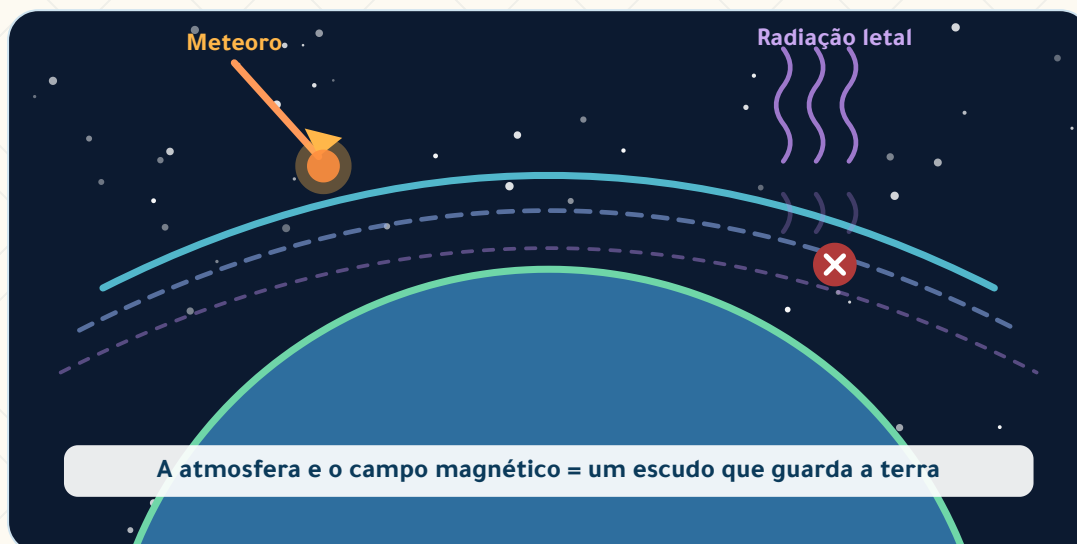
✦ Por que este é um milagre decisivo?

Note a ironia: o versículo desceu quando as pessoas acreditavam que o sol girava em torno delas, e afirmou que o sol corre. Depois veio uma era que lhe negou todo movimento e disse «ele está fixo», de modo que o versículo parecia contradizer a ciência. Depois uma ciência mais nova estabeleceu para ele um movimento real **maior do que qualquer um havia imaginado**. Um texto que se manteve firme através de duas reviravoltas completas da ciência — e só isso já é prova.

Um teto que o protege, e você não o vê

E fizemos do céu um teto protegido, mas eles se afastam de seus sinais.

Sura al-Anbiya — versículo 32



Milhares de meteoros queimam todos os dias antes de chegarem até você, enquanto você dorme em casa

Em palavras simples

Acima de sua cabeça há um teto que você não vê, e ele o protege. Os meteoros que se precipitam em nossa direção queimam nele antes de chegar, e ele bloqueia os raios mortais. **Sem ele, toda coisa viva na terra morreria.**

No que se acreditava então?

«O céu», para as pessoas, era ou vazio, ou uma cúpula sólida com as estrelas fixas nela. A ninguém ocorreu que acima de nós há **uma camada invisível que exerce uma função protetora**. Uma estrela cadente em chamas era, a seus olhos, uma estrela caindo, e não um meteoro queimando num escudo.

O que diz a ciência hoje?

A atmosfera queima cerca de cem toneladas de material espacial todos os dias, antes que ele chegue. A camada de ozônio absorve cerca de 99% da radiação ultravioleta letal. E o campo magnético da terra repele **o vento solar**, que de outro modo teria despojado a terra de seu ar e de sua água, exatamente como aconteceu em Marte.

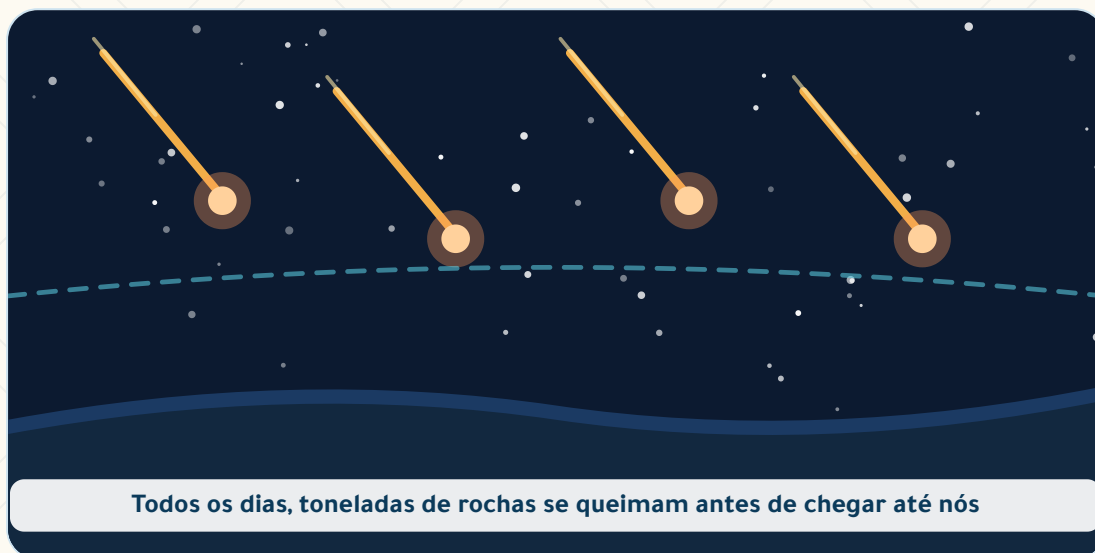
Por que este é um milagre decisivo?

Unir as duas palavras «teto» e «protegido» é o que faz disso um milagre. Um teto indica cobertura completa, e o particípio passivo árabe indica que ele é ao mesmo tempo **guardado e guardião do que está abaixo dele**. Depois veio a frase seguinte: «mas eles se afastam de seus sinais» — isto é, este teto encerra **sinais** que as pessoas hão de negligenciar. Uma indicação explícita de que ele contém maravilhas ainda não descobertas. E assim se provou: o ozônio só foi descoberto em 1913, e o campo magnético protetor só em 1958.

Os meteoros que guardam o céu

E, certamente, adornamos o céu mais próximo com lâmpadas, e delas fizemos projéteis contra os demônios.

Sura al-Mulk — versículo 5



Um meteoro se inflama ao entrar na atmosfera mais rápido que uma bala

Em palavras simples

O versículo dá às estrelas e aos corpos luminosos duas funções ao mesmo tempo: **um adorno para o céu** e **projéteis que afugentam quem tenta subir às escondidas**.

No que se acreditava então?

Os meteoros eram, para os árabes, «estrelas que caem», e em outras culturas sinais da morte de um rei ou de um grande acontecimento. Que fossem **corpos sólidos queimando por atrito** não era sabido. Aliás, a ciência oficial negou até o século XIX que pudessem cair pedras do céu, e a Academia Francesa zombava de quem o afirmava.

O que diz a ciência hoje?

Os meteoroides são corpos rochosos e metálicos que entram na atmosfera a velocidades de dezenas de quilômetros por segundo, e a maioria queima por completo devido à pressão e ao calor do ar. A massa que entra diariamente é estimada em cerca de **cem toneladas**. A queda de meteoritos foi cientificamente estabelecida depois do episódio de L'Aigle, na França, em 1803.

Por que este é um milagre decisivo?

O versículo distinguiu duas funções diferentes para os corpos do céu: o adorno fixo e **o projétil em movimento**. A palavra árabe empregada significa especificamente arremessar com pedras — não com luz e não com fogo. Descrever o que desce do céu em chamas como uma pedra arremessada, numa época em que a ciência oficial ainda iria — séculos depois — negar que houvesse pedras no céu, é uma descrição que não pode ser acaso.

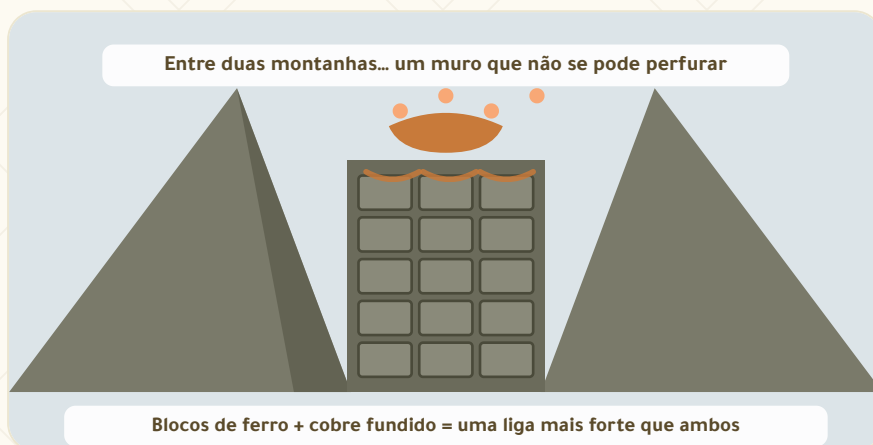


A barreira de Dhul-Qarnayn — ferro e cobre fundido

Trazei-me blocos de ferro — até que, tendo nivelado o espaço entre as duas encostas, disse:

Soprai. Até que, tendo-o feito fogo, disse: Trazei-me cobre fundido, para que o derrame sobre ele.

Sura al-Kahf — versículo 96



Derramar cobre fundido sobre ferro preenche as frestas e evita a ferrugem

🔍 Em palavras simples

Dhul-Qarnayn construiu um muro entre duas montanhas: encaixou **blocos de ferro**, depois acendeu fogo até que ficassem em brasa, depois derramou **cobre fundido** sobre eles. É exatamente o método para fazer uma liga extremamente dura que não enferruja.

🕒 No que se acreditava então?

O conhecimento dos metais era simples: ferro batido a quente, cobre despejado em moldes. A ideia de **fundir dois metais numa só estrutura** não era conhecida como técnica construtiva, nem se sabia por que um deveria ser derramado sobre o outro enquanto este está aquecido.

🔧 O que diz a ciência hoje?

Derramar cobre fundido sobre ferro aquecido produz algo semelhante à **brasagem**: o cobre líquido penetra as frestas entre as peças por capilaridade, ligando-as firmemente e expulsando o ar. O resultado é uma massa sólida e coesa, sem vazios. O revestimento de cobre também **isola o ferro do ar e da umidade, e assim evita a ferrugem** — o princípio do revestimento metálico usado hoje.

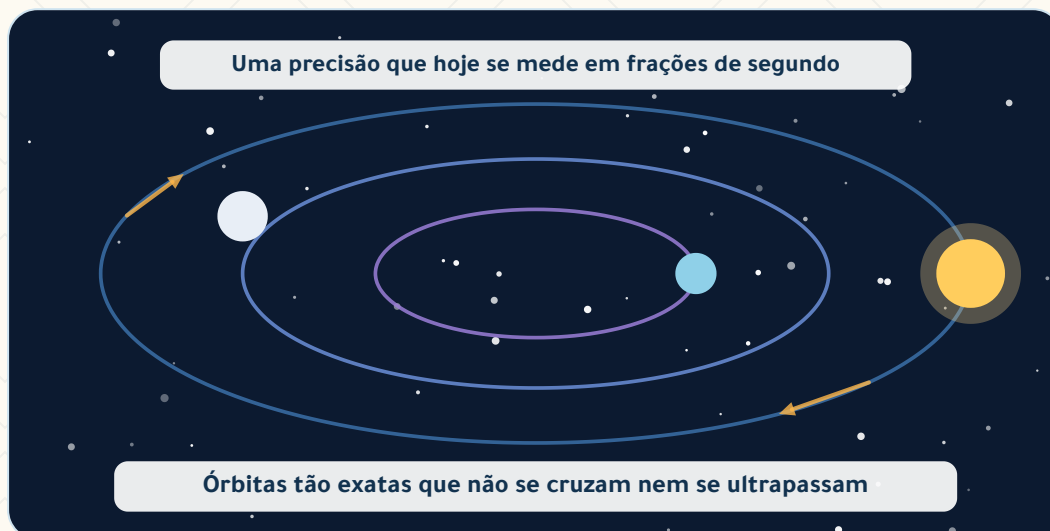
✨ Por que este é um milagre decisivo?

A ordem dos passos é o milagre, e é uma ordem de engenharia que não admite outra sequência: 1) **blocos de ferro** — a palavra árabe significa uma massa grande, de modo que a estrutura portante é de ferro. 2) **Soprai** — fornecer ar para elevar a temperatura, que é exatamente o que o fole faz numa fundição. 3) **Até tê-lo feito fogo** — o ferro alcançou o rubro em que aceita a fusão. 4) **Depois derramar o cobre fundido** sobre ele. Se o cobre tivesse sido derramado sobre ferro frio, nenhuma ligação se formaria. O texto descreve a condição de calor antes do derrame — que é o coração de todo o processo.

Não cabe ao sol alcançar a lua

Não cabe ao sol alcançar a lua, nem a noite ultrapassa o dia; e cada um, numa órbita, navega.

Sura Ya-Sin — versículo 40



Cada corpo segue seu caminho, sem jamais cruzá-lo e sem jamais alcançar outro

🔍 Em palavras simples

Os corpos celestes viajam a velocidades enormes e, ainda assim, **nenhum deles colide com outro**, e a noite nem ultrapassa o dia nem fica para trás. Um sistema que não falha por um piscar de olhos.

⌘ No que se acreditava então?

Não havia conhecimento das velocidades dos corpos celestes, de suas órbitas, nem das leis de seu movimento. Os eclipses eram explicados como ira ou advertência, e não como **compromissos que se podem calcular séculos antes de acontecerem**.

🔗 O que diz a ciência hoje?

As órbitas dos corpos celestes são reguladas com uma precisão que espanta os astrônomos. A terra percorre sua órbita em torno do sol a 30 km por segundo, e a lua circula a terra, e não ocorre colisão. A precisão do sistema é tal que **a data de um eclipse daqui a mil anos pode ser calculada ao segundo**. Toda a navegação espacial se apoia nessa regularidade: uma sonda lançada hoje para encontrar um planeta dali a sete anos num ponto calculado de antemão.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A expressão «**não cabe**» é o ponto de precisão. Ela nega não apenas a ocorrência, mas a **possibilidade** — isto é, o próprio sistema não a permite, e não que ela meramente não aconteça. E esse é precisamente o sentido de uma **lei física**. Depois note o detalhe: negou que o sol alcance a lua — e eles estão em duas órbitas diferentes; e negou que a noite ultrapasse o dia — e ambos decorrem da rotação da terra. Dois fenômenos de causas diferentes, reunidos sob uma só regra: «**cada um, numa órbita, navega**» — a causa, nos dois casos, é a mesma: cada corpo mantido em seu próprio caminho.



Ajuste fino

Não vês inconsistência alguma na criação do Misericordioso

Ele, que criou sete céus em camadas. Não vês, na criação do Misericordiosíssimo, inconsistência alguma. Volta, pois, o olhar — vês alguma falha?

Sura al-Mulk — versículo 3

✓ A força da gravidade: se fosse um pouco maior, o universo teria sido esmagado

✓ A força nuclear: se fosse menor, não se formaria um único elemento

✓ A densidade inicial do universo: um ajuste que supera a imaginação

✓ A constante da energia escura: o número mais finamente ajustado da física

«Volta, pois, o olhar: vês alguma falha?»

As constantes do universo estão ajustadas com uma margem que não tolera desvio

🔍 Em palavras simples

O versículo o desafia a olhar o universo e nele encontrar **um defeito, uma rachadura ou uma falta**. Depois repete: olhe uma segunda vez. E a ciência hoje diz que as constantes do universo estão ajustadas com uma precisão em que a mente mal consegue acreditar.

🕒 No que se acreditava então?

O universo era contemplado com um olhar geral e estético. Não existia conceito algum de «constantes físicas», nem de um universo apoiado em números tais que uma leve mudança em qualquer um deles derrubaria tudo.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

A física moderna chama isso de **ajuste fino**. Se a força da gravidade diferisse por uma fração ínfima, as estrelas jamais se teriam formado, ou o universo teria colapsado de imediato; se a força nuclear forte diferisse por uma pequena fração, não haveria carbono nem oxigênio; e a constante da energia escura é descrita como **o número mais finamente equilibrado de toda a física**. Grandes físicos reconheceram isso — entre eles Fred Hoyle, que disse que o que via parecia como se «um superintelecto tivesse mexido na física».

✨ Por que este é um milagre decisivo?

O versículo não é apenas uma afirmação, mas **um convite explícito a examinar e a repetir o exame**: «Volta o olhar», e depois «volta o olhar duas vezes mais». Isto é: ele aposta que um escrutínio mais atento **o confirmará em vez de derrubá-lo**. E foi literalmente o que aconteceu: quanto mais precisos ficaram os instrumentos de observação, mais o ajuste se mostrou. A palavra árabe para «falhas» significa rachaduras e fraturas, e «inconsistência» significa desordem e desproporção. Assim o versículo nega ao universo dois atributos: um defeito nas proporções e uma rachadura na estrutura — que é exatamente o que um físico procura quando põe à prova um modelo cosmológico.

Fontes [Martin Rees — Just Six Numbers, 1999](#) · [Weinberg \(1989\) — the cosmological constant problem](#)



Um juramento pelas posições das estrelas — não pelas estrelas

Juro, pois, pelas posições das estrelas — e é, em verdade, um grande juramento, se soubésseis.

Sura al-Waqi'ah — versículos 75-76



A luz de uma estrela viaja por anos, de modo que o que você vê é sua posição antiga, não onde ela está agora

Em palavras simples

Quando você olha uma estrela à noite, você não está vendo a estrela! Está vendo **luz que partiu dela anos atrás**, talvez milhares de anos atrás. A própria estrela pode ter-se apagado e acabado, enquanto você ainda a vê.

No que se acreditava então?

A ninguém ocorreu que a luz tivesse velocidade. A luz aparecia instantaneamente, fora do tempo. A estrela era o que você via, no lugar em que a via, e ponto final.

O que diz a ciência hoje?

A velocidade da luz é cerca de 300.000 quilômetros por segundo — rápida, sim, mas **finita**. A estrela mais próxima depois do sol está a 4,2 anos-luz, e parte do que vemos a olho nu está a milhares de anos-luz. Assim, o céu que você vê esta noite é **um álbum de fotografias antigas**, cada estrela nele de um tempo diferente. De fato já se observaram estrelas cujas explosões ocorreram séculos atrás, enquanto sua luz ainda nos alcança.

Por que este é um milagre decisivo?

O juramento não foi feito pelas estrelas em si, mas **por suas posições** — uma especificação sem propósito, a menos que haja uma diferença real entre uma estrela e sua posição. Depois o versículo seguinte o diz sem rodeios: «e é, em verdade, um grande juramento, **se soubésseis**» — a grandeza deste juramento depende de um conhecimento que os ouvintes não tinham. Um texto que diz abertamente: eis aqui um segredo que vocês virão a conhecer depois. E veio a ser conhecido.

Comunidades como vós

E não há criatura na terra nem ave que voe com suas asas que não seja em comunidades como vós.

Sura al-An'am — versículo 38



Os animais não são indivíduos dispersos, mas sociedades organizadas



Em palavras simples

O Alcorão chamou os animais de «**comunidades**» — e uma comunidade é um grupo com ordem, língua e tradições. E disse que são «como vós». A ciência hoje prova que os animais têm sociedades altamente organizadas.



No que se acreditava então?

Na concepção antiga, o animal era puro instinto, sem organização, sem comunicação e sem aprendizado. O abismo entre ele e o homem era absoluto. Descrivê-lo como «comunidade» — palavra usada para povos com leis e sistemas — era estranho.



O que diz a ciência hoje?

A ciência do comportamento animal estabeleceu a existência de sociedades genuínas: divisão rigorosa de trabalho entre formigas e abelhas; línguas de comunicação complexas entre baleias e golfinhos, com **dialetos regionais**; culturas transmitidas por aprendizado entre chimpanzés; migração organizada e liderança em rodízio entre aves; e até sistemas de «agricultura» entre as formigas cortadeiras, que cultivam fungos em plantações subterrâneas.



Por que este é um milagre decisivo?

O milagre está em duas palavras. «**Comunidades**»: em árabe, um grupo organizado com um interesse comum, e não meramente um rebanho. E «**como vós**»: como vós por serem sociedades com suas próprias ordens — não como vós em intelecto e responsabilidade moral. Até há pouco a ciência oficial recusava-se a atribuir cultura ou língua aos animais, tendo isso por antropomorfismo acientífico — e depois recuou diante das provas. Quanto à expressão «que voe **com suas asas**», é uma especificação notável, que exclui o que voa sem asas.

A mais frágil das casas — e a fêmea da aranha

O exemplo dos que tomam protetores fora de Deus é como o da aranha que toma uma casa. E, em verdade, a mais frágil das casas é a casa da aranha.

Sura al-Ankabut — versículo 41



Seu fio é mais forte que o aço... e sua casa é a mais frágil das casas

A casa da aranha

- Uma fêmea o constrói sozinha
- O macho não constrói
- Às vezes devora o macho
- Devora suas crias
- Uma casa sem segurança alguma

A fragilidade não está no fio, mas nas relações dentro desta «casa»

Em palavras simples

A casa da aranha é construída **pela fêmea** sozinha; o macho não tem parte nela. E é a mais frágil das casas não porque o fio seja fraco — mas porque é **uma casa sem misericórdia e sem segurança**: a fêmea pode comer seu parceiro e seus filhotes.

No que se acreditava então?

A aranha é uma criatura familiar em toda casa, e sua teia uma imagem óbvia de fraqueza. Mas a distinção entre macho e fêmea quanto a quem a constrói, e a predação que ocorre dentro da teia, não eram conhecidas — são detalhes visíveis somente sob observação científica cuidadosa.

O que diz a ciência hoje?

As teias de aranha são **construídas exclusivamente por fêmeas**; na maioria das espécies o macho não tece teia de caça alguma, mas vagueia em busca de uma fêmea. Em dezenas de espécies a fêmea mata o macho depois do acasalamento e o come, e em outras espécies os filhotes comem a mãe ou ela os come. Quanto ao fio em si, ele está entre os materiais mais resistentes conhecidos: mais forte que o aço para o seu peso.

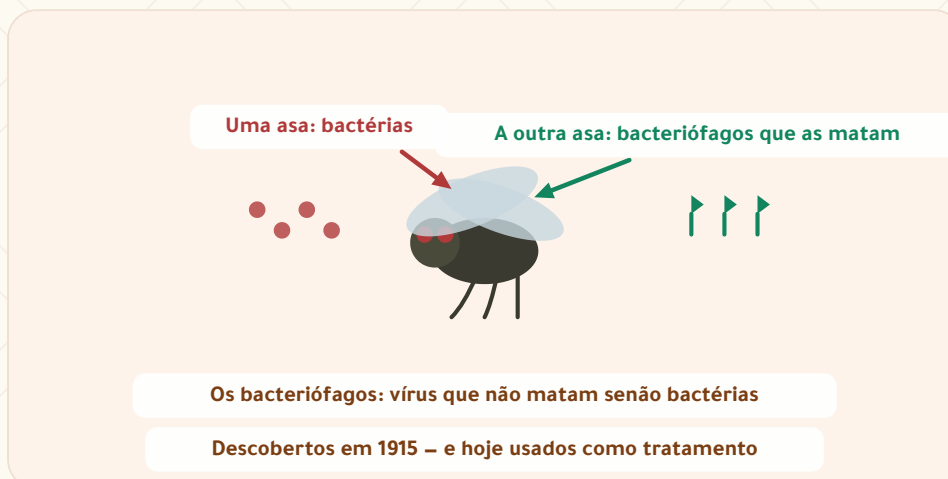
Por que este é um milagre decisivo?

Se a fragilidade estivesse na resistência do fio, o texto teria sido refutado pela ciência, já que se comprovou que a seda de aranha está entre as coisas mais tenazes da natureza. Mas o versículo fala **da casa**, não do fio, e casa, em árabe, significa a família, a morada e a segurança. Todo o contexto trata de **uma relação corrompida que de nada serve a quem a mantém**. Assim a descrição é socialmente precisa, não materialmente. E isto se confirma pelo verbo vir no feminino: **«ela toma uma casa»** — pois é ela quem a toma, e não o macho.

Uma asa carrega a doença, a outra a cura

❖ *Se uma mosca cair na bebida de algum de vós, que a mergulhe por inteiro e depois a retire, pois numa de suas asas há doença e na outra há cura.* ❖

Narrado por al-Bukhari — autêntico



Os bacteriófagos são os organismos mais numerosos da terra, e sua única tarefa é matar bactérias

🔍 Em palavras simples

As moscas carregam germes — isso se sabe. Mas o hadith diz outra coisa: ela carrega também **o que mata esses germes**. E a ciência de fato descobriu seres microscópicos cuja única tarefa é predar bactérias.

⌘ No que se acreditava então?

As bactérias não eram conhecidas de modo algum — só foram vistas em 1676, pelo microscópio de Leeuwenhoek. Assim, falar de uma «doença» carregada por moscas precede a teoria dos germes em mil anos. E a presença de **uma cura** ao lado dela não tinha quadro algum em que pudesse ser compreendida.

🔬 O que diz a ciência hoje?

Bacteriófagos: vírus minúsculos que infectam apenas bactérias e as matam, descobertos por Twort em 1915 e por d'Hérelle em 1917. São **os organismos mais numerosos da face da terra**, e se concentram onde quer que abundem bactérias — isto é, nas moscas e em seus habitats. De fato já foram encontrados na mosca doméstica comum. A terapia por fagos é hoje uma especialidade médica estabelecida, usada em casos em que os antibióticos falham.

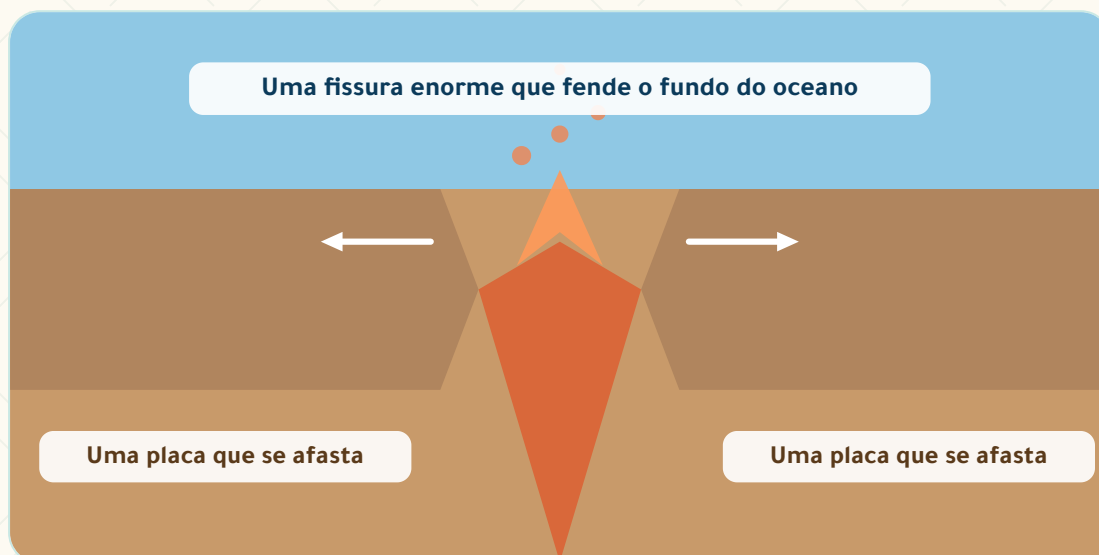
✦ Por que este é um milagre decisivo?

O hadith não apenas mencionou a cura; deu **um procedimento prático**: a imersão completa. É aí que está o significado — pois a imersão não tem sentido a menos que o agente antibacteriano precise ser liberado no líquido para agir. Depois a distinção entre **duas asas**: uma carregando o dano e a outra o remédio. Não é uma divisão que ocorreria a alguém inventando palavras; a formulação esperada seria «na mosca há doença e cura». Atribuir cada uma a uma asa determinada é uma especificação testável — e a ciência veio confirmá-la.

A terra, cheia de fendas

Pelo céu que devolve, e pela terra que se fende.

Sura at-Tariq — versículos 11-12



Uma cadeia de fendas que envolve a terra inteira sob os oceanos, com 65.000 km de extensão

🔍 Em palavras simples

A terra não é uma bola sólida e contínua. Sua crosta é **fendida** — contém fissuras imensas que envolvem o planeta inteiro, das quais sobe rocha fundida das profundezas.

⌘ No que se acreditava então?

A terra era concebida como um corpo único, sólido e coeso. Descrever a terra inteira como «cheia de fendas» — isto é, fendida — não tinha sentido na experiência de ninguém naquele tempo; as rachaduras visíveis não passavam do fendilhar do solo seco ou dos leitos dos vales.

🔬 O que diz a ciência hoje?

Isso se chama **dorsal mesoceânica**: uma cadeia de fissuras vulcânicas com cerca de 65.000 quilômetros de extensão, serpenteando em torno do planeta inteiro como a costura de uma bola de tênis. Dela sobe material fundido que forma nova crosta. Só foi descoberta nos anos 1950, com instrumentos de sonar.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

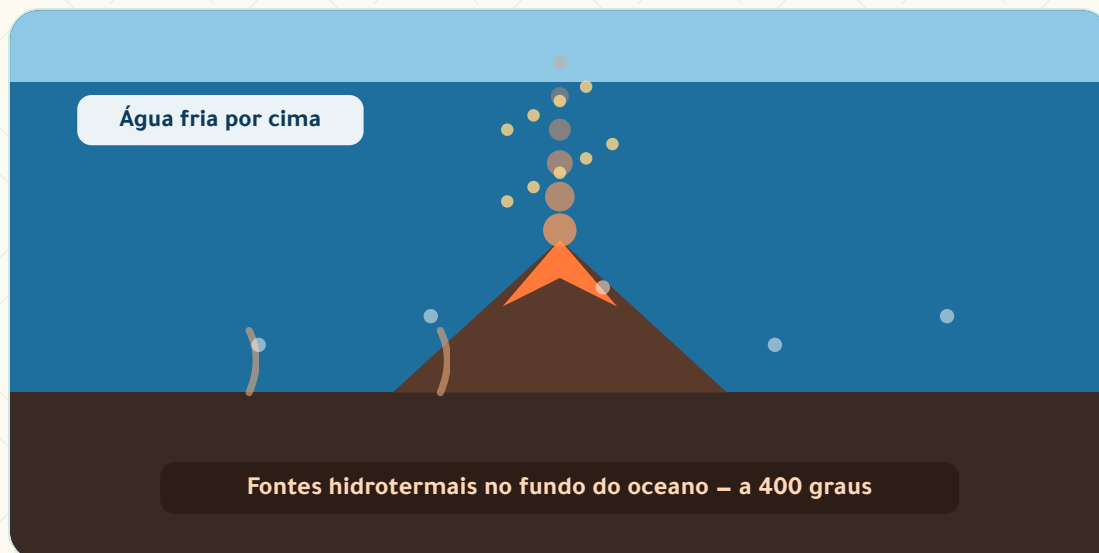
O juramento aqui descreve a terra com **um atributo total e inerente**: «a terra que se fende» — como se diz «cheio de árvores» de um lugar cuja natureza é dar árvores. Ele não fala de uma rachadura incidental, mas faz da fenda um atributo do próprio planeta. E é precisamente o fato geológico: a terra é um planeta **cujas crosta é fraturada por natureza**, e daí vêm os terremotos, os vulcões e o movimento dos continentes.

Fontes [Marie Tharp — the maps of the ocean floor](#) · [NOAA — the Mid-Ocean Ridge](#)

O mar aceso — fogo debaixo da água

Pelo monte, e por um Livro inscrito... e pelo mar aceso.

Sura at-Tur — versículos 1-6



Mais de 80% da atividade vulcânica da terra ocorre sob a superfície dos mares

🔍 Em palavras simples

Debaixo do mar há fogo ardendo! No fundo dos oceanos há vulcões e fontes que despejam água a quatrocentos graus. Assim o mar está **aceso** — incendiado por baixo.

⚡ No que se acreditava então?

Água e fogo são opostos que não se encontram — isto é evidente para todo ser humano. O mar é o próprio símbolo do frio e do apagar. Descrever o mar como «aceso» parecia aos ouvintes uma expressão obscura, sem correspondência na realidade.

🔬 O que diz a ciência hoje?

Sob os oceanos corre uma imensa cadeia vulcânica, e mais de 80% da emissão vulcânica da terra acontece debaixo d'água. Em 1977 foram descobertas as **fontes hidrotermais**, que expelem água acima de 400 graus, a qual não ferve por causa da pressão intensa. E em torno desses fogos há um ecossistema inteiro que não depende em nada da luz do sol.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

O verbo árabe significa **atijar um forno e enchê-lo de fogo** — e da mesma raiz vem «e quando os mares forem incendiados». A descrição é explícita quanto ao acender, e não quanto a encher ou a correr. E o juramento pelo mar aceso vem entre um juramento pelo monte Sinai e um juramento pela Casa Frequentada — isto é, entre coisas reais e existentes. Assim ele jura por uma realidade presente, que o homem descobriu 1.350 anos depois.

Fontes Corliss et al. (1979) – [thermal springs on the Galápagos Rift](#)



Somos suficientes para ti contra os escarnecedores

Em verdade, somos suficientes para ti contra os escarnecedores — aqueles que põem outra divindade junto a Deus. Mas eles não de saber.

Sura al-Hijr — versículos 95-96

A promessa de bastar-lhe contra adversários determinados — e bastou



Cinco chefes nomeados nos livros de biografia... todos pereceram antes da Hégira

Os cabeças do escárnio em Meca morreram um após outro num curto intervalo

🔍 Em palavras simples

Em Meca havia homens conhecidos que lideravam o escárnio contra o Profeta ﷺ e o molestavam. Então veio um versículo dizendo: **seremos suficientes para ti contra eles**. Pouco depois todos pereceram, cada um por uma causa diferente.

⌘ No que se acreditava então?

Eram dos chefes dos coraixitas, homens de posição e riqueza, no auge de seu poder e de sua influência. O Profeta ﷺ e os que estavam com ele estavam no ponto mais fraco: sitiados e perseguidos, sem exército e sem proteção. Não havia meio humano de afastar seu dano, quanto menos de destruí-los.

🔧 O que diz a ciência hoje?

Os livros de biografia e de história — o mais antigo sendo a biografia de Ibn Ishaq na recensão de Ibn Hisham — registram que os cabeças do escárnio eram cinco, e que todos pereceram num intervalo próximo, antes da migração ou por volta dela, por causas variadas e sem nada em comum: doença, peste, um acidente, um espinho que feriu, uma ferida que infeccionou. Nenhum deles restou depois para se opor ao chamado.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

O texto contém **uma garantia**, e não meramente uma súplica ou uma esperança. Uma garantia é um compromisso que pode ser quebrado, expondo de imediato quem o fez diante de seus adversários. Se um deles tivesse continuado a molestar e a escarnecer por anos, o versículo teria sido argumento contra eles, e não a favor. E o mais importante: esta é uma promessa **feita contra os homens mais fortes da cidade em favor do mais fraco** — um padrão que se repete por todo o Alcorão: «A multidão será derrotada e voltará as costas» foi revelado em Meca anos antes de Badr, e o Profeta ﷺ o recitou no dia de Badr, e assim se cumpriu.

O céu enrolado como um pergaminho

*No Dia em que enrolarmos o céu como se enrola um pergaminho de registros.
Assim como iniciamos a primeira criação, há de repeti-la.*

Sura al-Anbiya — versículo 104



O universo se expandiu a partir de um ponto... e voltará a enrolar-se num ponto

Em palavras simples

O versículo diz que o fim do universo será um **enrolamento** — uma contração e um recolher, como se enrola uma folha de papel. Depois diz algo espantoso: esse fim será exatamente **como o começo**.

No que se acreditava então?

Não havia no horizonte uma pergunta chamada «como termina o universo?», porque o universo, na cabeça das pessoas, era eterno e perpétuo, sem começo e sem fim. E ligar a forma do fim à forma do começo não tinha quadro algum em que pudesse ser compreendido.

O que diz a ciência hoje?

Entre os cenários mais conhecidos para o fim do universo na física teórica está o **Big Crunch**: a gravidade vence a expansão, e o universo se contrai de volta sobre si mesmo até retornar a seu estado original — um ponto de densidade extrema. Isto é, **o fim é uma imagem espelhada do começo**.

Por que este é um milagre decisivo?

O milagre aqui está na segunda metade do versículo: «Assim como iniciamos a primeira criação, há de repeti-la.» Esta frase estabelece uma regra: **a forma do fim = a forma do começo**. E, ao fazê-lo, diz-nos implicitamente que o universo estava, em seu começo, **enrolado** — contraído num ponto — que é precisamente o que diz o modelo do Big Bang. Um único versículo deu o começo e o fim juntos, numa época em que o universo não tinha nem começo nem fim na cabeça de ninguém.

A estrela que bate e perfura

Pelo céu e pelo visitante noturno — e o que te fará saber o que é o visitante noturno? — a estrela perfurante.

Sura at-Tariq — versículos 1-3



Um pulsar emite pulsos regulares como as batidas de um martelo que nunca erra

Em palavras simples

Algumas estrelas emitem sinais **como batidas regulares numa porta**: toc... toc... toc... com uma precisão maior que a do mais fino relógio que o homem já fez. E o Alcorão chamou uma estrela assim de «o que bate» — aquela que bate.

No que se acreditava então?

Uma estrela, para as pessoas, era um ponto de luz silencioso e imóvel. Não tinha som, nem pulso, nem penetração. Ligar a palavra de bater — um golpe repetido e sonoro — a uma estrela no céu era, para qualquer ouvinte daquela época, uma fala sem sentido.

O que diz a ciência hoje?

Em 1967 a astrônoma Jocelyn Bell detectou sinais de rádio que se repetiam com regularidade espantosa vindos do espaço, a tal ponto que a equipe a princípio os tomou por mensagens de seres inteligentes e os batizou de LGM-1. Revelaram-se **pulsares**: restos de estrelas explodidas, girando dezenas e até centenas de vezes por segundo e emitindo dois feixes que varrem o espaço como um farol. Quando seus sinais foram convertidos em som, eram exatamente **uma batida regular**.

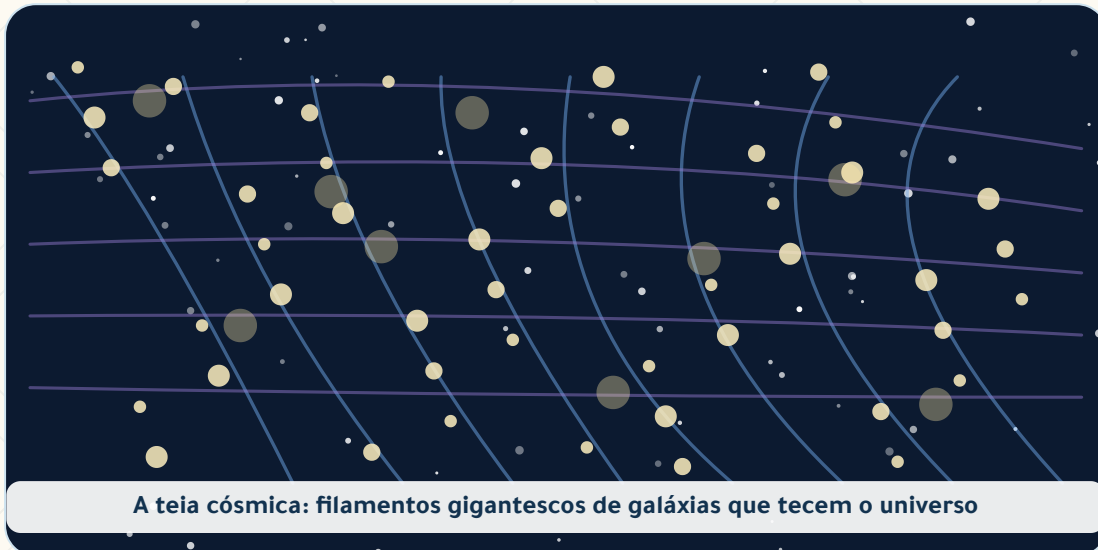
Por que este é um milagre decisivo?

As duas palavras juntas não deixam margem a dúvida: «o que bate» = aquilo que produz um som repetido de batida, e «a perfurante» = aquilo que penetra e atravessa. Um pulsar reúne as duas descrições literalmente: seus sinais são uma batida regular, e perfuram milhares de anos-luz e nos alcançam através da poeira da galáxia. Aliás, o próprio juramento foi seguido de uma pergunta desafiadora: «e o que te fará saber o que é o visitante noturno?» — isto é, isto é algo **que vocês não têm como saber**. E assim foi, até 1967.

O céu tecido de caminhos entrelaçados

Pelo céu tecido de caminhos.

Sura adh-Dharyat — versículo 7



O grande mapa do universo: não galáxias espalhadas, mas um tecido de filamentos e nós

🔍 Em palavras simples

Se você olhasse o universo inteiro de muito longe, não veria estrelas espalhadas. Veria algo como **um pano tecido, ou uma rede de fios**: longos filamentos de galáxias com vastos vazios negros entre eles. E a palavra árabe aqui significa **um tecido cerrado com caminhos que o percorrem**.

🕒 No que se acreditava então?

O céu, para as pessoas, era uma cúpula lisa cravejada de pontos de luz, sem estrutura, sem forma e sem arranjo. A ideia de que o universo tivesse uma «forma» de conjunto sequer estava em questão.

🔬 O que diz a ciência hoje?

Nas últimas décadas os observatórios produziram mapas tridimensionais de milhões de galáxias (o projeto SDSS e o levantamento 2dF), e o resultado foi espantoso: as galáxias não estão distribuídas ao acaso, mas arranjadas na **teia cósmica** — filamentos e paredes gigantes de galáxias cercando vazios enormes. A imagem resultante lembra um tecido a um grau surpreendente.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

O plural árabe aqui significa, nos dicionários, os caminhos entrelaçados em algo tecido com firmeza, como as ondulações da água ou as ondas da areia. E é exatamente o termo científico usado hoje: **filamentos**. A coincidência de uma palavra árabe com um termo científico moderno num sentido tão raro e específico, catorze séculos depois, não é o tipo de coisa que acontece por acaso.

As que recuam, as que correm, as que varrem

Juro, pois, pelas estrelas que recuam — as que correm e varrem.

Sura at-Takwir — versículos 15-16



Um buraco negro: desaparece do olho, corre e varre o que está ao seu redor

Um buraco negro engole o gás e as estrelas ao redor como uma vassoura cósmica

Em palavras simples

Há no espaço corpos com três qualidades: eles **somem** e não podem ser vistos, **correm** a velocidade enorme, e **varrem** o que está ao redor e o engolem. Essas três qualidades são exatamente aquilo por que Deus jura aqui.

No que se acreditava então?

Em nenhum lugar do mundo havia concepção de um corpo celeste **invisível**. Um corpo ou era visto e portanto existia, ou não era visto e portanto não existia. Que algo enorme existisse no céu sem que olho algum jamais o visse, e que engolisse o que está ao seu redor — ninguém imaginou isso.

O que diz a ciência hoje?

Buracos negros: corpos de densidade tão imensa que nem a luz lhes escapa, de modo que são **completamente invisíveis** por natureza. Giram e viajam dentro de suas galáxias, e atraem gás, poeira e estrelas e os engolem. O primeiro buraco negro foi fotografado diretamente em 2019 (na galáxia M87), e o trabalho que provou sua existência ganhou o Prêmio Nobel em 2020.

Por que este é um milagre decisivo?

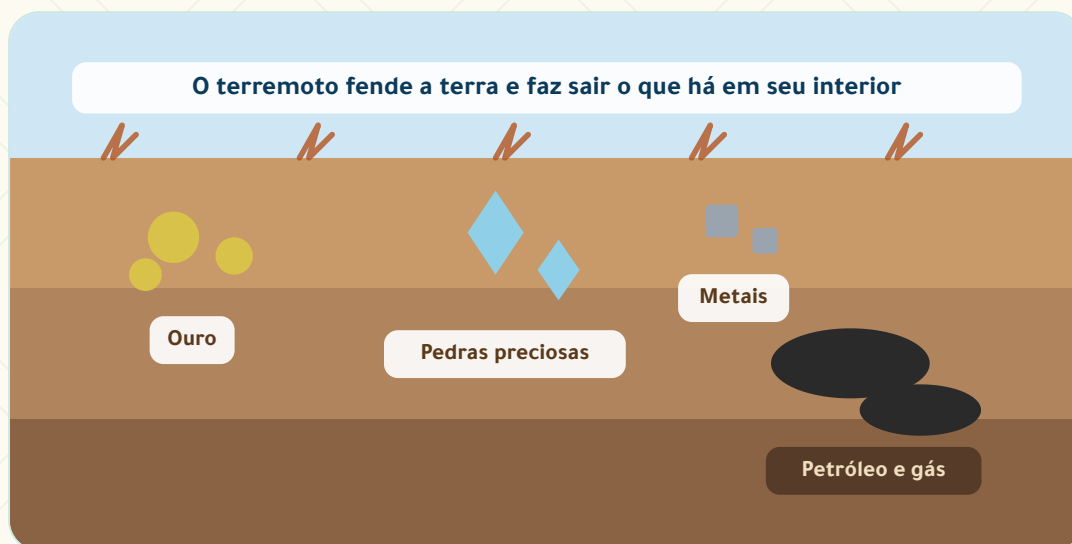
As três palavras são precisas a um grau espantoso: a primeira raiz significa **sumir e contrair-se**; a segunda significa **correr, estar em movimento**; a terceira significa **recolher o que está ao redor e engoli-lo** (dela vem a palavra árabe para vassoura, e a palavra para a toca em que a gazela desaparece). Três atributos em dois versículos, todos eles aplicáveis a uma coisa que só foi conhecida no século XX. E note que no Alcorão nunca se jura senão por algo grandioso.



A terra lança fora seus fardos

Quando a terra for sacudida por seu terremoto, e a terra lançar fora seus fardos.

Sura az-Zalzalah — versículos 1-2



Terremotos e movimento de placas foram o que trouxe metais e petróleo ao nosso alcance



Em palavras simples

Todo o ouro, os metais e o petróleo que extraímos hoje estavam enterrados fundo dentro da terra. O que os ergueu para perto da superfície foram **os terremotos e o movimento da terra** ao longo de milhões de anos.



No que se acreditava então?

Um terremoto era pura catástrofe: desabamento, engolimento e morte. Ninguém o ligava a benefício algum nem a trazer à luz coisa boa. E a palavra «seus fardos», no sentido dos tesouros de seu interior, não tinha sentido claro para os ouvintes.



O que diz a ciência hoje?

A maioria das minas economicamente importantes do mundo fica **nas bordas das placas tectônicas** e em zonas de atividade sísmica e vulcânica. O movimento das placas é o que empurra rocha rica em metais das profundezas para dentro da crosta, e os fluidos quentes são o que concentra ouro e cobre em veios. Sem essa atividade, todos os tesouros da terra teriam permanecido para sempre fora de nosso alcance.



Por que este é um milagre decisivo?

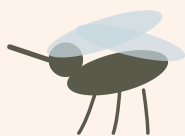
O versículo liga dois acontecimentos que a razão comum não conecta: o tremor → o lançar fora dos fardos. E é exatamente o que a ciência da mineração estabelece. A palavra «fardos» é de uma precisão notável: os metais preciosos — ouro, platina, urânio — são **os mais densos dos elementos**, e por natureza afundam rumo ao centro da terra, de modo que só sobem quando uma força os empurra. Foram nomeados pela própria propriedade física que os distingue.

Um mosquito, e o que vai além dele

Em verdade, Deus não se peja de propor um exemplo — o de um mosquito ou o do que vai além dele.

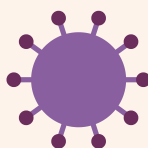
Sura al-Baqarah — versículo 26

«ou o que vai além dele» = ou o que é ainda menor



O mosquito

A menor coisa que o olho vê



O vírus

Um milhão de vezes menor que



As bactérias

Entre os dois

Um mosquito é um gigante quando medido contra bactérias e vírus

Em palavras simples

O Alcorão deu como exemplo a menor coisa que as pessoas conseguem ver — um mosquito — e depois disse: «**ou o que vai além dele**». E em árabe a palavra «além» também pode significar **ir mais longe na pequenez**: isto é, e o que é ainda menor.

No que se acreditava então?

O mosquito era o limite da pequenez possível: a menor criatura que o olho vê e cujos membros consegue distinguir. Vida menor que isso era inconcebível, porque o que não se pode ver não se pode saber que existe. E assim permaneceu até que o microscópio foi inventado.

O que diz a ciência hoje?

Um mosquito é uma criatura relativamente enorme: cerca de 6 milímetros de comprimento. Só em seu corpo vivem **milhões de bactérias**, e sobre ele há vírus centenas de vezes menores que bactérias. Descobriu-se que um único mosquito tem uma estrutura extremamente complexa: um olho composto de centenas de lentes, uma probóscide com seis instrumentos separados para perfurar, sugar e injetar um anticoagulante, e asas que batem 600 vezes por segundo.

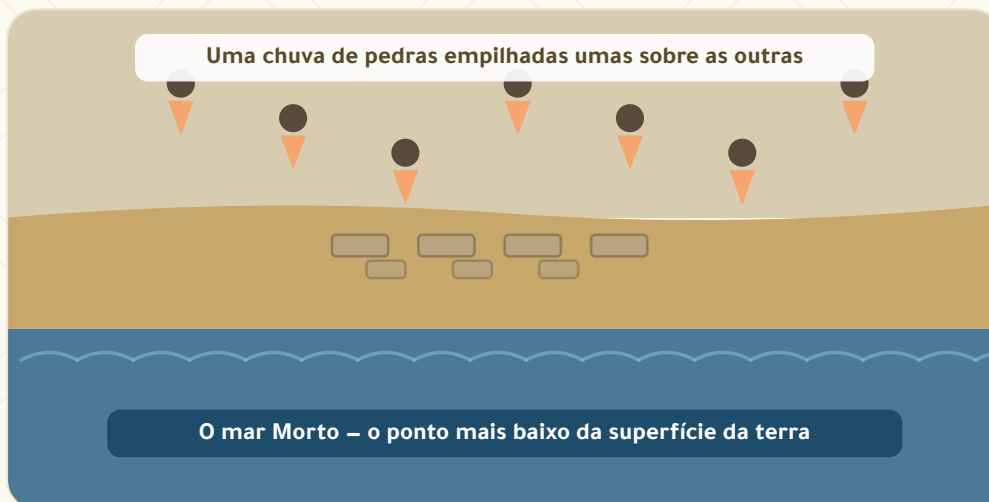
Por que este é um milagre decisivo?

O contexto decide. O versículo vem no curso da explicação de que Deus não se envergonha de propor um exemplo **tirado do pequeno**, em resposta aos que escarneciam da menção à mosca e à aranha. Assim, a leitura coerente com o contexto é: nem pelo que vai **ainda mais longe na pequenez** do que ele. E esse uso é árabe correto, como se diz «este homem vai além dele na ignorância». Assim o texto afirma implicitamente a existência de criaturas menores que a menor coisa que o olho vê, numa época em que o mosquito era o limite do conhecimento humano sobre a pequenez.

O povo de Lot — o alto virado em baixo

E quando chegou Nossa ordem, fizemos de sua parte mais alta a mais baixa, e sobre ela fizemos chover pedras de argila endurecida em camadas.

Sura Hud — versículo 82



Uma região que afundou e se inverteu, e depois foi inundada por água intensamente salgada

🔍 Em palavras simples

O versículo diz que a cidade do povo de Lot foi **virada de cabeça para baixo**, e que depois caíram sobre ela pedras empacotadas umas sobre as outras. A geologia explica como isso acontece naquela região em particular.

⌘ No que se acreditava então?

O afundamento e a inversão eram entendidos como castigo puramente invisível, sem mecanismo natural. Não se sabia que a região está sobre uma enorme falha geológica, nem que seu subsolo contém gases, betume e enxofre.

🔬 O que diz a ciência hoje?

A região do mar Morto fica sobre a **falha transformante do mar Morto** — uma das falhas sísmicas mais ativas do mundo — e é a mais baixa faixa de terra firme do planeta. A área é rica em betume natural, enxofre e gases inflamáveis. Pesquisadores sugeriram que um terremoto violento causou **liquefação e afundamento do solo** e a inversão de suas camadas, junto com a projeção de material em chamas que voltou a cair sobre a região. Em Tall el-Hammam, na Jordânia, achou-se uma camada de destruição repentina contendo vidro fundido a temperatura enorme.

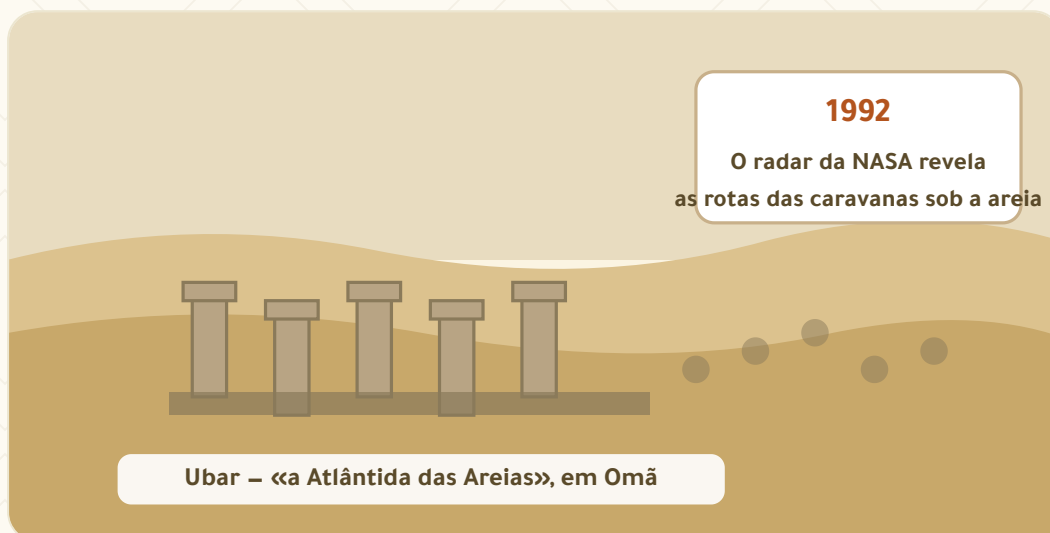
✨ Por que este é um milagre decisivo?

Três expressões carregam toda a descrição. «**Fizemos de sua parte mais alta a mais baixa**»: uma inversão vertical completa das camadas, e não mera demolição — e essa é a descrição geológica do afundamento e da inversão. «**Argila endurecida**»: uma palavra que une pedra e argila endurecida. E «**em camadas**»: empacotadas umas sobre as outras em estratos — descrição precisa da rocha sedimentar estratificada daquela região. O texto descreve um mecanismo natural coerente, e não um quadro vago de imaginação.

Iram das colunas — a cidade enterrada

Não consideraste como teu Senhor agiu com Aad — Iram das colunas, semelhante à qual jamais foi criada nas terras?

Sura al-Fajr — versículos 6-8



Colunas e uma fortaleza emergiram de sob as dunas depois de milhares de anos

Em palavras simples

O Alcorão mencionou uma grande cidade com **colunas** cuja semelhante jamais fora construída, e disse que ela pereceu. As pessoas continuaram a tê-la por lenda... até que o radar de satélite descobriu seus restos sob as areias.

No que se acreditava então?

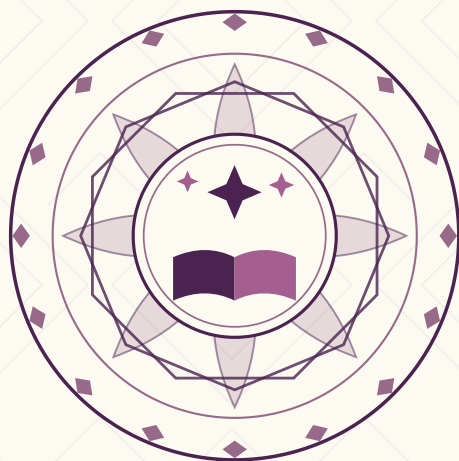
No Quadrante Vazio não havia senão areia sem fim. Historiadores ocidentais contavam «Aad» e «Iram» entre as lendas dos árabes, já que não havia vestígio deles nem menção em outras fontes. E o deserto não guarda segredo visível de sua superfície.

O que diz a ciência hoje?

Em 1992 uma equipe liderada por Nicholas Clapp usou imagens de radar do ônibus espacial da NASA, e sob as areias apareceram **antigas rotas de caravanas convergindo para um único ponto** em **Shisr**, na província de Dhofar, em Omã. A escavação revelou uma fortaleza octogonal com **torres altas** e os restos de uma cidade que havia desabado numa dolina calcária sob ela. Os jornais do mundo anunciaram: «Ubar: a Atlântida das areias».

Por que este é um milagre decisivo?

A descrição corânica deu à cidade um atributo particular: **«das colunas»** — isto é, colunas ou torres altas. Não é um atributo geral de qualquer cidade; os povoados da Arábia eram casas de barro e tendas. Depois acrescentou: **«semelhante à qual jamais foi criada nas terras»** — sua singularidade arquitetônica. E as torres de fato apareceram. E, o mais importante, o Alcorão falou dela como **história real** e não como lenda, numa época em que ninguém tinha prova alguma disso — e isso permaneceu como acusação contra ele por catorze séculos, até que o radar chegou.



Segunda Parte

Profecias de Muhammad ﷺ que se cumpriram



Afirmações que ele fez sobre um futuro distante, postas por escrito por seus Companheiros em seus livros, e que depois se desdobraram diante dos olhos do mundo exatamente como ele disse: letra por letra.

19 provas

Constantinopla certamente será conquistada

Constantinopla certamente será conquistada. Que excelente comandante será o seu comandante, e que excelente exército será aquele exército.

Narrado por Ahmad e por al-Bukhari em sua História — classificado como autêntico por vários sábios



Constantinopla: a cidade fortificada mais inexpugnável do mundo antigo

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que **Constantinopla seria conquistada**, e elogiou o comandante que a tomaria e seu exército. Mais de oito séculos depois o sultão Mehmed, o Conquistador, a tomou.

No que se acreditava então?

Constantinopla era **a capital do mais poderoso império cristão da terra** e a cidade mais fortificada que existia: muralhas triplas de tamanho imenso, um porto fechado por uma corrente de ferro e mar por três lados. Resistira a mais de vinte cercos ao longo dos séculos. E quem falava estava, naquele momento, em Medina, e seu Estado não tinha marinha alguma.

O que diz a ciência hoje?

Em **29 de maio de 1453** o sultão Mehmed II tomou a cidade aos vinte e um anos, e por isso recebeu o título de «o Conquistador». Usou um canhão gigante cujo igual jamais se vira, e **transportou seus navios por terra** sobre pranchas engraxadas para contornar a corrente. O acontecimento está entre os mais famosos da história mundial e é tido como marco do fim da Idade Média.

Por que este é um milagre decisivo?

O hadith não parou em anunciar a conquista; **elogiou de antemão o conquistador e seu exército** — o que eleva a aposta, pois amarra a veracidade do texto ao caráter de um homem ainda não nascido. Comandantes muçulmanos disputaram essa honra por oito séculos: Mu'awiyah, Sulayman ibn Abd al-Malik e Harun al-Rashid todos a sitiaram e fracassaram — e **cada tentativa fracassada era uma oportunidade de desmentir o hadith, não de confirmá-lo**. E então a conquista veio pelas mãos de um jovem de vinte e um anos, por uma técnica que ninguém havia imaginado.



Quando Cosroes perecer, não haverá Cosroes depois dele

Quando Cosroes perecer, não haverá Cosroes depois dele; e quando César perecer, não haverá César depois dele. Por Aquele em cuja mão está minha alma, seus tesouros certamente serão gastos no caminho de Deus.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido

to quando eles estavam no auge de seu poder

E aconteceu como ele disse

A Pérsia e Roma governam

Yazdegerd, o último Cosroes

metade do mundo conhecido

A Pérsia desapareceu e não voltou

E os muçulmanos em Medina

E Roma perdeu a Síria e o Egito

Um Estado nascente e sem dinheiro

E os tesouros de ambos no tesouro público

Entre o dito e o ocorrido: menos de trinta anos

Dois impérios que haviam governado por séculos... um acabou e o outro recuou

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que, quando **o rei da Pérsia morresse, nenhum rei como ele viria depois**, e o mesmo quanto ao rei de Roma, e que os tesouros deles seriam gastos no caminho de Deus. Tudo se cumpriu.

No que se acreditava então?

Pérsia e Roma eram **as duas grandes potências do mundo**, sem discussão, dividindo entre si o Oriente e o Ocidente, com exércitos e tesouros incontáveis. Os muçulmanos, naquele tempo, eram uma pequena comunidade em Medina, sitiada no Fosso e amarrando pedras sobre o ventre de fome. E foi exatamente nesse momento que estas palavras foram ditas.

O que diz a ciência hoje?

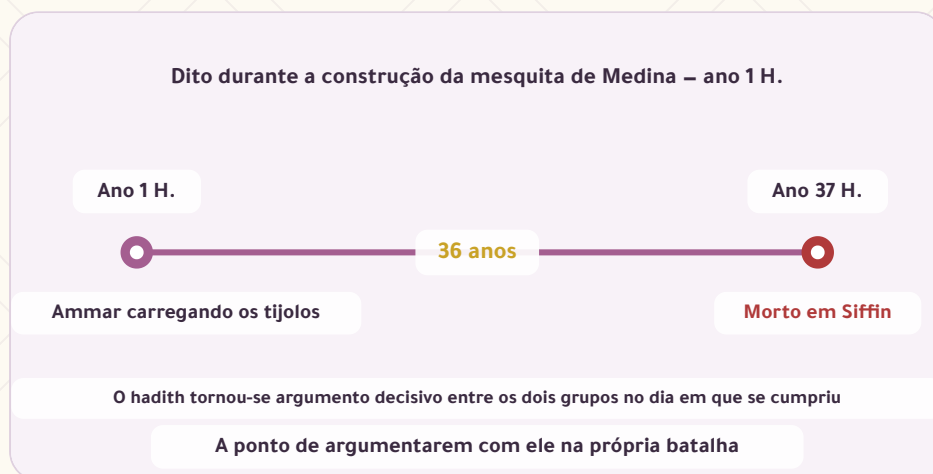
O Estado sassânida caiu de vez em 651 d.C. com a morte de **Yazdegerd III**, e nenhum rei da Pérsia voltou a ostentar esse título. Quanto a Roma, seu Estado não desapareceu de imediato, mas **perdeu a Síria, o Egito e o norte da África** e recuou, e César nunca mais teve autoridade sobre aquelas terras. Os tesouros de Cosroes foram levados a Medina no califado de Umar e distribuídos, de modo que ele disse: «Um povo que entregou isto é, sem dúvida, digno de confiança.»

Por que este é um milagre decisivo?

Note a diferença sutil entre as duas frases. De Cosroes se disse «não haverá Cosroes depois dele» — e **a Pérsia acabou por completo**. De César disse-se o mesmo — e **Roma não acabou, mas recuou** das terras do Islã. Isso é coerente com o contexto do hadith: a fala é sobre quem governa aquela terra e a disputa. Mais preciso ainda, o hadith fez dos **tesouros, e não da terra**, o eixo: «seus tesouros certamente serão gastos no caminho de Deus» — a cláusula sobre a qual ele fez juramento. Uma promessa da riqueza dos dois reis mais ricos da terra, feita por um homem que não achava o próprio jantar.

Ai de Ammar — o grupo transgressor o matará. Ele os chama ao Paraíso e eles o chamam ao Fogo.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Uma profecia dita no primeiro ano da hégira, cumprida trinta e seis anos depois

Enquanto construíam a mesquita, o Profeta ﷺ disse de Ammar ibn Yasir que **um grupo injusto o mataria**. Trinta e seis anos depois Ammar foi morto na batalha de Siffin — e as pessoas souberam quem era o transgressor.

Estas palavras foram ditas quando os muçulmanos eram **uma comunidade única e afetuosa, no começo mesmo de seu tempo em Medina**, sem discórdia e sem divisão, cada um deles construindo a mesquita com as próprias mãos. A ideia de que muçulmanos lutariam entre si, e de que um grande companheiro seria morto por mãos muçulmanas, era o mais distante possível da cabeça de qualquer um.

Ammar ibn Yasir foi morto no ano 37 da hégira, na batalha de Siffin, com mais de noventa anos, do lado de Ali ibn Abi Talib, que Deus o agrade. **O exército da Síria mergulhou em grande confusão quando se soube que ele havia sido morto**, porque o hadith era bem conhecido e circulava entre eles. O hadith está registrado nas duas coletâneas Sahih e é narrado por um grupo de companheiros através de tantas cadeias que alcança o nível da transmissão massiva.

O mais forte nesta profecia é que **os dois lados em conflito a conheciam e dela argumentavam** — de modo que não é um relato escrito depois do fato, mas um relato que circulava havia décadas, a ponto de seu cumprimento provocar uma crise real em um dos dois exércitos. Se o hadith tivesse sido forjado depois de Siffin, o lado que ele condena jamais o teria aceitado. E o Profeta ﷺ nomeou **uma pessoa determinada, o modo de sua morte** (assassinato, não doença) e **uma descrição de seus matadores** (um grupo transgressor — isto é, muçulmanos injustos, e não descrentes). Três restrições cumpridas juntas.

Este meu filho é um senhor

Este meu filho é um senhor, e talvez Deus reconcilie por meio dele dois grandes grupos de muçulmanos.

Narrado por al-Bukhari — autêntico

Logo quando al-Hasan era uma criança pequena

Ano 41 H. — o Ano da União

Nem dois grupos nem luta

A comunidade se dividiu em dois exércitos

E a comunidade inteira é uma só

→ Al-Hasan abdica em favor da reconciliação

E a criança não havia chegado à idade adulta

e assim os muçulmanos se uniram

E sem cargo algum

E foi chamado: o Ano da União

Cedeu o califado podendo mantê-lo — e assim poupou sangue

A maior reconciliação da história islâmica antiga, e seu autor nomeado antes de atingir a maioridade

Em palavras simples

O Profeta ﷺ carregou seu neto Hasan, quando este era uma criança pequena, e disse: **Deus reconciliará por meio dele dois grandes grupos de muçulmanos**. Uns quarenta anos depois foi exatamente o que ele fez.

No que se acreditava então?

Não havia dois grupos na comunidade — era uma comunidade só atrás de seu Profeta. E a criança de quem isso se disse não havia atingido a maioridade, e ninguém sabia o que viria a ser. O hadith relata três coisas desconhecidas de uma vez: que a comunidade **se dividiria**, que a divisão **terminaria numa reconciliação**, e que essa criança em particular seria quem a promoveria.

O que diz a ciência hoje?

No ano 41 da hégira, depois da morte de Ali, que Deus o agrade, Hasan recebeu o juramento de fidelidade como califa, à frente de um grande exército. Então ele **o cedeu a Mu'awiyah para poupar sangue muçulmano**, e a comunidade se uniu atrás de um só homem depois de anos de luta. Esse ano é chamado em toda a história islâmica de **«o Ano da Unidade»**. O hadith está no Sahih de al-Bukhari.

Por que este é um milagre decisivo?

Considere o que esta única frase exige: afirmar **uma discórdia ainda por vir** numa comunidade ainda não dividida, identificar **o homem que lhe poria fim** enquanto ele era uma criança que ainda não falava, e especificar **o modo** — reconciliação, e não vitória na guerra. O último é o mais espantoso: o curso natural de um homem com exército e legitimidade é lutar. Que o neto do Profeta fosse descrito como alguém que abdicaria estando em condições de vencer — **um passo pelo qual alguns de seus próprios seguidores o censuraram** — e que isso fosse chamado de «senhorio» e «reconciliação», é um juízo contrário a toda expectativa política. E cumpriu-se palavra por palavra.

O califado é trinta anos — depois, realeza

O califado em minha nação é de trinta anos; depois disso haverá realeza.

Narrado por Abu Dawud e at-Tirmidhi — classificado como autêntico por al-Albani



Cinco califas em exatamente trinta anos... e então o sistema de governo mudou

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que o califado segundo o método da profecia duraria **trinta anos** apenas, e que depois o governo se converteria numa realeza hereditária. A aritmética saiu exata.

No que se acreditava então?

Os sistemas de governo em toda a terra eram realezas hereditárias: Pérsia, Roma, Abissínia e lêmén. Nenhum outro sistema estava no horizonte. Atribuir a um sistema que ainda não havia começado **um tempo de vida em anos**, e depois dizer que ele passaria a outra coisa, é uma especificação perigosa, aberta à contagem e ao cálculo.

O que diz a ciência hoje?

O califado começou com a morte do Profeta ﷺ no ano 11 da hégira: Abu Bakr por dois anos e três meses, depois Umar por dez anos e meio, depois Uthman por cerca de doze anos, depois Ali por cerca de cinco, depois Hasan por cerca de seis meses, até abdicar no ano 41. **O total: exatamente trinta anos.** Depois o governo virou uma realeza herdada entre os omíadas e em seguida os abássidas.

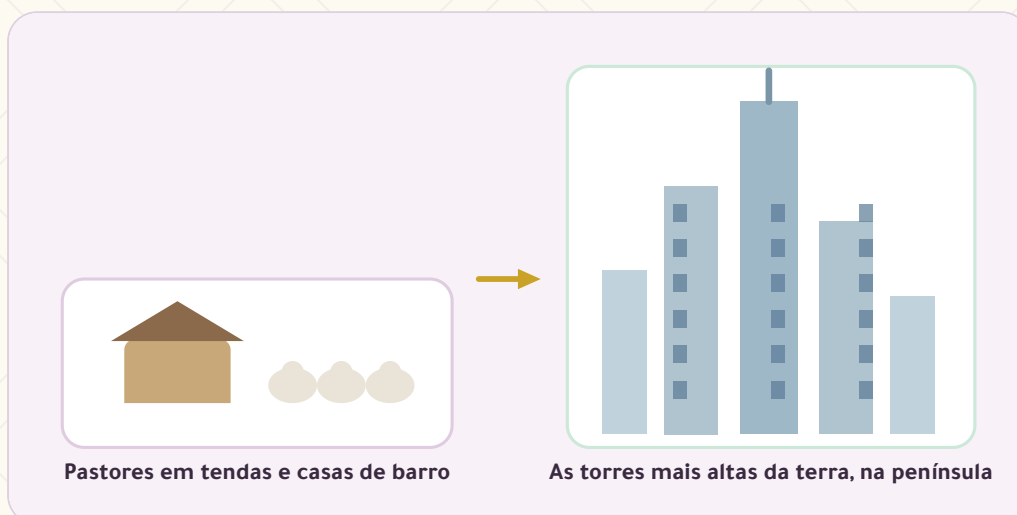
Por que este é um milagre decisivo?

Este é um número **mensurável e falsificável**, e não uma descrição geral aberta à interpretação. Se o período tivesse durado dois anos a mais ou a menos, a coisa ficaria exposta. E mais notável ainda: o hadith não disse «depois do Islã acaba» nem «depois prevalece a descrença» — disse «depois, **realeza**», isto é, uma mudança na forma de governo com o Estado permanecendo. E foi exatamente o que aconteceu: o Estado islâmico permaneceu e se expandiu, mas o método de escolher o governante mudou. Uma precisão na descrição política não menos exata que a precisão do número.

Pastores competindo em edifícios altos

Que a escrava dará à luz sua senhora, e que verás os pastores de ovelhas, descalços, nus e miseráveis, competindo em edifícios altos.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — o hadith de Gabriel



O edifício mais alto do mundo hoje está num deserto cujas casas foram um dia de pelo e barro

Em palavras simples

O Profeta ﷺ relatou que entre os sinais da última era estaria que **pastores pobres e descalços** competiriam em erguer edifícios altos. E é o que você vê hoje com os próprios olhos.

No que se acreditava então?

A península arábica era então a região habitada mais pobre da terra: sem rio, sem cultivos, sem mineral conhecido. Seu povo eram pastores que se moviam atrás do pasto, suas casas de pelo e barro, nunca de mais de um andar. Ninguém imaginava que aquela terra viria a ser um centro de riqueza e de construção.

O que diz a ciência hoje?

O petróleo foi descoberto na península nos anos 1930, e sua condição mudou em duas gerações. Hoje o **Burj Khalifa**, em Dubai, tem 828 metros de altura, o edifício mais alto do mundo; a **Torre de Jeddah**, em construção, ultrapassa um quilômetro; e os **Abraj al-Bait**, em Meca, estão entre os edifícios mais maciços da terra. Competir pelo «mais alto» tornou-se característica declarada daquela região em particular.

Por que este é um milagre decisivo?

Três restrições numa única frase fazem disso uma profecia e não uma máxima geral. Primeiro, especificar **a identidade de quem o faz** — «os pastores de ovelhas, descalços, nus e miseráveis»: os construtores são **os próprios pobres**, e não uma nação rica com longa tradição de construir. Segundo, o verbo «**competindo**» — uma forma recíproca que indica **rivalidade em altura** especificamente, e não meramente construir alto. Terceiro, que isso foi dado como **sinal de uma mudança imensa**, isto é, algo tão fora do comum que conta como presságio. E quem olha para um deserto estéril e prevê que seu povo um dia competirá pelo edifício mais alto da terra não fala por adivinhação.

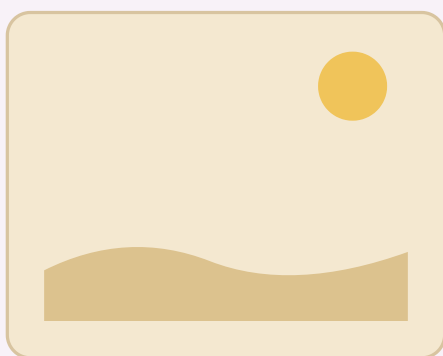


Até que a terra dos árabes volte a ser prados e rios

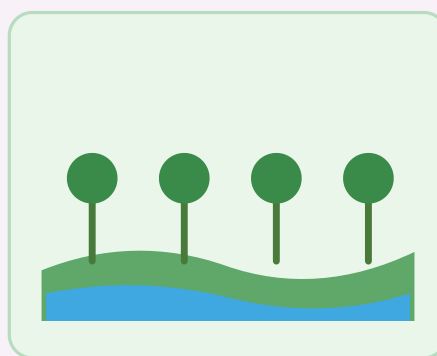
A Hora não chegará até que a riqueza seja abundante e transborde, até que a terra dos árabes volte a ser prados e rios.

Narrado por Muslim — autêntico

As evidências geológicas provam que assim foi... e voltará a ser



O deserto hoje



Prados e rios

Sob as areias da Arábia há leitos de rios antigos revelados por satélites

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que a terra dos árabes **voltaria** a ser prados verdes e rios correntes. A palavra-chave é «**voltar**» — o que significa que assim já fora antes.

No que se acreditava então?

A península arábica é deserto estéril desde antes da história escrita, e seu povo não lhe conhecia outro estado. Não havia meio algum de conhecer seu passado climático remoto. E dizer que ela voltará a ser prados **exige que um dia tenha sido prados** — e é aí que está a notícia.

O que diz a ciência hoje?

Satélites e radar de penetração no solo revelaram sob as areias da Arábia **uma vasta rede de leitos de rios antigos**, chamados rios fósseis, sendo os maiores o Wadi al-Batin e o Wadi al-Rummah. Estudos de paleoclima estabeleceram que a península passou por períodos úmidos repetidos (o último há cerca de 6.000 anos) em que havia lagos, rios, pastagens e grandes animais. Ali se acharam ossos de hipopótamo e de crocodilo e ferramentas de pedra ao lado de leitos de lagos secos. E os ciclos climáticos preveem um retorno da umidade no futuro.

Por que este é um milagre decisivo?

Uma única palavra carrega o milagre: «**voltar**». Ela afirma duas coisas de uma vez: um relato sobre um **passado** geológico de que ninguém tinha conhecimento algum, e uma profecia sobre um **futuro** que ainda não veio. Se tivesse dito «tornar-se», seria uma afirmação apenas sobre o futuro. E note a pista dentro do próprio hadith: ele uniu isso a «a riqueza seja abundante e transborde» — e essa metade de fato se cumpriu pelo petróleo, que é o que financia os vastos projetos de reflorestamento e agricultura de lá hoje.

Um fogo que sai da terra do Hijaz

A Hora não chegará até que saia da terra do Hijaz um fogo que ilumine os pescoços dos camelos em Busra.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Uma erupção vulcânica histórica registrada nas fontes e nos campos de lava

Em palavras simples

O Profeta ﷺ relatou que sairia da terra do Hijaz um fogo cuja luz alcançaria a cidade de **Busra**, na Síria, a centenas de quilômetros. Aconteceu no ano de 1256 d.C.

No que se acreditava então?

O Hijaz é uma terra desértica cujo povo nunca vira um vulcão na vida. A própria palavra «vulcão» era desconhecida naquele ambiente. E especificar **o lugar da erupção** e **o alcance da luz** nomeando uma cidade determinada em outro país é um detalhe que não se diz senão a partir da certeza.

O que diz a ciência hoje?

Em **Jumada al-Akhirah de 654 da hégira / junho de 1256 d.C.** entrou em erupção um vulcão em **Harrat Rahat**, a leste de Medina, e a erupção durou cerca de cinquenta e cinco dias, com lava correndo dezenas de quilômetros. Historiadores contemporâneos — Abu Shama, al-Qurtubi, Ibn Kathir e an-Nawawi — a descreveram e registraram que **sua luz foi vista de Busra, de Tayma e de Meca**, e que as pessoas se serviam dela para enxergar à noite. Geólogos estudaram os fluxos de lava de Harrat Rahat e os dataram deste episódio.

Por que este é um milagre decisivo?

Note a precisão da descrição: não disse apenas «um grande fogo», mas especificou **o efeito visível: «iluminando os pescoços dos camelos em Busra»**. Busra é uma cidade do sul da Síria, a cerca de mil quilômetros de Medina. E o detalhe dos **pescoços dos camelos** em particular é estranho até que se compreenda: um clarão distante no horizonte ilumina os objetos que se erguem acima da linha do horizonte, e o pescoço de um camelo é a coisa mais alta numa caravana. E é exatamente o que os historiadores descreveram seis séculos depois. O episódio está registrado em muitas fontes independentes e confirmado geologicamente na rocha.

O tempo se aproximará

A Hora não chegará até que o tempo se aproxime, de modo que um ano seja como um mês, um mês como uma semana e uma semana como um dia.

Narrado por Ahmad e at-Tirmidhi — classificado como autêntico por al-Albani



O que antes levava um mês agora leva duas horas

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que o tempo se **aproximaria**, de modo que um ano seria como um mês e um mês como uma semana. É o que vivemos: o que antes exigia meses agora exige horas.

No que se acreditava então?

O tempo foi constante na experiência humana desde o início da criação. Viagem de camelo e de cavalo, uma carta levando meses de estrada, notícias chegando depois de estações. Era inconcebível que essas proporções algum dia mudassem — estavam entre as coisas fixas da vida.

O que diz a ciência hoje?

O que uma caravana atravessava em um mês, um avião atravessa em duas horas. Uma carta que levava meses chega agora em menos de um segundo. O que exigia uma vida de busca em bibliotecas se faz em minutos. Essa aceleração tornou-se objeto de estudo em sociologia sob o nome de **«compressão espaço-tempo»**, termo estabelecido que descreve o efeito da velocidade do transporte e da comunicação sobre a percepção das distâncias.

Por que este é um milagre decisivo?

A própria formulação é o milagre. Ele não disse «a bênção diminuirá» nem «a vida passará depressa» — leituras ambas possíveis e aceitáveis. Usou em vez disso a forma de **uma proporção matemática graduada**: um ano → um mês, um mês → uma semana, uma semana → um dia, um dia → uma hora. Isto é: a unidade de tempo se contrai a cerca de um décimo a cada passo. E o verbo árabe é uma forma recíproca que indica as pontas se aproximando uma da outra — descrição precisa da contração das distâncias, e não meramente de uma perda de bênção. E o termo «compressão espaço-tempo», cunhado pelos sociólogos no século XX, é quase uma tradução literal da expressão.

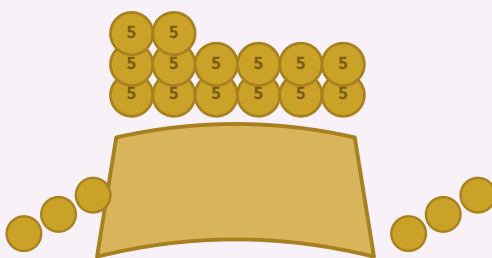


Riqueza tão abundante que ninguém aceitará a caridade

A Hora não chegará até que a riqueza se torne abundante entre vós e transborde, até que o dono da riqueza se aflija sobre quem aceitará a sua caridade.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido

Uma nação que atava a pedra sobre o ventre de fome



Problemas de abundância... não problemas de escassez

Do Profeta ﷺ amarrando uma pedra sobre o ventre... a um excedente sem quem o receba

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que viria um tempo em que a riqueza seria tão abundante que **o dono da riqueza teria dificuldade de achar um pobre que aceitasse sua caridade**. Isso aconteceu na história mais de uma vez, e acontece hoje.

No que se acreditava então?

Estas palavras foram ditas numa sociedade **que de fato passava fome**: os companheiros amarravam pedras sobre o ventre no dia do Fosso, e a gente do Banco não achava uma veste com que se cobrir. A ideia de uma riqueza transbordante até não se achar um pobre era então inconcebível. E toda a história humana até ali era uma história de escassez, não de abundância.

O que diz a ciência hoje?

Isso aconteceu claramente no **califado de Umar ibn Abd al-Aziz**, a ponto de os historiadores registrarem que seus agentes andavam com o dinheiro e não achavam quem o tomasse, de modo que o usavam para libertar escravos e casar os solteiros. E em nossa própria era: Estados do Golfo onde a riqueza transborda a ponto de o desafio ser **achar destinatários para o zakat**, fundos de caridade internacionais anunciando um excedente que não conseguem desembolsar em casa, e problemas econômicos modernos chamados «**excesso de produção**» e «excesso de consumo».

Por que este é um milagre decisivo?

A profecia aqui não é «as pessoas vão enriquecer» — o que seria uma expectativa comum — mas uma equação completamente invertida: **que dar se torne o problema em vez de receber**. Isso é uma inversão na estrutura da sociedade, e não meramente uma melhora de condições. E o verbo árabe traduzido por «se aflija» é preciso: significa preocupá-lo e ocupar-lhe a mente — de modo que o problema é psicológico e administrativo, não material. E é exatamente a descrição dos fundos de zakat contemporâneos quando anunciam um excedente sem destino. Isto foi dito a um povo que não achava o pão de cada dia.

Conquistareis o Egito — tratai bem o seu povo

Conquistareis o Egito, uma terra em que se nomeia o quirate. Quando o conquistardes, sede bons para o seu povo, pois têm um pacto e um laço de parentesco.

Narrado por Muslim — autêntico



Egito: o Profeta ﷺ deu instruções a seu respeito mais de vinte anos antes de sua conquista

🔍 Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que os muçulmanos **conquistariam o Egito**, e os instruiu a tratar bem o seu povo antes mesmo de entrarem nele. E deu um sinal: que é uma terra onde se usa o **quirate**.

🕒 No que se acreditava então?

O Egito era então uma província romana fortificada, e o Estado islâmico era coisa nova, que ainda não deixara a península. Os árabes conheciam o Egito pelo comércio e não conheciam os detalhes de seus sistemas. E dar instruções sobre o povo de um país **antes de sua conquista** é afirmar sem rodeios que ele será conquistado.

🔗 O que diz a ciência hoje?

O Egito foi conquistado no ano 20 da hégira por Amr ibn al-As, durante o califado de Umar. Quanto ao **quirate**, é uma unidade de medida de origem greco-egípcia, ainda usada no Egito hoje para a terra (um quirate = 1/24 de feddan) e para o ouro (21 e 24 quilates). É uma unidade **que não se usa com uma corrente como esta em nenhum outro país árabe**. Os historiadores continuaram a registrar que o povo do Egito se distingue por esse termo.

🌟 Por que este é um milagre decisivo?

O sinal mencionado é a prova: **«uma terra em que se nomeia o quirate»**. Isso é uma identificação por um uso local pertencente ao povo de um país em que os muçulmanos ainda não haviam entrado — o tipo de detalhe que só quem conhece menciona. Depois a razão, ainda mais notável: **«pois têm um pacto e um laço de parentesco»** — sendo o parentesco uma referência a Hagar, mãe de Ismael, sobre ele a paz, que era egípcia, e a Maria, a Copta, mãe de Ibrahim, filho do Profeta. Assim a instrução se apoia numa linhagem real. Uma instrução para tratar bem um povo, vinte anos antes de seu país ser tomado, vinda de um homem que no dia em que a disse não tinha exército algum.



Uways al-Qarani — a descrição de um homem que ele nunca viu

Virá a vós Uways ibn Amir com os reforços do povo do Iêmen, de Murad, depois de Qaran. Tinha lepra e foi curado dela, exceto pelo espaço de um dirham. Tem uma mãe a quem é devotado.

Narrado por Muslim — autêntico

Cinco sinais fixados de antemão

- ✓ Seu nome: Uways ibn Amir
- ✓ Sua tribo: Murad e depois Qaran
- ✓ Tinha lepra e se curou
- ✓ Restou dela o espaço de um dirham
- ✓ Devotado à sua mãe, e nada mais

Umar o encontrou anos depois com todos estes sinais

Umar ibn al-Khattab não parou de perguntar por ele nas estações de peregrinação até encontrá-lo

Em palavras simples

O Profeta ﷺ descreveu um homem **que nunca vira nem encontrara**: seu nome, sua tribo, que fora curado de uma doença exceto por uma pequena mancha do tamanho de uma moeda, e que era devotado à mãe. Depois Umar o encontrou com todos aqueles sinais.

No que se acreditava então?

Uways era um homem obscuro do Iêmen, sem posição e sem fama, e nunca encontrou o Profeta ﷺ (razão pela qual conta entre os sucessores, e não entre os companheiros). Entre o Iêmen e Medina há uma longa distância, e não havia como saber dos assuntos de pessoas individuais de lá. E a descrição inclui **um sinal corporal extremamente preciso**, que só quem o tivesse visto sem roupa poderia saber.

O que diz a ciência hoje?

Umar ibn al-Khattab, que Deus o agrade, saiu perguntando por Uways entre os reforços do povo do Iêmen, ano após ano, até encontrá-lo. Perguntou-lhe o nome e a tribo, depois perguntou-lhe da lepra e achou a coisa exatamente como fora descrita, depois perguntou: «Tens mãe?» Ele disse que sim. Então Umar lhe pediu que suplicasse perdão para ele. A história por inteiro está no **Sahih de Muslim**, entre as coisas mais confiáveis narradas sobre este assunto.

Por que este é um milagre decisivo?

Cinco sinais independentes encontrando-se num só homem. O nome e a linhagem um adivinho poderia acertar, mas o quarto sinal é decisivo: **«tinha lepra e foi curado dela, exceto pelo espaço de um dirham»** — a descrição de uma doença passada, de uma recuperação dela e de um resto de tamanho especificado. Três informações num só sinal, sobre o corpo de um homem em outro país. E o notável é que o Profeta ﷺ instruiu Umar a **pedir-lhe súplicas** — de modo que o Comandante dos Crentes passou anos procurando um pastor obscuro para que este pedisse perdão por ele. Se um sinal estivesse errado, todo o relato teria ruído diante dos olhos dos companheiros.

O primeiro exército a ir ao mar

O primeiro exército de minha nação a fazer uma expedição pelo mar já garantiu sua recompensa... Depois disse: Tu estás entre os primeiros.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido

Dito quando os muçulmanos não tinham um só navio



Umm Haram bint Milhan – martirizada na expedição a Chipre

A primeira expedição naval do Islã — Chipre, ano 28 da hégira

Em palavras simples

O Profeta ﷺ viu em sonho um exército de sua nação **indo ao mar**. Umm Haram pediu-lhe que suplicasse para que ela estivesse entre eles, e ele disse: «**Tu estás entre os primeiros.**» E assim foi.

No que se acreditava então?

Os árabes eram um povo de terra, não de mar. Não tinham navios nem conhecimento de guerra naval, e o mar, em sua cultura, era coisa temida a ser evitada. Aliás, Umar ibn al-Khattab recusou autorizar expedições marítimas durante todo o seu califado, por temor pelas pessoas. Assim, prever uma força naval islâmica era extremamente improvável.

O que diz a ciência hoje?

No ano 28 da hégira Uthman ibn Affan permitiu que Mu'awiyah fosse ao mar, e a primeira frota islâmica foi construída e atacou **Chipre**. **Umm Haram bint Milhan**, que Deus a agrade, saiu com ela, e, ao desembarcar, trouxeram-lhe uma montaria que a derrubou, e ela morreu e foi ali sepultada. Seu túmulo é conhecido em Chipre até hoje como Hala Sultan Tekke, e as pessoas o visitam. A história está nas duas coletâneas Sahih.

Por que este é um milagre decisivo?

Três camadas de informação numa curta frase. A primeira: que a nação teria **um exército naval** — um povo do deserto sem navios. A segunda: que **uma mulher determinada estaria nele** — uma mulher então em Medina, sem nenhum pensamento sobre o mar. A terceira, e a mais precisa: que ela estaria entre «**os primeiros**» e não entre os posteriores — isto é, na **primeira expedição** especificamente, e não numa incursão seguinte. Ela pediu estar no segundo grupo que ele vira, e ele disse: «Tu estás entre os primeiros.» Assim a especificação caiu exatamente onde foi posta. E ela morreu naquela mesma expedição, cerca de vinte anos depois do relato.



Os carijitas — e um homem com um braço como o seio de uma mulher

Surgirá entre vós um povo cuja oração vos fará ter em pouco a vossa... recitam o Alcorão, mas ele não lhes passa da garganta; saem da religião como a flecha sai da presa.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido

A descrição de uma seita ainda não surgida... e um sinal no corpo de um homem dela

A flecha atravessa a presa sem que nada dela lhe fique preso



O sinal decisivo: entre eles há um homem com um de seus braços

Como o seio de uma mulher, pendente — e foi encontrado depois da batalha

Ali, que Deus o agrade, mandou procurá-lo entre os mortos até que foi achado

Em palavras simples

O Profeta ﷺ descreveu um grupo que surgiria entre os muçulmanos: exteriormente intenso na adoração, recitando o Alcorão, e ainda assim **saíndo da religião**. E deu um sinal: entre eles haveria um homem com um braço deformado e atrofiado.

No que se acreditava então?

Não havia seitas nem divisão na comunidade. E a ideia de um povo que **unisse adoração intensa e saída da religião** era, na aparência, contraditória — espera-se que um desviado seja negligente na adoração, e não excessivo nela.

O que diz a ciência hoje?

Os carijitas apareceram durante o califado de Ali, que Deus o agrade, declarando muçulmanos descrentes e tornando lícito seu sangue, sendo ao mesmo tempo famosos por longas orações e muita recitação. Ali os combateu em **Nahrawan**, no ano 38 da hégira. Depois da batalha ele mandou procurar o homem descrito, e este foi buscado entre os mortos até ser achado: um homem com um braço como o seio de uma mulher. Ali proclamou o takbir e disse: «Deus falou a verdade e Seu Mensageiro transmitiu a mensagem.» A história está no Sahih de Muslim.

Por que este é um milagre decisivo?

A própria comparação é extremamente precisa: «**saem da religião como a flecha sai da presa**». Quando uma flecha atravessa de lado a lado um animal caçado, ela sai **limpa, sem sangue nem carne aderidos** — descrição de quem atravessa a religião e nada dela retém, apesar da rapidez com que passa. Mas o decisivo é **o sinal corporal**: uma deformidade rara no braço de um homem específico, num grupo ainda não nascido, numa batalha ainda não travada. E é um sinal **aberto à verificação imediata** — razão pela qual Ali o procurou ele mesmo entre os mortos. Se não tivesse sido achado, o relato teria ruído diante de um exército inteiro.

Um povo de olhos pequenos e rostos largos

A Hora não chegará até que combatais um povo cujas sandálias são de pelo, e até que combatais os turcos — de olhos pequenos, rostos avermelhados, narizes achatados, como se seus rostos fossem escudos em camadas.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido

Uma descrição étnica precisa de um povo que os árabes não tinham visto então



«Olhos pequenos · rostos largos · narizes achatados»

A invasão mongol — século VII da Hégira

Os traços dos povos da Ásia Central descritos séculos antes de os árabes os verem

Em palavras simples

O Profeta ﷺ descreveu um povo que os muçulmanos combateriam, e descreveu **a forma de seus rostos**: olhos pequenos, rostos largos e redondos, narizes curtos e achatados. São os traços dos povos da Ásia Central e dos mongóis.

No que se acreditava então?

Os árabes da península viam apenas a si mesmos, aos romanos, aos persas e aos abissínios — todos com traços inteiramente distintos desta descrição. Os povos da estepe asiática ficavam além da Pérsia, no extremo oriente, e nenhuma notícia deles chegava à península. Não havia contato entre os árabes e eles, nem guerra nem comércio.

O que diz a ciência hoje?

O hadith descreveu três traços anatômicos hoje conhecidos como característicos dos povos do leste e do centro da Ásia: **a fenda palpebral estreita com a prega epicântica, o rosto largo e achatado com maçãs salientes e o nariz curto e de dorso baixo**. E o combate de fato ocorreu: a invasão mongol do sétimo século islâmico, que destruiu Bagdá em 656 da hégira e foi depois derrotada em **Ain Jalut**, em 658. Antes disso, os muçulmanos haviam combatido os turcos na Transoxiana desde o primeiro século.

Por que este é um milagre decisivo?

Esta é uma descrição **antropológica**, e não política nem militar. E ela não parou num traço que pudesse ser acertado por acaso, mas reuniu **quatro traços que coocorrem** e que juntos formam um tipo facial específico conhecido pela ciência das populações hoje. E a comparação final é extremamente precisa: «como se seus rostos fossem **escudos em camadas**» — um escudo coberto de camadas de couro fica largo, redondo e levemente abaulado. Que um homem no deserto da Arábia descrevesse os traços de um povo que vivia além da China, e depois relatasse que sua nação os combateria, é assunto em que a adivinhação não tem parte alguma.

Beberão vinho e o chamarão por outro nome

Certamente algumas pessoas de minha nação beberão vinho, chamando-o por outro nome que não o seu.

Narrado por Abu Dawud e Ibn Majah — classificado como autêntico por al-Albani

O nome muda... e a realidade é uma só



Bebida espirituosa

Vinho



Vinho de uva

Vinho



Embragante de cevada

Vinho



Bebida energética

Vinho

Mudar o nome para contornar a proibição — um fenômeno que o hadith descreveu antes de ocorrer

O nome muda para que o proibido se torne fácil de tomar

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que algumas pessoas de sua nação beberiam vinho, mas **não o chamariam de vinho** — dar-lhe-iam outros nomes para torná-lo aceitável e para justificá-lo.

No que se acreditava então?

O vinho era chamado por seu próprio nome abertamente e celebrado na poesia. Ninguém se envergonhava dele nem precisava esconder-lhe o nome. Assim, o hadith prevê um **comportamento psicológico e social** específico: que as pessoas reconheceriam a proibição e depois a contornariam mudando o nome.

O que diz a ciência hoje?

Este é um fenômeno observado em sociologia e linguística sob o nome de «**eufemismo**»: mudar o nome de uma coisa para suavizar seu impacto ou para escapar de uma proibição. Nosso mundo está cheio de exemplos: «destilados», «vinho de saúde», «bebidas energéticas» contendo álcool, «tamarindo fermentado» e «cerveja sem álcool» que ainda contém uma porcentagem dele. O mesmo princípio é usado para a usura («juros», «retorno de investimento») e para outras coisas proibidas.

Por que este é um milagre decisivo?

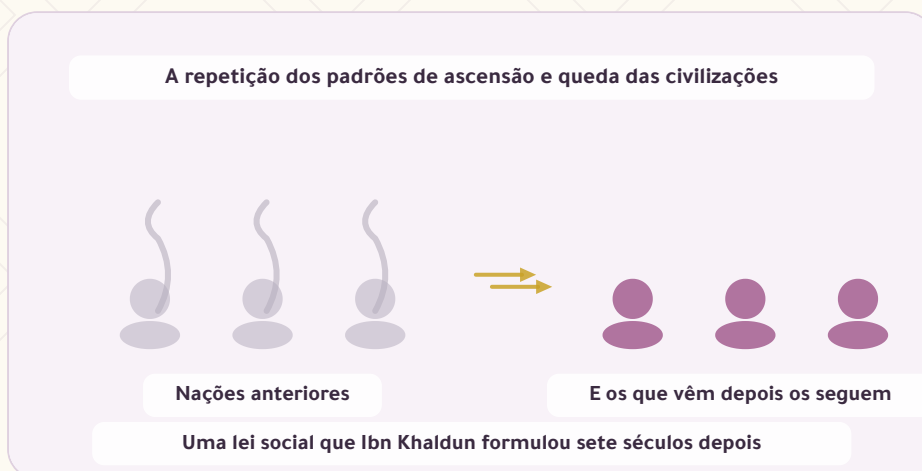
A profecia aqui não é sobre um **ato**, mas sobre **uma manobra linguística** — o que é mais sutil e mais difícil. Dizer «algumas pessoas beberão vinho» é uma afirmação esperada. Mas especificar o **método de evasão** — mudar o nome em vez de negar o preceito — é a descrição de um mecanismo psicológico e social que nem sequer era visível naquela sociedade. E é hoje um capítulo inteiro da sociolinguística. É coerente com outro hadith que condena quem «torna lícito o proibido por um nome que lhe dá» — uma só regra, por mais formas que assuma.



Seguireis os caminhos dos que vieram antes de vós

Certamente seguireis os caminhos dos que vieram antes de vós, palmo por palmo e braça por braça, a ponto de, se entrassem na toca de um lagarto, vós os seguiríeis.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



As nações repetem os erros de suas antecessoras a um grau que espanta os historiadores

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que esta nação imitaria as nações anteriores **passo a passo**, até nas coisas absurdas que não trazem benefício algum.

No que se acreditava então?

A visão dominante era que cada nação tem seu próprio caminho, e que os muçulmanos estavam apartados por sua religião de cair naquilo em que outros haviam caído. Não havia concepção de uma «lei» que governasse o curso de todas as nações sem exceção.

O que diz a ciência hoje?

Esta é a essência do que a sociologia histórica chama de **ciclos da civilização**. Ibn Khaldoun a formulou em sua Muqaddimah sete séculos depois, e sobre ela Oswald Spengler e Arnold Toynbee construíram suas teorias no século XX: **as nações passam por fases semelhantes de ascensão, luxo e dissolução**, e repetem os erros de suas antecessoras de modo quase inevitável. Os sociólogos observaram um fenômeno paralelo no comportamento individual, que chamaram de **comportamento de manada**.

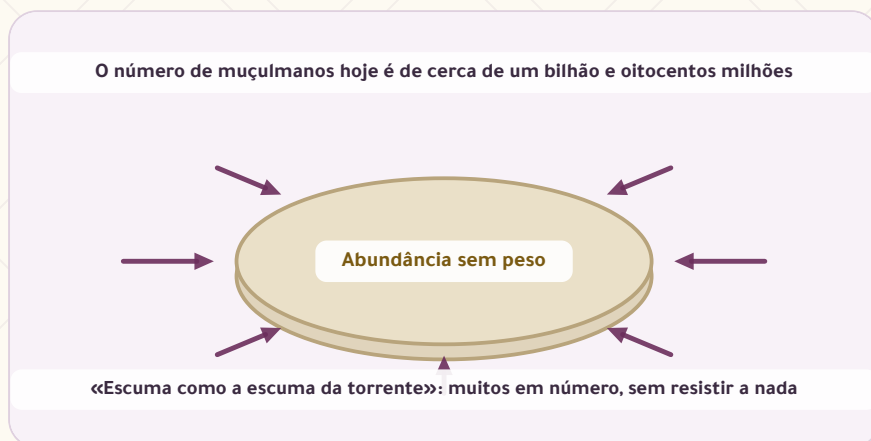
Por que este é um milagre decisivo?

A precisão está na cláusula final: «**a ponto de, se entrassem na toca de um lagarto, vós os seguiríeis**». O hadith não fala de imitar o que é benéfico — isso seria razoável e louvável — mas de imitar **o que não tem benefício nem sentido**, e até o que traz dano evidente. E é exatamente o que os sociólogos descrevem hoje nas modas de comportamento que varrem as sociedades sem razão racional alguma. Note também a forma enfática, de juramento, do verbo: é uma afirmação de que isso acontecerá, e não uma advertência contra uma possibilidade. E aconteceu de um modo que ninguém pode negar.

As nações se convocarão — e a espuma da torrente

As nações estão prestes a convocar-se umas às outras contra vós, como os comensais se convocam ao seu prato. Alguém disse: será por sermos poucos naquele dia? Ele disse: Não, sereis muitos naquele dia, mas sereis espuma como a espuma da torrente.

Narrado por Abu Dawud e Ahmad — classificado como autêntico por al-Albani



O hadith negou que a causa fosse o número pequeno — e nomeou a causa verdadeira

Em palavras simples

O Profeta ﷺ disse que as nações se convocariam contra os muçulmanos como os comensais se convocam a um prato. Perguntaram-lhe: por sermos poucos? Ele disse: **Não, sereis muitos** — mas sem peso e sem efeito.

No que se acreditava então?

A comunidade estava a caminho de se tornar a maior potência da terra. Numa única geração abriu a Pérsia, a Síria, o Egito e o norte da África. Assim, prever uma fraqueza vindoura — junto com **abundância numérica** — parecia inteiramente em desacordo com o curso visível dos acontecimentos.

O que diz a ciência hoje?

O número de muçulmanos hoje é de cerca de um bilhão e oitocentos milhões, quase um quarto da população da terra, e eles detêm as maiores reservas de energia do mundo e posições geográficas estratégicas. E, no entanto, sua parcela da produção científica, industrial e econômica mundial é minúscula em relação a seu número, e suas terras estão entre as mais conflituosas e dependentes da terra. **Os números estão lá; o peso civilizacional está ausente** — a equação exata que o hadith descreveu.

Por que este é um milagre decisivo?

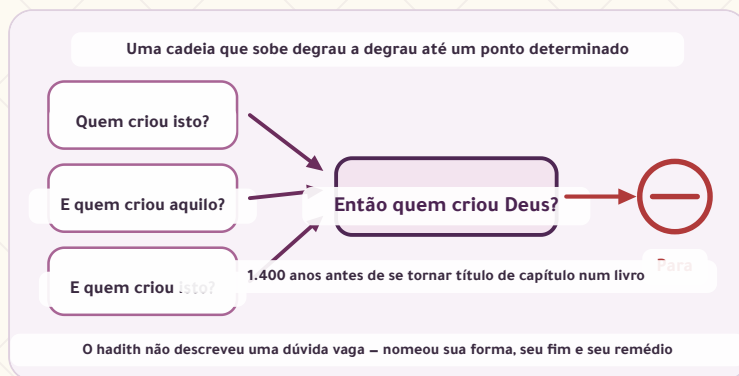
O mais importante neste hadith é que ele **antecipou a explicação errada e a negou explicitamente**. Quando lhe perguntaram «será por sermos poucos naquele dia?», ele não disse sim — disse «Não, sereis muitos naquele dia». Tirou o número da equação por completo e estabeleceu que **o defeito é de qualidade, não de quantidade**. E a imagem da «**espuma da torrente**» é extremamente precisa: a espuma é a escuma e os gravetos que uma enchente carrega à superfície, parecendo abundantes mas sem peso, sem nunca assentar em lugar algum, indo para onde são levados e não para onde querem. Depois ele nomeou a causa no resto do hadith: «a fraqueza... o amor a este mundo e a aversão à morte» — um diagnóstico psicológico, não militar.



«Então quem criou teu Senhor?» — a pergunta nomeada antes de ser feita

Satanás vem a um de vós e diz: quem criou isto? quem criou aquilo? até dizer-lhe: quem criou teu Senhor? Quando chegar a isso, que busque refúgio em Deus e pare.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



A forma, o destino e o remédio — os três numa única frase

Em palavras simples

O hadith descreve algo curioso: uma dúvida que **não chega de uma vez, mas em cadeia**, cada elo gerando o seguinte, até terminar numa pergunta determinada: **«Então quem criou Deus?»** E essa é precisamente a objeção mais repetida de todo o ateísmo moderno.

No que se acreditava então?

Essa pergunta não circulava no ambiente do Profeta ﷺ. Seus adversários eram **politeístas**, não ateus: afirmavam um Criador e adoravam outros ao lado d'Ele — «E se lhes perguntasses quem criou os céus e a terra, certamente diriam: Deus.» A disputa era sobre **quem deve ser adorado**, e não sobre **se existe um Criador**. Não há registro de ninguém em Meca que a tenha feito. Isto é, o hadith descreve uma dúvida **que não existia em seu próprio tempo**.

O que diz a ciência hoje?

Essa mesma pergunta se tornou **o maior estandarte da objeção ateísta moderna**. **Bertrand Russell** a pôs em sua conferência de 1927, «Por que não sou cristão», e fez dela sua razão para abandonar o argumento da Primeira Causa. **Richard Dawkins** fez dela o eixo do capítulo três de *Deus, um Delírio*, em 2006, sob o título: **«Quem projetou o projetista?»** Quanto à resposta da filosofia, é exatamente o que o hadith ordenou: **parar**. Porque a pergunta carrega dentro de si um defeito lógico — supõe que o Criador é criado, e então pede Seu criador. E uma cadeia que nunca termina não explica nada: se tudo requer uma causa, então nada jamais existe. Os lógicos chamam isso de **regresso ao infinito vicioso**.

Por que este é um milagre decisivo?

Três coisas no hadith estão além da adivinhação:

1 — A forma. Não disse «as pessoas duvidarão de Deus», o que é uma generalidade verdadeira em toda época. Descreveu **uma estrutura interrogativa encadeada**: uma pergunta que arrasta uma pergunta que arrasta uma pergunta.

2 — O destino. Nomeou a parada final da cadeia com suas próprias palavras. E realmente é a parada final: não há pergunta depois de «quem criou Deus?» nessa direção.

3 — O remédio. Não ordenou o debate, mas o corte da cadeia — que é a resposta lógica a que a filosofia chegou séculos depois: o defeito está na pergunta, não na resposta.

E um limite deve ser declarado: este é um anúncio sobre um fenômeno da alma, e não sobre um fato da matéria, de modo que microscópio algum o mede e balança alguma o pesa. Mas é **inteiramente refutável**: se essa pergunta nunca tivesse aparecido nesta forma e nesta posição do argumento, o anúncio teria caído. E ela apareceu, e se tornou título de capítulo no mais famoso livro ateu do século. **Então quem lhe contou?**

Fontes [Bertrand Russell — Why I Am Not a Christian, 1927](#) · [Richard Dawkins — The God Delusion, 2006](#) · [Infinite regress — the logical fault in the question](#)



Terceira Parte

Os anúncios da Torá e do Evangelho



Textos que continuam escritos até hoje nas escrituras do Povo do Livro, e que descrevem um profeta por vir cuja descrição se ajusta a um único homem em toda a história.

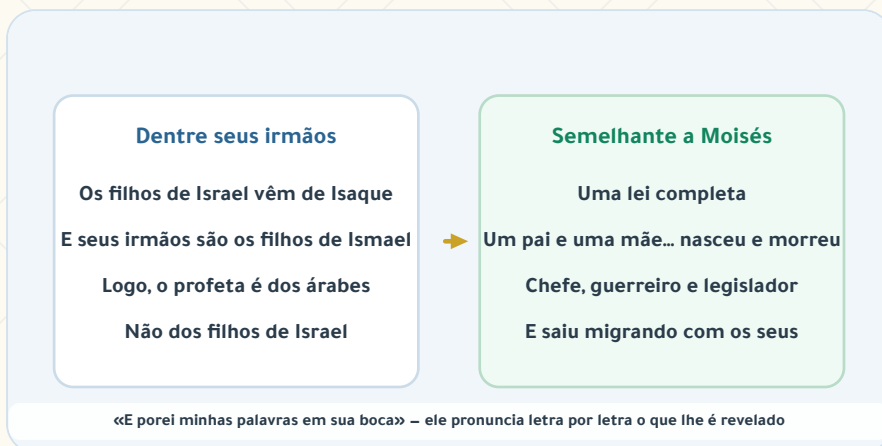
12 provas



Um profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti

Suscitar-lhes-ei um Profeta do meio de seus irmãos, semelhante a ti, e porei minhas palavras em sua boca; e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.

Deuteronômio — capítulo 18, versículo 18



Três condições num só texto: dos irmãos, semelhante a Moisés, e falando o que lhe é posto na boca

Em palavras simples

Deus promete a Moisés um profeta vindouro com três qualidades: será dos **irmãos** dos filhos de Israel, e não dentre eles; será **semelhante a Moisés**; e **falará palavras postas em sua boca**.

No que se acreditava então?

Os judeus continuaram a esperar esse profeta por séculos, perguntando por ele a todo aquele que aparecia. No Evangelho de João perguntaram a João Batista: «És tu Elias?» Ele disse que não. «És tu **aquele profeta**?» Ele disse que não — o que mostra que «aquele profeta» era uma terceira pessoa determinada e esperada, distinta do Messias e distinta de Elias.

O que diz a ciência hoje?

«**Seus irmãos**», na língua da Torá, significa primos, e não filhos do mesmo pai — os filhos de Israel descendem de Isaque, e seus irmãos são os filhos de Ismael, isto é, os árabes. Quanto a «**semelhante a ti**», a comparação cuidadosa aponta para Muhammad ﷺ: nasceu do modo comum, de pai e mãe; casou-se e teve filhos; trouxe uma lei completa; conduziu seu povo, combateu e governou; migrou de sua cidade; e morreu de morte natural. E o próprio Deuteronômio conclui: «**E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés**» (34:10) — o que retira da comparação todos os profetas dos filhos de Israel.

Por que este é um milagre decisivo?

A terceira condição é decisiva: «**e porei minhas palavras em sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar**». Isto descreve um profeta que enuncia **um texto ditado a ele palavra por palavra**, e não o seu sentido. E é precisamente a descrição do Alcorão: «**Nem fala por inclinação própria; não é senão uma revelação revelada**». E a primeira coisa revelada a Muhammad ﷺ foi uma ordem direta de receber: «Recita.» Depois o texto bíblico encerra com uma advertência severa: «E acontecerá que todo aquele que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu lho pedirei.» Assim, isto não é meramente uma boa notícia, mas **uma obrigação de seguir**.

E resplandeceu do monte Parã

O SENHOR veio do Sinai, e lhes surgiu de Seir; resplandeceu do monte Parã, e veio com dez milhares de santos.

Deuteronômio — capítulo 33, versículo 2



Três graus de luz: surgiu... depois resplandeceu

🔍 Em palavras simples

Um texto da Torá nomeia três montes em ordem: o **Sinai**, onde Deus falou a Moisés; depois **Seir**, a terra de Jesus; depois **Parã**. E Parã é — pelo próprio texto da Torá — a terra onde Ismael e seus descendentes se estabeleceram: Meca e o que a cerca.

⌚ No que se acreditava então?

Judeus e cristãos leem este texto em suas escrituras há milhares de anos. O problema que nunca resolveram: **qual é o terceiro acontecimento?** A vinda do Senhor do Sinai é a Torá, e seu surgir de Seir é o Evangelho — então o que resplandeceu de Parã? Nenhum acontecimento religioso equivalente aos outros dois se deu naquela região.

🔗 O que diz a ciência hoje?

Parã é um lugar determinado na própria Torá. O Gênesis (21:21) diz de Ismael: «**E habitou no deserto de Parã; e sua mãe tomou-lhe mulher da terra do Egito.**» Assim, é a pátria dos descendentes de Ismael pelo próprio texto deles. Geógrafos muçulmanos e dicionários bíblicos situam o deserto de Parã no norte do Hijaz, na península do Sinai e na terra entre ambos. E nenhum profeta com mensagem universal saiu daquele deserto exceto Muhammad ﷺ.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A gradação dos verbos é onde está o sentido, e ela é deliberada no hebraico: «**veio**», depois «**surgiu**», depois «**resplandeceu**» — e o resplender é a mais forte e a mais difundida das luzes. O texto ordena três mensagens em escala ascendente e faz da última a mais radiante. Depois acrescenta: «**de sua destra saía para eles uma lei de fogo**» — isto é, esta vinda final traz **uma lei**, e não meramente uma exortação. E Muhammad ﷺ é o único profeta depois de Moisés a trazer uma lei completa que rege a adoração, as relações e o julgamento.

O Santo do monte Parã

Deus veio de Temã, e o Santo do monte Parã. A sua glória cobriu os céus, e a terra se encheu do seu louvor.

Habacuque — capítulo 3, versículo 3



Dois lugares da Arábia nomeados por um profeta hebreu antes da era cristã

Em palavras simples

Um profeta dos filhos de Israel nomeia dois lugares da **Arábia**: **Tayma** — cidade bem conhecida no norte da península até hoje — e **Parã**, a pátria de Ismael. E diz que o Santo virá deles.

No que se acreditava então?

Este texto permaneceu resistente à interpretação entre o Povo do Livro. Nem Tayma nem Parã fazem parte da terra dos filhos de Israel, e nenhum profeta saiu delas em sua história. Alguns tentaram lê-lo como descrição poética da vinda de Deus ao Sinai — mas o Sinai não é mencionado aqui, e dois lugares árabes são nomeados explicitamente.

O que diz a ciência hoje?

Tayma é hoje um famoso oásis e cidade arqueológica no noroeste da Arábia Saudita, outrora estação principal da rota de caravanas entre o Hijaz e a Síria, com ruínas e inscrições que datam de antes da era cristã. E **Parã** é o deserto de Ismael, como afirma o Gênesis. Assim o texto aponta para **uma região determinada**: o norte da península arábica e o Hijaz. E é o lugar de onde saiu a mensagem de Muhammad ﷺ.

Por que este é um milagre decisivo?

Duas coisas elevam este texto acima da coincidência. Primeiro, que ele **concorda com o texto do Deuteronômio ao nomear Parã** — dois profetas diferentes, em eras diferentes, apontando para o mesmo lugar. A convergência de duas testemunhas independentes sobre um lugar alheio à sua própria terra é prova forte. Segundo, o resto do texto: **«e a terra se encheu do seu louvor»** — o efeito desta vinda é **universal, não local**. E nada saiu daquela terra enchendo a terra de louvor senão o Islã, pelo qual a chamada à oração e a glorificação de Deus se erguem a toda hora do dia em todos os continentes.

As aldeias de Qedar — e os habitantes de Sela

*Levantem a voz o deserto e as suas cidades, as aldeias que Qedar habita;
cantem os habitantes da rocha, clamem do cimo dos montes.*

Isaías — capítulo 42, versículo 11

Quem é «Qedar» na Torá?



Qedar é o segundo filho de Ismael

«E estes são os nomes dos filhos de Ismael... Nebaiote e Qedar»



Gênesis 25:13



Os coraixitas descendem de Qedar, filho de Ismael

Logo, o cântico novo se eleva das terras dos árabes

E Sela: um lugar perto de Medina que ainda leva esse nome

Isaías convoca as aldeias de Qedar a cantar um cântico novo

🔍 Em palavras simples

Isaías diz: levante a voz o deserto, **as aldeias que Qedar habita**. E Qedar — pelo texto da Torá — é o filho de Ismael, e o ancestral dos árabes adnanitas, entre os quais estão os coraixitas.

⌚ No que se acreditava então?

O capítulo quarenta e dois de Isaías fala de um «servo» que Deus escolhe, que traz justiça às nações e que não desfalece nem se desanima até estabelecer a verdade na terra. O Povo do Livro continua a divergir sobre sua identidade. Mas o próprio texto especifica **o lugar**: as aldeias de Qedar e Sela.

🔗 O que diz a ciência hoje?

«**Qedar**» é nomeado no Gênesis (25:13) entre os doze filhos de Ismael. Os árabes adnanitas — entre eles os coraixitas e o clã de Hachim — são de sua linhagem. E a região do norte da península é de fato chamada «Qedar» nas inscrições assírias. Quanto a «**Sela**» (vertido por «a rocha» na tradução), é um lugar conhecido: o **monte Sal'**, junto a Medina, ao lado do qual foi cavado o Fosso dos Confederados, e que está de pé sob esse nome até hoje.

✨ Por que este é um milagre decisivo?

O capítulo abre no versículo 1 com «eis o meu servo, a quem sustento» — e «servo» é um título que acompanha Muhammad ﷺ no Alcorão: «Glorificado seja Aquele que fez **Seu servo** viajar de noite», «E quando **o servo de Deus** se levantou invocando-O». Depois o versículo 10 diz: «**Cantai ao SENHOR um cântico novo**» — uma lei nova, não uma renovação da antiga. Depois identifica o povo deste cântico: as aldeias de Qedar e os habitantes de Sela — **dois lugares puramente árabes**, um a linhagem dos coraixitas e o outro um monte em Medina. Que um único texto reúna a linhagem do Profeta ﷺ, a cidade de sua migração, seu título «o servo» e um chamado a uma lei nova é uma convergência que não admite coincidência.

O cavaleiro do jumento e o cavaleiro do camelo

E viu um carro com um par de cavaleiros, um carro de jumentos e um carro de camelos; e prestou atenção com grande cuidado.

Isaías — capítulo 21, versículo 7



Um texto que nomeia dois cavaleiros determinados e ordena que sejam escutados

🔍 Em palavras simples

Uma visão no Livro de Isaías em que o profeta vê **dois cavaleiros**: um sobre um jumento e o outro sobre um camelo, e ele recebe a ordem de escutá-los com a maior atenção.

🕒 No que se acreditava então?

Este texto foi interpretado entre o Povo do Livro como uma visão da queda da Babilônia. Mas a própria cena é notável: dois cavaleiros distintos, nomeados por suas montarias, e o profeta recebendo a ordem de escutá-los — e escutar é para uma mensagem, não para notícias de uma guerra.

🔗 O que diz a ciência hoje?

O cavaleiro do jumento é um sinal que o Povo do Livro reconhece para o Messias, sobre ele a paz. Zacarias (9:9) diz: «Eis que o teu Rei virá a ti... humilde, e montado sobre um jumento», e os Evangelhos registram o Messias entrando em Jerusalém montado num jumento, em cumprimento daquela profecia. Ora, se o primeiro está estabelecido como o Messias, quem é então **o cavaleiro do camelo** que veio depois dele, e a quem o profeta recebe ordem de escutar como recebeu ordem de escutar o primeiro? O camelo é a montaria dos árabes, e nenhum profeta de um povo de camelos veio depois do Messias exceto Muhammad ﷺ.

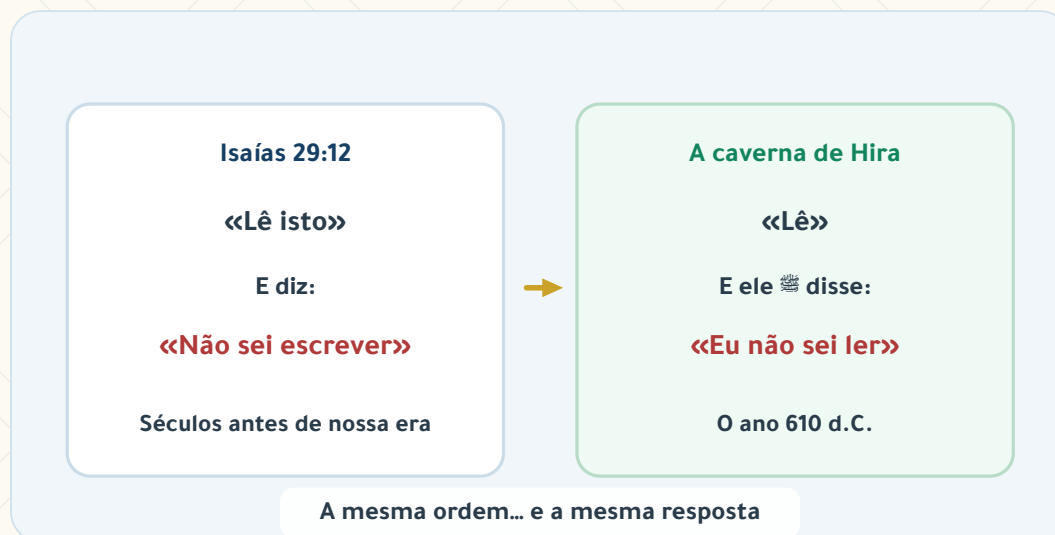
✦ Por que este é um milagre decisivo?

A força está **no emparelhamento e na ordem**. O cavaleiro do camelo não foi mencionado sozinho, de modo que se pudesse chamá-lo de referência genérica a uma caravana — ele está emparelhado com o cavaleiro do jumento numa única cena, e logo depois dele. O Povo do Livro aceitou que «o cavaleiro do jumento» é um sinal profético para uma pessoa determinada, de modo que não convém que seu companheiro no mesmo texto seja um detalhe sem sentido. E a ordem de escutar — «**prestou atenção com grande cuidado**» — indica que o que vem é **fala a ser ouvida e obedecida**, e não uma cena a ser assistida. E o resto do capítulo menciona «**o peso sobre a Arábia**» e nomeia Dedã e Tayma e «**a glória de Qedar**» — todo o contexto é árabe.

Não sei ler

E o livro é entregue ao que não sabe ler, dizendo: Lê isto, peço-te; e ele diz: Não sei ler.

Isaías — capítulo 29, versículo 12



Uma cena descrita mais de mil anos antes de acontecer

Em palavras simples

Um texto de Isaías descreve uma cena: um livro é dado a um homem **que não sabe ler**, e lhe dizem: «Lê isto.» Ele responde: «Não sei ler.» E é exatamente o que aconteceu na caverna de Hira.

No que se acreditava então?

O texto existia nas escrituras do Povo do Livro séculos antes do nascimento do Profeta ﷺ, e não havia cumprimento dele a que apontar. Eles o liam como referência simbólica à cegueira dos filhos de Israel quanto ao entendimento de seu próprio livro.

O que diz a ciência hoje?

Na caverna de Hira, em 610 d.C., Gabriel veio a Muhammad ﷺ e disse: «**Lê**.» Ele disse: «**Não sou leitor**.» Ele o apertou e disse de novo: «Lê.» Ele disse: «Não sou leitor» — três vezes. Então veio a revelação: «Lê, em nome de teu Senhor que criou.» A história está no Sahih de al-Bukhari e no Sahih de Muslim, pela autoridade de Aisha, que Deus a agrade, e está entre as coisas mais famosas e mais bem estabelecidas da biografia.

Por que este é um milagre decisivo?

A correspondência não está apenas no sentido, mas em **toda a estrutura da cena**: uma ordem de ler, uma resposta de incapacidade, da parte de um homem que não lê. E isso exige uma condição indispensável: que o profeta prometido seja **iletrado, não sabendo ler nem escrever**. É a qualidade que o Alcorão afirma de Muhammad ﷺ e da qual faz um argumento: «**E não recitaste antes dele escritura alguma, nem a escreveste com tua destra; caso contrário, os falsificadores teriam motivo de dúvida**.» Note que ser iletrado aqui não é um defeito, mas a **prova**: se ele lesse e escrevesse, dir-se-ia que copiou e transcreveu. E o texto de Isaías faz dessa mesma incapacidade um sinal, não uma falha.

E ele é todo mahamaddim

Hikko mamtaqqim we-kullo mahamaddim; zeh dodi we-zeh re'i, benot Yerushalayim.

Cântico dos Cânticos — capítulo 5, versículo 16 (o texto hebraico)

O texto hebraico original

מַחְמַדִּים

Pronuncia-se: mahamaddim

E foi traduzido como: «todo ele desejável»

O nome está no texto... e desapareceu na tradução

A palavra hebraica exatamente como está nas edições padrão de hoje

🔍 Em palavras simples

No texto hebraico do Cântico dos Cânticos aparece a palavra «**mahamaddim**» — o nome «Muhammad» com o sufixo hebraico de majestade «-im». Na tradução é vertida por «todo ele é desejável», e assim o nome desaparece.

⌘ No que se acreditava então?

O Cântico descreve um amado em imagens poéticas, e sua descrição se encerra com esta palavra: «Sua boca é doce, **e ele é todo mahamaddim**.» O texto foi entendido como símbolo da relação entre Deus e Seu povo, ou como simples poesia de amor.

🔗 O que diz a ciência hoje?

O sufixo «-im» em hebraico marca tanto o plural quanto a majestade — como em «Elohim», nome de Deus em forma plural embora se queira dizer um só. E a raiz hebraica da palavra, מַחְמַדִּים (h-m-d), é a mesma que a raiz árabe h-m-d. Assim «mahamaddim» corresponde em árabe a **Muhammad**, na forma de majestade. A palavra ainda está no texto hebraico padrão de hoje, e qualquer um pode vê-la.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A força do argumento é que o nome **permanece no original e não foi apagado** — apenas se dissolveu na tradução. Isso acontece com frequência: nomes próprios que carregam um sentido em sua própria língua podem ser traduzidos, e o nome se perde. Se o nome «Abdullah» ocorresse num texto árabe, seria vertido por «Servo de Deus» e a pessoa desapareceria. O Alcorão afirma que o nome dele ﷺ está registrado entre eles: «**Os que seguem o Mensageiro, o profeta iletrado, que acham escrito no que têm da Torá e do Evangelho**», e que Jesus deu a boa nova de «**um mensageiro que virá depois de mim, cujo nome é Ahmad**». Assim o Alcorão afirma sem rodeios que **o próprio nome** está com eles — e ei-lo no texto hebraico até hoje.

O Paráclito — outro Consolador

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.

O Evangelho de João — capítulo 14, versículo 16

Duas palavras gregas... com uma só letra entre elas

παράκλητος

parakletos

«o Consolador»

περικλυτός

periklutos

«o Louvado / Ahmad»

E as primeiras cópias sem vogais nem sinais diacríticos

Uma semelhança estreita entre duas palavras numa escrita que não trazia sinais vocálicos

♀ Em palavras simples

O Messias, sobre ele a paz, prometeu a vinda de um **Paráclito** depois dele. A palavra grega *paraklêtos* assemelha-se muito a *periklutos*, que significa «o muito louvado» — isto é, Ahmad.

⌘ No que se acreditava então?

Os comentaristas divergem sobre a identidade do Paráclito desde a Antiguidade. As primeiras cópias gregas eram escritas em maiúsculas contínuas, sem espaçamento e sem sinais vocálicos, de modo que a confusão entre duas palavras tão próximas na forma é inteiramente possível na cópia.

⚙ O que diz a ciência hoje?

As descrições que o Messias deu do Paráclito em João (capítulos 14, 15 e 16) só se sustentam para um ser humano: «**Se eu não for, o Consolador não virá a vós**» — sua vinda está condicionada à partida do Messias, e um espírito já presente não precisaria disso (os Evangelhos registram que o Espírito Santo estava com João no ventre de sua mãe e com o Messias em seu batismo). E «**outro Consolador**» — logo, ele é do mesmo gênero que o primeiro, isto é, um profeta como ele. E «**para que fique convosco para sempre**» — uma lei que perdura e não é ab-rogada.

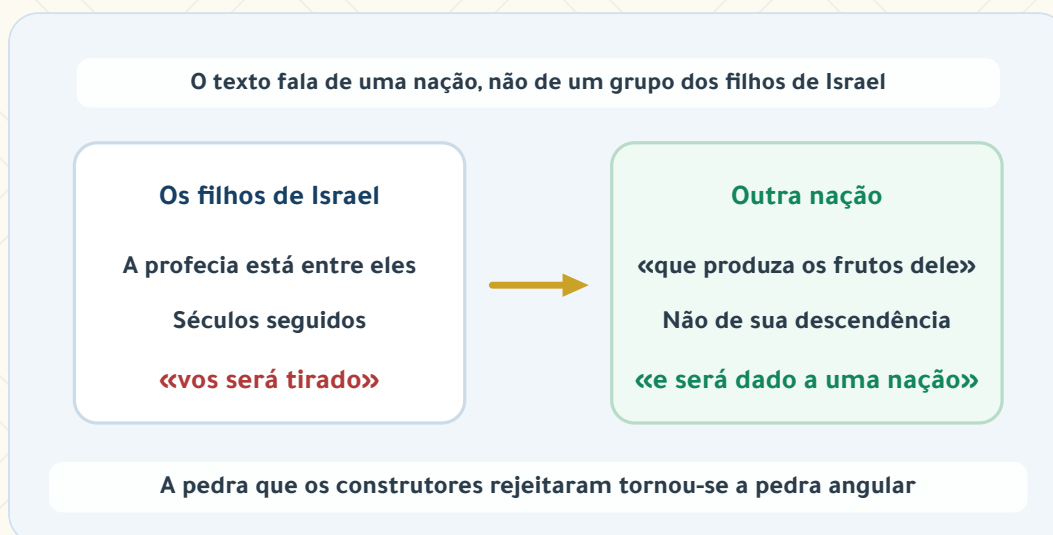
✦ Por que este é um milagre decisivo?

O ponto mais forte do capítulo é o versículo 13 do capítulo 16: «**porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido; e vos anunciará o que há de vir.**» Isto não descreve senão um profeta que recebe revelação. Compare com o Alcorão: «**Nem fala por inclinação própria; não é senão uma revelação revelada**» — quase a mesma expressão. Depois «**vos anunciará o que há de vir**» — e isso é uma seção inteira deste livro: as profecias cumpridas. Assim, a descrição funcional coincide, o nome é próximo na forma, e a condição («se eu não for») está satisfeita.

Ser-vos-á tirado e dado a outra nação

Portanto, eu vos digo: o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que produza os seus frutos.

O Evangelho de Mateus — capítulo 21, versículo 43



A profecia passando de um ramo a outro — pelo próprio texto do Evangelho

Em palavras simples

O Messias, sobre ele a paz, disse aos filhos de Israel que **o reino de Deus lhes seria tirado e dado a outra nação** que faria o que Lhe agrada. Isto é: a profecia passaria dos filhos de Israel a outros.

No que se acreditava então?

A profecia esteve entre os filhos de Israel por séculos ininterruptos: Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Davi, Salomão, Isaías, Jeremias, Ezequiel e outros. Eles acreditavam que a profecia era um direito preservado em sua linhagem, que jamais os deixaria. Razão pela qual recusaram que um profeta fosse suscitado dentre os árabes.

O que diz a ciência hoje?

Muhammad ﷺ foi enviado dos **filhos de Ismael** — isto é, do outro ramo da descendência de Abraão, sobre ele a paz. Assim a profecia passou dos filhos de Isaque aos filhos de Ismael pela primeira vez na história. E por meio dele surgiu uma nação nova, que não existia antes, e que se espalhou por todos os continentes da terra. O Alcorão aponta para a inveja que nasce exatamente neste ponto: «**Ou invejam as pessoas pelo que Deus lhes concedeu de Seu favor?**»

Por que este é um milagre decisivo?

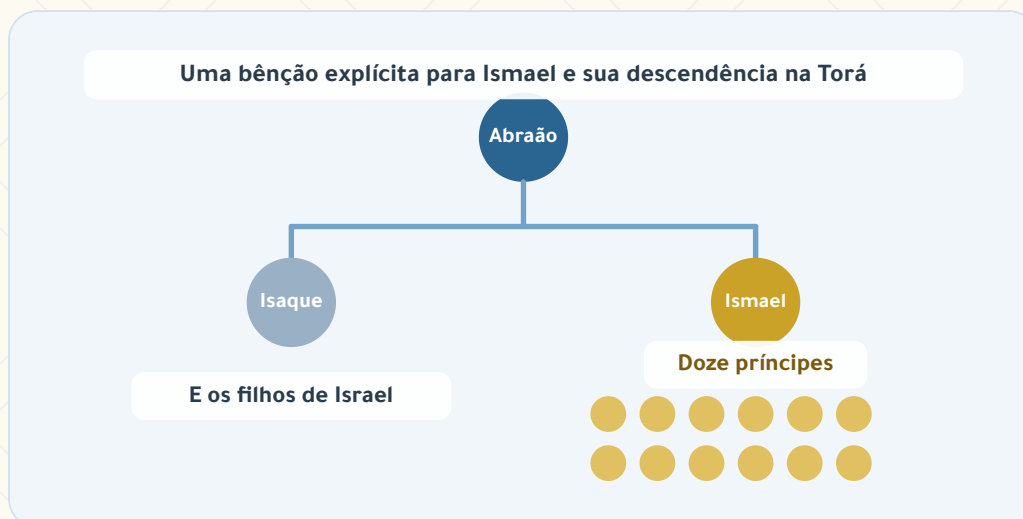
A palavra «**nação**» é decisiva. Ele não disse «dado a um grupo dentre vós» nem «a um remanescente justo» — disse «**a uma nação**», e o grego (ethnos) significa **outro povo**. O texto é precedido pela parábola da vinha cujos trabalhadores mataram os mensageiros enviados a eles e depois mataram o filho, merecendo assim que ela lhes fosse tirada e entregue a outros. E é seguido imediatamente por: «**A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi feita cabeça de esquina**» — o ramo rejeitado é aquele sobre o qual o edifício se apoiará. E os filhos de Ismael são o ramo preterido em todo registro de profecia — até que o selo dos profetas veio dele.

Doze príncipes — e uma grande nação

E quanto a Ismael, também te tenho ouvido: eis que o tenho abençoado, e o farei frutificar, e

❖ *o multiplicarei grandissimamente; doze príncipes gerará, e dele farei uma grande nação.* ❖

Gênesis — capítulo 17, versículo 20



Um texto que afirma para Ismael uma bênção, uma linhagem e uma grande nação

🔍 Em palavras simples

A própria Torá registra que Deus abençoou **Ismael**, e prometeu que de seus lombos viriam **doze príncipes**, e que dele faria **uma grande nação**. Assim, a bênção não está confinada apenas a Isaque.

⌘ No que se acreditava então?

Era opinião difundida entre os filhos de Israel que toda a promessa estava em Isaque e em sua linhagem, e que Ismael e seus descendentes ficavam fora da aliança. Com essa base, qualquer profecia vinda do lado árabe era rejeitada. Mas o texto é explícito ao afirmar uma bênção independente para Ismael.

🔧 O que diz a ciência hoje?

Os doze filhos de Ismael são nomeados no Gênesis (25:13-16), e a lista se encerra: «**doze príncipes segundo as suas nações**» — são as conhecidas tribos árabes do norte, e vários de seus nomes aparecem nas inscrições assírias. Quanto à promessa de **uma grande nação**, cumpriu-se no Islã: uma nação que saiu da linhagem de Ismael e alcançou o oriente e o ocidente da terra.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

O texto anula o argumento básico pelo qual a profecia de Muhammad ﷺ foi rejeitada. Se a própria Torá afirma para Ismael **uma bênção, uma grande linhagem e uma grande nação**, não há fundamento para excluir seu ramo da profecia. E note a ordem da promessa: uma bênção, depois fecundidade e multiplicação, depois liderança em doze príncipes, depois «**uma grande nação**» — a meta com que se encerra. E o Gênesis (21:21) afirma que Ismael habitou no **deserto de Parã** — o mesmo lugar de onde a luz «resplandeceu» no texto do Deuteronômio. Os textos se confirmam e se apontam uns aos outros numa só direção.

Semelhante a Moisés — a comparação que decide

E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o SENHOR conheceu face a face.

Deuteronômio — capítulo 34, versículo 10

A descrição	Moisés	Muhammad ﷺ
Um parto natural	✓	✓
Um pai e uma mãe	✓	✓
Esposa e filhos	✓	✓
Uma lei completa	✓	✓
Chefe e guerreiro	✓	✓
uma migração desde sua própria cidade	✓	✓
«semelhante a ti» — e a Torá nega que ele seja dos filhos de Israel		
Morte natural	✓	✓

Sete qualidades que se encontram em dois homens e em nenhum terceiro

Em palavras simples

A Torá prometeu um profeta **semelhante a Moisés**. E, quando comparamos, achamos que as qualidades se encontram em Muhammad ﷺ e não se encontram em nenhum outro profeta.

No que se acreditava então?

O Povo do Livro continuou a esperar «o profeta semelhante a Moisés» e nunca concordou sobre sua identidade. Todo profeta dos filhos de Israel proposto para o papel carece de uma condição ou mais: nenhum deles trouxe uma lei nova, e nenhum liderou um Estado nem travou uma guerra.

O que diz a ciência hoje?

Os pontos de semelhança entre Moisés e Muhammad ﷺ incluem: nascimento comum, de pai e mãe; vida conjugal e filhos; **uma lei completa** que rege adoração, relações, julgamento e penas; a liderança de uma nação, a guerra e o governo; **uma migração** da terra da perseguição para a terra do estabelecimento; vitória sobre seus inimigos em vida; e morte natural e sepultamento na terra. Nada disso se reúne em nenhum outro profeta depois de Moisés.

Por que este é um milagre decisivo?

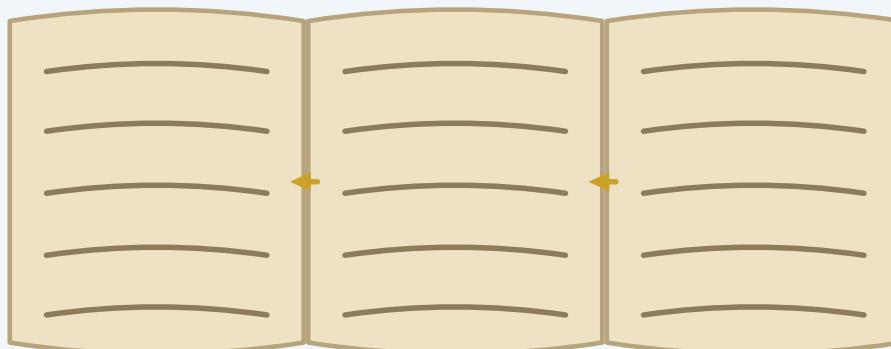
A própria Torá fechou a porta: «**E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés.**» Este é um testemunho explícito de que o profeta prometido **não é dos filhos de Israel**, ou o texto se contradiria. E, quando isso se junta ao versículo 18 do capítulo 18, «do meio de seus irmãos», a conclusão se impõe necessariamente: um profeta de seus primos — os filhos de Israel. Os judeus entenderam isso em tempos antigos, razão pela qual o Alcorão diz: «**E costumavam pedir vitória sobre os que descreram — mas, quando lhes chegou o que reconheciam, nele descreram**» — eles o esperavam e dele davam notícia, até que ele veio de outra linhagem que não a sua.

Eles o acham escrito consigo

Os que seguem o Mensageiro, o profeta iletrado, que acham escrito no que têm da Torá e do Evangelho.

Sura al-A'raf — versículo 157

Um texto que remete aos livros de seus adversários e os desafia a desmenti-lo



A Torá

O Evangelho

O Alcorão

O Alcorão recorre ao que está nas mãos do Povo do Livro, e não apenas a si mesmo

🔍 Em palavras simples

O Alcorão diz sem rodeios que a descrição do Profeta ﷺ está **escrita na Torá e no Evangelho** que estão nas mãos do Povo do Livro. Isso é um desafio aberto para que abram seus livros e olhem.

⌘ No que se acreditava então?

Os judeus e cristãos de Medina, de Najran e do Iêmen possuíam suas escrituras e as liam, e entre eles havia sábios especializados em seus textos. Assim, a alegação de que a descrição do Profeta ﷺ estava em seus livros **poderia ter sido desmentida no mesmo dia**, se não tivesse fundamento.

🔗 O que diz a ciência hoje?

Os textos que aqui passaram — Deuteronômio 18 e 33, Habacuque 3, Isaías 21, 29 e 42, Cântico dos Cânticos 5, João 14 e 16, Mateus 21, e Gênesis 17 e 21 — **estão todos presentes nas edições padrão de hoje**, e qualquer leitor pode abrir o livro e lê-los. Nem o versículo alegou que o nome está declarado abertamente em todo lugar; disse «**eles o acham**» — acham sua descrição e seus sinais e por eles o reconhecem.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A força aqui é de outra espécie. O Alcorão não argumenta a partir de si mesmo; **remete ao livro do próprio adversário**. É o tipo de argumento mais perigoso e o mais fácil de refutar — basta-lhes abrir suas escrituras e mostrá-las vazias. E, no entanto, os sábios deles que abraçaram o Islã o fizeram exatamente por essa razão — Abdullah ibn Salam, o rabino dos judeus de Medina, entre eles. Depois o Alcorão foi ainda mais ousado: «**Eles o reconhecem como reconhecem os próprios filhos**» — uma comparação que só um falante confiante faz. E a sobrevivência desses textos em seus livros por catorze séculos, lidos e discutidos por pesquisadores, é ela mesma a continuação daquele desafio até hoje.



Quarta Parte

Os milagres físicos do Profeta ﷺ



O que seus Companheiros viram com os próprios olhos e nos transmitiram por cadeias ininterruptas: a água que brotava entre seus dedos, o tronco de tamareira que chorou por ele, a lua partida sobre Meca.

16 provas

A lua se partiu sobre Meca

A Hora se aproximou, e a lua se partiu. E, se veem um sinal, afastam-se e dizem: magia passageira.

Sura al-Qamar — versículos 1-2



Um acontecimento visto por todo o povo de Meca — crente e negador igualmente

🔍 Em palavras simples

A lua se partiu no céu em duas metades, de modo que as pessoas viram o monte Hira entre elas. E os idólatras não negaram que tinham visto — disseram: «**Muhammad nos enfeitiçou.**»

⌘ No que se acreditava então?

Os coraixitas vinham exigindo do Profeta ﷺ um sinal físico que provasse sua veracidade. Quando ele veio, eles não disseram «não vimos nada» — a resposta mais fácil e mais segura — mas explicaram o que tinham visto como magia. **E isso, em si mesmo, é uma admissão de que o presenciaram.**

🔗 O que diz a ciência hoje?

O versículo veio no **pretérito completo**: «a lua se partiu» — e não «se partirá». O hadith da partição é narrado no **Sahih de al-Bukhari e no Sahih de Muslim** por várias cadeias, de vários companheiros: Ibn Mas'ud, Anas, Ibn Abbas, Jubayr ibn Mut'im e Ali. Seus relatos concordam na descrição: «até que viram o monte entre as duas metades da lua». O relato alcançou o nível da transmissão massiva segundo os sábios do hadith.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

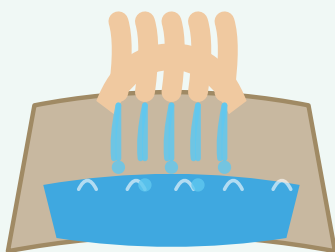
A prova aqui não está apenas no acontecimento, mas na **reação dos adversários**. O versículo lhes foi recitado em Meca enquanto viviam, afirmando que a lua se partira diante de seus olhos. Se não tivesse acontecido, o mais fácil para eles teria sido dizer: «Quando? Não vimos nada.» E eles eram os mais empenhados em prová-lo falso, e não se acanhavam de acusá-lo de poesia, de magia e de loucura. No entanto **escolheram a explicação em vez da negação** — e isso é o testemunho mais forte possível. E o próprio versículo registrou a resposta deles: «**e dizem: magia passageira**» — documentando o argumento e sua refutação juntos.

Água brotando de entre seus dedos

Ele pôs a mão naquele recipiente, e a água começou a jorrar de entre seus dedos como nascentes, e bebemos e fizemos nossas abluções. Perguntaram a Anas: Quantos éreis? Ele disse: Cerca de trezentos.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido

Não brotou do recipiente... mas de entre os dedos



Cerca de trezentos homens beberam e fizeram a ablução de um só recipiente

Uma cena narrada por Anas ibn Malik, Jabir, Ibn Mas'ud e outros

Em palavras simples

A água acabou e as pessoas tinham sede. Então o Profeta ﷺ pôs a mão dentro de um pequeno recipiente, e **a água irrompeu de entre seus dedos como nascentes**, até que todo o exército bebeu e fez suas abluções.

No que se acreditava então?

Não havia poço nem chuva naquele lugar. A água, no deserto, é questão de vida ou morte. Centenas de pessoas precisavam de água ao mesmo tempo. E um recipiente pequeno não teria bastado a um só homem, entre ablução e bebida.

O que diz a ciência hoje?

O episódio é narrado nas **duas coletâneas Sahih**, por Anas ibn Malik, Jabir ibn Abdullah, Abdullah ibn Mas'ud e outros, em lugares diferentes — em Hudaybiyyah, em Tabuk e alhures. Ocorreu mais de uma vez, e milhares o presenciaram. Ibn Mas'ud diz: «Nós contávamos os sinais como bênção, enquanto vós os contaís como algo assustador. Estávamos com o Mensageiro de Deus ﷺ numa viagem e a água escasseou, e ele disse: Procurai um pouco de água que tenha sobrado...»

Por que este é um milagre decisivo?

O detalhe distintivo é o lugar da nascente: **«de entre seus dedos»**, e não do recipiente. Se alguém quisesse inventar um relato, o mais próximo seria dizer que o recipiente se encheu — isso é mais simples. Mas água brotando de entre os dedos de uma mão humana é uma descrição estranha e precisa, que não se diz senão por se ter visto. E mais importante ainda é **o número de testemunhas**: «cerca de trezentos» na narração de Anas, e mil e quatrocentos na narração de Jabir no dia de Hudaybiyyah. Um relato presenciado por tantos, depois narrado e registrado sem que um só deles o negasse, não pode ter sido inventado depois deles.

Uma medida de cevada que saciou mil

Então a levei ao Mensageiro de Deus ﷺ... e ele disse: Chama o povo do Fosso. E eram mil... E jurou por Deus que comeram até deixá-la e se afastarem, e nossa panela continuava fervendo como estava.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



O dia do Fosso — quando as pessoas amarravam pedras sobre o ventre de fome

Em palavras simples

Jabir convidou o Profeta ﷺ para uma pequena refeição, suficiente para poucas pessoas, e o Profeta ﷺ chamou mil homens que cavavam o Fosso. **Todos comeram até se saciar, e a panela continuava cheia.**

No que se acreditava então?

Isto foi nos dias mais duros do cerco. Os muçulmanos passavam fome, a tal ponto que o Profeta ﷺ havia amarrado uma pedra sobre o próprio ventre. A comida era uma medida de cevada e um pequeno cabrito — bastante para uma única casa. E Jabir havia pedido desculpas em particular à esposa pelo que fizera.

O que diz a ciência hoje?

O hadith por inteiro está no **Sahih de al-Bukhari**, narrado por Jabir ibn Abdullah sobre si mesmo e sobre sua própria situação, com detalhes domésticos precisos: sua conversa com a esposa, seu medo do vexame, a instrução do Profeta ﷺ de não tirar a panela do fogo, e sua ordem de que fosse servida com concha e não destampada. E Jabir jura ao final: «Jurou por Deus que comeram até deixá-la e se afastarem, **e nossa panela continuava fervendo como estava**» — ainda a ferver e cheia.

Por que este é um milagre decisivo?

Um episódio assim não pode ser fabricado, porque aconteceu diante de **mil testemunhas**, num lugar e num momento. Se fosse mentira, centenas no exército o teriam negado, e entre eles havia hipócritas à espreita. Mais precisamente, o narrador conta **seu próprio constrangimento** e seu medo de que a comida fosse pouca — detalhe que nenhum falsificador em busca de se exaltar acrescentaria. E há muitos paralelos nas coletâneas autênticas: a comida de Tabuk, as tâmaras de Ibn al-Jarrah e a dívida do pai de Jabir quitada com tâmaras que não teriam coberto um décimo dela.

O tronco de tamareira que ansiou por ele

A mesquita era coberta sobre troncos de tamareira, e quando o Profeta ﷺ pregava postava-se junto a um deles. Quando lhe fizeram o púlpito... ouvimos daquele tronco um som como o gemido de uma camela prenhe, até que o Profeta ﷺ veio e pôs a mão sobre ele, e ele se aquietou.

Narrado por al-Bukhari — autêntico



Um tronco de tamareira que gemeu como uma camela privada de sua cria

Em palavras simples

O Profeta ﷺ costumava pregar apoiado no tronco de uma tamareira. Quando lhe fizeram um púlpito, o **tronco chorou e gemeu** até que todos na mesquita o ouviram — então ele desceu e o abraçou, e ele se aquietou.

No que se acreditava então?

Um tronco é um pedaço de madeira seca sem sensação. Que produzisse um som audível como o de uma camela apartada de sua cria é coisa sem paralelo algum. E a mesquita naquele dia estava cheia de gente, numa sexta-feira.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está no **Sahih de al-Bukhari** e alhures, narrado por vários companheiros através de muitas cadeias: Jaber ibn Abdullah, Anas ibn Malik, Abdullah ibn Umar, Ubayy ibn Ka'b, Sahl ibn Sa'd, Buraydah e outros — a tal ponto que os sábios o contaram entre os relatos de **transmissão massiva**. Al-Hasan al-Basri disse, ao narrá-lo: «Ó muçulmanos! Um pedaço de madeira anseia pelo Mensageiro de Deus ﷺ de saudade dele; vós tendes mais direito de ansiar por ele.»

Por que este é um milagre decisivo?

A força do argumento é que isso aconteceu na **mesquita de Medina numa sexta-feira**, isto é, diante da maior reunião semanal da cidade, e não em segredo nem diante de um punhado de pessoas. Um grande número de companheiros o narrou, cada um com suas próprias palavras, e descreveram o som em termos muito próximos — «como o gemido de uma camela prenhe». E o detalhe final é o que eleva o relato acima da imaginação: que **ele se aquietou quando o Profeta pôs a mão sobre ele**, e numa narração ele disse: «Se eu não o tivesse abraçado, teria ansiado até o Dia da Ressurreição.» Um relato presenciado por uma mesquita inteira, depois narrado por dezenas de companheiros, e negado por nenhum dos presentes.

Ele descreveu Jerusalém sem jamais tê-la visto

Glorificado seja Aquele que fez Seu servo viajar de noite da Mesquita Sagrada à Mesquita mais distante, cujos arredores abençoamos.

Sura al-Isra — versículo 1



Ele contou aos coraixitas pela manhã, e eles o interrogaram sobre a mesquita porta por porta

Em palavras simples

O Profeta ﷺ foi levado de noite de Meca a Jerusalém. Quando contou aos coraixitas, eles o chamaram de mentiroso e **lhe pediram que descrevesse a mesquita** — e entre eles havia homens que a tinham visto. Ele a descreveu até que disseram: «Quanto à descrição, ele acertou.»

No que se acreditava então?

A distância entre Meca e Jerusalém é de cerca de 1.200 quilômetros, que uma caravana percorre em um mês em cada sentido. E o Profeta ﷺ **nunca em sua vida vira Jerusalém**. Em Meca havia muitos comerciantes que haviam visitado a Síria, visto a mesquita e conhecido suas feições. Assim o desafio estava em sua forma mais perigosa: **descrever um lugar que seus adversários conhecem e você não**.

O que diz a ciência hoje?

O episódio está nas **duas coletâneas Sahih** e alhures. Al-Bukhari e Muslim narram de Jabir, que Deus o agrada, que o Profeta ﷺ disse: «Quando os coraixitas me chamaram de mentiroso, pus-me de pé no Hijr, e Deus me mostrou Jerusalém, **e comecei a falar-lhes de suas feições enquanto a contemplava**.» Em outra narração perguntaram-lhe o número de suas portas e ele as enumerou. Depois falou-lhes de uma caravana deles na estrada, descreveu-a e nomeou a hora de sua chegada — e ela chegou exatamente como ele dissera.

Por que este é um milagre decisivo?

Este é um teste **imediato, direto e falsificável**, numa única sessão. Não lhe pediram que descrevesse algo ausente e inconhecível, mas um lugar **que os perguntadores conheciam** e ele não. Um único erro num detalhe teria bastado para derrubar todo o chamado naquele mesmo dia. Eles reconheceram a exatidão da descrição e depois se afastaram — como era seu hábito com todo sinal. Mas o testemunho mais forte é **a notícia da caravana**: ele lhes falou da própria caravana deles, onde estava e quando chegaria, e eles esperaram e a acharam exatamente como ele dissera, no dia em que dissera. Uma verificação independente, feita pelas mãos deles, não pelas dele.

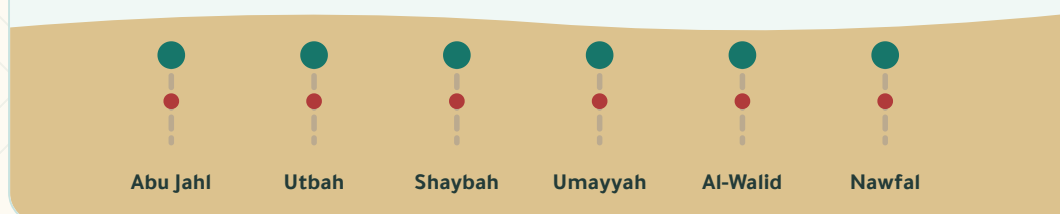
Os lugares onde os mortos cairiam

O Mensageiro de Deus ﷺ nos mostrava, no dia anterior, onde cairiam os de Badr, dizendo: Aqui é onde fulano cairá amanhã, se Deus quiser. E nenhum deles se moveu do lugar em que o Mensageiro de Deus ﷺ pusera a mão.

Narrado por Muslim — autêntico

Marcou os lugares com a mão no dia anterior à batalha

«Nenhum deles se moveu do lugar onde o Mensageiro de Deus ﷺ pusera a mão»



Lugares marcados na areia... e os corpos foram achados sobre eles

Em palavras simples

Na véspera da batalha de Badr, o Profeta ﷺ caminhou pelo campo apontando com a mão para pontos do chão e dizendo: **aqui fulano será morto, e aqui fulano**. Quando veio a batalha, nenhum deles ficou além do ponto que ele marcara.

No que se acreditava então?

Badr foi o primeiro grande confronto: os muçulmanos eram pouco mais de trezentos e os idólatras cerca de mil. Ninguém podia ter certeza de quem venceria, quanto menos nomear os mortos e os lugares em que cairiam. Na guerra os homens se movem, avançam e fogem; assim, determinar **o pedaço de chão em que cada homem tombaria** é coisa sem paralelo.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está no **Sahih de Muslim**, de Anas ibn Malik e de Umar ibn al-Khattab. Na narração de Anas: «Ele começou a dizer: Aqui é onde fulano cairá amanhã — e pôs a mão no chão aqui e aqui. **E nenhum deles se moveu do lugar em que o Mensageiro de Deus ﷺ pusera a mão.**» Está também estabelecido que ele se pôs junto ao poço depois da batalha chamando-os pelo nome: «Ó fulano, filho de fulano, achaste verdadeiro o que teu Senhor te prometeu?»

Por que este é um milagre decisivo?

A profecia aqui está **registrada no próprio chão antes de acontecer**, e todo o exército a viu. É dos relatos mais falsificáveis de todos: bastaria um homem cair em outro lugar para que tudo ruísse diante de trezentas testemunhas. E reuniu três coisas: **nomear os indivíduos, afirmar que seriam mortos** — isto é, que a força menor venceria — e **fixar o ponto com a precisão de um palmo**. Três restrições num só relato, cumpridas no dia seguinte diante dos olhos dos dois exércitos.

O camelo que chorou e se queixou

Quando viu o Profeta ﷺ, gemeu e seus olhos correram em lágrimas. Então o Profeta ﷺ veio a ele e lhe enxugou atrás das orelhas, e ele se calou. Depois disse: De quem é este camelo?... Não temerás a Deus quanto a este animal que Deus pôs em tua posse? Ele se queixou a mim de que o deixas com fome e o esgotas.

Narrado por Abu Dawud — classificado como autêntico por al-Albani



O camelo caminhou até ele e seus olhos escorreram — à vista dos companheiros

Em palavras simples

O Profeta ﷺ entrou no pomar murado de um homem dos Ansar, e um camelo veio a ele **chorando**. Ele lhe enxugou a cabeça e o animal se acalmou. Depois chamou seu dono e lhe disse: **«Ele se queixou a mim de que o deixas com fome e o esgotas.»**

No que se acreditava então?

Um animal não se queixa nem é compreendido. E a relação de um homem com seu camelo é assunto privado entre os dois; ninguém sabe como ele o trata quando está sozinho. Assim o relato contém duas coisas de uma vez: **compreender a queixa de um animal** e **conhecer um segredo que só o dono conhece**.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está nos Sunan de Abu Dawud e no Musnad de Ahmad, de Abdullah ibn Ja'far, que Deus os agrade, classificado como autêntico por al-Albani e outros. Tem paralelos estabelecidos nas coletâneas autênticas: o hadith da **ovelha envenenada em Khaybar**, que lhe disse estar envenenada, de modo que ele se absteve e advertiu seus companheiros (al-Bukhari e Muslim), e o **hadith do lobo que falou ao pastor** e lhe anunciou a vinda do Profeta ﷺ (narrado por Ahmad e classificado como autêntico). Os árabes nada sabiam de tais coisas e as achavam assombrosas.

Por que este é um milagre decisivo?

A consequência prática do episódio é o que lhe dá significado. O Profeta ﷺ não parou em exhibir o sinal, mas o converteu numa **lei de bondade para com os animais**: «Não temerás a Deus quanto a este animal que Deus pôs em tua posse?» Isso é coerente com um capítulo inteiro de sua prática: a proibição de torturar animais e de usá-los como alvo, o hadith da mulher que entrou no Fogo por causa de uma gata que aprisionou, e o homem perdoado por causa de um cão a quem deu água. Que isso venha no século VII d.C., num ambiente descuidado com seus animais — e mais de mil anos antes da primeira sociedade do mundo de prevenção da crueldade contra animais — é outra indicação.

A ovelha envenenada que lhe contou

Uma mulher judia em Khaybar ofereceu-lhe uma ovelha assada que ela envenenara... Ele tomou um bocado dela, mas não o engoliu, e disse: Este osso me diz que está envenenada.

Narrado por al-Bukhari, Muslim e Abu Dawud

Veneno posto numa comida oferecida de presente após a conquista de Khaybar



Absteve-se e advertiu seus companheiros — e todos se salvaram, salvo aquele a quem o bocado se adiantou

Uma mulher quis pô-lo à prova: se é profeta, será avisado; se é rei, livramo-nos dele

Em palavras simples

Uma mulher judia ofereceu ao Profeta ﷺ uma ovelha assada na qual pusera veneno. Quando ele tomou um bocado, **não o engoliu**, e disse: «Esta pá me diz que está envenenada.»

No que se acreditava então?

Isto foi depois da conquista de Khaybar, com a inimizade aberta e ativa. Veneno misturado a carne assada não se detecta pela vista nem pelo cheiro. E a própria mulher disse, ao ser interrogada, que queria saber — **«se é profeta, será avisado; e se é rei, livramo-nos dele»**. Isto é: ela concebeu a coisa como um teste decisivo.

O que diz a ciência hoje?

O episódio está no **Sahih de al-Bukhari e no Sahih de Muslim** e nos Sunan de Abu Dawud e de ad-Darimi, de Anas, Abu Hurayrah, Jabir, Ibn Abbas e outros. A própria confissão da mulher e seu propósito no ato são narrados ali dentro. E Bishr ibn al-Bara, que Deus o agrade, morreu porque engoliu seu bocado antes do aviso — detalhe que nenhum falsificador acrescentaria, já que mostra que o sinal não impediu todo dano.

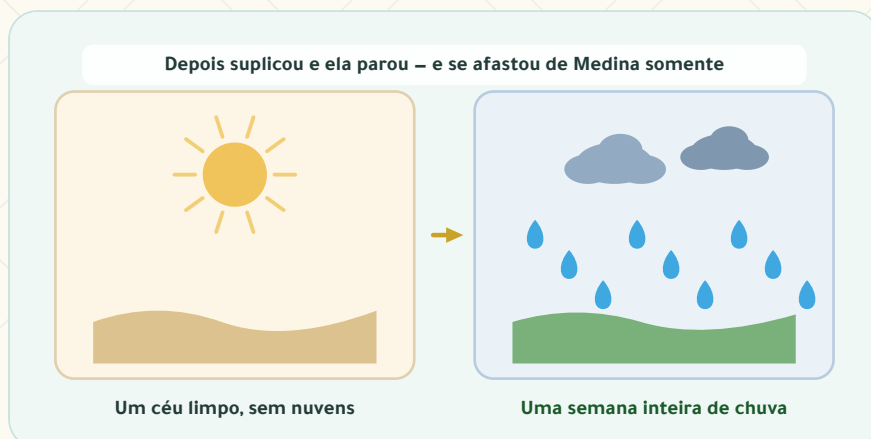
Por que este é um milagre decisivo?

O mais importante neste episódio é que **a adversária concebeu o teste** e anunciou sua condição de antemão: a profecia se conheceria por ele ser avisado do veneno. Então a condição foi cumprida exatamente, e ela o confessou diante das pessoas. Depois a coisa ganhou mais peso: **o Profeta ﷺ a perdoou** nas narrações mais conhecidas — a conduta de um homem confiante, e não de um vingador amedrontado. E o detalhe final que atesta a honestidade da transmissão é a menção da **morte de um dos companheiros** pelo veneno; a narração não embelezou o episódio nem o fez um triunfo completo, mas o relatou com sua amargura junto com sua doçura.

Chuva que veio a pedido e parou a pedido

Ele ergueu as mãos e disse: Ó Deus, dá-nos chuva... Por Deus, não víamos nuvem alguma no céu... e ele não havia baixado a mão quando as nuvens se ergueram como montanhas, e não havia descido quando a chuva lhe escorria pela barba.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Medina sob o sol enquanto tudo à sua volta chovia — como Anas o descreveu

Em palavras simples

Um homem veio queixar-se da seca durante o sermão de sexta-feira, e o Profeta ﷺ ergueu as mãos e suplicou — **com o céu limpo e sem uma nuvem**. Não havia baixado a mão quando as nuvens se ergueram, e choveu por uma semana inteira, até que se queixaram do excesso de chuva, e ele suplicou e ela parou.

No que se acreditava então?

A súplica por chuva é costume antigo entre as nações, mas é um pedido em que se espera, não uma promessa cumprida. A chuva não cai de um céu limpo em instantes. E que isso aconteça **duas vezes, em direções opostas** — caindo a pedido e depois cessando a pedido — vai além de toda possibilidade de coincidência.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está nas **duas coletâneas Sahih**, de Anas ibn Malik, que Deus o agrade. Anas descreveu a cena com precisão notável: que o céu estava inteiramente limpo, que as nuvens se ergueram «como montanhas» e que a chuva durou até a sexta-feira seguinte. Depois, quando o Profeta suplicou que ela cessasse, Anas disse: «**Parou, e saímos caminhando ao sol**», e em outra narração: «Afastou-se de Medina como se afasta uma veste» — a chuva se retirou de Medina **somente** e permaneceu por toda a volta.

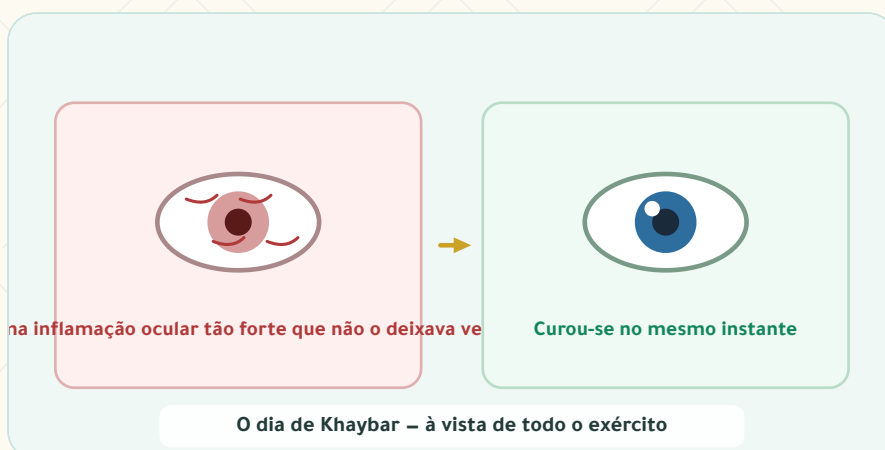
Por que este é um milagre decisivo?

O detalhe final é o mais forte do relato. De uma chuva que cai depois de uma súplica se poderia dizer que coincidiu com sua estação. Mas **seu retirar-se de Medina somente, permanecendo ao redor**, é um fenômeno que não se explica por coincidência, e todo o povo de Medina o viu com os próprios olhos num só dia. E note a formulação da segunda súplica, extremamente precisa: «**Ó Deus, ao nosso redor e não sobre nós**» — ele não pediu que a chuva cessasse por completo, mas que fosse desviada de Medina para o que estava ao redor, porque as pessoas dela precisavam. E cumpriu-se exatamente na forma precisa em que ele pediu.

O olho de Ali — e o olho de Qatadah

Ele cuspiu em seus olhos e suplicou por ele, e ele ficou curado como se nunca tivesse sentido dor alguma.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Os olhos de Ali estavam tão inflamados que mal enxergava; momentos depois o estandarte estava em sua mão

🗨 Em palavras simples

No dia de Khaybar o Profeta ﷺ disse: **Amanhã darei o estandarte a um homem que ama a Deus e a Seu Mensageiro.** Chamou Ali — cujos olhos estavam doentes de modo que não enxergava — **e cuspiu em seus olhos, e ele foi curado no mesmo instante**, e Khaybar foi então conquistada por suas mãos.

⌘ No que se acreditava então?

A inflamação dos olhos era doença bem conhecida naquele ambiente, e para ela não havia tratamento senão paciência e tempo. Não se cura em instantes. E o episódio se deu num momento militar tenso, com o exército à espera e ansioso por saber quem levaria o estandarte — Umar disse: «Nunca desejei o comando exceto naquele dia.»

⚙ O que diz a ciência hoje?

O hadith está nas **duas coletâneas Sahih**, de Sahl ibn Sa'd, Abu Hurayrah e Salamah ibn al-Akwa. Seu paralelo é o que está estabelecido sobre **o olho de Qatadah ibn an-Nu'man**, que Deus o agrade, no dia de Uhud — seu olho foi atingido e escorreu sobre a face, e o Profeta ﷺ o recolocou com a mão e suplicou por ele, e tornou-se o melhor e mais agudo de seus dois olhos. Isso permaneceu conhecido em sua família até que seu neto o mencionou ao califa Umar ibn Abd al-Aziz.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

Duas coisas tiram este episódio do campo da mera alegação. A primeira, que aconteceu diante de **um exército inteiro no momento da formação**, com todos os olhos sobre o portador do estandarte. A segunda — e mais importante — que a cura não foi um fim em si, mas **condição para o cumprimento de uma missão**: o estandarte lhe foi entregue de imediato e ele saiu a combater, e a fortaleza foi conquistada por suas mãos naquele mesmo dia. Se ele não tivesse sido verdadeiramente curado, isso apareceria dentro de uma hora. Quanto ao olho de Qatadah, sua marca permaneceu **visível por décadas** — um sinal que as pessoas viam no rosto do homem por toda a sua vida, e não um relato apenas narrado.

Suraqah e a égua que afundou no chão

Enquanto eu cavalgava minha égua... ela tropeçou e eu caí... Depois montei de novo, e quando os dois homens apareceram, suas patas dianteiras afundaram no chão até os joelhos.

Narrado por al-Bukhari — autêntico



Um perseguidor que saiu por cem camelos... e voltou pedindo salvo-conduto

Em palavras simples

Suraqah saiu em perseguição ao Profeta ﷺ e a Abu Bakr durante a Hégira. Cada vez que deles se aproximava, **as patas de sua égua afundavam no chão firme** até os joelhos. Percebeu que estava impedido, e lhes pediu salvo-conduto.

No que se acreditava então?

Os coraixitas haviam oferecido cem camelos a quem trouxesse Muhammad ﷺ, vivo ou morto. E Suraqah era um cavaleiro hábil e experiente dos Banu Mudlij, gente de rastreamento e leitura de pegadas. A cena se deu em pleno deserto, sem para onde fugir, e os dois homens não tinham proteção alguma.

O que diz a ciência hoje?

A história em todos os seus detalhes está no **Sahih de al-Bukhari**, dentro do longo hadith da Hégira narrado por Aisha e Abu Bakr, e **o próprio Suraqah a narra** depois de sua conversão. Ele registrou que sua égua afundou sob ele mais de uma vez, que tirou a sorte com flechas e saiu o resultado que lhe desagradava, e o desobedeceu — e então, ao desesperar-se, gritou oferecendo salvo-conduto e lhes ofereceu provisões e suprimentos. O Profeta ﷺ escreveu-lhe uma garantia de segurança, que ele trouxe no dia da conquista de Meca. E foi naquele instante que ele lhe disse: «Como será quando usares os dois braceletes de Cosroes?» — que ele mais tarde usou.

Por que este é um milagre decisivo?

O mais forte no relato é que **seu narrador é o próprio adversário**. Suraqah não era muçulmano no dia do episódio; era o perseguidor cobiçando a recompensa. Aceitou o Islã anos depois e contou às pessoas o que lhe havia acontecido. E o testemunho de um adversário contra si mesmo, admitindo seu fracasso e o que viu, está entre os mais altos graus de prova para os estudiosos da transmissão. Note também o detalhe estranho que ninguém inventaria: que a égua afundou **várias vezes, não uma só**, e que a cada vez ele voltava à tentativa, até que por fim se desesperou. Um perseguidor que inventasse uma história não a narraria com essa insistência repetida em matar.

Salman, o Persa, e os três sinais

E descreveu-me sua descrição: ele não come da caridade, aceita um presente, e entre seus ombros está o selo da profecia.

Narrado por Ahmad e Ibn Hibban — cadeia sólida

Três sinais que ele mesmo testou

- ✓ Ofereceu-lhe caridade... e ele não comeu
- ✓ Ofereceu-lhe um presente... e ele comeu com eles
- ✓ Olhou-lhe as costas e viu o selo da profecia

E aceitou o Islã ali mesmo

Um homem que atravessou a Pérsia e a Síria em busca destes três sinais

Marcas ouvidas de um monge cristão antes da missão... e depois encontradas

Em palavras simples

Salman, o Persa, deixou a religião de seu povo e percorreu as terras em busca da verdade, até que um monge lhe confiou três marcas do profeta esperado. Ao chegar a Medina, **ele mesmo testou as três marcas e as encontrou** — e aceitou o Islã.

No que se acreditava então?

O Povo do Livro na Síria e alhures aguardava um profeta a ser enviado na terra dos árabes, e transmitiam suas marcas. Salman saiu da Pérsia e circulou entre os monges por muitos anos, até ser vendido como escravo e chegar a Medina — anos antes da Hégira.

O que diz a ciência hoje?

A história é narrada pelo próprio Salman no Musnad de Ahmad, no Sahih de Ibn Hibban e na biografia de Ibn Ishaq. Nela, ele trouxe tâmaras e disse: isto é caridade. O Profeta ﷺ disse a seus companheiros: «Comei», e não comeu. Depois trouxe outras tâmaras e disse: isto é um presente. E comeu com eles. Então Salman passou por trás dele para olhar, e o Profeta ﷺ compreendeu o que ele queria e deixou o manto cair de suas costas, e Salman viu o selo, e se lançou sobre ele beijando-o e chorando.

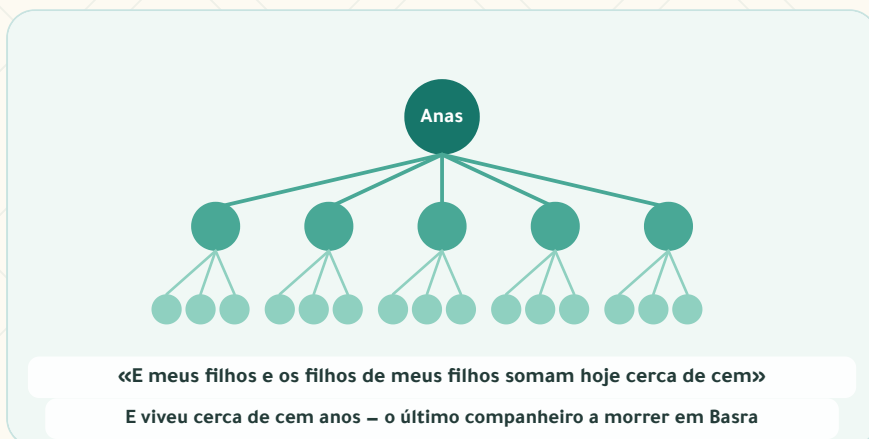
Por que este é um milagre decisivo?

Isto não é um milagre cósmico, mas **um teste científico organizado** em todos os sentidos: hipóteses especificadas de antemão, um experimento para cada uma, e um resultado a ser aceito ou rejeitado. Salman não aceitou o Islã por um argumento lógico nem por uma emoção, mas depois de **as três condições se cumprirem**. E a mais precisa delas é a segunda: a distinção entre **caridade e presente** — uma norma jurídica particular ao Profeta ﷺ (a caridade lhe é proibida, o presente é lícito), e que ninguém alcançaria por adivinhação. Várias narrações registram que monges e rabinos descreveram essas marcas antes da missão — entre eles o monge Bahira, Zayd ibn Amr ibn Nufayl e Abdullah ibn Salam.

Ele suplicou por Anas — e ele se tornou o mais rico dos Ansar

❖ *Ó Deus, multiplica seus bens e seus filhos e abençoa-o no que lhe deste. Disse Anas: Por Deus, meus bens são abundantes, e meus filhos e os filhos de meus filhos somam hoje cerca de cem.* ❖

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Uma súplica numa casa pobre... cujo destinatário testemunhou seu cumprimento a vida inteira

🔊 Em palavras simples

Umm Sulaym pediu ao Profeta ﷺ que suplicasse por seu filho Anas, e ele suplicou por **bens abundantes, muitos filhos e bênção**. E Anas viveu para ver tudo isso com seus próprios olhos e contá-lo às pessoas.

⌘ No que se acreditava então?

Anas era então um menino de dez anos, que serviu o Profeta ﷺ por dez anos. Sua família não estava entre as mais ricas dos Ansar nem entre as mais numerosas. E a súplica abrangia **três coisas específicas**, mensuráveis ao cabo de uma vida: bens, filhos e bênção em ambos.

🌀 O que diz a ciência hoje?

O hadith está nas **duas coletâneas Sahih**. E o próprio Anas narra seu cumprimento décadas depois, jurando por Deus: «Meus bens são abundantes, e meus filhos e os filhos de meus filhos somam hoje cerca de cem.» Numa narração, cerca de cento e vinte de seus descendentes já tinham sido sepultados antes de al-Hajjaj chegar a Basra. Seu pomar dava fruto duas vezes por ano. E ele viveu quase cem anos, e foi **o último dos companheiros a morrer em Basra**.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

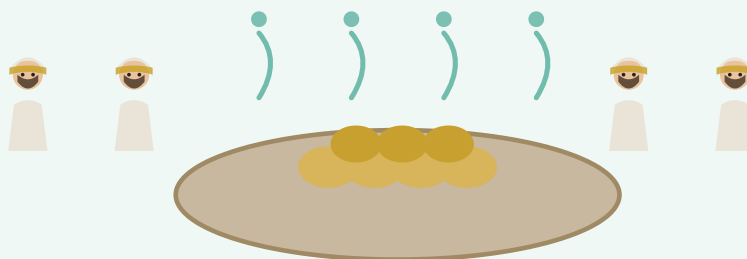
Este é um tipo diferente de prova: **uma profecia cujo próprio destinatário testemunha o cumprimento e o narra**. O narrador é ao mesmo tempo o beneficiário e a testemunha, e a narra em Basra com milhares ao seu redor que conhecem suas circunstâncias e veem seus filhos, seus netos e seus bens. Se tivesse exagerado, o povo de sua própria cidade o teria desmentido. Há muitos paralelos estabelecidos: sua súplica por Ibn Abbas pelo entendimento e pela interpretação do Alcorão, de modo que se tornou «o sábio da comunidade»; sua súplica por Sa'd ibn Abi Waqqas para que suas súplicas fossem atendidas, de modo que se temiam suas preces; e sua súplica contra um homem que comia com a mão esquerda por arrogância, de modo que nunca mais pôde erguê-la à boca. Relatos separados sobre pessoas separadas, cada um falsificável por si.

A comida que glorificava a Deus diante dele

Nós ouvíamos a comida glorificar a Deus enquanto era comida.

Narrado por al-Bukhari — autêntico

Um som ouvido da comida enquanto era comida



Todos os presentes o ouviram — narrado por Ibn Mas'ud, que Deus o agrade

Eles contavam esses sinais como bênção, não como algo assustador

Em palavras simples

Ibn Mas'ud, que Deus o agrade, disse: «**Nós ouvíamos a comida glorificar a Deus enquanto era comida**» — isto é, ouviam um som de glorificação vindo da comida na presença do Profeta ﷺ.

No que se acreditava então?

As coisas inanimadas não têm voz. A comida é comida em silêncio. Que dela se ouvisse glorificação é coisa sem paralelo na experiência de ninguém. E nada do gênero foi relatado de pessoa alguma senão do Profeta ﷺ.

O que diz a ciência hoje?

O relato está no **Sahih de al-Bukhari**, no capítulo dos sinais da profecia no Islã. Abdullah ibn Mas'ud o narra no plural: «**Nós ouvíamos**» — isto é, uma observação coletiva repetida, e não um episódio isolado. Seu paralelo é o relato estabelecido das **pedrinhas que glorificavam a Deus** em sua palma, e o da pedra que o saudava em Meca, como está no Sahih de Muslim de Jابر ibn Samurah: «Conheço uma pedra em Meca que me saudava antes de eu ser enviado; conheço-a ainda agora.»

Por que este é um milagre decisivo?

A forma plural e contínua é onde reside a força: «**nós ouvíamos**». Se tivesse acontecido uma só vez, ter-se-ia dito «ouvimos». A forma empregada indica repetição e hábito — isto é, era coisa familiar entre eles e conhecida do grupo. Algo assim não se fabrica num ambiente com centenas de testemunhas vivas. E o Alcorão enuncia o princípio geral por trás de todo este tema: «**E não há coisa alguma que não O glorifique com louvor, mas vós não compreendeis sua glorificação**» — a glorificação é constante em tudo, e o que aconteceu na presença do Profeta ﷺ foi o **levantar do véu para ouvi-la**, e não a criação de algo novo.

Agora marchamos sobre eles, e eles não marcham sobre nós

Por Deus, não chegarão a ti sem que eu morra antes de ti... E ele disse ﷺ no dia do Fosso: Agora marchamos sobre eles e eles não marcham sobre nós; nós é que vamos a eles.

Narrado por al-Bukhari — autêntico

Um anúncio estratégico pronunciado no momento mais duro do cerco

O Fosso, ano 5 H.

Hudaybiyyah, ano 6 H.

Khaybar, a conquista de Meca, ano 8 H.

«Agora marchamos sobre eles e eles não marcham sobre nós; nós é que vamos a eles.»

Depois do Fosso, os coraixitas não atacaram Medina nem uma única vez

Uma inversão completa da iniciativa... anunciada antes de acontecer

Em palavras simples

Depois que os exércitos dos Confederados se retiraram de Medina, o Profeta ﷺ disse: «**Agora marchamos sobre eles e eles não marcham sobre nós; nós é que vamos a eles.**» E desde aquele dia os coraixitas nunca mais atacaram Medina.

No que se acreditava então?

O cerco do Fosso foi a coisa mais dura por que os muçulmanos passaram. Dez mil combatentes cercaram Medina, os judeus dos Banu Qurayzah romperam seu pacto por dentro, e havia fome, frio e medo. O Alcorão diz: «**e os corações chegaram às gargantas, e fizestes sobre Deus toda sorte de suposições**». E foi exatamente nesse momento que a inversão da iniciativa foi anunciada.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está no **Sahih de al-Bukhari**. E aconteceu exatamente como ele disse: depois do Fosso (ano 5 da Hégira), os coraixitas nunca mais marcharam contra Medina. Ao contrário, os muçulmanos passaram a ser os iniciadores: Hudaybiyyah no ano 6, depois Khaybar no ano 7, depois a conquista de Meca no ano 8, depois Hunayn e Tabuk. Este é um fato militar reconhecido em todos os livros de biografia e história.

Por que este é um milagre decisivo?

Este é **um anúncio estratégico, não espiritual**, o que o torna aberto a exame puramente histórico. E foi feito **no pior momento possível** — quando todo indício dizia o contrário. A regra conhecida é que quem sobrevive a um cerco sufocante se ocupa em reparar sua posição, não em atacar. Note a formulação do hadith: ele não disse «venceremos» — o que é fala genérica compatível com qualquer coisa — mas especificou **a transferência da iniciativa**: «nós é que vamos a eles». E essa é uma descrição precisa do que de fato aconteceu nos três anos seguintes: toda campanha posterior saiu de Medina em vez de vir até ela.

Por que confiamos nesses relatos?

❖ *Ó vós que credes! Se um perverso vos traz uma notícia, verificai-a, para que não prejudiqueis um povo por ignorância e vos torneis arrependidos do que fizestes.* ❖

Sura al-Hujurat — versículo 6

Os critérios de aceitação de um relato entre os estudiosos do hadith

- ✓ Uma cadeia ininterrupta na qual cada transmissor é nomeado
- ✓ A probidade e a exatidão de cada transmissor — com sua biografia registrada
- ✓ Que o relato esteja livre de anomalia e de defeito oculto
- ✓ Que os fiáveis concordem entre si na formulação e no sentido
- ✓ Uma ciência sem igual em nenhuma outra nação

A ciência da crítica: as vidas de centenas de milhares de transmissores registradas e examinadas

🔍 Em palavras simples

Esses relatos não nos chegaram como histórias passadas de boca em boca. Chegaram através de **um sistema rigoroso de documentação**: cada relato tem uma cadeia de transmissores nomeados, e cada transmissor tem uma biografia escrita que examina sua honestidade e sua memória.

⌘ No que se acreditava então?

As nações anteriores ao Islã transmitiram os relatos de seus profetas sem cadeias. Não se sabe quem transmitiu de quem, nem quando foram postos por escrito, nem se o transmissor era digno de confiança. Por isso, nos livros das nações, o sólido se mistura com o forjado, e a história com a lenda.

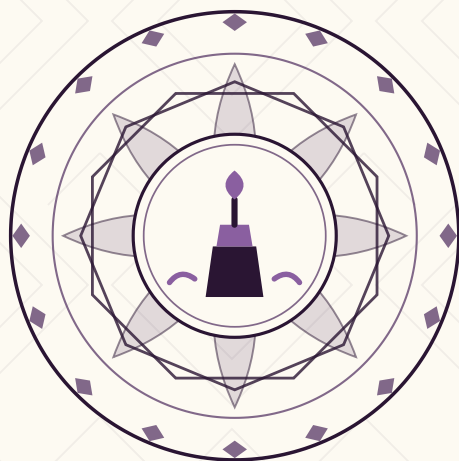
🌀 O que diz a ciência hoje?

Os muçulmanos criaram **a ciência da cadeia de transmissão e a ciência da crítica e da autenticação**, registrando as biografias de centenas de milhares de transmissores: o nascimento e a morte de cada um, seus mestres, seus alunos, suas viagens, o estado de sua memória, se sua mente falhou na velhice, e se outros corroboraram o que narrou. Os livros de transmissores — como Tahdhib al-Kamal e Mizan al-I'tidal — são vastas enciclopédias disso. O orientalista alemão Sprenger disse que os muçulmanos produziram uma ciência biográfica para a qual as outras nações não conheceram igual.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

Note que os relatos desta seção compartilham traços difíceis de contornar: **sua ocorrência diante de grande número de testemunhas** — mil no Fosso, trezentos em Badr, uma mesquita inteira no hadith do tronco de tamareira; **sua narração por várias cadeias independentes** de companheiros que não conspiraram para inventá-los; **a inclusão do que não é lisonjeiro** — a morte de um companheiro pelo veneno, o receio de Jabir de que a comida fosse pouca; e **o silêncio dos adversários quanto a refutá-los**, sendo eles os mais ansiosos de todos por fazê-lo. E não há homem na história humana cujos relatos, ditos e atos tenham sido transmitidos com tal precisão e detalhe.

Fontes: «ابن الصَّلاح — مُقَدِّمَةُ ابْنِ الصَّلاح» · الخطيب البغدادي — «الكفاية في علم الرواية»



Quinta Parte

O mundo dos gênios, da feitiçaria e do oculto



Um mundo real do qual Deus nos informou, atestado pela história em todas as nações, com episódios comprovados que aconteceram ao Profeta ﷺ, a seus Companheiros e a pessoas comuns até os nossos dias.

18 provas

Um grupo de jinn escutou o Alcorão

Dize: Foi-me revelado que um grupo de jinn escutou, e disseram: Ouvimos um Alcorão assombroso, que guia à retidão, e nele cremos.

Sura al-Jinn — versículos 1-2



Os jinn são uma criação moralmente responsável: entre eles há muçulmanos e há descrentes

🔍 Em palavras simples

Os jinn são uma criação real que Deus fez do fogo. Nós não os vemos e eles nos veem. E no Alcorão há **um capítulo inteiro que leva seu nome**, contando como um grupo deles ouviu o Alcorão e nele creu.

⌘ No que se acreditava então?

Os árabes conheciam os jinn e os temiam; alguns deles chegavam a **buscar refúgio neles**, adorá-los e pedir-lhes proteção em suas viagens — o que o próprio capítulo registra: «E havia homens entre os humanos que buscavam refúgio em homens entre os jinn, e estes lhes aumentaram o fardo.» Atribuíam-lhes o conhecimento do invisível e deles tomavam sua adivinhação.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

O Islã **nem negou sua existência nem a exagerou** — regulou a questão com precisão: afirmou sua existência como criação responsável, entre a qual há os retos e os corruptos; negou-lhes categoricamente o conhecimento do invisível («E supúnhamos que nem os humanos nem os jinn diriam sobre Deus uma mentira», e «E não sabemos se o mal é pretendido para os que estão na terra»); **proibiu buscar refúgio neles** e o fez associação de parceiros a Deus; e proibiu recorrer a adivinhos e videntes. Assim manteve a realidade e removeu a superstição e a servidão ao mesmo tempo.

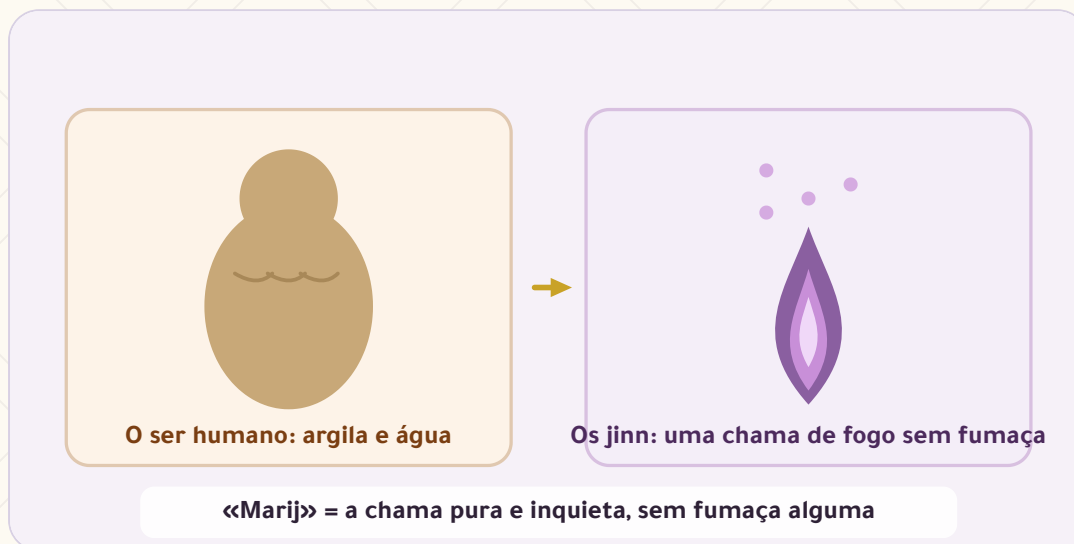
✦ Por que este é um milagre decisivo?

Este é **um equilíbrio diferente de tudo à sua volta**. As religiões e culturas ou inflam o mundo dos espíritos até fazê-lo fonte de conhecimento e poder a ser adorado e apaziguado, ou o negam por completo e o reduzem a superstição. O Alcorão tomou um terceiro caminho: **afirmou a existência, aboliu a adoração e negou o conhecimento do invisível**. Se o texto tivesse sido composto por um homem naquele ambiente, o caminho mais fácil teria sido concordar com o que as pessoas já aceitavam e explorá-lo em benefício da própria autoridade — como faziam os adivinhos antes dele. Em vez disso, demoliu todo o comércio da adivinhação, entre os mais lucrativos da península.

De uma chama de fogo sem fumaça

Ele criou o homem de argila como a cerâmica, e criou os jinn de uma chama de fogo sem fumaça.

Sura ar-Rahman — versículos 14-15



Duas matérias inteiramente diferentes — e por isso uma não pode ver a outra

Em palavras simples

Nós somos criados de **argila**, e os jinn de **fogo puro e inquieto**, sem fumaça alguma. E porque a matéria é diferente, seu olho não os percebe — enquanto eles o veem.

No que se acreditava então?

As concepções das pessoas sobre os jinn eram imaginação popular sem regra: fantasmas, espíritos e formas assustadoras. Não havia definição da matéria de sua criação nem explicação para o fato de não serem vistos. E a palavra árabe aqui empregada é um termo preciso e raramente usado.

O que diz a ciência hoje?

Marij, nos dicionários árabes, é a chama pura, mesclada e inquieta, sem fumaça alguma. Isso é a descrição de uma forma particular de energia, não de um corpo material denso. E a ciência hoje sustenta que **o que o olho humano vê não excede uma porção muito pequena** do espectro eletromagnético (cerca de 400-700 nanômetros), e que cerca de 95% da matéria e da energia do universo é «escura», invisível e detectável apenas por seus efeitos. Assim, a existência de mundos que nossos sentidos não alcançam não é coisa estranha à mente científica de hoje.

Por que este é um milagre decisivo?

O Alcorão deu uma razão explícita para não serem vistos, e é extremamente precisa: **«Ele vos vê, ele e sua tribo, de onde vós não os vedes.»** A visão corre numa só direção, não em duas — o que exige uma diferença na **própria natureza da percepção**, e não mero esconder-se ou ocultar-se. E a distinção entre as duas matérias da criação explica a diferença de capacidades: velocidade, penetração e mudança de forma. É uma explicação **internamente coerente** do princípio ao fim, e não um punhado disperso de imagens como nas lendas das nações.

Uma magia que atingiu o próprio Profeta ﷺ

O Mensageiro de Deus ﷺ foi enfeitiçado, de modo que lhe parecia ter feito uma coisa sem a ter feito... num pente, em fios de cabelo e na espata de uma tamareira macho, e estava no poço de Dharwan.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



O poço de Dharwan, em Medina — o lugar de onde a magia foi retirada

Em palavras simples

A magia é algo real, com efeito, e não imaginação ou ilusão. E a prova mais clara disso é que **aconteceu ao próprio Profeta ﷺ**, de modo que lhe parecia ter feito algo sem o ter feito — até que Deus lhe informou o lugar dela e foi retirada.

No que se acreditava então?

A magia era um ofício conhecido e próspero em todas as civilizações da região: Babilônia, Egito, Iêmen e Arábia. O mago era um homem de posição, riqueza e influência. E teria sido fácil ao Profeta ﷺ esconder o que lhe sucedera — pois nada prejudica mais o chamado de um homem do que se dizer que a magia o alcançou.

O que diz a ciência hoje?

O hadith está no **Sahih de al-Bukhari e no Sahih de Muslim**, de Aisha, que Deus a agrade, com detalhes precisos: o nome do mago (Labid ibn al-A'sam), o material da magia (um pente, cabelos e a bainha de uma espata de tamareira), seu lugar (o poço de Dharwan), a descrição de seu efeito e como foi extraída. **O povo da Sunnah é unânime em que a magia tem realidade e efeito**, e em que seu efeito não tocou a revelação nem a transmissão da mensagem — apenas seus próprios assuntos mundanos. Esta é uma ressalva importante enunciada pelos sábios, porque a proteção na transmissão da mensagem está intacta.

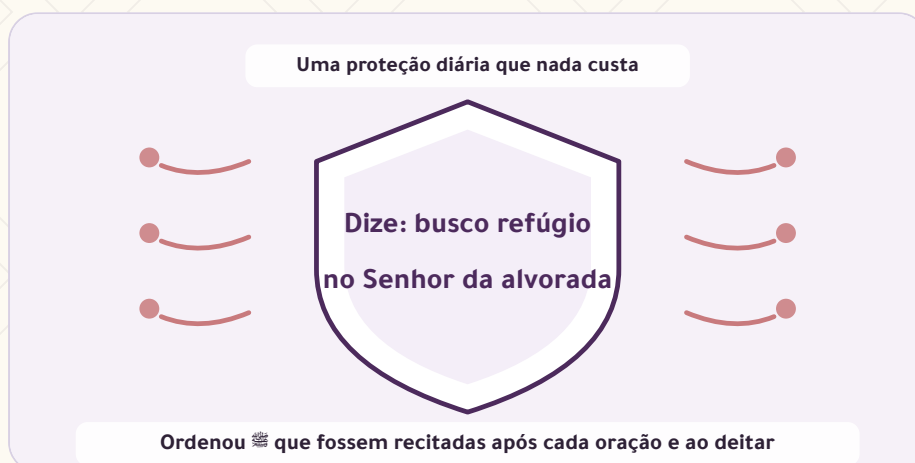
Por que este é um milagre decisivo?

A prova aqui é de tipo raro: **um relato cujo sentido aparente prejudica quem trouxe o chamado, e que mesmo assim foi transmitido e preservado**. O Profeta ﷺ não o escondeu, seus companheiros não o suprimiram, e os estudiosos do hadith não o apagaram — antes, os dois livros mais autênticos entre os muçulmanos o registraram. E quem inventa uma religião não narra de si mesmo que a magia de um homem judeu o afetou. É o que os críticos históricos chamam **critério do constrangimento**: uma narração que prejudica quem a narra está mais perto da verdade do que a que o beneficia. E o episódio deu um fruto duradouro: **as duas suras do refúgio**, remédio prático para todo muçulmano até hoje.

As duas suras do refúgio — a fortaleza de todo muçulmano

*Dize: Busco refúgio no Senhor da alvorada contra o mal do que Ele criou... e
❖ contra o mal das que sopram nos nós, e contra o mal do invejoso quando inveja. ❖*

Sura al-Falaq — versículos 1-5



Duas suras reveladas para proteger a pessoa do mal da magia e da inveja

🔍 Em palavras simples

Quando a magia ocorreu, as pessoas não ficaram sem remédio. Foram reveladas duas suras breves — **al-Falaq e an-Nas** — contendo proteção contra a magia, contra a inveja e contra o sussurro do demônio.

⌘ No que se acreditava então?

Quando a magia atingia alguém, recorria-se a outro mago para desfazê-la — isto é, tratava-se o mal com um mal semelhante, e assim as pessoas se apegavam ainda mais aos magos e lhes pagavam mais. Era esse o ciclo que sustentava o sustento dos adivinhos e dos magos.

🌀 O que diz a ciência hoje?

O Profeta ﷺ recitava as duas suras sobre si mesmo, soprava nas palmas e com elas passava pelo corpo toda noite antes de dormir, e as recitava sobre os doentes (al-Bukhari e Muslim). Ordenou a Uqbah ibn Amir que as recitasse **depois de cada oração**, e lhe disse: «Os que buscam refúgio nunca buscaram refúgio com algo semelhante a elas.» E no hadith autêntico: «Quem recitar o Versículo do Trono ao deitar-se, um guardião de Deus permanece sobre ele e nenhum demônio dele se aproxima até a manhã.»

✦ Por que este é um milagre decisivo?

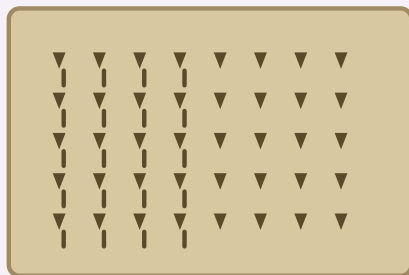
Repare no que este remédio fez a toda a estrutura social. Pôs a proteção contra a magia **diretamente nas mãos de cada pessoa**: palavras breves que uma criança memoriza, sem intermediário, sem taxa e sem ritual. E com isso destruiu pela raiz a autoridade e o comércio dos magos e adivinhos. Não é isso o que faz um homem que busca poder sobre as pessoas — ele faz o contrário. E o mais preciso na sura: «**as que sopram nos nós**» — descrição da forma prática mais comum da magia: atar um nó e soprar sobre ele. E foi exatamente isso que se encontrou na magia de Labid ibn al-A'sam: onze nós numa corda.

Babilônia — e as mais antigas tábuas de magia da história

E seguiram o que os demônios recitavam durante o reinado de Salomão. Não foi Salomão quem descreu, mas foram os demônios que descreram, ensinando magia às pessoas e o que fora feito descer sobre os dois anjos na Babilônia.

Sura al-Baqarah — versículo 102

Encantamentos e amuletos escritos mais de mil anos antes de nossa era



Tábuas de argila cuneiformes da Babilônia – conservadas nos museus

Bibliotecas inteiras de textos mágicos saíram da terra do Iraque

Em palavras simples

O Alcorão ligou a magia a um lugar determinado: **a Babilônia**. E os arqueólogos extraíram dessa mesma terra **a maior coleção de textos mágicos do mundo antigo**.

No que se acreditava então?

A Babilônia estava em ruínas e esquecida quando o Alcorão foi revelado, jazendo devastada havia séculos. E ninguém conseguia ler a escrita cuneiforme — ela havia desaparecido por completo. Assim, atribuir o ensino da magia **à Babilônia em particular**, dentre todas as capitais do mundo, é uma determinação geográfica e histórica aberta a verificação.

O que diz a ciência hoje?

A escrita cuneiforme foi decifrada no século XIX. Verificou-se que a Mesopotâmia — com a Babilônia em seu centro — foi **o maior centro de magia, encantamento e amuletos do mundo antigo**. Entre as descobertas mais famosas está a série de tábuas chamada **Maqlû**, nove tábuas completas sobre a magia e sua anulação, e Šurpu, e milhares de tábuas de encantamentos, astrologia e adivinhação. Só a biblioteca de Assurbanípal guardava centenas delas. E os historiadores reconhecem que a Babilônia foi a fonte de onde essas artes se espalharam por toda a região.

Por que este é um milagre decisivo?

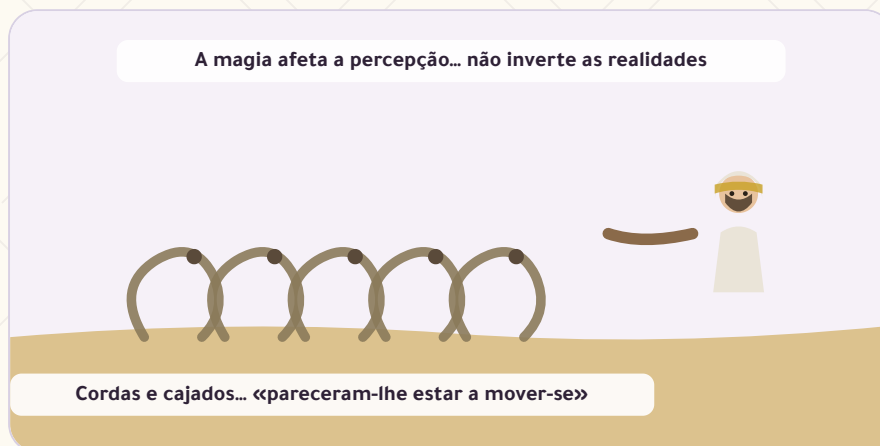
A determinação geográfica é o ponto do argumento. O Alcorão não disse apenas «aprenderam magia» — nomeou **a pátria de onde ela saiu**. E doze séculos depois essa pátria se revelou o sítio arqueológico mais rico da terra em textos mágicos. Mais preciso ainda é **a isenção de Salomão**, a paz esteja com ele: «Não foi Salomão quem descreu.» As lendas que circulavam na região — e textos judaicos posteriores — atribuíam a magia a Salomão e faziam dele o mestre dos magos. Assim o Alcorão veio **inocentar um profeta daquilo que o próprio Povo do Livro lhe atribuía** — o oposto do que faria quem lhes tomasse emprestado.



Os magos do Faraó — e as cordas que pareciam mover-se

Disse: Antes, lançai vós. E eis que suas cordas e seus cajados lhe pareceram, por sua magia, estar a mover-se.

Sura Ta-Ha — versículo 66



O Alcorão descreve a magia como efeito sobre o olho, não como uma criação nova

🔍 Em palavras simples

Os magos do Faraó vieram com cordas e cajados, e eles apareceram às pessoas como **serpentes em movimento**. E repare na formulação precisa: «**lhe pareceram**» — isto é, eles não mudaram; foi a percepção de quem olhava que foi afetada.

⌘ No que se acreditava então?

A magia estava no auge de sua glória no antigo Egito, com seus sacerdotes, suas escolas e seus textos registrados. E acreditava-se que o mago **transformava realmente as coisas**: convertendo um cajado em serpente e um homem em animal. Essa crença prevalecia em quase todas as civilizações da terra.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

O Alcorão rejeitou essa concepção explicitamente e restringiu o efeito da magia a três domínios: **um efeito sobre a percepção e os sentidos** («lhe pareceram», «enfeitiçaram os olhos das pessoas»), **um efeito sobre as almas e as relações** («aprendem deles aquilo com que separam o homem de sua esposa») e **um efeito sobre o corpo, por dano**. Quanto a **mudar a realidade das coisas**, isso é negado de forma categórica. E isso é coerente com o que a psicologia estabelece hoje sobre sugestão, hipnose e percepção coletiva equivocada.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A distinção entre **efeito sobre a percepção** e **mudança na realidade** é extremamente precisa, e a cultura daquele tempo não a conhecia. É o que distingue a posição islâmica sobre a magia de tudo o que a cercava: nem uma negação total que desmente a observação, nem uma concessão de que o mago cria e transforma. E note a diferença no próprio milagre de Moisés: seu cajado **engoliu** o que eles haviam feito — um engolir real. Assim, a diferença entre milagre e magia no Alcorão é: **o primeiro é uma mudança na realidade, a segunda uma mudança no olho**. E é por isso que os próprios magos foram os primeiros a crer — porque eram os que melhor conheciam os limites de seu próprio ofício.

O demônio que veio a Abu Hurayrah por três noites

Disse: Deixa-me ir e ensinar-te-ei palavras com que Deus te beneficiará... Quando fores ao teu leito, recita o Versículo do Trono... O Profeta ﷺ disse: Ele te disse a verdade, embora seja mentiroso. Aquilo era um demônio.

Narrado por al-Bukhari — autêntico



Um episódio repetido por três noites no depósito da caridade do Ramadã

Em palavras simples

O Profeta ﷺ encarregou Abu Hurayrah de guardar os alimentos da caridade. Alguém veio à noite roubar deles, e ele o apanhou três noites seguidas. Na última noite, o homem lhe ensinou **o Versículo do Trono** e disse: nenhum demônio se aproximará de ti se o recitares. Então o Profeta ﷺ lhe contou que aquilo tinha sido um demônio.

No que se acreditava então?

Guardar um depósito de alimentos à noite é coisa ordinária. Abu Hurayrah o tomou por um pobre na primeira vez, apiedou-se dele e o deixou ir. Depois aconteceu três vezes — e cada manhã ele o contava ao Profeta ﷺ, que lhe dizia: «**Ele voltará**» — e ele voltava.

O que diz a ciência hoje?

O episódio está no **Sahih de al-Bukhari** por inteiro, no capítulo do mérito do Versículo do Trono. Contém três pontos importantes. O primeiro, que o Profeta ﷺ **dizia a Abu Hurayrah cada manhã que o homem voltaria naquela noite** — e ele voltava. O segundo, que a sentença final veio numa frase extremamente precisa: «**Ele te disse a verdade, embora seja mentiroso**» — a informação é correta ainda que quem fala seja mentiroso por natureza. O terceiro, que o resultado prático foi **uma arma para todo muçulmano**: o Versículo do Trono ao deitar.

Por que este é um milagre decisivo?

O mais importante neste episódio é **o método** que o Profeta ﷺ ensinou para lidar com esse mundo. Ele nem negou o episódio nem o tornou aterrorizante; **julgou a informação por si mesma e não por quem a disse**. E a frase «ele te disse a verdade embora seja mentiroso» é uma regra completa na crítica dos relatos. Depois, note que o resultado foi **um versículo do Alcorão que todos memorizam**, e não um rito, um amuleto ou um intermediário humano. Todo o episódio termina em capacitar a pessoa comum a proteger-se por si mesma — e esse é o fio que atravessa tudo nesta seção.

Cada pessoa tem um companheiro

Não há nenhum de vós a quem não tenha sido designado seu companheiro dentre os jinn. Disseram: E tu também, Mensageiro de Deus? Ele disse: E eu também, exceto que Deus me ajudou contra ele e ele se submeteu, de modo que só me ordena o bem.

Narrado por Muslim — autêntico



Uma explicação do conflito interior que põe os maus pensamentos em seu devido lugar

🔍 Em palavras simples

Com cada pessoa há **um companheiro dentre os jinn** que lhe sussurra o mal. E isso explica os maus pensamentos que lhe vêm de repente, que você não quer nem aceita.

⌘ No que se acreditava então?

As pessoas ou atribuíam a si mesmas todo pensamento passageiro e se afogavam em autocensura, ou atribuíam todos os seus atos a forças externas e abandonavam por completo a responsabilidade. Não havia explicação regulada que distinguísse o pensamento do ato.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

O Profeta ﷺ afirmou essa realidade e depois **a delimitou com ressalvas importantíssimas**: que o companheiro **sussurra e não obriga**; que a pessoa **não responde por um pensamento passageiro enquanto não agir segundo ele** («Deus perdoou à minha comunidade o que suas almas lhes dizem enquanto não agirem nem falarem»); e que a intensidade do sussurro é **sinal de fé, não de corrupção** — quando os companheiros se queixaram do que encontravam de sussurro, ele disse: «**Isso é fé manifesta**», isto é, o próprio horror que sentis por isso é prova de que vossos corações estão sãos.

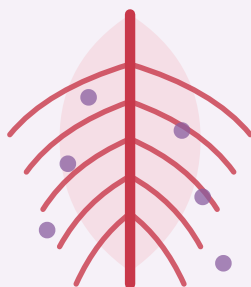
✦ Por que este é um milagre decisivo?

Repare no efeito psicológico dessa concepção, e compare-o com o estado de muitas pessoas hoje. Quem é atingido por um pensamento horrendo e crê que ele vem de suas próprias profundezas verdadeiras fica aterrorizado consigo mesmo — e é exatamente isso o que acontece no **transtorno obsessivo-compulsivo de tema religioso**. Esta explicação separa **o que é lançado sobre você do que você escolhe**, e decide que você não responde pelo primeiro — antes, seu ódio por ele é prova de sua sanidade. Depois dá o remédio prático: busque refúgio e para, e não continues a discutir com ele. E isso é muito próximo do que os tratamentos psicológicos modernos recomendam para os pensamentos intrusivos: não os combatas pelo debate, e não se defina por eles.

Ele corre no filho de Adão como corre o sangue

Por certo, Satanás corre no filho de Adão como corre o sangue.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



Não há lugar no corpo fora de seu alcance

«O correr do sangue» – a comparação mais abrangente possível

O sangue alcança cada célula do corpo, sem exceção

Em palavras simples

O Profeta ﷺ descreveu o alcance de Satanás dentro da pessoa como sendo **como o correr do sangue** — isto é, chega a todo lugar em você, e nenhum membro está livre dele.

No que se acreditava então?

A **circulação do sangue** não era conhecida. A crença dominante — a doutrina de Galeno, que governou a medicina por mil e quinhentos anos — era que o sangue se produzia no fígado e se consumia nas extremidades, e não que **percorresse um circuito completo**, alcançando cada parte do corpo e retornando. Isso só foi descoberto em 1628, por William Harvey, e completado pela descoberta dos capilares em 1661.

O que diz a ciência hoje?

O sistema circulatório alcança **cada célula do corpo** através de uma rede de capilares cujo comprimento total é de cerca de cem mil quilômetros. Não há tecido vivo no corpo que o sangue não alcance. Assim, escolher «o correr do sangue» como imagem de penetração total e abrangente é **a comparação mais precisa possível em todo o corpo** — e a extensão de sua precisão não se apreende sem conhecer a circulação.

Por que este é um milagre decisivo?

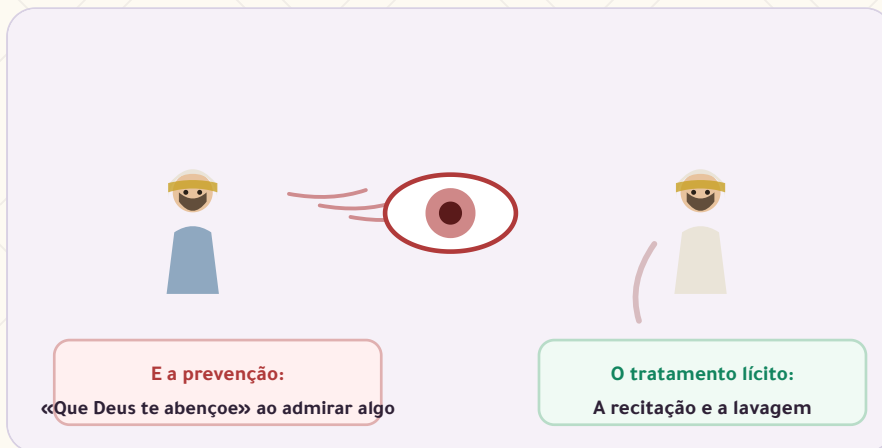
A comparação não teria sido escolhida ao acaso. Se a intenção fosse apenas proximidade, ter-se-ia dito «como a sombra» ou «como o sopro» — ambos mais próximos das concepções daquela época. Mas o que se quis dizer foi **abrangência e penetração até cada parte**, e essa é uma propriedade que no corpo só o sangue realiza — propriedade desconhecida até dez séculos depois. E note o uso prático que o Profeta ﷺ construiu sobre ela: disse-o enquanto levava Safiyyah para fora da mesquita à noite, quando dois homens passaram e se apressaram, e ele os deteve e disse: «Com calma; esta é Safiyyah bint Huyayy.» Isto é, fez da regra um motivo para **afastar de si a má suspeita antes que ela surgisse** — uma lição de transparência, não de medo.



O olho é real — um episódio presenciado pelos companheiros

O olho é real, e se algo pudesse ultrapassar o destino, o olho o ultrapassaria. E quando vos for pedido que vos laveis, lavai-vos.

Narrado por Muslim — autêntico



O episódio de Sahl ibn Hunayf e Amir ibn Rabiah — narrado por Malik, Ahmad e an-Nasa'i

Em palavras simples

«O olho é real» — isto é, um olhar de admiração ou de inveja realmente pode causar dano. E a questão não ficou sem remédio: **recitação e lavagem**, e a prevenção pelo admirador, que suplica bênção quando algo lhe agrada.

No que se acreditava então?

O mau-olhado era temido entre os árabes e entre outros povos, e o afastavam com amuletos, contas, talismãs e ossos e olhos de animais pendurados. Isto é, respondiam a uma crença com outra superstição, e pagavam um preço por isso.

O que diz a ciência hoje?

O célebre episódio é narrado por Malik no Muwatta e por Ahmad e an-Nasa'i: **Sahl ibn Hunayf** se banhou, e **Amir ibn Rabiah** o viu e disse: «Nunca vi coisa igual à de hoje, nem a pele de uma donzela resguardada» — e Sahl adoeceu no mesmo instante. Contaram ao Profeta ﷺ, que disse: «**Por que um de vós mata seu irmão? Não devíeis ter suplicado bênção?**» Depois ordenou a Amir que fizesse a ablução e que a água fosse derramada sobre Sahl — e Sahl se levantou são. E isso se deu **à vista de um grupo de companheiros numa viagem**.

Por que este é um milagre decisivo?

Três coisas neste episódio merecem uma pausa. A primeira, que **quem o causou não era um invejoso cheio de ódio**, mas um admirador cheio de afeto — o que derruba a ideia comum de que o olho vem somente de um inimigo. A segunda, que o remédio veio **do lado de quem o causou, e não de quem foi atingido** — o admirador se lava e a água é derramada sobre o atingido. Isso é o oposto de todos os rituais que punham amuletos sobre o doente. A terceira, e a mais importante: que o Profeta ﷺ **proibiu os amuletos de forma categórica** («quem pendura um amuleto associou parceiros a Deus») e deu um substituto simples, gratuito e prático. Assim, afirmou o fenômeno e aboliu a superstição a ele ligada ao mesmo tempo — o padrão exato de toda esta seção.

Salomão e os jinn que lhe foram sujeitados

E dentre os demônios havia os que mergulhavam para ele e faziam outras obras além dessa. E Nós éramos guardiões sobre eles.

Sura al-Anbiya — versículo 82



Obras específicas e limitadas: mergulhar, trazer pérolas e construir

Em palavras simples

Deus sujeitou a Salomão, a paz esteja com ele, um grupo de jinn que trabalhavam para ele: **mergulhavam no mar e construam**. Este é um milagre particular a ele somente, e ele pediu a seu Senhor que não pertencesse a ninguém depois dele.

No que se acreditava então?

As lendas correntes na região atribuíam a Salomão a magia e o domínio sobre os espíritos por meio de palavras e talismãs herdados pelos magos. As pessoas faziam circular livros a ele atribuídos sobre o assunto — todos forjados e falsos.

O que diz a ciência hoje?

O Alcorão regulou a questão com ressalvas estritas. A primeira, que a sujeição foi **somente por permissão de Deus** e não por qualquer saber mágico: «E dentre os jinn havia os que trabalhavam diante dele **com a permissão de seu Senhor**». A segunda, que as obras eram **materiais e limitadas**: mergulhar, construir e carregar — nenhum conhecimento do invisível e nenhum domínio sobre o destino. A terceira — e a mais explícita — que o Alcorão declarou **a ignorância dos jinn quanto ao invisível** dentro da própria história: continuaram trabalhando depois que Salomão morreu apoiado em seu cajado, e não sabiam que ele havia morrido, «e quando caiu, tornou-se claro aos jinn que, se conhecessem o invisível, não teriam permanecido no castigo humilhante».

Por que este é um milagre decisivo?

Repare no paradoxo notável: a história que poderia ter sido a maior propaganda do uso dos jinn foi transformada na **prova decisiva de sua incapacidade de conhecer o invisível**. Os jinn que mergulhavam e construam não sabiam que o homem de pé diante deles havia morrido! Se o texto fosse humano, num ambiente que exaltava a adivinhação, não teria demolido sua própria lenda com a própria mão no mesmo versículo. E então Salomão suplicou: «**e concede-me um reino que não pertença a ninguém depois de mim**» — e assim a porta foi fechada de vez contra todo aquele que mais tarde alegasse comandar os jinn. A história que os magos citam é, na verdade, o que mais fortemente destrói sua alegação.

Por que a adivinhação cessou depois do início da missão?

E buscamos o céu, mas o encontramos cheio de guardas poderosos e de chamas ardentes. E costumávamos sentar-nos ali em postos de escuta, mas quem escuta agora encontrará uma chama ardente à sua espreita.

Sura al-Jinn — versículos 8-9



Um acontecimento social perceptível: o colapso da adivinhação no início da missão

Em palavras simples

Os adivinhos costumavam anunciar coisas que às vezes se realizavam, porque os demônios ouviam algo das notícias do céu e lhes lançavam. Quando o Profeta ﷺ foi enviado, **foram barrados disso**, de modo que sua fonte foi cortada e seu ofício ruiu.

No que se acreditava então?

A adivinhação era uma instituição social completa na península: o adivinho tinha posição, riqueza e autoridade, era chamado nas disputas e consultado sobre as coisas ocultas. Entre os mais famosos estavam Satih, Shiqq e Sawad. E era sua ocasional exatidão que lhes preservava a posição.

O que diz a ciência hoje?

As fontes históricas e as biografias registram que os próprios adivinhos **se queixaram de que as notícias lhes haviam sido cortadas** ao ser comissionado o Profeta ﷺ, e que muitos deles o disseram a seu povo — foi inclusive uma das causas da conversão de alguns deles. E é historicamente observável que **a adivinhação em seu sentido antigo desapareceu da península quase por completo** depois do Islã, tendo sido um pilar da vida social. E o mecanismo está estabelecido nas duas coletâneas Sahih: «e ele a lança ao que está abaixo dele... e misturam com ela cem mentiras».

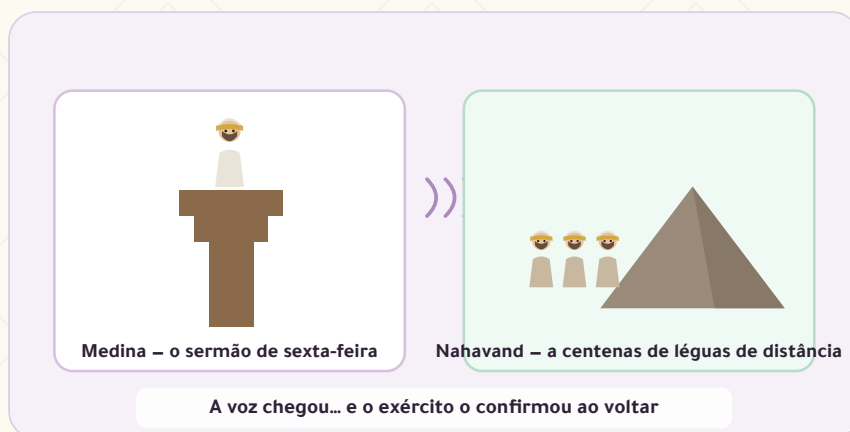
Por que este é um milagre decisivo?

O Profeta ﷺ não parou na proibição; **explicou o segredo do fenômeno de um modo que o destrói por dentro**. Perguntaram-lhe sobre os adivinhos e disse: «Não são nada.» Disseram: mas às vezes nos dizem algo que se revela verdadeiro. Ele disse ﷺ: **«Essa palavra de verdade é arrebatada pelo jinni e gotejada no ouvido de seu amigo, e misturam com ela cem mentiras.»** Isso é uma explicação extremamente precisa daquilo que a psicologia chama hoje de **viés de confirmação**: as pessoas lembram o único acerto e esquecem cem erros. Assim ele aboliu a adivinhação não por negação nua, mas expondo o mecanismo estatístico em que ela repousa — exatamente o argumento que a ciência usa hoje contra a astrologia e a leitura da sorte.

Ó Sariyah — a montanha!

Umar gritou enquanto estava no púlpito: Ó Sariyah, a montanha!... O mensageiro disse: ❖ Ouvimos a voz de Umar, e pusemos as costas contra a montanha, e Deus nos deu a vitória. ❖

Narrado por al-Bayhaqi, Ibn Asakir e outros — classificado como bom por vários sábios



Um prodígio narrado pelos sucessores e transmitido pelos sábios em seus livros

🔍 Em palavras simples

Enquanto Umar ibn al-Khattab pregava o sermão de sexta-feira em Medina, gritou de repente: «**Ó Sariyah... a montanha!**» E Sariyah era o comandante de um exército a centenas de milhas dali. Quando o exército voltou, disseram: ouvimos a voz de Umar, e nos abrigamos junto à montanha, e vencemos.

🕒 No que se acreditava então?

Não havia meio de comunicação entre Medina e o campo de batalha senão mensageiros em camelos, levando semanas. O sermão era pregado diante de todo o povo de Medina. E as pessoas ouviram o grito, acharam-no estranho e não compreenderam seu significado na hora.

🌸 O que diz a ciência hoje?

O relato é narrado por al-Bayhaqi em Dala'il an-Nubuwwah, por Ibn Asakir na História de Damasco, por Abu Nu'aym, Ibn al-Athir e outros, através de várias cadeias. Vários sábios o classificaram como bom pelo conjunto de suas cadeias, e Ibn Hajar, Ibn Kathir e Ibn Taymiyyah o mencionaram. Está entre os mais famosos dos **prodígios dos companheiros** transmitidos. Seus paralelos estão estabelecidos: **al-Ala ibn al-Hadrami** e seu exército atravessaram o golfo até Darin sobre a água; **Khalid ibn al-Walid** bebeu veneno e não lhe fez mal; e **Sa'd ibn Abi Waqqas** tinha suas súplicas atendidas pela prece do Profeta ﷺ por ele.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

A distinção entre **milagre** e **prodígio** é um princípio importante aqui. O milagre ocorre a um profeta como desafio e prova da profecia; o prodígio ocorre a um justo **sem desafio e sem alegação**. Por isso um prodígio não se busca nem se ostenta, e quem o recebe não pode construir sobre ele nenhuma pretensão. E quem o busca e dele faz um ganha-pão é a pessoa mais distante dele. Este princípio é o que separa o Islã de tudo o que hoje se promove sob os nomes de «energia espiritual», «abertura» e «desvelamento» que se compram e se vendem. E quando perguntaram a Umar sobre seu grito, ele se afastou e não deu explicação alguma — que é a postura dos homens de prodígios diante deles.

Nem toda doença é possessão

Buscai tratamento, servos de Deus, pois Deus não pôs doença alguma sem pôr para ela uma cura, exceto uma doença: a velhice.

Narrado por Abu Dawud e at-Tirmidhi — autêntico

Primeiro: vai ao médico

- A epilepsia orgânica
- Carência de vitaminas
- Um distúrbio da glândula
- Doenças psíquicas conhecidas
- Falta de sono e exaustão

Depois, a recitação lícita

- Alcorão recitado sem pagamento excessivo
- Sem rituais e sem incenso
- Sem perguntar o nome nem o da mãe
- Sem ficar a sós com uma mulher
- E o próprio doente se recita

Quem violar estas regras é um charlatão, não um recitador

A ordem correta: primeiro a medicina, depois a recitação dentro de seus limites

Em palavras simples

O Islã afirmou a possessão e a magia, **mas não fez de toda doença uma delas**. Ordenou primeiro o tratamento, e fez da recitação do Alcorão algo que o próprio doente lê sobre si mesmo, sem intermediário, sem taxa e sem rituais.

No que se acreditava então?

Antes do Islã, as nações atribuíam a maioria das doenças a espíritos e demônios, de modo que os doentes eram tratados com rituais, sacrifícios aos jinn e talismãs. Isso continuou na Europa por séculos, até que mulheres foram queimadas sob acusação de bruxaria no século XVII. E os doentes mentais eram tratados como possessos.

O que diz a ciência hoje?

O Profeta ﷺ ordenou o tratamento explicitamente e disse: «**Para toda doença há uma cura**»; usou o mel, a ventosa e a nigela, e prescreveu remédios específicos a seus companheiros. Disse: «A cura está em três: um gole de mel, a incisão de um ventoseiro e a cauterização pelo fogo.» E enviou **um médico** para tratar Sa'd ibn Abi Waqqas. Quanto à recitação, os sábios estabeleceram três condições: que seja com as palavras de Deus ou com Seus nomes, em árabe compreensível, e tida como meio e não como agente em si mesma.

Por que este é um milagre decisivo?

Este princípio é o que protege as pessoas de dois grandes danos. O primeiro: **abandonar o tratamento médico de uma doença orgânica** na crença de que é possessão — e isso já matou muitos. O segundo: **cair nas mãos de charlatões** que exploram o medo e extorquem dinheiro e honra. Por isso o Profeta ﷺ foi extremamente severo aqui: «**Quem for a um vidente e lhe perguntar qualquer coisa, sua oração não será aceita por quarenta noites**», e «**Quem for a um adivinho e acreditar no que ele diz descreu do que foi revelado a Muhammad**». Assim, a porta que se abriu para afirmar uma realidade **foi firmemente fechada contra a exploração**. E qualquer recitador que lhe pergunte seu nome e o nome de sua mãe, ou exija um animal, um objeto pessoal ou uma grande soma, é exatamente o charlatão contra quem o Profeta ﷺ advertiu.

Toda nação conheceu este mundo

E no Dia em que Ele os reunirá: Ó comunidade dos jinn, tomastes muitos dos humanos. E seus aliados entre os humanos dirão: Senhor nosso, beneficiamo-nos uns dos outros.

Sura al-An'am — versículo 128

Um fenômeno humano universal que nenhuma explicação cultural esgota



Babilônia

shedu



Egito

Akhu



Grécia

daimon



Índia

bhut



China

Forte

Nações sem tempo, lugar ou língua em comum... e concordaram

A crença num mundo invisível e racional está presente em toda civilização já conhecida

Em palavras simples

Toda nação na história — Babilônia, Egito, Grécia, Índia, China e os povos da África e da América — conheceu a existência de **criaturas racionais e invisíveis**, e lhes deu nomes diferentes.

No que se acreditava então?

Esses povos estavam distantes uns dos outros e não se conheciam; não tinham língua comum nem comércio. E, no entanto, suas concepções eram notavelmente semelhantes: seres racionais, habitando ruínas e ermos, que prejudicam e ajudam, apaziguados com oferendas, alguns retos e alguns corruptos.

O que diz a ciência hoje?

Os antropólogos chamam isso de **universal cultural**: um fenômeno que aparece em toda sociedade conhecida, sem exceção. A crença em seres espirituais racionais está entre os exemplos mais claros, e George Murdock a documentou em sua famosa lista de universais culturais. Seus nomes: «shedu» na Babilônia, «akhu» no Egito, «daimon» entre os gregos, «bhut» na Índia, e «jinn» entre os árabes.

Por que este é um milagre decisivo?

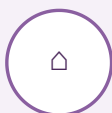
Isto não se apresenta aqui como prova decisiva em si mesma — a concordância sozinha não estabelece a verdade. Mas **refuta a explicação comumente dada**: a de que os jinn são uma superstição árabe que o Alcorão tomou emprestada de seu ambiente. O fenômeno é milhares de anos mais antigo que os árabes e se espalhou por continentes inteiros além deles. E, mais precisamente, o Alcorão **não transmitiu a concepção dominante, mas a corrigiu**: todas as nações adoravam esses seres e lhes ofereciam sacrifícios, e ele proibiu isso e o chamou de associação de parceiros a Deus; atribuíam-lhes o conhecimento do invisível, e ele o negou categoricamente; faziam deles semideuses, e ele os fez **uma criação responsável, julgada como nós somos julgados**. Concordância quanto ao fato da existência e desacordo completo quanto à norma — essa é a marca de quem corrige, não de quem toma emprestado.

Cinco coisas que só Deus conhece

Por certo, Deus tem o conhecimento da Hora, faz descer a chuva e sabe o que há nos ventres. E alma alguma sabe o que ganhará amanhã, e alma alguma sabe em que terra morrerá.

Sura Luqman — versículo 34

A porta do invisível está fechada – e a pretensão é rejeitada de antemão



O momento da Hora A descida da chuva O que há nos ventres O que se ganhará amanhã A terra da morte

Todo aquele que alegar conhecer uma delas é mentiroso, pelo texto do Alcorão
E delas não se excetua nem profeta, nem santo, nem jinni

Um limite decisivo que corta o caminho diante de todo pretendente

Em palavras simples

Depois de tudo o que precedeu nesta seção, o Alcorão fecha a porta com firmeza: há **cinco coisas que só Deus conhece**. Assim, quem alegar o conhecimento de qualquer uma delas — seja quem for — está mentindo.

No que se acreditava então?

A adivinhação, a leitura da sorte, a astrologia e os horóscopos eram ofícios prósperos em todas as civilizações. Perguntava-se ao adivinho sobre o invisível e ele respondia, e às vezes acertava, de modo que sua posição subia. Eram grandes fontes de renda e de influência.

O que diz a ciência hoje?

Essas cinco estão nomeadas no próprio versículo, e o Profeta ﷺ as explicou no hadith de Gabriel como **as cinco chaves do invisível** (narrado por al-Bukhari). E note que não são assuntos vagos e obscuros, mas **abertos a verificação**: ninguém na história conseguiu fixar o dia da Ressurreição, nem afirmar com certeza que a chuva cairá (as previsões dão probabilidades, não certeza), nem saber o que há no ventre **por inteiro** — seu destino, seu sustento, seu tempo de vida e seus atos. Quanto a conhecer o sexo pelo ultrassom, isso é ver o que já apareceu depois de formado, e não conhecimento do invisível antes disso.

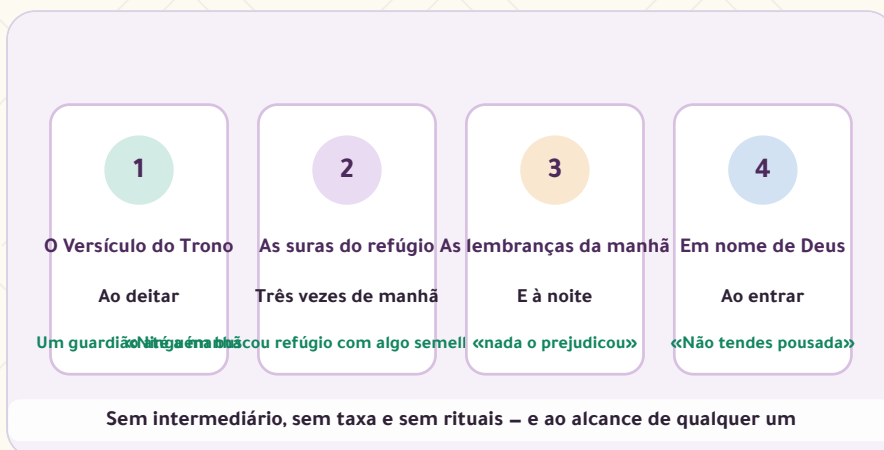
Por que este é um milagre decisivo?

Este limite é a **válvula de segurança** de toda esta seção. Tudo o que precedeu — afirmar os jinn, a magia, o mau-olhado e os prodígios — poderia ter aberto uma porta larga à fraude e à exploração. Então veio este versículo para cortar o caminho de antemão diante de todo pretendente: **quem lhe disser o seu amanhã é mentiroso**, por mais verídico que pareça em outras coisas. E o próprio Profeta ﷺ foi ordenado a anunciar isso sobre si mesmo: «Dize: Não tenho poder algum de beneficiar-me ou prejudicar-me exceto o que Deus queira. E se eu conhecesse o invisível, teria adquirido muito bem.» Assim, quem trouxe esta religião **negou primeiro de si mesmo** o que os adivinhos de seu tempo alegavam. Nenhum pretendente em busca de poder faz isso.

Tua fortaleza diária — palavras que nada custam

Quem disser ao anoitecer: Busco refúgio nas palavras perfeitas de Deus contra o mal do que Ele criou — nada o prejudicará naquela noite.

Narrado por Muslim — autêntico



Quatro lembranças estabelecidas nas coletâneas autênticas que bastam contra todo o resto

Q Em palavras simples

A pessoa não foi deixada diante deste mundo sem armas. O Profeta ﷺ lhe deu **lembranças curtas que uma criança memoriza**, que ela mesma diz, sem intermediário, sem dinheiro e sem rituais.

X No que se acreditava então?

A proteção contra os jinn e contra a inveja exigia **um intermediário**: um adivinho, um mago ou um portador de amuletos. As pessoas pagavam dinheiro e sacrifícios por isso, e se apegavam a objetos que penduravam em seus filhos e em seus animais. Era um sistema que produzia dependência e medo e trazia lucro a quem o administrava.

⚙ O que diz a ciência hoje?

As lembranças estabelecidas nas coletâneas autênticas são muitas; as mais conhecidas são: **o Versículo do Trono** ao deitar — «um guardião de Deus permanecerá sobre ti e nenhum demônio se aproximará de ti»; **as duas suras do refúgio e al-Ikhlâs** três vezes de manhã e à noite — «elas te bastarão contra tudo»; **«Busco refúgio nas palavras perfeitas de Deus contra o mal do que Ele criou»** — «nada o prejudicará naquela noite»; **dizer o nome de Deus ao entrar em casa e ao comer** — «não tendes pousada nem ceia»; e recitar a **Sura al-Baqarah** na casa — «nenhum demônio nela entra».

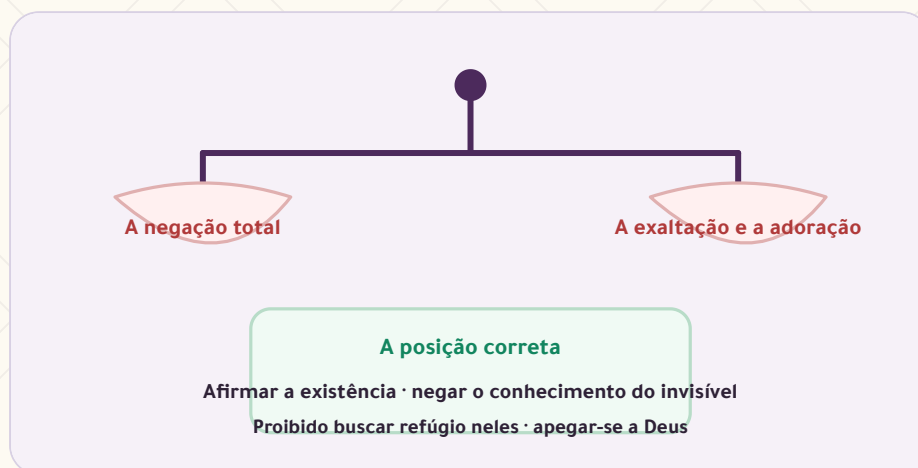
✦ Por que este é um milagre decisivo?

Repare na estrutura que esta religião estabeleceu, e compare-a com o que veio antes. Ela transferiu a proteção do **monopólio do intermediário** para a **posse de cada indivíduo**. Um muçulmano não precisa de recitador, de adivinho, de amuleto nem de taxa — palavras que ele memoriza e diz por si mesmo, ao alcance do pobre tanto quanto do rico. Isso demole a economia da charlatanice em seu fundamento, e não põe em seu lugar nenhuma autoridade alternativa. E note que todas essas lembranças são **busca de refúgio em Deus, e não nos jinn nem em nomes** — de modo que ensinam a unicidade de Deus no exato momento em que protegem. E essa é a diferença essencial entre a recitação lícita e todo o resto.

O equilíbrio nesta matéria

E havia homens entre os humanos que buscavam refúgio em homens entre os jinn, e estes lhes aumentaram o fardo.

Sura al-Jinn — versículo 6



Entre uma negação que desmente a revelação e uma exaltação que conduz à idolatria

Em palavras simples

O mundo invisível é uma realidade, mas lidar com ele tem **um equilíbrio preciso**: não o negamos, para não desmentir o que Deus nos disse, e não o exaltamos, para não cair na idolatria, no medo e na fraude.

No que se acreditava então?

Os antigos caíram num extremo: exaltação, busca de refúgio, sacrifícios e adivinhação. E muitas pessoas hoje caem no extremo oposto: negar tudo o que o olho não vê. Ambos os extremos estão errados.

O que diz a ciência hoje?

A posição estabelecida pelo Alcorão e pela Sunnah reúne cinco princípios inseparáveis uns dos outros: **afirmar sua existência** — parte da crença no invisível; **negar-lhes o conhecimento do invisível** — logo, nenhuma adivinhação e nenhuma astrologia; **proibir buscar refúgio neles** e fazer disso associação de parceiros a Deus; **ordenar o tratamento médico** e dar precedência à medicina sobre a suposição; e **a proteção pela lembrança de Deus**, sem intermediário, sem taxa e sem rituais.

Por que este é um milagre decisivo?

Este sistema tomado como um todo é a prova. Se esta religião fosse obra de um homem naquele ambiente, a coisa mais fácil para ele — e a mais lucrativa — teria sido cavalgar a onda dominante da adivinhação: reivindicar o invisível para si, dar a seus seguidores um intermediário que lhes rendesse a vida, e construir uma autoridade espiritual sobre o medo das pessoas diante do desconhecido. Foi o que fizeram as instituições religiosas em muitas nações. Mas quem trouxe esta religião fez exatamente o contrário: **negou para si o conhecimento do invisível, aboliu a adivinhação e os amuletos, pôs a arma na mão de cada indivíduo gratuitamente e ordenou o médico antes do recitador**. Quem faz isso não está construindo uma autoridade para si — está entregando uma mensagem que lhe foi confiada.



Sexta Parte

O milagre da língua e o desafio



O maior milagre não está no céu nem na terra: está no próprio Livro.
Um desafio que há mil e quatrocentos anos permanece aberto e que
ninguém ousou recolher.

12 provas

Um desafio rebaixado três vezes — e jamais aceito

E se estais em dúvida quanto ao que fizemos descer sobre Nosso servo, produzi uma sura semelhante a ela e chamai vossas testemunhas além de Deus, se sois verídicos. ❖

Sura al-Baqarah — versículo 23



O desafio desce degrau por degrau até alcançar o mínimo possível

🔍 Em palavras simples

O Alcorão desafiou os árabes a produzir algo semelhante a ele. Quando falharam, baixou a exigência: dez suras. Quando falharam, baixou-a ainda mais: **uma única sura**, ainda que de três versículos curtos. E ninguém a produziu até hoje.

🕒 No que se acreditava então?

Os árabes eram **a nação da eloquência sem discussão**. A poesia era seu registro e seu orgulho; realizavam-se feiras para ela em Ukaz e Dhu al-Majaz, e as grandes odes eram penduradas na Caaba. Entre eles estavam Imru al-Qays, Zuhayr, Labid e Tarafah. E tinham todas as razões para derrubar este chamado pelo caminho mais fácil possível.

🔧 O que diz a ciência hoje?

Passaram-se catorze séculos, e as pessoas tentaram, e nada se sustentou. Quem lê o que foi atribuído a Musaylimah, o Mentiroso, a Ibn al-Muqaffa e a outros o acha **objeto de zombaria mais do que um rival**. E o desafio continua de pé, e os meios hoje são imensamente maiores: academias de língua, universidades, dicionários digitais e computadores que analisam o estilo. E, no entanto, nenhum texto foi produzido do qual o povo da língua diga: este é o seu semelhante.

★ Por que este é um milagre decisivo?

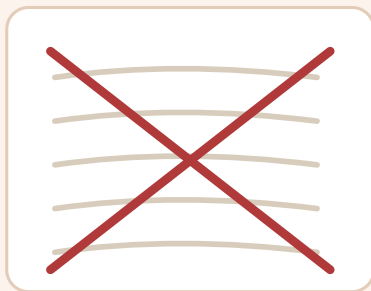
Duas coisas tornam este desafio único. A primeira, **a gradação descendente** — o oposto do que normalmente faz um desafiante. Quem se excede eleva a exigência para que ela permaneça fora de alcance; este a baixou até o mínimo possível: **uma única sura, ainda que a mais curta do Alcorão**. A segunda, que **lhes permitiu recrutar quem quisessem**: «e chamai vossas testemunhas além de Deus» — reuni-vos todos e convocai quem desejardes. Depois afirmou o resultado de antemão em outro versículo: «**Mas se não o fizerdes — e nunca o fareis**» — uma afirmação sobre o futuro que nenhum apostador ousaria fazer.

Tu não recitavas antes dele escritura alguma

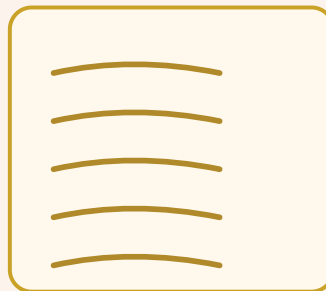
E tu não recitavas antes dele escritura alguma, nem a escrevias com tua mão direita; de outro modo, os falsificadores teriam tido motivo de dúvida.

Sura al-Ankabut — versículo 48

Se ele lesse e escrevesse, quem o desmente teria um argumento



Não lê nem escreve



O livro mais eloquente em língua árabe

Ser iletrado aqui não é um defeito... é a prova

Em palavras simples

O Profeta ﷺ **não sabia ler nem escrever**, e não estudou com ninguém. E o versículo menciona isso e dá a razão: se ele tivesse lido e escrito, **as pessoas teriam duvidado** e diriam que ele copiou de livros.

No que se acreditava então?

A escrita era rara em Meca e o analfabetismo era a norma. Havia, porém, pessoas em Meca que liam e escreviam, e na península havia judeus e cristãos com livros e sábios. Assim, se o Profeta ﷺ fosse leitor e escritor, a acusação estaria pronta e não haveria resposta para ela.

O que diz a ciência hoje?

O analfabetismo do Profeta ﷺ está entre os fatos históricos mais firmemente estabelecidos de sua biografia, e seus adversários em seu próprio tempo não o contestaram — e eram as pessoas mais ansiosas por achar um defeito. **Acusaram-no de tudo menos disso**: disseram poeta, mago, adivinho e louco, e disseram «é apenas um homem que o ensina» — e o Alcorão respondeu: «A língua daquele a quem aludem é estrangeira, e esta é língua árabe clara.» Isto é, o homem para quem apontavam nem sequer falava bem o árabe.

Por que este é um milagre decisivo?

Aqui o Alcorão **apresenta o argumento que poderia ser feito contra ele e depois o refuta**. Esse é um método que só um interlocutor confiante adota. O versículo diz: o assombroso não é que este livro seja grandioso, mas que tenha vindo pela língua de **quem não lê nem escreve**. E elevou ainda mais a aposta: o texto contém os relatos das nações anteriores e detalhes históricos precisos, legislação completa sobre herança, julgamento e guerra, e descrições de assuntos cósmicos ainda não conhecidos. Tudo isso de um homem que não podia ler uma única linha. E esse é o sentido de «**de outro modo, os falsificadores teriam tido motivo de dúvida**» — seu ser iletrado é o que fechou a porta à dúvida.

Vinte e três anos — sem uma única contradição

Não refletem, então, sobre o Alcorão? Se fosse de outro que não Deus, nele encontrariam muita contradição.

Sura an-Nisa — versículo 82

Revelação aos pedaços, conforme os acontecimentos, não uma obra escrita de uma vez

Meca

23 anos

Medina

Na guerra e na paz · na pobreza e na riqueza · na fraqueza e na força
Na alegria e na tristeza, na migração e no cerco... e sem uma letra de contradição

Um livro não escrito de uma vez, jamais revisto e jamais corrigido

🔍 Em palavras simples

O Alcorão desceu **em partes ao longo de vinte e três anos**, um versículo e outros versículos conforme os acontecimentos exigiam — na guerra e na paz, na dificuldade e na folga. E, no entanto, não se encontra nele contradição, nem mudança de método, nem retratação de algo antes dito.

⌘ No que se acreditava então?

Os livros são compostos de uma vez e depois revistos e corrigidos antes da publicação, de modo que suas contradições são removidas. O Alcorão, ao contrário, era recitado às pessoas **assim que descia**; elas o memorizavam e o escreviam, e não havia então como emendar o que já passara. E tudo o que foi revelado em Meca esteve nas mãos de seus adversários anos antes da Hégira.

⚙️ O que diz a ciência hoje?

Qualquer um pode testar isso por si mesmo hoje: que escreva um texto em partes ao longo de vinte anos, tratando de credo, lei, história, ética, cosmos e alma, e depois o faça rever ao final sem que nele se ache contradição. Pesquisadores — muçulmanos e não muçulmanos — vasculharam o Alcorão por catorze séculos em busca de uma contradição, e livros inteiros foram escritos sobre «as passagens difíceis do Alcorão» e «a interpretação dos versículos divergentes», e todos concluíram que o que parece divergir é **uma diferença de variedade, não de oposição**.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

O versículo aqui oferece **um critério científico e aplicável**, não uma alegação. Diz: se fosse humano, **nele encontraríamos muita contradição**. E isso é logicamente sólido: um texto que se estende por vinte anos em circunstâncias mutáveis deve carregar a marca do estado mutável de seu autor. E o mais notável é que o tom não mudou com as circunstâncias: os versículos do perdão e da misericórdia desceram **depois da vitória**, e não antes dela, e os versículos da firmeza e da promessa desceram **na derrota e no cerco**. Se o texto fosse um reflexo da condição de seu autor, seria de esperar o contrário.

O testemunho de al-Walid ibn al-Mughirah

Por Deus, tem uma doçura e sobre ele há uma beleza; sua parte inferior é abundante e sua parte superior dá fruto; e nenhum ser humano diz isto.

Narrado por al-Hakim e al-Bayhaqi nos Dala'il — famoso nos livros de biografia

Dito pelo mais sensato dos homens dos coraixitas e o mais hostil deles

«Tem uma doçura... e sobre ele há uma beleza»

«Sua parte inferior é abundante, e sua parte superior dá fruto»

«E nenhum ser humano diz isto»

Depois voltou atrás e disse: «Isto não é senão magia transmitida»

Reconheceu a verdade... e depois escolheu um veredito que agradasse a seu povo

Em palavras simples

Al-Walid ibn al-Mughirah estava entre os mais argutos dos coraixitas e o mais entendido em discurso, e entre os mais ferozes inimigos do chamado. Quando ouviu o Alcorão, descreveu-o nos termos mais belos e disse: «**Nenhum ser humano diz isto.**» Depois seu povo o pressionou e ele disse: «Isto não é senão magia transmitida.»

No que se acreditava então?

Os coraixitas buscavam uma única palavra a dizer aos peregrinos sobre Muhammad ﷺ antes da temporada, e por isso se reuniram em torno de al-Walid, por ser o mais sensato deles e o mais douto em poesia e eloquência. Propuseram-lhe: um adivinho? um louco? um poeta? um mago? — e ele **rejeitou cada uma dessas hipóteses** com argumentos tirados do próprio ofício do discurso.

O que diz a ciência hoje?

A história é famosa nos livros de biografia e de exegese, e o que foi revelado a seu respeito está na Sura al-Muddaththir: «**Por certo, ele pensou e ponderou. Maldito seja, como ponderou. Depois, maldito seja, como ponderou. Depois considerou. Depois franziu o cenho e carregou o semblante. Depois deu as costas e se ensoberbecu, e disse: Isto não é senão magia transmitida.**» Os versículos descrevem seu estado psicológico com precisão: pensar, depois ponderar, depois considerar, depois franzir o cenho, depois afastar-se com arrogância, depois o veredito com que satisfez seu povo. E seus argumentos rejeitando a adivinhação e a poesia são transmitidos dele em detalhe.

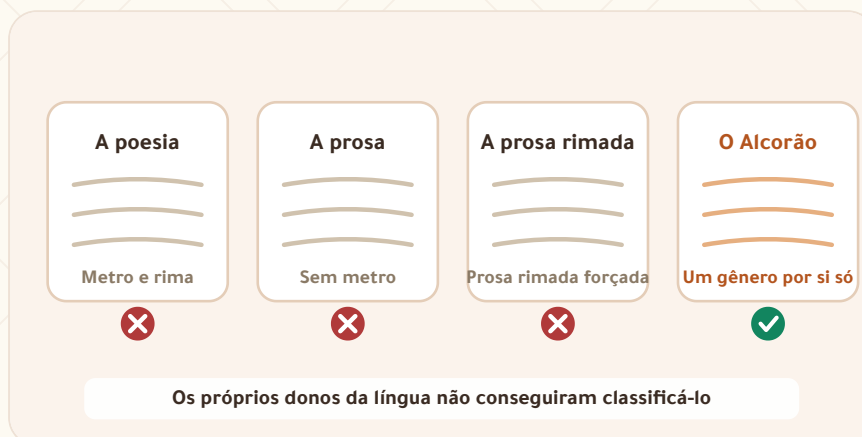
Por que este é um milagre decisivo?

O testemunho de um adversário é o mais forte dos testemunhos, sobretudo quando ele é **um perito no campo sobre o qual testemunha**. Al-Walid era um árbitro de poesia a quem se submetiam as odes. E ele traçou uma distinção técnica precisa entre o Alcorão e tudo o que exteriormente se lhe assemelhava: disse da poesia, «conheço toda a poesia... e isto não é poesia», e da adivinhação, «isto não é o murmúrio de um adivinho nem sua prosa rimada». Depois descreveu sua estrutura: «**sua parte inferior é abundante e sua parte superior dá fruto**» — sua superfície é bela e sua profundidade é rica de sentido. Essa é a descrição técnica de um especialista hostil, e não o elogio de um admirador. E sua retratação **sob a pressão de seu povo** — registrada no próprio Alcorão — revela que a negação foi uma postura social, e não uma convicção intelectual.

Nem poesia, nem prosa, nem a prosa rimada dos adivinhos

E não é a palavra de um poeta — pouco credes. Nem a palavra de um adivinho — pouco vos lembraís.

Sura al-Haqqah — versículos 41-42



Um texto que não se encaixa em nenhum dos moldes conhecidos do árabe

Em palavras simples

O árabe tinha três formas de discurso elevado: a **poesia** com seus metros, a **prosa** livre, e a **prosa rimada dos adivinhos**. E o Alcorão não é nenhuma delas — é um gênero que se sustenta por si só.

No que se acreditava então?

Os árabes eram o povo mais entendido da terra nos metros, nas medidas e nas rimas da poesia, detectando por instinto um verso quebrado. Conheciam a prosa rimada dos adivinhos e zombavam de seu artifício. E, no entanto, **seu veredito sobre o Alcorão oscilou violentamente**: disseram poesia, depois magia, depois adivinhação, depois lendas dos antigos — cada opinião anulando a anterior.

O que diz a ciência hoje?

O Alcorão difere da poesia porque **não segue metro nem rima fixa**; difere da prosa porque tem **um ritmo interno e cadências regulares**; e difere da prosa rimada porque na rima dos adivinhos **a palavra é forçada em nome da cadência**, ao passo que no Alcorão as cadências seguem o sentido em vez de governá-lo. Este é um tema estabelecido tanto nos estudos linguísticos árabes quanto na erudição orientalista. O orientalista Arberry disse que seu ritmo não tem paralelo nas línguas que conhecia.

Por que este é um milagre decisivo?

A oscilação dos adversários na classificação é a prova. Quando os peritos de um ofício são incapazes de colocar um texto sob qualquer categoria de seu próprio ofício, e seu veredito sobre ele se contradiz de uma reunião para a outra, isso é sinal de que ele está fora do gênero que conhecem. E o Alcorão registrou essa mesma oscilação contra eles: «**Olha como traçam comparações para ti, e assim se extraviaram.**» Depois os desafiou pelo padrão que dominavam: não pela espada nem pela riqueza, mas **pelo próprio ofício em que superavam todos os outros povos da terra**. E quem forja um livro não aposta em desafiar seus adversários no campo em que eles são supremos.

Um livro que repreende aquele que o trouxe

*Franziu o cenho e deu as costas, porque lhe veio o cego. Mas o que te faria saber?
Talvez ele se purificasse.*

Sura Abasa — versículos 1-3

Versículos com repreensão explícita ao Profeta ﷺ

«Franziu o cenho e deu as costas» · «Que Deus te perdoe: por que lhes deste permissão?»

«Não cabe a um profeta ter cativos» · «E ocultavas em ti mesmo»

Depois são recitados às pessoas em voz alta na oração

E são memorizados e escritos e jamais apagados

Quem forja um livro não põe nele a censura de si mesmo

🔍 Em palavras simples

No Alcorão há versículos que **repreendem o próprio Profeta ﷺ** e corrigem uma posição que ele tomou. Esses versículos são recitados em voz alta às pessoas na oração, memorizados por jovens e velhos, e nunca foram removidos nem suavizados.

⚖️ No que se acreditava então?

Quem reivindica a profecia precisa de **uma imagem completa e sem defeito**, e seus inimigos espreitam qualquer deslize. Assim, que desça um texto repreendendo-o e declarando equivocado seu juízo, e que depois seja recitado na mesquita diante de todos, contraria todo cálculo político e psicológico.

🌀 O que diz a ciência hoje?

Os exemplos são muitos e explícitos: **toda a Sura Abasa**, repreendendo-o por ter-se desviado de um cego para os chefes dos coraixitas; «**Que Deus te perdoe; por que lhes deste permissão?**», por ter permitido aos que ficaram para trás em Tabuk; «**Não cabe a um profeta ter cativos até que tenha imposto um combate decisivo na terra**», sobre os cativos de Badr; «**E ocultavas em ti o que Deus iria revelar, e temias as pessoas, enquanto Deus tem mais direito a que O temas**»; e «**Por que proíbes o que Deus te tornou lícito?**» E Aisha, que Deus a agrade, disse: se o Profeta ﷺ tivesse ocultado algo da revelação, teria ocultado este versículo.

✦ Por que este é um milagre decisivo?

Este é um dos mais fortes argumentos racionais desta seção, e é o que os historiadores chamam **critério do constrangimento**: um texto que prejudica o interesse de quem o transmite está mais perto da verdade. E note que a repreensão não recaiu sobre assuntos marginais, mas sobre **grandes decisões políticas e militares**: o tratamento dos prisioneiros, a permissão dada aos hipócritas, e uma situação pessoal dentro de sua própria casa. Acrescente a isso outro detalhe: o Alcorão **respondeu a algumas perguntas e não a outras**, e de fato a revelação foi retida do Profeta ﷺ por dias durante o caso da calúnia, enquanto sua própria esposa estava sob acusação, até que as pessoas dissessem o que dissessem. Se a questão estivesse em suas mãos, não teria sido adiada um único dia.

Sua própria fala nunca se parece com o Alcorão

Nem fala por inclinação própria. Não é senão uma revelação revelada.

Sura an-Najm — versículos 3-4

O Alcorão



Ritmo, cadências e uma construção própria e eloquência de um humano eloquente... sem aquela const

O nobre hadith



Um só homem... e dois estilos que ninguém confunde

A análise estilística distingue os dois sem dificuldade

Em palavras simples

O Profeta ﷺ era o mais eloquente dos árabes, e seus ditos estão no cume da eloquência. E, no entanto, **sua fala nunca foi confundida com o Alcorão por ninguém** — os dois estilos diferem claramente, e nem uma só vez um hadith foi por engano atribuído ao Alcorão.

No que se acreditava então?

Se o Alcorão fosse de sua própria composição ﷺ, seu estilo seria um só em toda a sua fala — pois a pessoa carrega uma impressão digital estilística de que não consegue escapar, sobretudo ao longo de vinte anos. E seus companheiros ouviam os dois diariamente, e nem por um instante os confundiram.

O que diz a ciência hoje?

A **estilometria** é hoje uma ciência estabelecida, que atribui um texto a seu autor medindo a distribuição das palavras, o comprimento das frases e os padrões estruturais. Foi aplicada ao Alcorão e ao hadith, e sua diferença é evidente. A diferença estrutural mais clara: o Alcorão repousa sobre **cadências regulares**, sobre mudanças de interlocutor e sobre o movimento entre os pronomes, e o hadith não segue essa construção. E ainda, o Alcorão **dirige-se ao próprio Profeta ﷺ com ordem, proibição e repreensão** e lhe instrui «Dize» — mais de trezentas vezes.

Por que este é um milagre decisivo?

Acrescente a isto uma terceira categoria: **o hadith sagrado** — o que o Profeta ﷺ relata de seu Senhor quanto ao sentido, e que mesmo assim **não é contado como Alcorão e não é recitado na oração**. Temos assim três níveis de fala proferidos por um só homem, nitidamente distintos em norma e em tratamento: o Alcorão é adorado por meio de sua recitação, é o objeto do desafio, e é transmitido por narração massiva letra por letra; o hadith sagrado é atribuído a Deus em seu sentido e narrado nas palavras do próprio Profeta ﷺ, e o hadith profético é sua própria fala. Essa **distinção tripla e precisa** vigora desde o primeiro dia e jamais se embaçou. Se tudo viesse de uma só fonte humana, essa separação não poderia ter sido mantida por vinte anos.

E há para vós, na retribuição, vida

E há para vós, na retribuição legal, vida, ó dotados de entendimento, para que vos torneis piedosos.

Sura al-Baqarah — versículo 179

O mais eloquente que os árabes disseram

«Matar é o que mais evita o matar»

14 letras

E o Alcorão disse

«E há para vós, na retribuição, vida»

Menos letras... e muito mais sentido

Nele há vida, e não apenas a negação de um matar · e nomeou o fim, não o meio
E o qualificou com a retribuição justa, não o matar sem mais

Um exemplo entre centenas estudados pelos estudiosos da retórica

Em palavras simples

O mais eloquente de que os árabes se orgulhavam neste assunto era seu dito: «**Matar é o que mais evita o matar.**» Então veio o Alcorão com uma frase de **menos letras e sentido muito mais rico**: «E há para vós, na retribuição, vida.»

No que se acreditava então?

«Matar é o que mais evita o matar» era tido como o cume da concisão entre os árabes e citado como provérbio. Competiam em comprimir grandes sentidos em poucas palavras, e tinham isso como o mais alto grau da eloquência.

O que diz a ciência hoje?

Os estudiosos da retórica analisaram a diferença entre as duas e encontraram sete pontos e mais. Entre os mais claros: que o Alcorão mencionou **a vida**, o objetivo amado, enquanto o provérbio mencionou o matar, que é odiado; que o qualificou com «**retribuição legal**», isto é, um matar justo e lícito, enquanto o provérbio deixou o matar sem qualificação, de modo que incluía a injustiça; que afirmou **uma vida contínua para toda a sociedade** em vez da mera negação de um caso isolado; que evitou repetir duas vezes a palavra «matar»; e que fechou com o propósito moral: «para que vos torneis piedosos». Tudo isso em menos letras.

Por que este é um milagre decisivo?

O que importa aqui não é este único exemplo, mas **o fato de não ser uma exceção**. Toda a ciência retórica árabe — o sentido, a exposição e o ornamento — surgiu em primeiro lugar da tentativa de explicar a inimitabilidade deste texto, e centenas de livros foram escritos nela, desde *A Inimitabilidade do Alcorão*, de al-Baqillani, até *Os Sinais da Inimitabilidade* e *Os Segredos da Retórica*, de Abd al-Qahir al-Jurjani. Isto é, **uma ciência humana inteira surgiu para analisar um só livro** — e não há paralelo disso na história de nenhuma língua da terra. E até hoje os pesquisadores ainda extraem dele o que os anteriores não extraíram.

Foi-me dada a fala abrangente

Fui enviado com a fala abrangente.

Narrado por al-Bukhari e Muslim — unanimemente reconhecido



«A religião é o conselho sincero»



«Não haja dano nem retribuição de dano»



«As ações valem pelas intenções»



«O muçulmano é aquele de cuja língua e de cuja mão os muçulmanos estão a salvo»

Umas poucas palavras... sobre as quais se edificaram capítulos inteiros da jurisprudência

Regras universais que ordenam milhares de casos

Em palavras simples

Entre as qualidades distintivas do Profeta ﷺ estava dizer **poucas palavras que carregam muito sentido**. Capítulos inteiros de jurisprudência e de direito foram construídos sobre hadiths de poucas palavras.

No que se acreditava então?

A sabedoria breve é conhecida entre todas as nações: os provérbios dos árabes, as máximas da Índia, os conselhos dos gregos. Mas essas são **exortações morais gerais**, e não regras sobre as quais se constrói um sistema jurídico integrado. E a diferença entre uma máxima e um princípio jurídico é fundamental.

O que diz a ciência hoje?

Tome um exemplo: **«Não haja dano nem retribuição de dano»** — quatro palavras em árabe. Sobre ele construiu-se um ramo inteiro da jurisprudência islâmica, abrangendo as relações de vizinhança, a construção, o divórcio, a venda, a preferência, a usuração, a propriedade e a limitação dos direitos do proprietário. Tornou-se uma das **cinco grandes máximas** sobre as quais giram todas as escolas jurídicas. E como ela é «As ações valem pelas intenções», que os imames contaram como um terço de todo o conhecimento, e da qual ash-Shafi'i disse que entra em setenta capítulos da jurisprudência.

Por que este é um milagre decisivo?

A capacidade de formular **uma regra universal que seja abrangente e exclusiva ao mesmo tempo** é muito mais difícil do que escrever um texto longo. A regra deve abarcar tudo o que cai sob ela e excluir tudo o que não cai, e deve resistir a casos que jamais ocorreram a seu autor. É nisso que os legisladores se esforçam hoje, produzindo textos em volumes que depois são emendados todos os anos. Que um texto de quatro palavras se sustente por catorze séculos e abarque situações que nem sequer existiam — a poluição industrial, o dano digital — é algo que merece uma pausa. E note que o próprio hadith atribui isso a um dom e não a uma aquisição: **«Fui enviado com a fala abrangente.»**

Um livro nos peitos de milhões

Antes, são versículos evidentes nos peitos dos que receberam o conhecimento.

Sura al-Ankabut — versículo 49

O livro mais memorizado de cor na história humana



Milhões que o memorizaram, em cada continente e em cada geração

Uma cópia viva em cada peito — não pode ser queimada nem alterada

Em palavras simples

O Alcorão não foi preservado apenas em livros — mas **nos peitos das pessoas**. E por catorze séculos foi memorizado em cada geração por milhões de seres humanos, entre eles crianças que não falam árabe algum.

No que se acreditava então?

Os livros antigos eram guardados em um punhado de cópias mantidas por sacerdotes e sábios. Se a biblioteca ardia ou a cópia se perdia, o livro se perdia — o que aconteceu a muitos livros hoje conhecidos apenas por seus títulos. E o analfabetismo era um obstáculo à difusão de qualquer texto.

O que diz a ciência hoje?

O número dos que memorizaram o Alcorão hoje é estimado em milhões, na Indonésia, na Nigéria, na Turquia, no Paquistão, nas terras árabes, na Europa e na América. Realizam-se competições internacionais em que disputam recitando-o letra por letra com a vocalização e a entoação corretas. E **a maioria deles não é árabe** — isto é, memorizam um texto numa língua que não é sua língua materna. Não se conhece nenhum outro livro na história humana que tenha sido memorizado em tais números e com tal precisão.

Por que este é um milagre decisivo?

O efeito disso sobre **a impossibilidade da alteração** é onde reside o significado. Um texto preservado apenas em livros pode ser mudado controlando-se as cópias. Mas um texto memorizado por milhões de pessoas em continentes distantes, sem vínculo a uma única autoridade, a uma única língua ou a um único Estado, e recitado na oração cinco vezes ao dia — mudar-lhe uma só letra é **praticamente impossível**, porque seria exposto na primeira oração em congregação. E é exatamente isso o que o versículo indica: «versículos evidentes **nos peitos**» — e não «nos pergaminhos». É a realização prática de «Por certo, fomos Nós que fizemos descer a Lembrança, e por certo somos dela os guardiões», por um mecanismo humano aberto à observação e à contagem.

Cada versículo se fecha com o que lhe convém

E Deus é Poderoso e Sábio. E Deus é Perdoador e Misericordioso. E Deus é Ouvinte e Sapiente.

Fechos espalhados por todo o Alcorão

Troque-se um fecho por outro e o sentido se rompe

Contexto de castigo e de poder

«Poderoso e Sábio»



Contexto de arrependimento e de perdão

«Perdoador e Misericordioso»



Contexto de súplica e de queixa

«Ouvinte e Sapiente»



Mais de seis mil versículos... e cada fecho em seu lugar

Uma harmonia precisa entre o conteúdo de um versículo e o nome de Deus que o encerra

Em palavras simples

A maioria dos versículos do Alcorão se fecha com dois dos belos nomes de Deus. E o notável é que **cada fecho convém precisamente ao tema de seu versículo** — troque um fecho por outro e sentirás de imediato que algo saiu errado.

No que se acreditava então?

A poesia árabe mantém uma única rima ao longo de uma ode, e muitas vezes **a palavra é forçada em nome dela** até que o verso se encha de uma palavra de que não precisa. Esse é um defeito que os críticos reconhecem. E a prosa rimada dos adivinhos era ainda mais forçada. Assim, seria de esperar esse forçamento em qualquer texto de cadências regulares.

O que diz a ciência hoje?

No Alcorão é exatamente o inverso: **a cadência segue o sentido em vez de governá-lo**. Um versículo de castigo e retribuição se fecha com «Poderoso, Senhor da Retribuição»; um versículo de arrependimento com «Perdoador e Misericordioso»; um versículo de súplica com «Ouvinte e Sapiente» — porque quem suplica precisa ser ouvido e ter sua condição conhecida. O exemplo mais famoso dessa precisão: o versículo do furto se fecha com «**Poderoso e Sábio**» — poder na execução da pena e sabedoria em legisla-la; e quando o versículo do arrependimento o segue, fecha-se com «**Perdoador e Misericordioso**». Livros inteiros foram escritos sobre isso sob o nome de «a ciência das cadências».

Por que este é um milagre decisivo?

Experimente você mesmo: tome qualquer texto rimado longo em qualquer língua e verifique se cada rima convém precisamente ao conteúdo de sua frase. Certamente encontrarás lugares encheidos em nome do metro ou da rima — e isso é natural na obra humana. O Alcorão tem mais de seis mil versículos, a maioria terminando numa cadência, revelados **em partes ao longo de vinte e três anos**, sem rascunho e sem revisão. Que essa harmonia se mantenha por esse número e dado esse modo de revelação não se explica por habilidade linguística, por maior que seja.

E agora — o que farás com tudo isto?

Mostrar-lhes-emos Nossos sinais nos horizontes e neles mesmos, até que lhes fique claro que isto é a verdade. Não basta que teu Senhor seja Testemunha de todas as coisas?

Sura Fussilat — versículo 53



Muitos fios independentes... todos apontando numa só direção

A probabilidade de se reunirem por acaso é próxima de zero

Não se lhe pede que se submeta a uma única prova... mas que as olhe todas juntas

♀ Em palavras simples

Você chegou ao fim do livro. Cada prova que passou diante de você pode ser discutida por si mesma. Mas a pergunta real é: **qual é a probabilidade de que todas elas se reúnam por acaso num só homem?**

⌘ No que se acreditava então?

Toda nação na história teve algo que exaltava. Mas a pergunta que as separa é: tinha algo que **pudesse ser testado e falsificado**? As lendas não oferecem uma profecia delimitada por uma data, nem uma descrição cósmica que contradiga a ciência de sua própria época, nem um desafio aberto que se sustente por catorze séculos.

⚙ O que diz a ciência hoje?

O que aqui leste são cinco fios inteiramente independentes, nenhum deles dependendo dos outros: **uma descrição cósmica** que contradizia a ciência de sua época e foi depois confirmada pela ciência séculos mais tarde; **testemunhos arqueológicos** que saíram do solo depois de terem sido negados; **profecias datadas e específicas** que se cumpriram como foram enunciadas; **textos nos livros dos próprios adversários**, ainda em suas mãos; e **um desafio linguístico aberto** jamais aceito. Se um fio caísse, os outros quatro continuariam de pé.

★ Por que este é um milagre decisivo?

O raciocínio aqui é o do **acúmulo de provas independentes**, que é o que se aplica tanto nos tribunais quanto na ciência. Uma prova pode ser uma possibilidade, e duas podem ser uma coincidência — mas dezenas de provas vindas de campos sem ligação entre si — astronomia, geologia, medicina, arqueologia, história e língua — todas apontando numa só direção, não se explicam pelo acaso. E o Alcorão não lhe pede submissão cega; chama você a olhar e a refletir em mais de setecentas passagens: «Não olham?», «Não refletem?», «Não raciocinam?», «Dize: trazei vossa prova.» E pôs diante de você o que prometeu: **«Mostrar-lhes-emos Nossos sinais nos horizontes e neles mesmos.»** E você viu. O resto fica a você somente.

Encerramento

Você chegou ao fim do caminho. Talvez o mais importante a dizer ao fechar seja justamente o que costuma ficar por dizer: este livro não quer prendê-lo a nada. Quer pôr diante de você aquilo que merece que se pense nele.

Três conselhos, se quiser seguir adiante

- **Não construa a sua fé sobre uma única prova.** Com qualquer prova tomada isoladamente é possível discutir e enfraquecê-la. A força está no **conjunto**, não nas partes — como uma corda trançada com muitos fios: cada fio se rompe sozinho, e juntos sustentam montanhas.
- **E não faça da ciência o juiz da revelação.** A ciência muda e suas teorias são derrubadas, e isso é a sua honra, não a sua vergonha. Se um texto decisivo concorda com um fato científico estabelecido, é uma testemunha digna de ser citada; se não concorda, então olhe: isto é um fato comprovado ou uma teoria em revisão? E este é um texto de sentido decisivo, ou é a nossa leitura dele?
- **E leia o próprio Alcorão.** Tudo o que há neste livro remete à fonte. Quem quiser conhecer o efeito de um remédio há de bebê-lo, e não se contentar com ler a bula.

“Dize: só vos exorto a uma coisa: que vos levanteis por Deus, dois a dois ou um a um, e que depois reflitais.”

E a nossa última palavra é que o louvor pertence a Deus, Senhor de todos os mundos; e que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre o nosso Profeta Muhammad, sobre a sua família e sobre os seus Companheiros, todos eles.

De onde vieram estes relatos?

Cada texto deste livro traz a sua fonte indicada na própria página. Este é um resumo dos fundamentos empregados, para que o leitor possa conferir por si mesmo.

Primeiro: os textos da revelação

- **O Nobre Alcorão** — com o nome da sura e o número do versículo indicados em cada lugar.
- **Sahih al-Bukhari e Sahih Muslim** — os dois livros mais rigorosamente autenticados depois do Livro de Deus. A maioria dos relatos desta obra procede deles, ou é acordada por ambos.
- **As coletâneas Sunan e Musnad** — Abu Dawud, at-Tirmidhi, an-Nasa'i, Ibn Majah, o Musnad de Ahmad, o Muwatta' de Malik e o Sahih de Ibn Hibban — anotando a classificação de cada relato tal como a deram os sábios do hadith.

Segundo: as ciências naturais e a arqueologia

- **Astronomia e física** — o Big Bang, a expansão do universo, os pulsares, a teia cósmica, os buracos negros, o ajuste fino das constantes universais.
- **Geologia e ciências do mar** — a tectônica de placas, as raízes das montanhas, a dorsal mesoceânica, as fontes hidrotermais, as ondas internas, a absorção da luz na água.
- **Medicina e embriologia** — as etapas do desenvolvimento do feto tal como aparecem nas obras de referência universitárias, as funções do córtex pré-frontal, os receptores de dor da pele, as recomendações da Organização Mundial da Saúde.
- **Arqueologia e história** — as múmias reais do Museu do Cairo, as inscrições do antigo Egito, Mada'in Salih, o sítio de Shisir (Ubar), a represa de Ma'rib, as inscrições himiaritas de Najran, o manuscrito de Birmingham.

Terceiro: as escrituras do Povo do Livro

As passagens da Torá e do Evangelho que aparecem neste livro são citadas indicando o livro, o capítulo e o versículo, e remetendo ao hebraico ou ao grego onde isso importava. Estão ao alcance de qualquer leitor para que as confira por si mesmo.